

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

THAIS REGINA PAVEZ

**CRIME, TRABALHO E POLÍTICA:**  
**UM ESTUDO DE CASO ENTRE JOVENS DA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

VERSÃO CORRIGIDA

**São Paulo**  
**2015**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

THAIS REGINA PAVEZ

**CRIME, TRABALHO E POLÍTICA:**  
**UM ESTUDO DE CASO ENTRE JOVENS DA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

**Tese apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Ciência Política da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas para obtenção do título de  
Doutora em Ciências.**

Orientador: Prof. Dr. André Vítor Singer

VERSÃO CORRIGIDA

**São Paulo**  
**2015**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

THAIS REGINA PAVEZ

**CRIME, TRABALHO E POLÍTICA:  
UM ESTUDO DE CASO ENTRE JOVENS DA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

**Tese apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Ciência Política da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas para obtenção do título de  
Doutora em Ciências.**

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr:  
Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura:

AOS MEUS PAIS, VILMA E EDUARDO, PELO APOIO NESTE CAMINHO  
ÀS IRMÃS E AMIGAS, KARIME, KELLEN E RENATA, PELA SOLIDARIEDADE  
E A RODRIGO, PELO BEM-AMOR

HÁ QUE CELEBRAR A SOLIDEZ DOS VÍNCULOS E A FRATERNIDADE, HÁ QUE  
COMEMORAR A PULSÃO QUE INSISTE EM SE MANIFESTAR AINDA ENTRE OS  
DESAMADOS E EM MEIO À CAUSTICIDADE

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. André Singer, por ter orientado e levado o trabalho ao seu bom-fim, pela dedicação e comprometimento com o fortalecimento dos espaços democráticos e públicos, e pela generosidade intelectual.

Ao Prof. Dr. Gabriel Feltran, pela inspiração do tema de estudo e engajamento com a pesquisa de campo.

À Profa. Dra. Maria Elisa Cevasco, por ter aberto as portas ao conhecimento da "tradição crítica brasileira".

À Maria Encarnación Moya, pela contribuição ao trabalho no exame de qualificação.

Ao grupo de pesquisa Pensamento e Política no Brasil, coordenado pelo Prof. Dr. André Singer e pelo Prof. Dr. Bernardo Ricupero, pelo espaço precioso de construção de um conhecimento coletivo sobre a política e a sociedade brasileira.

Ao grupo Sequências Brasileiras, que concebemos junto a colegas da Ciência Política e do Departamento de Letras da Universidade de São Paulo e com os quais, após a organização do seminário "A atualidade da tradição crítica brasileira as (im) possibilidades de formação do Brasil contemporâneo" em 2013, iniciamos o estudo da obra intelectual de Roberto Schwarz.

Ao Prof. Dr. Eduardo Marques e a sua equipe de pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole (CEM), por compartilhar gentilmente a metodologia de classificação de grupos sociais no espaço urbano para auxílio desta pesquisa. Ao Prof. Eduardo, pelo ensino e formação como pesquisadora.

À Vilma Araújo, que me permitiu dar início ao trabalho de campo e ao conhecimento do cotidiano da Brasilândia.

Aos jovens que participaram da pesquisa e com os quais tive a oportunidade de falar sobre suas experiências de vida, dilemas, preocupações e expectativas. As conversas ao longo desses anos me permitiram "trocar muitas ideias" com elas e eles e conhecer um pouco mais sobre suas formas de pensar e ver o mundo. Levo em mim o enriquecimento humano que veio desse diálogo.

Ao CNPq, pela bolsa concedida, cujo apoio material foi fundamental para a realização da pesquisa.

À Maria Raimunda dos Santos e a todos os funcionários do Departamento de Ciência Política – FFLCH, pela gentileza e cuidado com os processos necessários para início e finalização da tese.

A Leonardo Belinelli de Britto, Natalia Lago, Mariana Hangai, Fabrício Fernandes Armond, Vinícius Valle, Guiné Silva, Isabel Georges e Camila

Rocha pela disposição em me acompanhar e discutir juntos o estudo de temas tão difíceis e, por vezes desagregadores, não só do ponto de vista intelectual, mas também da experiência de campo. A Leonardo, de forma especial, com quem tive proveitosas conversas e troca de importantes ideias a respeito do trabalho, as quais foram incorporadas. Sua companhia e participação no trabalho de campo foi um passo importante para a construção de pontes entre o pensamento e o empírico, que vêm mostrando a artificialidade dessa separação.

À Camila Góes, pela interlocução em todo o caminho de elaboração desta tese, até o fim. O nosso diálogo constante e fértil me permitiu elaborar e reelaborar na escrita o pensamento e a interpretação do trabalho, que se iniciou de forma desordenada e ganhou organicidade no processo. Sua amizade e a perspectiva de continuar, no futuro, nosso proveitoso trabalho intelectual é um dos frutos mais valiosos que me trouxe este processo.

Aos amigos e colegas da Pós-Graduação, Christian Schallenmueller, Mariana de Matto Rubiano, Terra Budrini, Bruno Botti, Léa Tosold, Leonardo Belinelli de Britto, Camila Góes, Natalia Mello e Vinicius Valle com os quais compartilhamos preocupações sobre a universidade, principalmente com a restrição de espaços democráticos, e foram o ponto de partida de um processo de aproximação ao pensamento crítico.

A Edgard Fusaro e Daniel Waldvogel Thomé da Silva pelo cuidadoso trabalho na elaboração dos dados estatísticos e mapas. A Edgard, que me acompanha desde os tempos de pesquisa no Centro de Estudos da Metrópole no afanoso trabalho de "dar proporção" à realidade.

Aos amigos que em distintos momentos desta jornada me incentivaram de forma fraterna a continuar a construção do meu trabalho e do longo caminho de formação intelectual: Kellen Gutierrez, Renata Gonçalves e Rodrigo Vicino.

À Adriana Salvitti pelo engajamento profissional com que conduz o difícil caminho de conhecimento da verdade pelas profundezas da alma humana. Após tantos erros, sem nosso trabalho, seria impossível este primeiro acerto.

À minha família, Eduardo, Vilma, Karime e Germán pelo amor e fortaleza. À Amélia, minha afilhada, que chegou em meio a esta jornada, nos encheu de alegria e inaugurou o tempo futuro! A Rodrigo R., pela solidez da sua presença e companhia neste caminho – pela coragem de construirmos com amor, um nós.

*Saqueador  
Da metrópole  
Tenaz roedor  
De toda esperança  
Estuporador da ilusão  
Ó meu semelhante  
Filho de Deus, meu irmão*

*Rato  
Rato que rói a roupa  
Que rói a rapa do rei do morro  
Que rói a roda do carro  
Que rói o carro, que rói o ferro  
Que rói o barro, rói o morro  
Rato que rói o rato  
Ra-rato, ra-rato  
Roto que ri do roto  
Que rói o farrapo  
Do esfarrapado  
Que mete a ripa, arranca rabo  
Rato ruim  
Rato que rói a rosa  
Rói o riso da moça  
E ruma rua arriba  
Em sua rota de rato*

### **CHICO BUARQUE - ODE AOS RATOS**

*Isso é reflexo da nossa atualidade  
Esse é o espelho derradeiro da realidade  
Não é areia, conversa, xaveco  
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um  
boteco  
Ser empresário não dá, estudar nem pensar  
Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar  
Ser criminoso aqui é bem mais prático  
Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático  
Será instinto ou consciência  
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência*

### **RACIONAIS MC'S - A VIDA É DESAFIO**

## RESUMO

O objetivo da tese é traçar as relações possíveis entre as formas de pensar e as atitudes, opiniões e posições políticas de jovens moradores da periferia de São Paulo, que se encontravam vinculados ao mercado formal ou estavam à procura de emprego e, ao mesmo tempo, tinham tido um envolvimento direto ou indireto com a criminalidade. A geração que foi objeto do nosso estudo nasceu nos anos 1990 e viveu sua juventude na primeira década dos anos 2000. Esta é a "geração do desmanche", marcada pelas condições sócio-históricas de desintegração, nos anos 1980, do projeto nacional-desenvolvimentista, que modernizou, industrializou e urbanizou o país. A partir do "fim de século", houve dois movimentos significativos em relação à história dos mais pobres. Por um lado, de exclusão do moderno mercado de consumo no âmbito da retomada da instabilidade material e social que caracterizam historicamente o processo de "desmanche" neoliberal. Por outro, de integração à condição proletária no contexto do projeto lulista marcado pela contradição entre progresso e conservação. Com a expansão dos postos de trabalho com registro em carteira, em geral no setor de serviços, que reforçou o contingente de trabalhadores formais e, com a organização dos negócios ilícitos na periferia de São Paulo na primeira década dos anos 2000, acendeu-se o dilema para os jovens entre se envolver no crime ou seguir o caminho do assalariamento. Procurou-se, a partir das associações entre os campos da experiência vivida e o pensamento e as atitudes políticas, chegar ao modo como esses jovens decidiram o voto na eleição presidencial de 2014. Tendo como objeto de estudo o pensamento, trabalhamos com uma tipologia de visões de mundo entranhadas nas suas ações efetivas e que se relacionam de forma contraditória no interior dos sujeitos; o *trabalhador* e o *ladrão*. Vimos que o jovem se vê entrecruzado por valorizações antagônicas a respeito da identidade de trabalhador e também contraditórias em relação a sua posição de classe socioeconômica que, desde 2006, com o realinhamento eleitoral, passou a apoiar o projeto lulista. Como buscamos demonstrar, este processo se traduz num sistemas de pressões políticas e eleitorais conflitantes. À luz da teoria das pressões cruzadas, notamos que de modos distintos homens e mulheres teriam se movimentado de forma pendular entre as opções de adesão e desvio do padrão eleitoral do seu grupo social. A dualidade de visão de mundo dos jovens, que expressava uma relação contraditória com a identidade de trabalhador, se refletiu no apoio à candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) quando da aproximação a este polo, enquanto o afastamento se traduziu na sua oposição.

**PALAVRAS-CHAVE:** POLÍTICA, TRABALHO, CRIME, PERIFERIA, JOVENS, LULISMO.

## **ABSTRACT**

The aim of this thesis is to outline the possible relationships regarding the ways of thinking and attitudes, opinions and political positions of young people from São Paulo urban peripheries, which were linked to the formal market or were seeking employment and at the same time, had had a direct or indirect involvement in crime. The generation that was the object of our study was born in 1990 and lived its youth in the first decade of 2000s. This is the "generation of dismantling", marked by socio-historical conditions of disintegration in the 1980s, the national development project, which modernized, industrialized and urbanized country. Looked up from the associations between the fields of lived experience and thought and political attitudes, reach the way they have decided to vote in the presidential election of 2014. With the thinking of young people as the object of this study, we work with a typology of worldviews embedded in their effective actions, and that relate itself in a contradictory way inside of the subject; the *worker* and the *thief*. This context of disaggregation and of social and material instability among the poor, besides consume exclusion, found in Lulism a balance. These changes, however, were sufficient to light the dilemma of following directly or indirectly the life of crime or opt for wage. We saw that the young man see himself crisscrossed by antagonistic values about the worker's identity and also contradictory in relation to their socioeconomic class position that, since 2006, with the electoral realignment, started to support Lula project. As we demonstrate, this process resulted in conflicting political pressures and electoral systems. In the light of cross-pressures theory, we noticed that in different ways men and women have moved in a pendulum way between the membership and electoral standard deviation options of their social group. The young people dual worldview, which was expressed in a contradictory relationship to the worker's identity, reflected in supporting the candidate of Workers Party (PT) when close to this pole, as well as the distance resulted in its opposition.

**WORD- KEYS:** POLITICS, WORK, CRIME, URBAN OUTSKIRTS, YOUTH, LULISM.

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>1. Referências teóricas e hipóteses</b> .....	<b>4</b>
<b>2. Objeto do estudo e referências metodológicas</b> .....	<b>14</b>
<b>Capítulo 1: Entre o trabalho e o crime</b> .....	<b>19</b>
<b>1. Do emprego industrial à desagregação dos anos 1990</b> .....	<b>19</b>
1.1 A mulher e o (des)mundo do trabalhador .....	38
1.2 O "desmanche" e as derrotas do trabalho: a década neoliberal .....	45
<b>2. O lulismo nos anos 2000: o "signo da contradição"</b> .....	<b>54</b>
<b>3. As portas do crime e da ascensão social: "ostentação" e status</b> .....	<b>60</b>
3.1 Tráfico e consumo .....	70
<b>4. O perfil do estudo na população</b> .....	<b>79</b>
<b>Conclusões</b> .....	<b>97</b>
<b>Capítulo 2: A dualidade de visões de mundo</b> .....	<b>101</b>
<b>1. Dilema e vértices de cruzamento</b> .....	<b>107</b>
1.1 Saídas da pobreza: Salário x "Dinheiro fácil" .....	115
1.2 Os rumos da vida: Segurança x Fortuna .....	132
<i>A formalidade e a proteção dos direitos</i> .....	133
<i>O caminho do trabalhador x "Vida Loka"</i> .....	135
<i>A mediação evangélica: Salvação X Destruição</i> .....	143
<i>Trabalhador x Cidadão</i> .....	152
1.3 A experiência do cotidiano: "Zé" x "Rei" .....	158
<b>2. O dilema e aspectos da condição feminina</b> .....	<b>170</b>
<b>Conclusões</b> .....	<b>180</b>
<b>Capítulo 3: Homens e mulheres sob a pressão do voto</b> .....	<b>182</b>
<b>1. A contradição: afastamento e aproximação ao polo do trabalhador</b> .....	<b>184</b>
<i>Aproximação</i> .....	184
<i>Afastamento</i> .....	186
<b>2. O conflito e a política</b> .....	<b>192</b>
<b>2.1 As manifestações de junho</b> .....	<b>192</b>
<i>Participação</i> .....	193
<i>Os participantes</i> .....	194
<i>Os não participantes</i> .....	199
<i>Opiniões</i> .....	206
<b>2.2 Comportamento eleitoral</b> .....	<b>221</b>
<i>A escolha do voto e o grupo social</i> .....	224
<i>Cinismo e personalismo: o voto branco e nulo</i> .....	232
<b>3. Pressões cruzadas: as eleições de 2014</b> .....	<b>241</b>
3.1 Pleito acirrado e posições sociais conflitantes .....	243
3.2 Resultados da votação .....	253
3.3 Hipótese sobre os resultados .....	264
<b>Conclusões</b> .....	<b>272</b>
<b>Considerações finais</b> .....	<b>274</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>284</b>
<b>Apêndice A - questionário da pesquisa</b> .....	<b>289</b>
<b>Apêndice B - critérios de definição do grupo de estudo</b> .....	<b>293</b>
<b>Apêndice C - dados da população de estudo</b> .....	<b>294</b>
<b>Apêndice D - dados eleitorais da pesquisa</b> .....	<b>298</b>
<b>Apêndice E - mapas presença dos grupos sociais</b> .....	<b>300</b>
<b>Apêndice F - Diferenças entre os dados de mercado de trabalho (Censos Demográficos de 2000 e 2010)</b> .....	<b>302</b>

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>TABELA 1</b>	86
POPULAÇÃO SEGUNDO FAIXA ETÁRIA	86
<b>TABELA 2</b>	87
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO COR OU RAÇA	87
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	87
<b>TABELA 3</b>	87
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO COR OU RAÇA	87
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	87
<b>TABELA 4</b>	88
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO RELIGIÃO	88
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	88
<b>TABELA 5</b>	88
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	88
<b>TABELA 6</b>	89
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO ANOS DE ESTUDO	89
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	89
<b>TABELA 7</b>	90
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO	90
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	90
<b>TABELA 8</b>	90
DISTRIBUIÇÃO DOS HOMENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO ANOS DE ESTUDO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	90
<b>TABELA 9</b>	91
DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO ANOS DE ESTUDO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	91
<b>TABELA 10</b>	91
DISTRIBUIÇÃO DOS HOMENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO	91
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	91
<b>TABELA 11</b>	91
DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	91
<b>TABELA 12</b>	93
TAXA DE ATIVIDADE E TAXA DE DESOCUPAÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO SEXO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	93
<b>TABELA 13</b>	93
TAXA DE ATIVIDADE E TAXA DE DESOCUPAÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO SEXO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	93
<b>TABELA 14</b>	94
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS OCUPADOS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000	94
<b>TABELA 15</b>	94

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS OCUPADOS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	94
<b>TABELA 16</b>	96
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO CONDIÇÃO DE ESTUDO E TRABALHO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010	96
<b>TABELA 17</b>	97
TOTAL DE JOVENS DE 16 A 24 ANOS E JOVENS DE 16 A 24 ANOS COM O PERFIL INVESTIGADO (NÃO ESTUDAM, NÃO TRABALHAM E NÃO PROCURAM TRABALHO E TÊM OCUPAÇÃO COM OU SEM CARTEIRA ASSINADA COM RENDIMENTO DE ATÉ 1,5 SALÁRIO MÍNIMO) BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000 E 2010	97
<b>TABELA 18</b>	254
VOTAÇÃO PARA PRESIDENTE E PREFEITO, PERCENTUAL DE VOTOS VÁLIDOS (%), 2º TURNO DISTRITO DA BRASILÂNDIA, SÃO PAULO, SP - 2008, 2010, 2012 E 2014	254
<b>TABELA 19</b>	255
ESCOLHA POR CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO, SEGUNDO IDADE, SEXO E OCUPAÇÃO	255
<b>TABELA 20</b>	256
ESCOLHA CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO, SEGUNDO IDADE , SEXO E OCUPAÇÃO	256
<b>TABELA 21</b>	257
ESCOLHA CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO, SEGUNDO IDADE , SEXO E OCUPAÇÃO	257
<b>TABELA 22</b>	258
INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO, ORDENADOS SEGUNDO SEXO	258
<b>TABELA 23</b>	262
INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASOS DE CONTROLE, ORDENADOS SEGUNDO SEXO	262
<b>TABELA 24</b>	263
INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASOS DE CONTROLE, ORDENADOS SEGUNDO SEXO	263
<b>TABELA 25</b>	265
JOVENS DO ESTUDO, MULHERES, SEGUNDO IDADE, ESTADO CIVIL, CONDIÇÃO NO TRABALHO E DE ESTUDO	265
<b>TABELA 26</b>	266
JOVENS DO ESTUDO, HOMENS, SEGUNDO IDADE, ESTADO CIVIL, CONDIÇÃO NO TRABALHO E DE ESTUDO	266
<b>TABELA 27</b>	267
INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASO CONTROLE, MULHERES, SEGUNDO RENDIMENTOS FAMILIARES	267
<b>TABELA 28</b>	267
INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASO CONTROLE, HOMENS, SEGUNDO RENDIMENTOS FAMILIARES	267

## INTRODUÇÃO

*É filosofia a concepção do mundo que representa a vida intelectual e moral (catarse de uma determinada vida prática) de todo um grupo social concebido em movimento e considerado, conseqüentemente, não apenas em seus interesses atuais e imediatos, mas também nos futuros e mediatos; é ideologia toda concepção particular dos grupos internos da classe que se propõem ajudar a resolver problemas imediatos e restritos. Mas, para as grandes massas da população governada e dirigida, a filosofia ou religião do grupo dirigente e dos seus intelectuais apresenta-se sempre como fanatismo e superstição, como motivo ideológico próprio de uma massa servil (GRAMSCI, Caderno 10, [I]§10, p.302).*

*[...] as ideologias serão a “verdadeira” filosofia, já que elas serão as “vulgarizações” filosóficas que levam as massas à ação concreta, à transformação da realidade. Isto é, elas serão o aspecto de massa de toda concepção filosófica, que adquire no “filosófico” características de universalidade abstrata, fora do tempo e do espaço, característica literária e anti-histórica (GRAMSCI, Caderno 10, [II]§2, p.312).*

O objetivo da tese é traçar as relações possíveis entre as formas de pensar e as atitudes, opiniões e posições políticas de jovens moradores da periferia que se encontravam vinculados ao mercado formal ou estavam à procura de emprego e, ao mesmo tempo, tinham tido um envolvimento direto ou indireto com a criminalidade. Procurou-se, a partir das associações entre os campos da experiência vivida e o pensamento e as atitudes políticas, chegar ao modo como decidiram o voto na eleição presidencial de 2014. Tendo como objeto de estudo o pensamento dos jovens, trabalhamos com uma tipologia de visões de mundo entranhadas nas suas ações efetivas, e que se relacionam de forma contraditória no interior dos sujeitos; o *trabalhador* e o *ladrão*<sup>1</sup>.

A geração nascida nos anos 1990 enfrenta um problema posto pelo seu tempo: com a expansão dos postos de trabalho no setor de serviços, que reforçou o contingente da classe trabalhadora na implementação do projeto lulista (POCHMANN, 2012; SINGER, 2012), e com a estruturação da economia do tráfico na periferia da cidade nos anos 1980 e 1990 e a

---

<sup>1</sup> Esses tipos ideológicos são construções teóricas que surgiram do trabalho empírico. A concepção de tipo ideal de Weber aborda a relação entre o “típico” e os estudos das individualidades históricas, cuja finalidade é tomar consciência, rigorosamente, não do que é genérico mas, ao contrário, do que é *específico* a fenômenos culturais (Cf. WEBER, Max. “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais”, 2010).

<sup>2</sup> O caminho teórico e analítico proposto na tese constitui o primeiro passo para tratar e compreender as relações entre pensamento, ideologia e atitudes políticas. Dada a complexidade destes conceitos e suas articulações, é importante notar que este esforço de

organização dos negócios ilícitos – narcotráfico, roubos e furtos – na primeira década dos anos 2000 (FELTRAN, 2012), se ascendeu o dilema para os jovens entre se envolver no crime ou seguir o caminho "do trabalhador".

A relevância, em termos da pesquisa, vinha do fato que este dilema representava um aspecto geral da experiência de jovens da periferia da cidade de São Paulo: todos partilhavam tanto das referências do "mundo do crime", como "do trabalhador", e deviam fazer uma escolha a respeito de quais os caminhos seguir. Assim, os jovens encontravam-se incessantemente diante da mesma encruzilhada: se envolver no crime – e ter acesso a tudo que deseja, mesmo que com isso seu tempo de vida livre diminua drasticamente – ou continuar na trilha do assalariamento, que lhe outorga estabilidade e proteção legal e materialmente – ao ter carteira assinada e uma regularidade de renda, ainda que baixa. Ou seja, esta era uma opção moralmente confortável, mas aquém do que deseja consumir e num tempo crônico, que se repete e se estende na realização de trabalhos precários, na rotina da periferia que se inicia muito cedo às segundas-feiras, no sufoco do transporte público de má qualidade. As mulheres vivem esta contradição de uma forma distinta – elas se ligam principalmente de forma indireta ao crime, por meio da relação com homens (namorados e maridos), o que reforça sua condição de dependência. Por outro lado, nos anos 2000, os empregos lulistas no setor de serviços, como notadamente no *telemarketing*, ampliaram o acesso delas ao mundo do trabalho, convergindo com um processo de aumento de sua escolaridade. Neste caso, as alternativas para as mulheres se colocavam entre a dependência material e afetiva do homem e uma perspectiva de independência via ascensão social.

As escolhas e os obstáculos a serem superados se ligam ao processo sócio-histórico, por um lado, de "desmanche" neoliberal (SCHWARZ, 1999), que retirou do horizonte a perspectiva do trabalho estável na indústria e de integração social para os mais pobres, e colocou para as novas gerações um excludente horizonte da participação no moderno mercado de consumo sem, no entanto, lhe outorgar condições materiais. Por outro, se ligam às contradições do modelo de transformação social do lulismo nos anos 2000. Se por um lado o projeto reforça o contingente de trabalhadores na base da

pirâmide, por outro, os salários são baixos e as condições de trabalho muito precárias.

Do ponto de vista do nosso problema de estudo, esse conjunto de processos sócio-históricos delimitou uma similaridade de influências existentes entre os sujeitos que nasceram nos anos 1990 e se tornaram jovens no período lulista, constituindo uma "situação geracional" (WELLER, 2010). Este conceito, formulado por Karl Mannheim ([1928]1993), aproxima a situação de classe à geracional devido à situação específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio-histórico. Em consequência, ambas as situações têm em comum "a limitação desses indivíduos a um determinado campo de ação e de acontecimentos possíveis, produzindo, assim, uma forma específica de viver e de pensar, uma forma específica de intervenção no processo histórico" (MANNHEIM ([1928]1993, p.528 apud WELLER, p. 210).

Desse modo, propomos que a encruzilhada é constitutiva da experiência vivida dos jovens da periferia e que o dilema da escolha dos caminhos a seguir na vida, como é nossa intenção demonstrar na tese, sedimenta uma dualidade de visões de mundo que se ligam no interior dos sujeitos. Esta partilha comum dos processos sócio-históricos da geração, que nomeamos "geração do desmanche", encontra-se no cotidiano com as escolhas e a forma de pensar desses jovens. O que estamos chamando de geração, portanto, não consiste numa situação extensiva ao conjunto dessa classe, mas antes, a uma parcela, que tem diante de si os dilemas e expectativas de vida postos pelo seu tempo.

As transformações nas condições de existência e de perspectivas de integração social no lulismo articulou-se a uma alteração no comportamento eleitoral dos mais pobres. Os jovens da "geração do desmanche" se encontravam num contexto social de forte preferência por candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT), sobretudo, nas eleições para presidente e prefeito. A adesão das classes populares aos candidatos do PT para o poder executivo decorre do que André Singer chamou de "realinhamento eleitoral" do lulismo (SINGER, 2009; SINGER, 2012). Estas classes, que predominantemente davam seu apoio eleitoral, até então, a partidos conservadores ou à direita do espectro ideológico (SINGER, 2000), entraram em cena como uma "nova força política" nas eleições presidenciais de 2006,

com a liderança de Lula (SINGER, 2012). Segundo o autor, esse pleito foi decisivo do ponto de vista das classes sociais, pois houve um afastamento da classe média e uma aproximação de um contingente pobre que se viu beneficiado pelas políticas sociais e econômicas, sobretudo, nas regiões mais pobres do Norte e Nordeste do país. O pacto conservador – que propunha transformações sociais com manutenção da ordem – teria sido, na explicação do autor, o elemento crucial da adesão do subproletariado. Desse modo, a integração do elemento da ordem teria atraído ideologicamente esses sujeitos.

## **1. Referências teóricas e hipóteses**

Tendo em vista o nosso objetivo, que consiste em apresentar a dualidade de representações entranhadas na ação prática dos jovens do estudo e, a partir daí, i) compreender o padrão mais geral do conjunto de representações, crenças e valores; ii) analisar as atitudes para com a política e iii) elucidar os vínculos com seu comportamento eleitoral; apresentaremos, brevemente, as considerações teóricas usadas para articular o caminho interpretativo proposto entre os distintos momentos desse objetivo, e as categorias e instrumentos analíticos que serão mobilizados ao longo da pesquisa como meio de analisar os dados etnográficos à luz das questões levantadas.

Na etapa de construção e proposta de um caminho para aproximar analiticamente pensamento e atitudes políticas, partimos das considerações teóricas de Gramsci sobre a concepção de mundo das massas populares subalternizadas. Primeiramente, é importante notar que a noção de concepção de mundo está na base da nossa argumentação, que propõe a

ideologia como aspecto fundamental que estrutura as formas de pensar e agir, política e eleitoralmente, dos jovens do estudo<sup>2</sup>.

Gramsci aponta que a maior parte dos homens são filósofos "na medida em que atuam praticamente e nesta sua ação prática (nas linhas diretoras de sua conduta) está contida implicitamente uma concepção de mundo, uma filosofia" (Caderno 10, [I]§10, p.302)<sup>3</sup>. Coloca-se, assim, a ação prática dos sujeitos comuns como ligada a uma forma de pensar o *mundo*. Desse modo, como propomos, as escolhas, os dilemas e conflitos, as saídas entrevistas para superar as dificuldades, os valores, atitudes e as ações cotidianas que apresentaremos sobre os jovens, não estão despojadas de formas de pensar – ainda que com distintos graus de formalização – e portanto de uma referência ideológica.

É possível pensar na forma sistêmica em que Gramsci articulou os conceitos de visão de mundo, ideologia, senso comum e filosofia num conjunto de distintos graus de formalização e elaboração do pensamento. Este caráter sistêmico mostra-se no fato de que, para Gramsci, a distinção

---

<sup>2</sup> O caminho teórico e analítico proposto na tese constitui o primeiro passo para tratar e compreender as relações entre pensamento, ideologia e atitudes políticas. Dada a complexidade destes conceitos e suas articulações, é importante notar que este esforço de compreensão teórica deve ser continuado. Um dos possíveis caminhos encontra-se na proposição teórica e conceitual usada por Theodor Adorno (2009) no "Estudo sobre a personalidade autoritária" que propõe a presença de níveis do indivíduo que vão do plano mais superficial ao mais profundo. As atitudes, crenças e valores expressas pelo indivíduo estariam no plano mais superficial e articuladas também com a conjuntura biográfica e social. Num plano intermediário estariam as tendências ideológicas mais ou menos inibidas e, num plano mais profundo, as forças da personalidade. Estas últimas, comparativamente, seriam mais permanentes e resultam do desenvolvimento social e histórico. Uma vez internalizada como estrutura pelo indivíduo, esta ganharia uma certa autonomia, na medida em que é capaz de fazer escolhas no ambiente. Preocupados com o indivíduo potencialmente fascista, cuja estrutura o faz suscetível à propaganda antidemocrática, o estudo realizado entre 1944 e 1947 pelo Instituto de Pesquisa de Frankfurt e pela Universidade de Berkeley desenvolveu a hipótese de que as convicções econômicas, políticas e sociais dos sujeitos em geral constituem uma pauta ampla e coerente, como se estivessem vinculadas por uma "mentalidade". Estas pautas seriam uma expressão de tendências profundas da personalidade. Distinguiu-se também entre personalidade e comportamento. Para os pesquisadores, a personalidade se situa atrás do comportamento e dentro do indivíduo. Nesse sentido, as forças da personalidade não são respostas, senão como predisposições à respostas. Se estas se convertem em expressões manifestas, por exemplo com conotações fascistas, depende da situação do momento e da existência de predisposições opostas. Ou seja, propõe-se que dentro de um indivíduo apresentam-se tendências incoerentes e opostas que se combatem e acomodam dentro da mesma estrutura.

<sup>3</sup> Utilizaremos a 7ª edição dos *Cadernos do Cárcere* (2014) organizada por Carlos Nelson Coutinho e publicada pela primeira vez em 1999 no Brasil. Citaremos da seguinte forma: C "X", para o número do Caderno, § "Y", para o parágrafo, e p "Z" para a página na referida edição.

entre filosofia e ideologia não é possível, pois seriam uma mesma categoria histórica, e que a distinção é apenas de grau (Caderno 10, [I]§10, p.302)<sup>4</sup>.

O esforço de demonstração desse conjunto de distintos graus do pensamento inicia-se pela "destruição" do preconceito, muito difundido, segundo Gramsci, "que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos" (GRAMSCI, Caderno 10,§12, p.93). Portanto, para Gramsci, era necessário realizar primeiramente uma demonstração de que "todos os homens são filósofos", definindo, ao mesmo tempo, os limites e as características desta "filosofia espontânea", peculiar a "todo o mundo", isto é, da filosofia que está contida:

1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por "folclore" (GRAMSCI, Caderno 10,§12, p.93).

Assim, o autor propõe uma compreensão dos homens comuns como "filósofos espontâneos", em cujo pensamento coexistem ideias e opiniões esparsas que se combinam de forma, inclusive, disparatadas no *senso comum*. Este, portanto, não se apresenta coerente e sistemático; ao contrário, seu aspecto principal é a forma desagregada, incoerente e inconsequente (Caderno 10, [II] §17, p.325-326).

A importância desse primeiro momento de demonstração radica na possibilidade de acesso ao funcionamento da hegemonia que se estabelece em relação ao subalterno e à crítica da consciência. Ou seja, para Gramsci, esta crítica e a elucidação das relações hegemônicas passam necessariamente pela demonstração de que todos "são filósofos", ainda que a seu modo, inconscientemente — já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na "linguagem", está contida uma determinada "concepção do mundo" (GRAMSCI, Caderno 10,§12, p.93). O momento da crítica e da consciência, posterior nesse

---

<sup>4</sup> A formulação do aspecto sistêmico desses conceitos surgiu da discussão dos principais Cadernos do Cárcere do marxista sardo que o grupo "Pensamento e Política no Brasil", coordenado pelos professores André Singer e Bernardo Ricupero, vem discutindo desde 2011.

processo demonstrativo, é formulado por Gramsci na forma de uma problematização, ao enfrentar a subordinação mecânica a uma visão externa e a elaboração própria de uma concepção de mundo, convocando assim ao próprio sujeito ativo a julgar e decidir em contraposição àquele que reitera passiva e internamente a própria subalternidade:

é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação, ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, Caderno 10, §12, p.94).

Santos (1977), sobre esse aspecto, afirma que a "força histórica e a função do senso-comum advêm-lhe justamente do fato de este reproduzir a 'lógica' das classes culturalmente dominantes de forma acrítica e mecânica" (SANTOS, 1977, p.250). A sua eficácia estaria na reprodução "espontânea", pelas classes subalternas, da ordem econômica e social que faz daquelas classes dominantes.

Gramsci afirma que o aspecto essencialmente desagregado do senso comum decorreria da ação dos grupos dominantes sobre as classes subalternas. Na crítica ao *Ensaio Popular* de Bukharin desenvolvida no Caderno 11, Gramsci destaca que as massas populares estão à mercê de uma hegemonia exterior, ou de um sistema de filosofias das classes dominantes. Trata-se de um elemento de subordinação que limita o pensamento original de forma negativa, por não se poder esperar – como se queria no ensaio – que delas surja uma crítica ou oposição às mesmas. No esquema interpretativo de Gramsci sobre a relação de subalternidade e hegemonia, esta forma de pensar estaria restringida ao primeiro momento de constatação da presença de uma filosofia espontânea, mas que não é crítica nem coerente. De acordo com Gramsci, as massas populares aderem a essa visão de mundo alheia, mantendo a dependência e a submissão. Gramsci destaca que ainda que exista a possibilidade das ideias influírem

positivamente na transformação interna do que as massas pensam sobre o mundo e a vida, estas estão sempre sujeitas à ação dos grupos dominantes.

Em Gramsci, a ideologia aparece como o momento de unicidade entre pensamento e prática. Na interpretação de Santos (1977), o termo condensa o plano do vivido da prática quotidiana, numa unidade miscigenada e complexa de elementos formais do pensamento e práticas sociais, assim como tradições culturais e costumes. Ao enfatizar a "existência orgânica" da ideologia, vista num movimento de incorporação do concreto das crenças populares para além do plano meramente formal e intelectual e das formas mais difusas de pensar, como no senso comum, é posto no horizonte a possibilidade da relação entre indivíduo, prática, cultura e história:

[...] as ideologias serão a "verdadeira" filosofia, já que elas serão as "vulgarizações" filosóficas que levam as massas à ação concreta, à transformação da realidade. Isto é, elas serão o aspecto de massa de toda concepção filosófica, que adquire no "filosófico" características de universalidade abstrata, fora do tempo e do espaço, característica literária e anti-histórica (GRAMSCI, Caderno 10, [II]§2, p.312).

Nesse sentido, a religião para Gramsci aparece como a forma exemplar de ideologia, vista como a iniciativa de uma determinada classe para mudar ou reiterar de forma mais aperfeiçoada visões de mundo e, com isso, mudar as normas de conduta e a atividade prática em seu conjunto. Gramsci aceita a definição que Benedetto Croce dá de religião: "isto é, a de uma concepção do mundo que se transformou em norma de vida, já que norma de vida não se entende em sentido livresco, mas realizada na vida prática —, a maior parte dos homens são filósofos, na medida em que atuam praticamente e nesta sua ação prática (nas linhas diretoras de sua conduta) está contida implicitamente uma concepção do mundo, uma filosofia". Assim, para Gramsci a história da filosofia tal como é entendida, como das filosofias dos filósofos, é:

a história das tentativas e das iniciativas ideológicas de uma determinada classe de pessoas para mudar, corrigir, aperfeiçoar as concepções de mundo existentes em todas as épocas determinadas e para mudar, portanto, as normas de conduta que lhes são relativas e adequadas, ou seja, para mudar a atividade prática em seu conjunto (GRAMSCI, Caderno 10, §17, p.315).

Para Gramsci, história e filosofia são inseparáveis e formam um "bloco". É nesta noção de bloco histórico que ele introduz o conjunto

sistêmico de distintas gradações do pensamento. Este conjunto é visto como uma categoria histórica:

Os elementos filosóficos propriamente ditos, porém, podem ser “distinguidos”, em todos os seus diversos graus: como filosofia dos filósofos, como concepções dos grupos dirigentes (cultura filosófica) e como religiões das grandes massas; e pode-se ver como, em cada um destes graus, ocorrem formas diversas de “combinação” ideológica (GRAMSCI, Caderno 10, §17, p.315).

Dessa forma, a direção do bloco histórico por parte das classes dominantes reiteraria a subordinação da visão de mundo das classes populares, assim como o pensamento caracterizado pela fragmentação e difusão presentes no senso comum.

Na compreensão da ideologia como fase intermediária entre o plano teórico e o plano do “vivido” – trazida pela concepção gramsciana do termo –, as formas de pensar de um indivíduo passam de um mero “capricho individual” e atingem o plano histórico de uma “concepção de mundo” numa relação orgânica (SANTOS, 1977)<sup>5</sup>. Busca-se, com isso, uma conexão entre cotidiano, experiência e história, por um lado, e entre as forças concretas das crenças populares e da filosofia, por outro. Para a conexão destes planos, mostra-se fundamental a concepção de Gramsci de ideologia, que se apresenta com um corpo, “uma estrutura substancial, um campo significativo cujos modos se distinguem *gradativamente* em função do nível de formalização-sistematização atingido” [grifo próprio] (SANTOS, 1977). Esta estrutura interna da ideologia incorpora formas que se distinguem gradativamente pelo seu grau de organização, coerência e elaboração individual, indo do senso comum à filosofia. Na comparação com a filosofia, Gramsci aponta que nesta destaca-se a elaboração individual do pensamento e, ao contrário, o senso comum apresenta características difusas e dispersas

---

<sup>5</sup> Santos (1977) distingue entre formas superiores e difusas do “núcleo racional” do pensamento, que a ideologia supera para chegar ao plano do concreto: “a ideologia só ultrapassa o plano de um mero ‘capricho individual’ e atinge o plano histórico de uma ‘concepção de mundo’ quando existe organicamente, isto é, quando adquire solidez e a força que possuem as crenças populares, superando, assim, o plano meramente intelectual e formal (sistemático), ‘saindo’ do seu *núcleo racional*, sem que por isso este deixe de persistir (embora de modo esbatido ou mesmo oculto) nas formas difusas que a ‘concepção de mundo’ assume, como sua ‘premissa teórica’, como sistema nuclear coerente, sobre determinado e unificador. Este núcleo racional é constituído pelas formas superiores de elaboração cultural, em especial, pela filosofia; as formas difusas que uma ‘concepção de mundo’ assume, identificam-se, em particular, com o ‘senso-comum’ e com o ‘folclore’” (SANTOS, 1977, p.248).

de um pensamento genérico de uma certa época em um certo ambiente popular (Caderno 11, §12).

É por meio desse conceito de ideologia que estabelecemos uma relação entre o mundo objetivo e o subjetivo. Esta abordagem é fundamental para compreender o fato de no material da pesquisa, com um conjunto de dezenove casos, termos verificado que as representações e formas de pensar encontradas não se bastavam às trajetórias individuais. A partir da observação direta das opiniões, atitudes e ideias notamos que era possível identificar constelações ideológicas mais ou menos difusas que se desprendiam do conflito entre visões de mundo e, ao mesmo tempo, encontravam ressonância num i) plano mais geral, nos programas policiais da mídia, nas prédicas das religiões evangélicas neopentecostais, na letra das músicas e imagens de vídeos na *internet*, na propaganda de revistas, jornais e TV em relação ao consumo e marcas, em telejornais, e ii) num plano mais próximo de contato, na orientação da autoridade da família e entidades religiosas, professores, na conversa e discussões com amigos e sujeitos – principalmente – com chefes dos pequenos negócios e serviços onde os jovens trabalham. Este último plano, mais próximo do cotidiano dos jovens se mostrou fundamental no processo de decisão do voto e de incremento de pressões sociais opostas (LIPSET, 1967).

Em seguida, e fundamentalmente, a abordagem gramsciana nos oferece uma forma de compreender as representações sobre o mundo, na sua relação com a *política*. Por meio da noção de hegemonia, apresenta uma forma de compreensão da cultura com as relações de poder, as classes sociais e a ideologia (GÓES, 2015). Na interpretação de ideologia em Gramsci, Santos (1977) afirma que esta noção *não* se funda em si mesma desde um movimento puramente interno, autônomo e independente, nem resulta diretamente do efeito da estrutura econômica sobre a superestrutura ideológica; na explicação de Santos (1977), a *estrutura interna da ideologia* "para além da determinação econômica que sofre é, segundo Gramsci, sobredeterminada pela política" (SANTOS, 1977, p.253). A hegemonia política como direção ideológica da sociedade é vista num quadro de lutas, de direções contrastantes; de acordo com Gramsci, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo finalmente uma elaboração superior da

própria concepção de real. Segundo Bianchi (2008), para a transformação da sociedade, Gramsci teria reformulado dois princípios; um objetivo e outro subjetivo. O princípio objetivo assinalado por Marx seria o da contradição entre relações de produção e formas produtivas. Nesse sentido, "o princípio subjetivo seria o de maturação das condições ideológicas-políticas de solução da contradição" (TOSEL, 1994, p.42 apud BIANCHI, 2008, 16). Bianchi (2008) aponta que o segundo, o princípio subjetivo, é uma alerta sobre uma expectativa de superação mecânica e sem resistência. O político deve considerar não apenas a sua própria ação e efeitos, mas também os impulsos hegemônicos que o adversário pode emitir.

Nesse sentido, o conceito de *projetos políticos* e *confluência perversa* que Dagnino (2004) adotou para analisar a disputa e hegemonização do projeto democrático na América Latina, na entrada do neoliberalismo nos anos 1990 no país, é elucidativo para entender as formas de ação política na direção ideológica da sociedade. A autora chama de "confluência perversa" o processo de incorporação e subordinação do projeto democrático ao projeto neoliberal, marcado pela disputa política e cultural entre esses dois projetos. Ao seguir a concepção gramsciana de hegemonia, além da dimensão da intencionalidade política na direção ideológica da sociedade, Dagnino trabalha com a possibilidade de, no plano da cultural, realizar uma adaptação e apropriação de noções para utilizá-las em sentidos inclusive contrários em relação a sua concepção e intencionalidade original. No caso da confluência perversa, desse modo, teria ocorrido um deslocamento de sentido de três noções centrais ao projeto democrático – sociedade civil, participação e cidadania (DAGNINO, 2004).

Ao trabalhar com a dualidade de visão de mundo dos jovens, consideramos que estas estão sobre-determinadas pelas disputas de hegemonia mais amplas e que imprimem um sentido às formas de pensar e agir dos jovens do estudo, no sentido de reprodução ou não da ordem social vigente. Pensamos também no conceito de hegemonia ao trabalhar distintas apropriações políticas da visão de mundo do trabalhador e do seu projeto de vida operário dos anos 1970 e 80, cuja base material era o emprego industrial (CALDEIRA, 1984; FELTRAN, 2011) e que após o "desmanche neoliberal" cedeu lugar, nos anos 2010, aos projetos de mobilidade e ascensão

individual colocados no horizonte dos jovens do estudo no âmbito do lulismo (SINGER, 2012), e também pelo projeto de prosperidade e ordenação moral das igrejas evangélicas.

No entanto, esses aspectos somam-se ao esforço de análise e interpretação do material etnográfico que se dirige à compreensão do pensamento e sua relação com o agir político e do comportamento eleitoral dos jovens da pesquisa. Os aspectos históricos e políticos mais amplos são tratados no capítulo 1 de uma forma subsidiária, como marco de referência, pois o estudo da disputa de hegemonia, assim como seus sentidos, extrapola os objetivos e esforços desta pesquisa. Neste primeiro capítulo e no segundo, buscamos articular um plano mais geral de análise dos processos sócio-históricos com o plano micro da experiência vivida e formas de pensar da "geração do desmanche". Partimos do período de consolidação à desagregação do projeto de vida operário e do emprego industrial nos anos 1990 para tratar do lulismo nos anos 2000 e as principais transformações observadas nas condições de existência dos mais pobres.

No capítulo 2, nos concentramos na articulação entre a dualidade de visões de mundo, a ação prática e a experiência cotidiana para chegar numa síntese, ou na definição de um padrão mais geral da forma de pensar dos jovens, a partir do material empírico, que sumarize os traços comuns das práticas sociais e princípios normativos que impelem uma ação orientada pelo conjunto de representações, crenças e valores que surgem e se manifestam nos conflitos, necessidades e expectativas vividas pelos jovens.

Propomos que cada visão de mundo é organizada internamente por campos de significação – valores e sentidos atribuídos a elementos da realidade – que se entrecruzam na forma de pensar dos jovens, possibilitando a escolha por qualquer um dos lados que o dilema coloca. A pressão exercida por esse cruzamento provoca uma tensão e uma sequência de oposições que se desprendem do interior de cada visão diante da necessidade de escolher um caminho. Chamamos de vértices os elementos identificados como principais pontos de entrecruzamento entre esses planos. Cada dimensão corresponde a uma área mais ampla de significação da realidade, a saber: i) saídas da pobreza, ii) os rumos da vida e iii) a experiência cotidiana do trabalho.

A premissa de elaboração teórica desta síntese ideológica expressa, como foi apontado, a compreensão de Gramsci da ideologia como fase intermediária entre a filosofia e a prática cotidiana. Assim, neste estudo, entendemos que a ideologia é o ponto em que realidade (ação prática) e o pensamento se reúnem. Esta unicidade corresponde à síntese das experiências vividas e a forma de pensar dos jovens da "geração do desmanche" e moradores da periferia de São Paulo.

Tendo isso em mente e no plano do objetivo geral do trabalho, argumentamos que tais atitudes para com a política e comportamento eleitoral dos jovens *não* divergem do padrão mais geral do conjunto de representações, crenças e valores que orienta a ação prática do jovens inscrita na dualidade de visões de mundo. É desta proposição que buscamos as associações entre o pensamento e as atitudes políticas.

No capítulo 3, nos concentramos na relação entre visão de mundo e a ação e pensamento sobre a política dos jovens. O objetivo deste capítulo é apresentar as atitudes para com a política, tanto no âmbito institucional como social, e propor possíveis relações com o comportamento eleitoral à luz da teoria das "pressões cruzadas" desenvolvida por Lipset (1967). Analisamos os dados empíricos a respeito das opiniões, posições e atitudes políticas dos jovens do estudo em duas instâncias: ao longo das manifestações de junho de 2013 e nas eleições presidenciais de 2014. Tratamos, assim, de forma mais geral, das expressões do pensamento sobre a política na análise sobre as manifestações, opiniões sobre a mídia, os partidos políticos, sindicatos e candidatos e, de forma mais específica, no seu comportamento eleitoral.

Mostraremos que esta tensão gerada pela contradição interna das visões de mundo, por um lado, aproxima o jovem ao polo do *trabalhador* – de identidade social e econômica com seus iguais e integração ao mercado de trabalho formal – e, por outro, o afasta desse mesmo polo. Este afastamento observa-se na marginalização da experiência do trabalho, no sentimento de desvalorização que decorre de empregos formais precarizados e com baixa remuneração, na ênfase da valorização individual e na restrição a referências sociais comuns.

A respeito do voto, a proposta teórica das pressões cruzadas pressupõe o eleitor estar envolto e carregar em si sentimentos e influências

profundamente opostas e contraditórias, possibilitando seu apoio a qualquer um dos lados da disputa, o que o levaria, no limite da tensão, ao voto nulo, branco ou à abstenção. Neste caso, as pressões no plano social levariam a uma identificação com as indicações dos sujeitos do seu grupo social, especialmente da família, por um lado, e com sujeitos da classe média, por outro. A hipótese mais geral do trabalho é que a contradição em relação à identidade de trabalhador se manifesta em posições políticas e eleitorais conflitantes num sistema de pressões cruzadas. Em termos da hipótese mais específica sobre o comportamento eleitoral dos jovens pesquisados, propomos que a proximidade ao "polo do trabalhador" e o encontro com a referência do seu grupo familiar previa que a escolha do jovem seria pela candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT). Já a marginalização e/ou afastamento do "polo do trabalhador" e o desvio da referência comum pressupunham a escolha de um candidato que negasse ou se opusesse à candidata do PT, ou, ainda, que levasse ao voto em branco ou nulo.

## **2. Objeto do estudo e referências metodológicas**

O estudo foi realizado com um grupo de jovens da periferia da zona norte de São Paulo. Definimos dezenove (19) casos segundo quatro (04) critérios; idade, situação ocupacional, envolvimento direto ou indireto com o crime e moradia em área periférica da cidade, especificamente na Brasilândia. Adotamos um critério combinado para definir a idade dos entrevistados. O primeiro foi recorrer às faixas etárias das fontes oficiais de dados, neste caso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O segundo está vinculado à própria pesquisa que têm como objeto de estudo a "geração do desmanche", deixando nos 24 anos o limite para ser incluído na década de 1990 (jovens dessa idade em 2014 nasceram no ano de 1990). A respeito da situação ocupacional, incluímos tanto jovens empregados no mercado formal, como aqueles que estavam à procura de emprego ou obtinham rendimentos por meio de trabalhos informais, em postos de ocupação cujo salário estivesse em torno de 1,5 SM, assim como jovens que nem estudavam, nem trabalhavam<sup>6</sup>. Para tratar do envolvimento com o crime, foram consideradas

---

<sup>6</sup> O valor do salário mínimo em 2014 era de R\$724. Portanto um 1,5 SM corresponderia ao valor de R\$1086.

tanto relações diretas com o roubo e o tráfico de drogas, como indiretas, por meio de convites para o ingresso na criminalidade e eventualmente aproximações por meio de amizades e parentes. No caso das mulheres, o contato se deu por meio de relações afetivas e familiares; seus companheiros, irmãos, pais, tios ou primos estavam ou já tinham sido presos. Para a definição das áreas de periferia da cidade nos remetemos à classificação, proposta por Marques (2014), de distribuição espacial de grupos sociais segundo estratificação ocupacional e outros indicadores socioeconômicos, que discutimos no primeiro capítulo da tese.

Incluimos também no desenho da pesquisa três (03) casos de controle para aumentar a validade externa dos resultados e, ao mesmo tempo, contrapor aos resultados da análise da pesquisa e investigar suas especificidades<sup>7</sup>. Controlamos os seguintes aspectos do grupo:

i) Alteração da região periférica escolhida para o estudo. Incluimos um caso em que se apresentavam todas os critérios de seleção para o estudo com exceção da localidade específica da periferia escolhida; no caso selecionamos um jovem da região periférica de Guaianazes, na Zona Leste.

ii) Manutenção da moradia em região periférica e faixa etária, mas alteração nos outros critérios. Tratamos neste caso de um perfil de ascensão social; em que a jovem era moradora da Brasilândia, fazia um curso de educação superior com auxílio do Programa Universidade para Todos (Prouni), não tinha envolvimento com o crime e estava empregada formalmente com um salário na faixa imediatamente acima de 1,5 SM.

iii) Manutenção da idade na faixa etária do estudo, mas alteração nos outros critérios. Neste caso, tratava-se de um jovem cuja moradia era numa área não periférica<sup>8</sup>, fazia um curso de educação superior com auxílio do Programa Universidade para Todos (Prouni), não tinha envolvimento com o crime e estava empregado formalmente com um salário na faixa imediatamente acima de 1,5 SM.

Desse modo, realizamos a pesquisa por meio de um estudo de múltiplos casos (ou *small N cases*). A vantagem desse método é a

---

<sup>7</sup> No Apêndice B, apresentamos um quadro com os casos do estudo e de controle com suas características segundo as variáveis usadas para definição do grupo de estudo.

<sup>8</sup> Neste caso trata-se da Vila Prudente que, segundo a metodologia de Marques (2014), era uma área de classe média-média.

possibilidade de obter altos níveis de contextualização – ou permitir o exame detalhado de cada caso – e, ao mesmo tempo, de comparação para verificar argumentos, ideias, afirmações, etc. Além disso, possibilita o destaque de aspectos particulares de cada caso. De acordo com Abott (2004), para este tipo de método, o número de casos pode variar de quatro a doze.

No total foram realizadas sessenta e sete (67) entrevistas no período entre março de 2013 e novembro de 2014. O grau de profundidade variou segundo o número de entrevistas por caso: muito alto (16), alto (08), média (de 02 a 04) e baixo (01). Do total de casos, incluindo tanto o grupo de estudo como o de controle, fizemos um estudo de caso de altíssima profundidade, um de alta, catorze de média e quatro de baixa frequência.

Os casos com maior número de encontros, realizados ao longo de um pouco mais de um ano e meio, nos permitiram principalmente observar deslocamentos ou alterações nas escolhas e/ou rotinas de modo a recolher informações a respeito das formas de pensar entranhadas nas mudanças de orientação, rumo ou caminhos, e as decisões que os jovens tomavam para elaborar ou superar os obstáculos postos pelo problema da encruzilhada. Os encontros com constância média nos permitiram acrescentar uma variação interna ao grupo de estudo, especificamente, a respeito das visões de mundo – opiniões, valores, etc. – a fim de identificar quais aspectos transbordavam às trajetórias individuais. E, finalmente, os encontros com baixa assiduidade se deram no processo eleitoral de 2014 e nos possibilitaram o aumento de registros de votação e intenção de voto.

Nas entrevistas, os depoimentos dos jovens foi auxiliado, em alguns casos, por outros sujeitos em momentos de compartilhar socialmente as lembranças, a interpretação sobre um evento social ou político, expectativas, etc., especialmente por pais e amigos. A partir do roteiro de perguntas<sup>9</sup>, tratamos de como a história pessoal e familiar do jovem, seu percurso de vida e seu presente se conectavam com as suas escolhas e decisões, quais os deslocamentos na sua trajetória, quais são os horizontes que se enunciavam (num processo autobiográfico); de como a política se apresentava na sua visão de mundo e no cotidiano, de aspectos da organização econômica

---

<sup>9</sup> Ver o Apêndice A.

(trabalho, orçamento, consumo), da moradia, de como era o cotidiano, sua rotina, se haviam mudanças nesta ou alterações ao longo do tempo de acompanhamento do jovem – ou se sua rotina varia ou se interrompe em consequência de eventos específicos –, das atividades que realizava de sociabilidade, lazer, ilícitas, de trabalho, de estudos, capacitação profissional, dos principais eventos sociais e políticos ocorridos no bairro em que o próprio jovem se envolveu ou que aconteceram no contexto social e político mais geral (a exemplo de eleições, manifestações, campanhas, mudança de governos). Além dos depoimentos orais, os encontros envolveram acompanhamentos pelo bairro ou pelos lugares em que os episódios lembrados ocorreram, ou que compunham os trajetos rotineiros do narrador. Estes procedimentos envolveram distintos espaços da vida cotidiana do jovem (a casa própria ou de familiares ou vizinhos, a igreja, alguns espaços de trabalho, *shopping*, *Mc Donald's*, etc.).

As observações foram registradas num caderno de campo e os depoimentos foram gravados em áudio e os arquivos correspondentes transcritos integralmente, com exceção de um caso em que foi feita a solicitação para não gravarmos a entrevista. Seguindo Bardin (2004), a preparação do material nos conduziu a uma transcrição exaustiva de cada produção, em que buscamos conservar as informações linguísticas (registro da totalidade de significantes) como paralinguísticas (anotações dos silêncios, onomatopeias, perturbações das palavras e de aspectos emocionais como o riso, o tom irônico, etc.). Cada entrevista foi tratada como uma unidade analítica e, portanto, como uma entrada na sistematização dos dados. Do total das sessenta e sete unidades que constituíram a massa empírica, todas foram trabalhadas pelo método de análise de conteúdo.

Por meio de uma análise temática, iniciamos um processo de identificação de palavras-chave e temas recorrentes nos depoimentos, de modo a estabelecer empiricamente categorias analíticas que passam a compor uma estrutura categorial. Mais do que a dinâmica da narrativa, nesta análise temática, observa-se a frequência dos temas extraídos no conjunto de unidades e aspectos estruturais (a exemplo de termos que acompanham certas palavras-chave) considerados como dados comparáveis ou segmentáveis. Desse modo, recortamos um conjunto de depoimentos por

meio de uma estrutura categorial projetada sobre os conteúdos. Posteriormente, fizemos uma análise de enunciação, em que cada entrevista foi estudada em si mesma como uma totalidade organizada e singular. O depoimento de cada um dos jovens foi analisado à luz da sua biografia. Nesta etapa, diferentemente da anterior, começamos a projetar um campo global de significação. Finalmente, a partir do resultado da análise mais estrutural (na análise categorial) e da totalidade de cada depoimento, buscamos recompor essas informações em uma narrativa final, de modo a dar sentido e resposta aos problemas propostos na pesquisa.

## CAPÍTULO 1: ENTRE O TRABALHO E O CRIME

O objetivo deste capítulo é contextualizar algumas mudanças na centralidade do trabalho para os jovens da periferia, de modo a refletir sobre as condições históricas de formação do nosso problema de pesquisa: a encruzilhada posta aos jovens nascidos nos anos de 1990 entre se envolver no crime ou seguir a trilha do assalariamento. Analisamos essas alterações em dois períodos: o primeiro, aquele que ocorreu da expansão do emprego industrial à entrada do neoliberalismo no país, nos anos 1990; e o segundo, caracterizado pelo processo de ampliação de postos de trabalho na base da pirâmide social já com o lulismo nos anos 2000 (SINGER, 2012). Nesse contexto, a ampliação da economia do crime e seus impactos no envolvimento de jovens em atividades ilícitas, assim como nas suas perspectivas de vida, são o principal contraponto às mudanças que serão aqui desenvolvidas, no grupo de jovens que esta tese estudou.

Examinamos também as transformações no comportamento eleitoral dos mais pobres que, em 2006, passaram a apoiar o projeto encarnado em Lula e no Partido dos Trabalhadores (PT), no que Singer (2012) chamou de "realinhamento eleitoral" das classes sociais. Por fim, apresentamos características sociais, demográficas e econômicas do perfil dos jovens do estudo.

### **1. Do emprego industrial à desagregação dos anos 1990**

A perspectiva de um projeto de vida que se pode caracterizar como "do trabalhador" na situação histórica dos mais pobres se viu fortalecida com a expansão do emprego industrial no âmbito do processo de modernização e urbanização do país<sup>10</sup>. De acordo com a análise de João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais em seu ensaio "Capitalismo tardio e sociabilidade

---

<sup>10</sup> Dedecca e Cunha (2004) apontam que o padrão de industrialização brasileiro foi caracterizado por uma elevada concentração da base produtiva na região Sudeste (DEDECCA e CUNHA, 2004, p.49).

moderna" (2000), entre 1950 e 1979, havia um sentimento mais difuso de que finalmente o Brasil se tornaria "uma nação moderna" (MELLO e NOVAIS, 2000, p.560). Entre 1945 e 1964, segundo os autores, o país viveu momentos decisivos do processo de industrialização com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimento de grande porte. Nesse contexto de transformações econômicas, as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado e se estabelecem novos padrões de consumo, alterando a sociabilidade e a vida cotidiana dos moradores das cidades.

A partir de 1964, no entanto, abandona-se um projeto de integração social, mas se mantém o crescimento econômico<sup>11</sup>. Após o golpe militar, portanto, o projeto nacional desenvolvimentista tem continuidade; mas, com características de modernização conservadora, ligada a um processo de super-exploração do trabalho e "espoliação urbana" (ANTUNES, 1999; KOWARICK, 1983)<sup>12</sup>. Em São Paulo, as décadas de 1960 e 70 foram de intensa e contínua remodelação urbana e de expansão metropolitana, criando grandes distâncias e delineando a franja periférica da cidade. Com isso, tanto o enfrentamento de longos períodos de tempo nos trajetos diários entre a casa e o trabalho, assim como a falta de serviços urbanos nas áreas mais periféricas, se incorporaram à experiência da vida urbana para os trabalhadores (SADER, 1988). A chegada do autoritarismo no país em 1964, desse modo, torna-se um ponto de inflexão com a mudança do "modelo" econômico, social e político de desenvolvimento (MELLO e NOVAIS, 2000). Entretanto, e apesar dessa inflexão, nesse período de 1964 a 1979, "as

---

<sup>11</sup> Nesse sentido, e de acordo com Schwarz (2012), o nacional desenvolvimentismo viu o declínio de um ideário progressista de transformação dos excluídos em assalariados rurais, operários e cidadãos, via reforma agrária e industrialização, e "que prometia reformar o país, acabando com a liga de mandonismo, miséria, clientelismo, subcidadania, etc., que nos separava da modernidade" (SCHWARZ, 2012, p.178).

<sup>12</sup> De acordo com Antunes ([1999] 2009), o padrão de acumulação industrial do capitalismo brasileiro, desenvolvido desde meados da década de 1950, se intensificou após o golpe de 1964 sustentando-se num "processo de super-exploração do trabalho, dado pela articulação de baixos salários, uma jornada de trabalho prolongada (nos períodos de ciclo expansionista) e de fortíssima intensidade, dentro de um padrão industrial significativo para um país subordinado" (ANTUNES, [1999] 2009, p.231-232). Já nos anos 1980, esse padrão teria sofrido as primeiras mudanças organizacionais e tecnológicas no interior do processo produtivo e de serviços, ainda que num ritmo mais lento que aquele dos países centrais. Isso porque até então o Brasil estava relativamente longe do processo de reestruturação produtiva do capital e do projeto neoliberal. Foi a partir dos anos 1990, com Collor, e depois com Fernando Henrique Cardoso, que esse processo se intensificou sobremaneira.

dimensões mais significativas dessa mudança não eram perceptíveis, deixando a impressão de uma continuidade essencial do progresso, manchada, para muitos, pelo regime autoritário" (MELLO e NOVAIS, 2000, p.561). Este otimismo apoiado na continuidade do progresso se encerra, dramaticamente, a partir dos anos 1980. A chamada "década perdida" trouxe a estagnação da economia, a superinflação, o desemprego, a violência e a escalada das drogas até os anos 1990, quando da entrada do neoliberalismo nos país. Neste momento, caem por terra uma série de ilusões a respeito da modernização do país nos moldes do projeto nacional-desenvolvimentista.

Entretanto, no anos 1970 e 80, parecia possível a retomada de um dinamismo político nas ações dos movimentos que lutavam por mudanças sociais e melhorias nas condições de vida das classes trabalhadoras e dos mais pobres<sup>13</sup>. Para Eder Sader (1988), a emergência desses novos sujeitos políticos teriam aberto "um novo período na historia das classes trabalhadoras do nosso país" (SADER, 1998, p.17).

As distintas experiências da condição proletária pauperizada que compuseram o cotidiano popular na periferia de São Paulo – exploração, desemprego, precariedade, migração, acesso a novos bens de consumo, acesso à mídia televisiva, longos trajetos na cidade, o sonho da casa própria – foram reelaboradas e reivindicadas na ação política dos movimentos sociais. O sentido dessa luta era dado por uma narrativa mais geral, que se nutria do ideário do cristianismo das comunidades de base (CEB), do marxismo e do novo sindicalismo (SADER, 1988)<sup>14</sup>. Nas periferias, os recém chegados encontravam moradores de favela organizados para reivindicar serviços básicos e de infraestrutura urbana, principalmente nas Sociedades

---

<sup>13</sup> Lúcio Kowarick (1983) trouxe ao debate sobre os processos de periferização, organização social e classes o conceito de "espoliação urbana". Para ele, colocado no âmbito das lutas sociais, a espoliação urbana entendia-se como uma forma de "extorquir as camadas populares do acesso aos serviços de consumo coletivo" (KOWARICK, 1983, p.73). A extorsão significava tirar ou impedir o acesso a bens e serviços a um grupo que, por razão de caráter social, tem direito. Desse modo, a cidadania relacionada à espoliação urbana supunha a luta pelo exercício de direitos econômicos, políticos e civis, incluindo também o acesso a benefícios propriamente urbanos.

<sup>14</sup> Numa primeira visão de conjunto do surgimento desses sujeitos históricos na década de 1970 e 1980, Eder Sader apresenta o papel de alimentação cultural e política das matrizes discursivas alumbradas por instituições em "crise" que fizeram um processo de reformulação do seu discurso e das suas práticas; crise das esquerdas e a elaboração da "matriz do marxismo de uma esquerda esparsa", crise da Igreja e o "cristianismo da comunidade de base", crise do sindicalismo e a emergência do "novo sindicalismo" (SADER, 1988). Para o autor, os movimentos sociais se constituíram recorrendo a tais matrizes.

de Amigos do Bairros (SAB) e as CEBs (KOWARICK, 1983; CALDEIRA, 1984). De acordo com Caldeira (1984), estas organizações diferenciavam-se entre si em termos políticos. Enquanto as SAB permaneciam mais restritas às questões do bairro, as CEB, dada sua vinculação com a Igreja Católica, tinham uma atuação mais ampla, participando de movimentos sociais (CALDEIRA, 1984).

A respeito do novo sindicalismo, Antunes (1999) ressalta o sentido de contra-fluxo das tendências que se colocavam nos países centrais. Na constatação do autor, o movimento dos trabalhadores e o sindicalismo viviam um momento positivo e forte, que se expressava em um enorme movimento de greves, na expansão do sindicalismo dos assalariados médios e do setor de serviços, na continuidade do avanço do sindicalismo rural, em ascensão desde os anos 1970 – desenvolvido com forte presença da esquerda católica, que influenciou posteriormente o nascimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) – e no nascimento das centrais sindicais como a Central Única de Trabalhadores (CUT), dentre outras (ANTUNES, 1999). Este foi um aspecto fundamental para o fortalecimento da visão de mundo do trabalhador naquele período, ou seja, de uma forma de pensar o *mundo* – de valores, princípios normativos e atitudes – entranhada nas ações práticas das classes populares, que têm como referência material o emprego assalariado.

A força desse momento político é descrita por André Singer como motor do nascimento do Partido dos Trabalhadores (PT):

vindo à luz na crista da onda democrática que varreu o Brasil da segunda metade dos anos 1970 até o fim dos 1980, o PT foi embalado pela aspiração de que a volta ao Estado de direito representasse também um reinício do país, como se fosse possível começar do zero, proclamando uma verdadeira República em lugar da "falsa" promulgada em 1989 (SINGER, 2012, p.87-88).

A promessa de uma vida melhor por meio do trabalho se dificulta com a instabilidade do desemprego dos anos 1980, que deixava os pobres sem perspectiva de progresso. A década de 1990, por sua vez, trouxe o desemprego em massa. Com o início do governo Collor, a globalização retomou e aprofundou o processo de desagregação social e marginalização e, com isso, a perda de centralidade do trabalho e das ações sociais dos movimentos. Na descrição de Francisco de Oliveira:

o novo período que se abrirá na década de 1990 pode ser trabalhado nos termos de Habermas como uma “nova intransparência” – no caso brasileiro, da centralidade dos novos sujeitos produzidos e articulados ao longo de 1964-1990 – para a impossibilidade, provisória, para ser otimistas, de uma nova ação comunicativa (OLIVEIRA, 2007, p.23).

Já nos últimos anos da década de 1980, começavam a despontar as tendências econômicas, políticas e ideológicas que seriam responsáveis, na década de 1990, pela inserção do sindicalismo brasileiro numa onda regressiva (ANTUNES, 1999). Segundo Feltran (2011), o desemprego estrutural e a flexibilização da acumulação produzidos pelos ajustes ao neoliberalismo provocaram uma verdadeira "onda sísmica" que deslocou a centralidade do "projeto de vida do trabalhador" que se enraizava, ainda que de modo embrionário, na cultura popular.

Em resumo, podemos afirmar que houve, ao longo dos anos 1950 a 1979, uma abertura histórica para a organização social e o fortalecimento da visão de mundo do trabalhador com a ampliação do emprego das massas urbanas. Nesse período, o trabalho colocou-se como uma perspectiva para as classes populares que, nos anos de 1970 e 1980, se somou à ação política dos movimentos sociais e dos trabalhadores, levando à criação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Entretanto, a ação política e a organização social desse momento histórico – que estimulou a identificação de interesses comuns entre "trabalhadores", "pobres" e "operários" (CALDEIRA, 1984) – não chegou a conquistar a adesão majoritária dos pobres, nas eleições, a candidatos do PT; ou seja, não se traduziu em um fenômeno de massa e eleitoral de esquerda apesar de encontrar apoio entre eles. Em especial, nas áreas intermediárias da cidade, no caso de São Paulo. Segundo Pierucci (1989), que investigou as bases sociais do voto conservador nas eleições municipais e estaduais na cidade nos anos 1980, o voto janista em 1985 e o voto malufista em 1986 estiveram correlacionados:

(1) negativamente com a escolaridade (sem dúvida o fator crucial); (2) positivamente com a idade (não obstante a presença nada desprezível do voto jovem na eleição de Jânio, os eleitores de Jânio e Maluf foram em geral os mais velhos); (3) positivamente com a não participação na PEA, ou seja, com uma situação de isolamento em relação ao mercado de trabalho (donas-de-casa e aposentados); (4) negativamente com a renda (mas não tão fortemente quanto o voto em Montoro e Quércia, Lula e Suplicy); e

(5) positivamente com a residência em bairros intermediários das zonas Norte e Leste<sup>15</sup> (PIERUCCI, 1989, s.p.).

Desse modo, quanto menor a escolaridade, a renda e o afastamento do mercado de trabalho, assim como quanto maior a idade, maior a probabilidade do voto em políticos que representavam uma direita conservadora, altamente preocupada com questões de segurança, de moralidade, etc. O autor também assinala que os mais pobres e menos escolarizados da capital iriam dividir seus votos entre o candidato situacionista, do PMDB, e o candidato Paulo Maluf, do PDS/União Popular, de oposição pela direita. Entretanto, os resultados apontaram para uma diferença entre os pobres; entre aqueles moradores de regiões periféricas, e os do centro da cidade, ou que moravam próximo a áreas mais ricas. No primeiro caso, a preferência era pelo candidato Orestes Quécia (PMDB) e no segundo por Paulo Maluf (PDS). Além disso, entre os moradores da periferia via-se uma tendência de aumento do apoio a Eduardo Suplicy (PT), sobretudo entre aqueles que eram mais escolarizados e mais jovens, e de queda de votação em Maluf.<sup>16</sup>

Em termos mais gerais, Singer (2009) mostra que nas eleições presidenciais de 1989 os mais pobres favoreceram o candidato Collor (PRN), sendo que os setores da classe média – setores médios das classes trabalhadoras, setores organizados em sindicatos, intelectuais, funcionários públicos, estudantes etc. – teriam apoiado Lula (PT). Segundo o autor, havia entre os mais pobres um rechaço às greves que vinham crescendo desde finais dos anos 1970 no âmbito do novo sindicalismo. E nesse sentido, Lula era o candidato que figurava esta ampliação de manifestações. Ao mesmo tempo, esse grupo mais pauperizado concordava com o uso da força do

---

<sup>15</sup> Segundo Pierucci (1989), os redutos janistas se localizavam em áreas de classe média baixa. Os mais ricos e os mais pobres, na periferia da cidade não tinham se mostrado permeáveis à campanha do candidato do PTB. Para esses grupos, notadamente da Zona Leste de São Paulo, o local de moradia em áreas intermediárias entre o centro da cidade e a periferia representava um traço de inferiorização de *status*, que os impedia se identificar com os mais pobres e ao mesmo tempo ressentiam-se pela distância em relação aos "mais ricos, chiques, etc." Nestas população, encontraram lugar as interpelações autoritário-moralistas de Jânio Quadros em função do que ele chamou de "discrepância de *status*" entre um renda média, escolaridade baixa e residência "mal localizada".

<sup>16</sup> De acordo com os dados de Pierucci (1989), o agrupamento de regiões mais pobres da Zona Norte da capital, onde se localiza a nossa região de estudo, apresentou a seguinte votação: Orestes Quécia (31,8%), Antônio Ermírio de Moraes (21,7%), Paulo Maluf (20,1%) e Suplicy (12,1%).

Estado para acabar com as greves. O rechaço às greves entre os mais pobres era maior do que entre os mais ricos (SINGER, 2009).

Como já tinha demonstrado Singer (2000), no Brasil, historicamente, a orientação ideológica, expressada em votações pelos mais pobres, foi à direita. Na sua explicação, a clivagem direita-esquerda não se organiza em torno da adesão ou não a mudanças na direção da igualdade, como nos países centrais do capitalismo, mas na forma de como atingir essa igualdade. Na explicação de Singer:

a localização à direita está associada à ideia de reforço da autoridade do Estado para promover as mudanças igualitárias, de modo que elas ocorram *sem prejuízo da ordem (e talvez até com exacerbação da ordem)*, a localização à esquerda está vinculada a uma contestação da autoridade do Estado na sua função repressiva em relação aos movimentos sociais que visam a produzir transformações na direção da igualdade. Em outras palavras, a localização à esquerda está associada a imaginar as mudanças por meio da mobilização social, ainda que isso represente um perigo de desestabilização da ordem. Alternativa que a direita recusa (SINGER, 2000, p.20).

Entraria em cena, assim, a relação ordem e desordem. O autor enfatiza que, do ponto de vista do "subproletariado"<sup>17</sup>, ou seja, da fração não organizada da classe trabalhadora – incluindo os que se encontram fora do mercado de trabalho, população pauperizada, etc. –<sup>18</sup>, seriam necessárias mudanças igualitárias, mas sem prejuízo da ordem. Este seria o ponto nevrálgico do populismo brasileiro, que busca mudanças nas condições de vida dos mais pobres por meio do Estado, ou seja, na outorga de direitos e nas ações de cima para baixo<sup>19</sup>. De acordo com Caldeira (1984), ainda nos anos 1980, a ideia de greve contra os patrões entre os pobres era mais rara do que aquela dirigida contra o governo, já que este era, em último caso, o

---

<sup>17</sup> Singer se refere a esse grupo como uma fração de classe, que seriam "aqueles que oferecem a sua força de trabalho no mercado sem encontrar quem esteja disposto a adquiri-la por um preço que assegure sua reprodução em condições normais" (SINGER, 1981, p.22 apud SINGER, 2012, p.98). Segundo o autor, o subproletariado tende a um comportamento de massa na medida em que não logra conscientizar-se para a ação coletiva.

<sup>18</sup> Como apontava Pierucci (1989), a situação de isolamento do mercado de trabalho mostrava-se como um fator positivamente relacionado ao voto em candidatos de direita.

<sup>19</sup> É importante assinalar que no período desenvolvimentista, até início dos anos 1960, acreditava-se na incorporação dos excluídos do mercado formal de trabalho à economia, que constituía uma promessa de mobilidade social. A carteira de trabalho significava o passaporte para o acesso ao sistema de proteção social brasileiro, cabendo à filantropia e a serviços residuais do Estado o atendimento aos extremamente pobres (COHN, 2004).

detentor das mudanças (CALDEIRA, 1984).<sup>20</sup> Vejamos essas duas dimensões de transformações feitas pelo Estado, ou seja, por cima, e da esfera da ordem como elemento privilegiado da visão de mundo dos mais pobres.

Do ângulo da assimetria entre o poder do Estado e a sociedade, as expressões individuais se sobrepõem às de classe. De acordo com Weffort (1978),

as relações políticas que as classes populares mantiveram com o Estado e com as demais classes nos últimos decênios da história brasileira foram relações predominantemente individuais e nelas o conteúdo de classe não se manifesta de forma direta. Foram relações individuais de classe, mas o específico dessas relações é o mascaramento de seu conteúdo de classe de tal modo que a possível significação classista aí presente não pode ser entendida sem que se passe primeiro por suas expressões individuais (WEFFORT, 1978, p.72).

Um dos elementos importantes da relação política populista é que os que possuem uma posição de poder no sistema institucional (Governador, Presidente, etc.) podem "doar", seja "uma lei favorável às massas, seja um aumento de salário, ou mesmo, uma esperança de dias melhores" (ibid., p.72). Nesse momento, a figura política se apresenta como um protetor criado para casar com a ordem. Mas Weffort traz um contraponto que tornaria a relação do populismo com as massas aparentemente paradoxal. Vejamos:

estabelecida a legislação do trabalho como direito, quando um assalariado reivindica o cumprimento de determinado requisito legal, aquela relação originária de "doação" (e portanto de dependência) desaparece. O que passa a contar agora é o cidadão que reivindica o cumprimento da lei, que reivindica "seus direitos" de homem livre na relação de trabalho. E nós podemos então perceber que na relação política, a "doação" e a dependência que ela implica é apenas um dos lados do problema. De fato, o que essa relação paternalista com o líder e massas contém, de essencial, do ponto de vista político, é, apesar da típica assimetria de todo paternalismo, o reconhecimento da cidadania das massas, o reconhecimento de sua igualdade fundamental dentro do sistema institucional. E a melhor prova dessa igualdade é a relação de identidade que as massas estabelecem com o líder, cidadão de outra classe social que se encontra nas funções do Estado (id., 1978, p.73).

Essa ambiguidade que Weffort aponta na presença de uma relação de favor que veicula a dependência e, ao mesmo tempo, a igualdade promovida

---

<sup>20</sup> A incorporação das massas populares ao jogo político foi feita também de cima para baixo, como explica o autor, sem que tenham conseguido um mínimo de autonomia "ao estarem tutelados por representantes de alguns dentre os grupos dominantes" (WEFFORT, 1978, p.68).

pelo reconhecimento dos direitos das massas populares seria o aspecto "contraditório" que envolvia um aspecto atrasado, como todo paternalismo, e um mais avançado, de reconhecimento da igualdade.<sup>21</sup>

Na formação política populista observa-se que há uma sobrevalorização da identidade como pobre, em detrimento daquela de trabalhador, e uma relação individual de classe. Isto também acontece porque o consumo e os benefícios econômicos passam a ser a reivindicação principal e a forma de incorporar os populares no arranjo de alianças entre classes junto com a outorga de direitos sociais. Nesse sentido, os estudos sobre o populismo e as classes sociais no Brasil e na América Latina trazem um aspecto fundamental da transformação do capitalismo do século passado: a incorporação das massas ao mercado de consumo.

Weffort (1978) destaca a importância da valorização do consumo nas modernas "sociedades de massa" para entender o comportamento social na pressão popular, que decorre das possibilidades de consumir e a significação econômica e política do "redistributismo", frequentemente associado a políticas de tipo populista.<sup>22</sup> Cardoso e Faletto (1979) ao analisar o populismo varguista e a aliança política entre classes para o desenvolvimento interno do país, afirma que este populismo se apresenta como um fenômeno mais ou menos vago de incorporação das massas urbanas à nação, mas sem implicações no fortalecimento da organização sindical e da luta pela elevação dos salários, em comparação com o populismo peronista. Mais do que uma

---

<sup>21</sup> Esta "ambiguidade ou contradição" lembra um ajuste numa "unidade contraditória", o que Maria Sylvania de Carvalho Franco ([1969] 1997) revela na aparente contradição das relações de dependência dos homens livres e as ideias liberais de igualdade que chegavam ao Brasil com o fim da escravidão. Nesse momento, novamente, o paternalismo conservador se encontra com os direitos sociais e políticos num ajuste que favorece às classes dominantes na proposta de conciliação de classes do populismo.

<sup>22</sup> Weffort traz outro aspecto fundamental sobre a sociedade de massas, para a compreensão da visão de mundo dos pobres, ao se referir à defasagem entre desenvolvimento da democracia e cultura de massa sobre o desenvolvimento econômico, a partir das considerações de Alain Touraine sobre a situação operária no Brasil. Na análise das condições do populismo de Touraine, segundo Weffort, os meios de comunicação teriam elevado as aspirações do seu público. De forma repentina, os efeitos da modernização (eclosão dos centros urbanos no país, a ruptura democrática com uma democracia limitada pelos grandes proprietários, a massificação dos meios de comunicação) moviam-se por uma grande energia, vinculada à elevação das aspirações, cuja implementação é fácil e barata (rádio, cinema e os ideais dos direitos dos homens, constituições), sem o acompanhamento da expansão econômica que permanece atrasada. Elevam-se, assim, as aspirações por sobre as possibilidades de satisfação (WEFFORT, 1978). Nesse período, então, parece ter se aprofundado um descompasso entre as aspirações de integração ao mercado de consumo dos pobres e a realidade econômica.

definição econômica dos direitos dos trabalhadores, o populismo varguista era um:

movimento político em favor dos 'humildes' no qual os valores de massa, com seus pressupostos de benefícios econômicos, terão preponderância sobre os de classe; a debilidade social da classe operária emergente a dilui no conjunto da massa urbana. Dentro desse panorama, a contradição entre a necessidade de acumulação de capitais e a pressão redistributiva parece menos acentuada durante a etapa de industrialização substantiva (CARDOSO; FALETTTO, 1979, p.106).

Desse modo, os autores criticavam os resultados do populismo varguista, ao apontar o efeito desmobilizador no interior das classes populares. Ao invés do fortalecimento de uma identidade de trabalhador, promovia-se sua dissolução numa identidade de pobre ou "humilde" na massa urbana. De acordo com Weffort (1978), a particularidade do populismo está em que nenhum dos seus grupos componentes aparece como representante dos interesses gerais de classes a que pertencem. O fato das classes populares, e dentro dela os operários, tenderem a se dissolver na massa, o autor exemplifica na comparação entre Perón e Vargas. Para ele, seus seguidores se identificam entre si no plano político – excluindo o plano sindical – mais como “peronistas” ou “getulistas” que “como indivíduos que partilham uma situação de classe comum ou que, tratando-se de pessoas pertencentes a classes diferentes, reconheçam os interesses de classe envolvidos na aliança” (WEFFORT, 1978, p.101).

Nesse sentido, o autor esclarece um aspecto fundamental da identificação do povo com o líder ou partido no populismo. Esta não se reduziria apenas à identificação pessoal, mas a partir de uma referência a uma situação social comum das classes populares, a uma semelhança de participação no consumo, em detrimento da identificação por relações determinadas com a produção. Nas suas palavras:

essa identificação da massa com o líder, ou com o partido, não se reduz à mera identificação pessoal; na realidade, traz evidências de se constituir a partir de alguma referência na situação social comum das classes populares, definida muito mais em níveis semelhantes de participação no consumo do que nas relações determinadas com a produção. Isso, porém, não nega o fato de que na complexa aliança de grupos de classes diferentes que se estabelece com o populismo, tudo se passa como se cada grupo esquecesse sua situação real de classe (id., 1979, p.101).

Desse trecho se desprende que havia um movimento pendular na relação das massas populares com a forma política do populismo; entre personalismo e massa. Em outro momento de análise comparativa entre o comportamento das classes populares na Europa e durante o período populista na América Latina, Weffort aponta que estas (incluindo as classes operárias) não se representam na política como classes, mas são representadas por líderes ou partidos que vêm de classes superiores. Nesse quadro, não expressam ou criticam explicitamente o modo de produção capitalista, mas manifestam uma pressão sobre o consumo que "não esclarece, no nível da sua consciência, as conexões econômicas entre consumo e produção" (ibid., p.102).

Do ângulo da visão de mundo e do senso comum das classes populares, a concepção da ordem para melhorar as condições de vida encontrava afinidade com uma concepção de "trabalhador" ou "pobre" numa chave moral, que resgatava a dignidade pessoal e afastava o sujeito popular das referências mais coletivas da sua própria classe.<sup>23</sup> Teresa Caldeira, em seu trabalho "A política dos outros", realizado na periferia de São Paulo nos anos de 1979 e 1980, revela que a noção de cidadania estava ligada à ideia de outorga mediada pelo cumprimento da ordem. Ou seja, os direitos não seriam universais, ao contrário, seriam apenas disponíveis para quem "é direito". A ideia de uma formação "cívica" e da necessidade de educação mostrava-se como requisito de inclusão e, ao mesmo tempo de distinção. Desse modo, criava-se uma divisão entre os iguais, cuja medida é moral e cívica: honestos e desonestos. Vejamos o relato da autora:

Por outro lado, sugeri que, nas representações dos entrevistados, esses direitos só estão disponíveis para quem "é direito" e que nesse reconhecimento está implícita uma distinção. Creio que agora essas observações podem ser ampliadas. De fato, o que indica o conjunto de depoimentos do grupo 1 e o que Paulo diz explicitamente é que não são todos os que são cidadãos – grande parte do povo "não tem cultura", não sabe se comportar como cidadão, "bagunça", "xinga", parte para "atos agressivos", ou seja, age de uma maneira tal que não vai conseguir atingir seus

---

<sup>23</sup> Roberto Schwarz em "Ao vencedor as batatas" ([1977] 2012b) trata detalhadamente desta perspectiva ideológica da afirmação da dignidade dos mais pobres no pensamento conservador. De acordo com Schwarz, encontram-se nas personagens de Machado do primeiro período, uma ideia de "agradar" e dar prova de mérito para o reconhecimento dos dependentes. A ascensão social das personagens busca-se com cuidado de evitar a degradação nem da pessoa nem da ordem, como pura decorrência da estima em âmbito familiar.

objetivos e ver suas reivindicações atendidas. Apenas alguns sabem o que e como reivindicar – são aqueles que aprenderam, que têm uma "formação moral e cívica". E pode-se afirmar, creio que sem exagero, que ter essa formação é sempre sentido como algo que confere distinção e importância, dignidade como afirmam (CALDEIRA, 1984, p.263).

Esta visão consagra a dignidade individual em oposição ao direito universal. É por meio de "um bom comportamento" que o cidadão pode ser ouvido e não pelas suas reivindicações. Desse modo, havia uma distinção entre as classes populares que se organizava pelo aspecto moral e tirava universalidade dos direitos. Dito de outro modo, particularizavam-se os direitos e se generalizava a lógica do favor na outorga de benefícios econômicos por parte do Estado apenas àqueles que os mereciam. Na perspectiva da moralidade, há uma preocupação com a desonestidade e com as pessoas que buscam tirar vantagens das situações que enaltecem a ordem. Cabe à moralidade a limpeza da corrupção para restituir a honestidade seja no governo, seja entre os cidadãos. De acordo com Caldeira (1984), esta perspectiva justificava a crítica das mudanças pelo caminho da "desordem" ou das mobilizações sociais; "comportar-se como cidadão é mais do que usar os canais de expressão e manifestação, ou seja, os meios de conseguir mudanças e a satisfação de seus interesses; ser cidadão é ser um homem digno" (ibid., p.263). Este pensamento formava, segundo a autora, uma circularidade que se fechava em si:

mesmo frente ao reconhecimento de todos os abusos de poder e de desrespeito às regras da cidadania, não saem fora do modelo. Mas há que lembrar que quem desrespeita as regras é o governo, e não eles, que não perderam a sua dignidade. E esta eles manterão a tudo custo, como esperança de que o governo também recupere a sua (ibid., p.263).

Nesta perspectiva, o cidadão se distingue radicalmente do "marginal", indo na direção oposta de um pensamento que admite as contradições da realidade que rodeia os pobres e que envolve precariedade, violência etc. Observa-se uma unilateralidade que rejeita qualquer mudança ou alteração do *status quo* quando são estipuladas valorações positivas para o campo da ordem (cidadãos) e negativas para seu oposto (marginais). De acordo com Caldeira, na visão do cidadão conservador, o "marginal" não pode almejar

um tratamento com humanidade por parte dos poderes públicos. A justiça é então avocada para garantir a distinção para fazer com que os tratamentos sejam diferenciados. E, ao que parece, só os

cidadãos mereceriam um tratamento com mais "humanidade", o fato de este não existir é que transforma todos em marginais (ibid., p.263).

Esta perspectiva, portanto, reforça as relações de dependência e submissão, na medida em que se deve provar a alguém que se é merecedor para receber os "direitos", como assegura a autora: "em um caso ou em outro esta se aplica na esfera das relações pessoais, que é aquela em que se conferem privilégios e distinções, e em que é necessário primeiro provar que se é bom para depois ser merecedor dos 'direitos'" (ibid., p.233).

Essa perspectiva do conservadorismo popular se mostra a favor das mudanças por meio do Estado e, ao mesmo tempo, individualiza a relação de outorga numa chave moral. Distingue-se desta visão, como buscaremos mostrar, uma concepção de ordem ligada à ideia de progresso.

A visão de mundo do trabalhador sedimenta na consciência popular no período histórico no processo de modernização e urbanização da sociedade brasileira, entre a ampliação do emprego industrial e a ação política dos movimentos sociais e dos trabalhadores dos anos 1970 e 1980. Localizada na esfera da ordem, esta visão apresenta uma ideia de progresso traduzida na frase "melhorar de vida", à qual a ordem serve na organização de um projeto de vida. A respeito do futuro, neste caso, observa-se uma abertura e a presença da ideia de construção. Desse modo, a ordem, presente nas expectativas dos mais pobres, responde tanto a um aspecto moral, como material, sendo que no primeiro se afasta das referências comuns ao seu grupo social, e no segundo observa-se uma aproximação a essas mesmas referências.

Analisemos agora, com mais detalhes, a afirmação de que a visão de mundo do trabalhador trazia a perspectiva de uma vida melhor baseada no emprego industrial. Este é um ponto nevrálgico e material dessa visão que, como veremos, com a chegada do neoliberalismo, foi desfalcado. Para Sader (1988), a experiência proletária em São Paulo entre os anos 1970 e 1980 teria sido marca do que nomeou "voragem do progresso", dado o crescimento vertiginoso da metrópole que provocou transformações ininterruptas. Neste caso, o autor refere-se ao progresso na dimensão exterior e independente da vontade do indivíduo:

é o progresso que é vivido como um processo objetivo, com vida própria, que traz melhorias para os que sabem (ou podem) aproveitar-se dele, mas também traz perdas e sacrifícios para os que não conseguem pegá-lo pelo lado certo (SADER, 1988, p.66).

Hirata e Telles (2007) apontam que o "progresso urbano" também foi acompanhado pela ampliação das ligações clandestinas e o "reinado das gambiarras". Para estes autores, este movimento não seria novidade e estaria ligado ao descompasso entre o que chamaram de "cidade legal" e "cidade real" que preserva a irregularidade nas áreas periféricas. Portanto, no conjunto, há uma combinação disparatada dessa dualidade, cujo sentido é perverso e sua formulação já conhecida: a modernidade se reproduz por meio da exclusão e da ilegalidade das áreas mais pobres.

O progresso era elaborado e também instalava-se na visão de mundo de pobres e trabalhadores. A métrica da melhoria tanto da vida, como do bairro, se dava pelo passado; o bairro que não tinha serviços básicos, o homem e a mulher que migraram para sair de condições de pobreza extrema<sup>24</sup>. A dimensão da ordem aparece como princípio para organizar a vida e o núcleo familiar em um projeto de vida sustentado materialmente pelo emprego industrial. No plano das representações, portanto, o trabalho era o *caminho* para "melhorar de vida" (CALDEIRA, 1984). O projeto se dava numa forma sequencial, na contramão da experiência histórica dos pobres, de interrupções e instabilidades que os rodeiam. De acordo com Feltran (2012), apresentava-se à família operária um plano semelhante a "um verdadeiro *script*", nas palavras do autor, ou etapas a serem seguidas:

Elementos já explorados na literatura sobre a família operária desde os anos 1980 aparecem em sequência: trata-se de um arranjo familiar estruturado em torno de um projeto de ascensão social pelo trabalho, com a religiosidade popular cristã (católica e, por vezes, protestante) imprimindo o código moral de coesão entre os membros. Os papéis de cada um na família são bem

---

<sup>24</sup> Gramsci trata da distinção entre devir e progresso na "Introdução ao estudo da filosofia", apontando as seguintes características: "na ideia de progresso, está subentendida a possibilidade de uma mensuração quantitativa e qualitativa: mais e melhor. Supõe-se, portanto, uma medida 'fixa' ou fixável, mas esta medida é dada pelo passado, por uma certa fase do passado, ou por certos aspectos mensuráveis, etc. (Não que se deva pensar em um sistema métrico do progresso). Como nasceu a ideia de progresso? Este nascimento representa um fato cultural fundamental, chamado a marcar época? Creio que sim. O nascimento e o desenvolvimento da ideia de progresso correspondem à consciência difusa de que se atingiu uma certa relação entre a sociedade e a natureza (incluindo no conceito de natureza o de acaso e o de 'irracionalidade'), relação tal que os homens, em seu conjunto, estão mais seguros quanto ao seu futuro, podendo conceber 'racionalmente' planos globais para sua vida" (GRAMSCI, Caderno 10, §48, p.403).

estabelecidos, delineados, acima de tudo, pelo gênero e pelo respeito aos mais velhos. Os filhos devem estudar e a família se desdobra para garantir o estudo, que proporcionaria um futuro melhor para eles. A passagem de gerações corresponde a aumento de escolaridade e acesso muito maior a bens e serviços, até porque, nesse caso, a trajetória do grupo se dá em um contexto de franca modernização e abertura de mercados (FELTRAN, 2012, p.96).

Era importante transmitir aos filhos esse projeto, para concretizar o que, sustentado no tempo, se traduziria em uma melhoria de vida. Nessa passagem, tomava-se cuidado para manter uma separação entre a casa e a rua, de modo que a primeira servisse como espaço de cuidado e oposição à criminalidade, que podia levar os jovens da família a um "descaminho". A perspectiva temporal era, portanto, de longo prazo. De acordo com Caldeira (1984), inclusive os entrevistados mais jovens sabiam que o progresso era uma questão de anos, que requeria um esforço contínuo por um grande período de tempo. Para os pobres, "a vida melhor é algo a ser conquistado, e é o que se persegue continuamente, com a crença de que será conseguido" (CALDEIRA, 1984, p.168). Podemos dizer que a paciência era um aspecto central da temporalidade no ideário do trabalhador. Segundo a autora, ainda que os pobres apontassem o tempo todo as dificuldades,

o fato é que não só os entrevistados acreditam que a melhoria é possível, como chegam a tomar o progresso como algo mais ou menos inevitável, como uma consequência necessária, que se seguirá 'logicamente' para aqueles que cumprirem as etapas requeridas (ibid., p.168).

As etapas, portanto, formavam o "caminho do trabalhador" e elas aconteciam ao longo da vida. Desse modo, Caldeira também nota a fé posta no *script*:

o progresso virá provavelmente depois de muitos anos – para quem souber seguir à risca a ética da austeridade e do esforço, ou seja, para quem trabalha duro, inclusive no fim de semana, e 'pensa', faz sacrifício, sabe economizar; para quem confia em Deus e conta com a sua proteção; para quem não poupa esforço para estudar e dar estudos para os filhos e, com isso, consegue um emprego melhor (ibid., p.169).

A religiosidade cristã veiculava a fé à esperança de que, com ajuda de Deus, tudo daria certo. Na síntese de Feltran, havia naquela época "um plano de experiência mais amplo, que se apresentava aos trabalhadores já instalados em São Paulo no período" (FELTRAN, 2012, p.97). Retomando a ideia de progresso, esta figurava numa sequência de etapas, que no conjunto

formava um caminho de longo prazo, e que, se seguido com paciência e fé permitiria melhorar de vida. Trazia, com isso, uma abertura para o futuro que se encarnava em planos mais amplos para a vida.<sup>25</sup>

Para Sader (1988), na experiência da condição proletária em São Paulo, o trabalho ligava-se à família como núcleo de referência básico. O trabalho de cada um era visto como a forma de "ajudar" a família, em que todos se apoiavam. O autor afirma que, na visão de mundo dos trabalhadores, os elementos recorrentes são:

a oposição trabalho-família; o valor da dedicação à família, a projeção nos filhos; a moral. No seu caso o trabalho e a família aparecem com os dois pólos da sua experiência. Mas o trabalho só pode ter significado em função da família, porque nele mesmo jamais será reconhecido pelo que fizer. Sua finalidade é a família, a quem deve se dedicar. Através dela ele constitui uma história e seu lugar nela, entre seus pais e seus filhos. Nela ele vê sentido para sua dedicação (diferentemente da dedicação que teria no trabalho), voltada para a preparação dos filhos. O objetivo da dedicação à família é assim a própria família, o que a confirma como um valor em si mesma. E a preparação dos filhos tem por referência uma ética de honestidade e de utilidade para a "sociedade" (...) o que lhe interessa é a "sociedade" enquanto referência ideal e não a sociedade empiricamente observada e que se manifesta através dos patrões, chefes e supervisores. Fecha-se assim o círculo de uma visão de mundo que começa e termina com a família (SADER, 1998, p.104).

Desse modo, a família era uma referência fundamental na visão de mundo do trabalhador, e organizava seus valores centrais.

Ao mesmo tempo, no período de 1970-80, havia um encontro dessas famílias com o catolicismo das comunidades de base, das quais participavam jovens e mulheres. Nas próprias reuniões das CEBs discutia-se a reivindicação de melhorias para o bairro e a luta por direitos. Para a construção e equipamento da casa, contava-se com o trabalho do núcleo familiar e para a melhoria do bairro, com a ação coletiva. Assim, o progresso era medido pela melhora interna e externa à própria casa e havia um aspecto coletivo e organizativo em ambas as dimensões.

Como mencionamos, a medida para avaliar o progresso era o passado. Entretanto, é importante destacar que o ponto inicial de medida do

---

<sup>25</sup> Seria possível talvez apontar que este era o aspecto utópico da ideologia do trabalhador. De acordo com Figueiredo (2008), a utopia, no plano da mentalidade, é uma "tendência básica à antecipação, uma abertura e uma disponibilidade para o futuro independente de qualquer projeto político social determinado, embora, sem dúvida, comportando a esperança de uma *vida melhor*" (KELLNER, 2002 apud FIGUEIREDO, 2008, p.160).

progresso era muito baixo, dada a falta de quase tudo: dinheiro, direitos, casa. Portanto, os ganhos e conquistas tinham grande impacto na percepção de melhoria de vida. Uns dos principais aspectos mensuráveis eram i) a melhoria material da família; a casa própria e os bens para equipá-la internamente, e ii) a melhoria do bairro; infraestrutura, serviços urbanos e legalização dos terrenos. Neste último, havia uma comparação não só com o passado, mas também com as áreas mais consolidadas da cidade, ou seja, que não eram periferia. A respeito da primeira dimensão, Caldeira (1984) aponta:

a maneira de se 'medir' a melhoria de vida é, de um modo geral, o *consumo*, o ter e ou conseguir 'as coisas'. O progresso de cada um costuma ser sempre avaliado em termos reais por algo a mais que se consegue comprar, que pode ser desde coisas absolutamente essenciais, como uma cama para cada um, até a casa própria que, com o passar do tempo, vai sendo progressivamente melhor equipada e ficando mais confortável (ter ou não geladeira ou carro, forma de distinguir as famílias). Na verdade, pode-se dizer que o projeto de ascensão social é definido por cada um ou por cada família em termos de ampliação do consumo. E assim projeta-se a longo prazo obter a casa própria e, em períodos menores, comprar um liquidificador e um toca-discos (CALDEIRA, 1984, p.169).

Deste trecho, depreende-se que o consumo era um elemento central na constituição da dimensão da ordem e do projeto de vida. A aquisição de bens materiais estava ligada à capacidade de organização da vida numa forma etapística: o acesso a bens, consolidação e reposição (comprar a geladeira, fazer a reforma da casa, trocar a TV, trocar o sofá, etc.) e se inseria numa sequência que oferece ao sujeito os passos a seguir. Na segunda dimensão, buscava-se a integração à cidade, aos serviços e ao comércio que a "cidade legal" dispunha.

O sustento material deste projeto de vida, como dito, era o salário que vinha do trabalho formal. Portanto, era a forma dos pobres conseguirem dinheiro e acesso ao mercado de consumo. No ideário do trabalhador, o salário era bi-frontal. Por um lado, representava a participação no consumo e por outro, o nível do valor do trabalho na sociedade. Se tomamos essas dimensões de forma separada, a primeira afirma a identidade de pobre, e a segunda, de trabalhador. Entretanto, ambas se encontram relacionadas nessa visão de mundo, que as reúne em um projeto de vida sustentado pelo trabalho formal. Observemos a descrição desses aspectos feita por Caldeira (1984):

O modelo (projeto de vida) é contraposto à realidade, por exemplo, sob vários aspectos referidos ao *trabalho*, e que só podem ser separados analiticamente. Três deles são especialmente importantes: 1) a qualificação para o trabalho; 2) o valor do trabalho; 3) o que se pode obter como o resultado do trabalho. Os três estão ligados à categoria *salário* e se expressam na discussão de alguns temas. O primeiro aspecto é tratado pelos entrevistados quando falam da importância do estudo e das dificuldades que atualmente as pessoas encontram para estudar e obter maior qualificação; a relação com o salário está no fato de se reconhecer que quem tem mais estudo pode conseguir um salário melhor. A este nível o foco da discussão é, sobretudo, o das estratégias individuais para ascender. O segundo aspecto é discutido através do nível de salários existente na sociedade, e da maneira de determiná-lo; aqui, a ênfase não é tanto na estratégia individual, mas no aspecto social da valorização do trabalho. O terceiro aspecto, que trata do consumo, é discutido através da questão do custo de vida e sua relação com o nível dos salários; aqui a ênfase é na dimensão social do problema (ibid., p.185).

Desse trecho, nota-se que há uma diferença na concepção de mobilidade social que aproxima os indivíduos das referências da classe média e os afasta da referência de seus grupos sociais, que se centram nas estratégias pessoais para ascender socialmente de qualificação. Aqui, nesse primeiro aspecto surge a educação como forma de buscar empregos mais bem remunerados, assim como a valorização do esforço individual. O segundo e terceiro aspectos, do valor do trabalho; e do consumo e custo de vida, estão ligados a uma dimensão coletiva, ou seja, a uma referência comum. De acordo com a autora, na primeira dimensão se coloca a questão da diferença interna às classes subalternas e na segunda o reconhecimento de uma dimensão coletiva:

Como já ressaltai antes, a divisão do mundo entre pobres e ricos é, na representação dos entrevistados, a mesma que opõe os que precisam e os que não precisam trabalhar. À identidade de pobres eles associam sempre a de trabalhador. Pensar o trabalho significa fazer referência a dois níveis da realidade, intimamente relacionados. De um lado, o nível individual, do trabalhador que individualmente se aloca no mercado de trabalho, que tem uma profissão, recebe um salário e traça estratégias para vir a ganhar mais ou ter maior prestígio – este plano tem como referência principal o projeto de ascensão social. De outro lado, o nível social, do conjunto de trabalhadores, da taxa geral de salários, e que faz referência ao funcionamento da sociedade como um todo e ao papel que nela tem o governo. No primeiro plano se estabelecem diferenças, no segundo, se generaliza (ibid., p.186).

A esse respeito, Souza e Lamounier (2010) apontavam que a educação tornou-se "o símbolo por excelência da classe média" e é vista como um dos principais fatores de ascensão social. Para os indivíduos desse grupo social, o empenho individual – visto nos estudos, em trabalhar duro e

conhecer as pessoas certas – integra a via de se alcançar posições sociais mais valorizadas, ou *status*. Ao mesmo tempo em que desvaloriza-se a chance propiciada pela desigualdade social – "nascer em família rica" – , ou seja, abstraindo as condições sociais em que se inserem os indivíduos na sociedade em geral como determinante da mobilidade (SOUZA; LAMOUNIER, 2010). De acordo com Mello e Novais (2000), no processo de modernização, de 50 a 79, à valorização da profissão e do trabalho, soma-se o valor social. Por isso, a importância da educação no projeto de ascensão social que se coloca no horizonte de expectativas nesse período, tendo a família como empreendimento cooperativo para se alcançado.

Além disso, os padrões de consumo integrariam entre os mais pobres a referência de aproximação com a classe média e integrado à sociedade moderna. Nesse sentido, a televisão e a telenovela em particular, ofereciam, já nos anos 70<sup>26</sup>, um repertório do que significa ser moderno a partir da dramatização do cotidiano das famílias de classe média urbana, especialmente, do Rio de Janeiro e São Paulo: "personagens usam telefone sem fio, celulares, faxes, computadores, trens, helicópteros, aviões, meios de comunicação e de transporte que atualizam de modo recorrente os padrões do que significa ser moderno" (HAMBURGER, 2000, p.443).

A referência à oposição entre ricos e pobres, na citação de Caldeira, trazia a compreensão da existência de desigualdades sociais e a referência às condições sociais. É por isso que a participação no consumo não excluía a preocupação com o nível dos salários. O salário parece ser onexo entre trabalhadores e pobres. Ou seja, opera-se desse ângulo uma relação que identificamos baseada no consumo e na distribuição do dinheiro e, ao mesmo tempo, na preocupação do valor do trabalho na sociedade. Em ambas as dimensões, a referência era aos iguais: pobres e trabalhadores.

Esta visão do "trabalhador" mostra-se distinta da concepção de "povo", em que há uma sobrevalorização da identidade como pobre, em detrimento daquela de trabalhador, que surge da adesão passiva à formação política

---

<sup>26</sup> Segundo os dados de Hamburger (2000), "a partir do início da década de 70 e por cerca de vinte anos, as novelas transmitidas pela Rede Globo demonstraram alto potencial lucrativo. Elas atingiram um público diversificado em média de 40% e 60% dos domicílios com televisão, composto de homens e mulheres de todas as classes sociais e recantos dos país, feito raro para um programa de televisão comercial".

populista. Nessa perspectiva, há uma espécie de antinomia indivíduo/massa que impede a formação de uma consciência de classe trabalhadora. As classes populares se relacionam individualmente com o poder (encarnado na figura do líder, do Estado) – na lógica do benefício e merecimento que particulariza direitos universais – e se unificam como massa na participação do consumo.

O salário, portanto, do ponto de vista da ideologia do trabalhador, reúne tanto a dimensão do consumo, como a da produção (na preocupação com o valor do salário na sociedade e na aceitação da greve como ferramenta de luta) num projeto de melhoria de vida. A revitalização do sindicalismo nessa brecha histórica foi fundamental para o fortalecimento deste último polo e para o esclarecimento das relações econômicas entre consumo e produção. Por um lado, sem a dimensão coletiva e política, o salário serve ao indivíduo num projeto de ascensão social e distinção. De outro ângulo, na sobrevalorização da identidade de pobres, o salário é um meio para participação no mercado de consumo e oblitera a relação com a produção.

### **1.1 A mulher e o (des)mundo do trabalhador**

Há ainda um aspecto crucial para compreender o conjunto de visão de mundo do trabalhador e como este se relaciona com a vida dos pobres hoje: a condição da mulher.

A relação mediada se coloca como um aspecto fundamental que atravessa a experiência histórica de vida das mulheres subalternas e que encontra plena vigência em condições presentes da nossa sociedade; tanto a relação mediada com o mundo, de um lado, como com o salário e o dinheiro, de outro. De acordo com Caldeira (1984), marca-se uma diferença entre os sexos desde a infância. Enquanto as meninas ficam mais em casa, para os meninos fica aberto o espaço da rua. As malandragens, molecagens, e o ser "rueiro" são experiências exclusivas dos meninos. O mundo pelo qual circulam trabalhadores e malandros fica restringido às mulheres, sobretudo, às que se tornam donas de casa. A condição da mulher, pelo maior grau de subalternização e dependência, torna muito claras as consequências das

relações de dominação: o aprisionamento que marginaliza o sujeito. Inclusive circulam menos pela cidade, numa rotina muito circunscrita, que inclui o mercado, o posto de saúde e a visita a casa de amigas, como constatamos na nossa pesquisa. A mãe de uma entrevistada contava que sua filha não "sabia andar" pela cidade e, quando o fazia, dependia da companhia de alguém.

Este "desmundo" traz à posição subalterna o que Hannah Arendt nomeou de invisibilidade:

na invisibilidade, nessa obscuridade onde um homem que aí se escondeu não precisa mais ver o mundo visível, somente a cordialidade e a fraternidade de seres humanos estreitamente comprimidos podem compensar a estranha irrealidade que assumem as relações humanas, onde quer que se desenvolvam na ausência de mundanidade, desligadas de um mundo comum de todas as pessoas (ARENDDT, 1988, s.p.).

O desligamento a que Arendt se refere ocorre como resultado de um processo de fechamento que reforça a vivência em pequenos e privados espaços. A vida das mulheres passa-se como que em bastidores.

Nesse sentido, a experiência de campo se mostrou reveladora. Em nosso estudo, houve uma dificuldade maior em realizar entrevistas com as mulheres. Tanto para o contato com elas, como para manter uma entrevista sem interrupções de outros. A invisibilidade tornava difícil encontrar jovens disponíveis para as conversas, ou porque elas estavam dentro de casa, ou porque não tinham tempo, nem aos finais de semana, entre o trabalho e as atividades domésticas. Quando conseguimos as primeiras entrevistas, foram realizadas no interior das casas. Enquanto conversava com elas, entravam e saíam outras mulheres com seus filhos; vinham para conversar, para perguntar se tinha almoço ou para juntar o almoço delas com o da vizinha, para assistir TV juntas. Esse movimento era constante, o que provocava muitas vezes a interrupção das conversas. Situação oposta apresentou-se entre as mulheres que trabalhavam. Com as duas jovens que estavam ocupadas no período das entrevistas tivemos conversas a sós e sem interrupções. Nos reunimos em lugares fora do bairro (*Mc Donald's*, *Shopping*). Ambas tinham concluído o ensino escolar e pretendiam realizar estudos superiores, tendo em vista um projeto de ascensão social. Entretanto, vimos também que a cisão com a vida afetiva se colocava como condição

para esta expectativa. Ou seja, o desligamento da relação com o homem para poder ser "independente" e ter acesso direto ao trabalho e ao dinheiro do salário. Esta saída se opunha, portanto, à dimensão da domesticidade em que se encontrava o primeiro grupo de mulheres.

Na configuração de relações de dependência, o homem passa a realizar com exclusividade um papel de mediador entre o mundo e a rua, o que lhe outorga maior controle e poder das relações. Essa posição de mediador se dá em estruturas hierarquizadas, diante da falta de igualdade de acesso ao mundo público, seja às instituições, seja à cidade, seja à própria sociabilidade da rua. Nesse sentido, a presença das mediações masculinas é o canal de contato com o mundo que, ao mesmo tempo, reforça o vínculo de dependência.<sup>27</sup> Assim, a realidade tão comprimida das mulheres pobres as deixa às voltas com o mundo do micro-poder e do recorte, numa espécie de supervalorização do imediato, do fragmento e da experiência cotidiana. Do exposto, depreende-se que é restringido às mulheres inclusive o contato com a observação direta da realidade.

O isolamento em relação ao mercado de trabalho era um dos fatores identificados por Pierucci (1989) que incidiam no voto conservador. A preferência em Jânio Quadros em 1985, por exemplo, se mostrava maior entre as donas de casa do que entre as que trabalhavam fora, tendência mais geral dos eleitores não incluídos na População Economicamente Ativa (PEA). A relação entre a marginalização do mundo do trabalho e o voto conservador das mulheres também é ressaltada por Lipset (1967). Segundo o autor, empiricamente tinha sido provado que as mulheres, na maioria das

---

<sup>27</sup> Do ponto de vista da estrutura social, o confinamento feminino é característico do paternalismo brasileiro. No ensaio "Duas meninas", Roberto Schwarz analisa a sorte infeliz da agregada de uma família mais abastada no romance de Machado. Na mão do marido, agora convertido no novo patriarca da família, Capitu "renuncia à rua e à janela, terminando por viver auto-sequestrada, tudo naturalmente em vão" (SCHWARZ, [1997] 2006, p.30). Tratava-se aqui da relação de um senhor e sua dependente, mas que parecia num primeiro momento trazer uma promessa de igualdade. De acordo com o autor, o romance mostra inequivocamente a vocação arbitrária e destrutiva da proteção paternalista. Vê-se nessa relação a contrariedade das relações de dependência que não só outorga e protege, mas também castiga. Schwarz ([1977] 2012b) analisa a condição de dependência das protagonistas dos romances de Machado do primeiro período em que o autor ainda defendia um paternalismo moderado ou esclarecido diante das ideologias do liberalismo. As saídas das dependentes eram a resignação individual por meio da salvaguarda moral da dignidade e a cisão entre a vida afetiva e a perspectiva do trabalho assalariado. Este fundamento das relações sociais, diante da reprodução da ordem, é perpetuado e ajustado não só no tempo, mas também no interior das classes subalternas.

sociedades, são mais conservadoras e religiosas do que os homens, sendo essas diferenças mais acentuadas no nível da classe trabalhadora. Tais variações entre os gêneros ligavam-se às distintas experiências de vida:

Os maridos estão mais expostos, tanto no trabalho como nas horas de lazer, à opinião modal ou predominantemente da sua classe. As mulheres, especialmente as donas de casa, estão menos envolvidas na estrutura de comunicações intraclasses, veem menos pessoas politicamente esclarecidas, com antecedentes e interesses semelhantes aos delas e, portanto, são mais propensas a reter os valores conservadores dominantes da sua cultura mais vasta (LIPSET, 1967, p.219).

Desse modo, para o autor, as mulheres afastavam-se da posição de classe e dos valores que os maridos, diferentemente, levavam da fábrica para casa.

Na análise sobre a percepção da política entre moradores da periferia no final dos anos 1970, Caldeira (1984) mostra uma diferença de gênero na maneira de conceber a sociedade e o poder. No caso das mulheres, sua identificação passava prioritariamente pela definição do seu papel dentro da família e, portanto, seus depoimentos eram mais centrados no mundo privado do que no público; elas falavam "mais fluentemente das suas vidas e de seus problemas pessoais do que das relações de trabalho, da situação econômica e política do país e assim por diante" (CALDEIRA, 1984, p.149) e respondiam de forma breve e hesitante às perguntas que a autora fazia sobre o "mundo público".

Em relação à questão da subalternidade e a condição feminina, observa-se que o problema da encruzilhada entre o caminho do trabalhador e o crime põe-se diferente no caso das mulheres. Enquanto para os homens a vida de trabalhador ou ladrão apresenta uma tensão e uma angústia, para a jovem pobre os caminhos criar um dilema entre a dependência e a esfera da domesticidade e a independência e o trabalho assalariado.

No âmbito da casa, o acesso ao dinheiro é mediado pelo marido ou, inclusive, por outras mulheres mais velhas. O dinheiro e os objetos de consumo podem vir do salário do companheiro trabalhador ou dos crimes do ladrão. Em ambos os casos, se reproduz sua respectiva lógica de consumo, mas com a mediação do homem: o salário lhe é dado para o gasto com a família e a casa e, com o dinheiro do crime, ele escolhe bens (roupas de marca, perfumes) para lhe presentear. A experiência das mulheres com o

dinheiro é comprimida pelos mecanismos que elas mobilizam para se relacionar e serem valorizadas: o sacrifício e a economia. O gasto consigo mesma é exíguo, quando existe. Diferente do homem, que tem margem ou graus de liberdade maiores de gasto e que, aos olhos forçosamente frugais das mulheres, sempre acabam gastando demais, inclusive em bebida (REGO; PINZANI, 2014).<sup>28</sup> Nesses casos, a mulher administra bem um dinheiro que não vem do seu trabalho e não é seu, e a valorização da sua "economia" exalta sua própria opressão e os vários minimalismos, apertos e estreitezas presentes na sua experiência de vida.

No âmbito do trabalho, conseguem empregos mal remunerados e condições laborais precárias. Além disso, não se livram das tarefas domésticas. A propósito da condição das mulheres operárias, Antunes (1999) destaca a dupla exploração do capital: no trabalho produtivo no âmbito fabril, e na vida privada, quando consome horas decisivas nas atividades domésticas, com o que possibilita (ao mesmo capital) a reprodução da força de trabalho dela e de sua família. Nesse mesmo sentido, Beauvoir (1949) notava que, apesar da ampliação dos direitos políticos e sociais para as mulheres, a condição de submissão tinha ficado inalterada, em parte porque a participação econômica não havia acompanhado esse progresso. As mulheres operárias, então, conseguiam independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida.

A grosso modo, o movimento das mulheres se dá justamente entre a libertação do companheiro por meio do trabalho e a evasão do trabalho para ser sustentada por ele. No famoso ensaio "O segundo sexo" de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina, ela descreve:

Far-se-á ajudar, portanto; é com o que conta cnicamente o empregador que lhe concede um salário de fome. Em alguns casos, essa ajuda lhe permitirá melhorar sua situação e conquistar uma independência verdadeira; por vezes, ao contrário, ela abandonará

---

<sup>28</sup> Georg Simmel ([1900] 2013) na sua obra a "filosofia do dinheiro" de 1900 trata da relação particular que as mulheres tem em relação ao dinheiro na divisão do trabalho. De acordo com o autor, os interesses econômicos do ângulo doméstico se dividem em duas direções, uma centrífuga e outra centrípeta. Por meio do dinheiro, a produção para o mercado e a produção para o lar começam a deflagrar suas contradições e, desse modo, a introduzir uma maior divisão do trabalho entre os sexos. À mulher lhe corresponde a atividade orientada para dentro, enquanto que ao homem corresponde a que está orientada para fora. Desse modo, a primeira se converte progressivamente em administradora e executora do produto do trabalho do segundo. Assim, o valor econômico da mulher perde substância e visibilidade e coloca-se como dependente do trabalho masculino.

seu ofício para ser sustentada. Muitas vezes acumula: liberta-se do amante pelo trabalho e evade-se do trabalho graças ao amante; mas também conhece a dupla servidão de um ofício e de uma proteção masculina. Para a mulher casada, o salário geralmente representa apenas um complemento; para a mulher 'que é ajudada' é o auxílio masculino que se apresenta como o inessencial; mas nem uma nem outra adquirem, com seu esforço, uma independência total (BEAUVOIR, 1949, p.451).

Em termos de expectativas, o horizonte de liberdade é limitado pela dependência posta entre ambas as alternativas, que as marginaliza enquanto sujeito de um projeto de vida.

Caldeira (1984) destaca que elas imaginam os mesmos mecanismos que os homens para "melhorar a vida", mas veem a sua própria ascensão como algo que ocorre através dos outros:

As entrevistadas pensam em melhorar de vida não através do seu próprio trabalho, mas do de seus maridos. Seguramente esta avaliação é realista: se são donas-de-casa, dependem obviamente do salário do marido; se trabalham, demonstram ter plena consciência dos limites salariais a que está submetido o emprego feminino. Na prática, o papel da mulher acaba sendo o de ajudar, seja um dinheirinho a mais, seja se encarregando dos mecanismos mais ao seu alcance; o sacrifício e a economia (CALDEIRA, 1984, p.169).

O afastamento do mundo do trabalho e, portanto, da dimensão material do projeto de vida centrado no emprego industrial e da própria experiência do trabalhador dificultava a apreensão do progresso como algo decorrente diretamente da sua própria ação. Segundo Caldeira (1984) isso se manifestava também na rotina. Enquanto o homem repete a rotina do trabalhador, de acordar cedo e enfrentar o transporte público com regularidade de segunda a segunda, a mulher "ao contrário, sem um projeto próprio fica em casa e está destinada à imanência, a repetir a vida, só tendo noção de um tempo que se mantém. Além disso, aspectos inerentes ao trabalho doméstico contribuem para que a mulher perceba o tempo de uma maneira particularmente fluida" (ibid., p.126).

Feltran (2012) nos lembra da clara separação dos papéis no interior da família operária. Segundo o autor:

o pai era o protetor, a mãe que exclusivamente dirige o ambiente doméstico, os filhos que estudam e conseguem bons empregos tornam-se, com os anos, papéis de tipo ideal, relevantes como referência moral e código de hierarquização interna da família (FELTRAN, 2012, p.97).

Desse modo, o projeto de vida da mulher inseria-se na dimensão familiar. Nesse arranjo, que não liberava a mulher da relação mediada com o mundo, nem a incorporava em condições igualitárias ao trabalho, encontrava-se uma estabilidade sustentada materialmente pelo emprego industrial do homem. Em casa, as mulheres podiam vigiar as fronteiras entre a rua e a casa para afastar os filhos da vida do crime. A família era o lugar em que a desordem era elaborada.

O estudo de Maria Inês Ferreira "A ronda da pobreza: violência e morte na solidariedade" (2002), realizado a finais dos anos 1990 na periferia de São Paulo, reafirma que a família exerce um papel central na vida dos pobres como agência protetora, promovendo relações de solidariedade entre indivíduos e amenizando problemas decorrentes da pobreza (empréstimos, cuidados dos filhos, etc.). Entretanto, essas relações solidárias se ancoram dentro da família num arranjo de dependência mútua entre os membros cujo

alicerce é a desigualdade e hierarquia entre os indivíduos, o que fica patente na diferença da atribuição de papéis entre os gêneros: a mulher cuida do ambiente doméstico e o homem é o intermediário entre o mundo externo e o doméstico; ela é responsável pela esfera da reprodução e ele pelo âmbito da produção – os dois estão mutuamente *amarrados* (FERREIRA, 2002, p.169).

A autora destaca a mediação exercida pelo homem entre o mundo e a casa e o cuidado das fronteiras realizado pela mulher, cujos papéis estavam ligados numa ancoragem recíproca e arranjados de forma hierárquica para manter alguma estabilidade diante da desordem que rodeia a vida dos pobres. A forma de ligação era sustentada, então, na hierarquização e na antinomia de papéis, ou seja, não na integração, mas na separação das tarefas – ou numa “solidariedade compulsória”, nas palavras de Ferreira.

## 1.2 O "desmanche" e as derrotas do trabalho: a década neoliberal

Ferreira (2002) descreve a dificuldade do homem em manter esse papel frente à instabilidade do emprego.<sup>29</sup> Nos anos 1980-90, diante do desastre do desemprego em massa e do aumento do crime na periferia pela estruturação do mercado do tráfico, a violência e a instabilidade tomaram conta inclusive do arranjo familiar, irrompendo na ordem que buscava-se estabelecer:

O papel de chefe provedor do lar atribuído aos homens não raro tem como contrapartida o conflito entre o dever de sustentar a família e a impossibilidade de fazê-lo, em virtude da frágil integração no mercado de trabalho. Com o descumprimento desse dever rompe-se o acordo de solidariedade familiar e fica ameaçada a organização da estratégia de sobrevivência. O fracasso do provedor prejudica a esposa em seu papel de administradora do lar e toda a família, que está organizada em rede (FERREIRA, 2002, p.170).

Nesse sentido, e segundo Sader (1988), a situação de desemprego era uma forte angústia entre os trabalhadores, pois não significava apenas a falta de recursos para a própria subsistência. Também se sofria-se uma desmoralização ligada a "uma ferida produzida no âmago de uma identidade construída do trabalhador honesto e responsável, que assegura o sustento da família e tem seu lugar na sociedade" (SADER, 1988, p. 70). Desse modo, segundo o autor, o trabalhador desempregado sente culpa pelo desemprego. Além disso, o desemprego pode representar um risco para o trabalhador de ser preso pela polícia e tido como "marginal" ou "vagabundo". A carteira assinada mostra-se "como um sinal de boa conduta para a polícia" (SADER, 1988).

A perspectiva nesses anos de melhorar a vida por meio do "caminho do trabalhador" começa a se desagregar. À ideia de uma "vida melhor" se contrapõem a incerteza, o acaso e os azares da vida. A década neoliberal

---

<sup>29</sup> De acordo com Dedecca e Cunha (2003), as transformações na base produtiva atingiram especialmente a Região Metropolitana de São Paulo com graves perdas no nível e na estabilidade do emprego: "ao longo da década de 1990, acompanhando tendência dominante internacionalmente, o país, em especial a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), conheceu um conjunto de transformações intensas em sua base produtiva, marcado por um processo de racionalização e flexibilização do processo de trabalho, com fortes impactos negativos sobre o nível de emprego setorial e global da região Sudeste brasileira. A perda de capacidade de sustentação do nível e da estabilidade de emprego no mercado de trabalho" (DEDECCA; CUNHA, 2004, p.49).

traz consigo os elementos que tornam cada vez mais desintegradas as relações sociais entre os pobres; os crimes à toa e a violência.

A ruptura e a tensão, identificadas como constitutivas das relações comunitárias no Brasil por Franco ([1969] 1997), voltam a ocupar um grande espaço.<sup>30</sup> A solidariedade é contraposta com muita força por brigas, agressões e inclusive pela morte entre amigos e membros da família. Ou seja, entre membros da mesma rede de proteção. Com isso, os crimes "à toa" ou por "motivos fúteis", objetos de estudo de Ferreira (2002), aumentam. A autora encontra resultados semelhantes aos de Franco ([1969] 1997). As mortes, ferimentos graves e agressões aparecem com frequência entre pessoas que mantêm relações amistosas e irrompem sem que um estado anterior de tensão tenha contribuído (FRANCO, [1969] 1997). Ferreira ressalta que apesar dos estudos explicarem que as classes trabalhadores constroem uma clivagem simbólica entre trabalhadores e criminosos, esta separação não se efetua na prática:

A literatura especializada explica que as classes trabalhadoras procuram construir clivagens simbólicas entre trabalhadores e criminosos, mas nossa pesquisa ressalta que tais clivagens não os isolam entre si, pois eles são amigos, vizinhos, parentes, jogam bilhar, trocam favores, bebem juntos no bar etc. Essa convivência possibilita que simples discussões cotidianas terminem em morte, já que criminosos costumam andar armados, além de a violência ser parte de suas atividades.

As variáveis das narrações das mortes por motivo fútil – comportamento das personagens, seus valores, o cenário, os acasos etc. – expressam o modo como as classes trabalhadoras organizam ou podem organizar suas vidas. O estudo de dezenas de processos de homicídio por motivo fútil revela a elevada estima dos moradores da periferia pelas relações mantidas no local onde vivem, com amigos, vizinhos, colegas e até mesmo desafetos" (FERREIRA, 2002, p.172-173).

---

<sup>30</sup> A experiência dos pobres no Brasil em distintas situações históricas, sem que a ordem tenha sido enfrentada, aponta para o aprofundamento da miséria e o reforço da opressão. Nesse sentido, aspectos fundamentais presentes no processo de formação da sociedade brasileira mostram que o caminho do pobre foi o de reafirmar sua submissão e de buscar saídas individuais à sua própria situação, contando com laços comunitários ora solidários, ora violentos, que sofriam de rupturas permanentes, que organizavam ações vinculadas apenas ao tempo presente (FRANCO, 1969; SCHWARZ, 1983; FERREIRA, 2002). A respeito dos homens livres na sociedade brasileira do século XIX, Franco (1969) descreveu a saliência dum padrão violento de comportamento, correspondendo, como se verá, a todo um sistema de valores centrados na coragem pessoal. De acordo com esse código, os riscos de assalto não são evitados, mas ousadamente enfrentados. A autora concluiu que nessa sociedade em que inexistiam canais institucionalizados para o estabelecimento de compensações formais, o revide regularmente se dava mediante a tentativa de destruição do opositor; "violência se erige, assim, em uma conduta legítima" (FRANCO, 1969, p.53).

Retomava-se uma instabilidade acirrada entre ordem e desordem e o fim de uma brecha histórica na qual tinha se articulado um projeto de vida do trabalhador, cujo arranjo compreendia a separação do mundo da rua e a casa de modo a manter a família na esfera da ordem. Nas palavras de Feltran (2012), nesse contexto, "a casa já não é mais completamente desconectada do circuito do crime, já não é seu oposto" (FELTRAN, 2012, p.70).

Ferreira explica que se cria uma tensão sobre os papéis quando o homem perde o emprego: "os papéis atribuídos aos atores sustentam a solidariedade compulsória — a proteção contra os azares da vida — em que o grupo controla os indivíduos, pois o descumprimento ameaça a alternativa possível de escapar da desordem e da miséria" (FERREIRA, 2002, p.170). A leitura dos processos criminais, feita na pesquisa da autora, mostra que o indivíduo busca desesperadamente cumprir seus papéis e o fracasso dá lugar à ofensa da dignidade e, em seguida, à violência:

estudo dos processos penais indica que a disputa dos indivíduos pelo desempenho dos papéis sociais é motivo frequente de discussão trágica. O cumprimento do papel atribuído é relevante porque garante a conquista da identidade social positiva diante dos pares, mas em razão da integração precária o sucesso de um indivíduo não raro se associa ao fracasso de outro. O problema pode ser apreendido nos conflitos de casais: as sérias dificuldades econômicas costumam abalar as relações conjugais e até provocar a separação, instabilidade bastante comum nas famílias trabalhadoras. A convivência entre atuais e ex-companheiros, os filhos de uniões anteriores e as confusões sobre quem deve ser o chefe responsável podem fomentar competições violentas (ibid., p.171).

Desse modo, diante da desagregação do projeto de vida da família operária e sem a base material do emprego industrial, manter a integração no núcleo familiar e suas expectativas se tornou muito difícil. De acordo com a autora, os insucessos são generalizados e as consequências violentas, "já que está em risco a última alternativa à queda. Os autos dos processos penais apontam a limitada eficácia dos arranjos para enfrentar os azares da vida vulnerável" (ibid., p.172). O mecanismo de "amarração" interno da família operária, baseado numa relação hierarquizada e de dependência mútua, expunha sua fragilidade na crise.

Nesse contexto, as mulheres devem começar a buscar emprego (FELTRAN, 2012); e muitas delas vão trabalhar pela primeira vez, recorrendo a trabalhos informais e precários como o de faxineira. Segundo Dedecca e

Cunha (2004), a taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo nos anos 1990 teve um incremento significativo, passando de 10% da PEA em 1989 para 19,4% em 2000. Ao mesmo tempo, durante o período, houve um incremento da PEA de 1,9 milhão de pessoas, sendo que 52,9% desse contingente, ou seja, 1 milhão de pessoas, encontrava-se na condição de desempregado. De acordo com os autores, as 900 mil novas ocupações foram criadas "pelo pequeno setor não contratado e o emprego doméstico" (DEDECCA; CUNHA, 2004, p.57). Segundo Bruschini (2007), nos anos 1990 o processo de enxugamento dos postos de trabalho formalizados afetou mais homens que mulheres. Nesse período, "a parcela feminina no mercado formal aumentou de 32,4% para 40%, enquanto a parcela masculina, no mesmo período, declinou" (BRUSCHINI, 2007, p.562). O conjunto de informações nos permite afirmar que, nesse período, as mulheres teriam passado a se empregar mais que os homens no setor não contratado e no emprego doméstico.

Vejamos o relato da mãe de Luis, sujeito da nossa pesquisa, a respeito dos anos 1990 e seus impactos no arranjo da família operária:

Sempre trabalhei. Eu voltei a trabalhar em 95. Quando voltei, o Luis tinha 4 anos e o Luciano tinha 7. O Leandro [marido] perdeu o serviço. Quando casei, eu fiquei oito anos em casa, aí eu falei pro Leandro que eu ia trabalhar. Ele falou, "não, você não vai trabalhar", aí em 95... o Leandro trabalhava, mas ele ganhava bem, na indústria têxtil. Na época que saiu o disco *laser*, lembra daquela época? Ele trabalhava com isso, era a única empresa que tinha a máquina pra fazer *laser*, era onde ele trabalhava. Ganhava bem pra caramba. Depois saiu de lá, deu problema na firma, aí mandaram embora. Em 95 o Leandro perdeu o emprego, aí eu peguei e fui trabalhar. Trabalhei oito meses, eu dei sorte, porque fazia muito tempo que eu não trabalhava, e nunca tinha trabalhado em casa de família na minha vida. Tinha trabalhado em confecção, em escritório, mas em casa de família nunca. Mas como eu tava precisando, porque o Leandro tinha perdido o emprego, aí eu fui trabalhar ali na Raul Pompeia. Nossa, é horrível, você trabalhar na casa dos outros, eu trabalhei uma vez só, e olha... Depois fui trabalhar na creche, aí foi por Deus também. Esse aqui [Luis] ficava na creche, aí eu subia com o Luciano, deixava ele na escola, depois, meio dia eu descia, pegava o Luciano na escola e levava pra ficar lá no CJ. Cinco horas eu pegava os dois e voltava pra casa. Aí a irmã [pastoral] pediu pra gente voltar a estudar, aí eu fui terminar meus estudos. Aí eu chegava em casa, lavava roupa, fazia comida, chamava minha vizinha, ela ficava com os dois, e eu ia estudar. Chegava em casa 23h, 23:30h, aí já tava todo mundo dormindo. Aí eu fiquei três anos lá no trabalho da creche. Depois saí de lá, e entrei trabalhar no hospital. Coloquei os meninos lá no Dom Bosco, conhece o Dom Bosco, na Tiradentes? Aí um levava o outro [o mais velho e ao mais novo] porque eu saía de casa cinco horas da manhã. O Luciano, na época, tinha 10 anos e o Luis tinha 9...  
(...) Então, o Leandro foi vender colchão depois que ele perdeu o emprego, até ele se afirmar no emprego de novo, ele foi vender colchão, ele vendia pão... Foi, na

época da URV<sup>31</sup>. Ele vendia pão, colchão, tudo que aparecia... ele foi trabalhar de ajudante de pedreiro... ixi, tudo que aparecia ele fazia pra poder complementar o meu salário. Aí depois passou acho que uns três anos, aí ele arranhou outro emprego, aí ele se afirmou no emprego na empresa, mas também depois a empresa faliu de novo (...) Ele ficou bem chateado, porque ele ganhava muito bem, na época, sabe, tanto que você vê que em dois anos e meio ele montou casa pra gente casar, quando nos casamos eu tinha tudo, todo mundo ficou admirado, porque naquela época era difícil, né, ele ganhava tão bem que eu tinha tudo, tudo que uma pessoa pobre precisava ter numa casa, eu tinha, eu tinha até televisão colorida, coisa que a minha mãe não tinha, e eu tinha quando eu casei (VERÔNICA, julho de 2013).

O relato oferece uma imagem do processo de desagregação do projeto de vida operário. Verônica, mãe de Luis, inicia o relato ressaltando que voltou a trabalhar em meados dos anos 1990 após ter ficado por um longo período em casa diante da insistência do marido que, como ela destaca mais de uma vez, ganhava um bom salário pelo seu trabalho como operário. No fim do trecho, conta da tristeza dele diante da perda do emprego e da interrupção de um processo que se mostrava promissor: tinham "montado" a casa em dois anos e meio com equipamentos modernos na época como a TV a cores, ganhando a admiração de amigos e parentes. O projeto de vida do trabalhador estava cumprindo o prometido. A escassez – como aspecto central da vida material dos pobres – desaparece diante do bom salário que dava o que era necessário para construir e equipar a casa.

Após ser demitido, o relato traz uma imagem completamente distinta. Verônica começa a trabalhar como faxineira, pois com a perda do sustento do marido a necessidade e o "aperto" voltaram. Ela faz questão de deixar claro que nunca tinha precisado trabalhar nesse tipo de emprego, como doméstica, considerado humilhante. Em seguida, conta como foi mudando de trabalhos.

Em oposição à primeira imagem, é o marido agora que, por meio de "bicos" e trabalhos precários, complementa o salário dela; depois de ter sido operário em uma fábrica com tecnologia de ponta, ele passa a vender colchões, pão e o que fosse para contribuir economicamente. Por sua vez, a

---

<sup>31</sup> A Unidade Real de Valor (URV), foi moeda provisória que deu origem ao real cujo curso obrigatório se iniciou em 1994, fazendo parte do Plano Real, implementado pelo governo FHC.

mulher não consegue o "bom salário" que o marido ganhava como operário.<sup>32</sup> Paralelamente, as jornadas de trabalho são longas, ainda mais depois que decide finalizar os estudos. Rapidamente, tinha que buscar meios para melhorar o valor do salário. Assim, une as tarefas da casa às tarefas do trabalho e do estudo, numa rotina que começava às 5 da manhã e terminava depois das 23 horas. Luis conta que foi também nessa época que passaram a ser "olhados" pela tia – termo que distingue do "cuidado" – porque a mãe tinha que trabalhar, mas que isso não os impedia de serem "rueiros". O cuidado das fronteiras entre a casa e a rua, feito, até então, exclusivamente pela mãe tinha também acabado. Aos poucos, o irmão e depois ele se envolvem no crime.

Como ressalta Verônica, o marido nunca mais "se afirmou" num bom emprego, iniciando um novo ciclo de instabilidade. A desestabilização começa a ruir o pacto familiar baseado na separação de funções. Nas entrevistas, Luis conta que por essa época os pais brigavam muito, que o pai ficava horas em frente à TV quando desempregado em casa, anunciando-se uma separação. As brigas se iniciavam pela dificuldade de aceitar a nova situação em que o homem já não podia mais realizar o papel social atribuído nesse arranjo:

"Ele ficou um tempo desempregado" [Você acha que isso não afetou ele?] "Ah, pode ser, mas coisa que ele tem com a minha mãe... o que que nós tem a ver com isso? Não tem nada a ver com isso, porque, tipo, lógico, mexeu, a minha mãe, ela... ela chegou a maltratar meu pai, mesmo, sabe, como pessoa, que, tipo, ele gostava de jogar dominó, ele sempre gostou de jogar dominó, e tal, e fazer as coisas dele como homem, né, e, tipo, como ele tava desempregado, então, eu acho que na cabeça dela ele devia ficar trancado dentro de casa, entendeu, ele não tinha que viver mais, porque ele não tinha um emprego. E ela maltratava, ela jogava isso na cara dele. Até que teve uma época que eles iam se separar. Mas graças a Deus, ele conseguiu esse emprego aí e tá até hoje". [O que que ele faz?] "Agora ele... acho que ele é motorista da... de lá, ele trabalha numa serralheria de portão. Antes ele era torneiro mecânico, ganhava bem, pô" (LUIS, maio de 2013).

Estávamos diante da desintegração do projeto desenvolvimentista, nas palavras de Schwarz, que "deixou por terra um conjunto impressionante de ilusões" (SCHWARZ, 1999, p.159). Após um enorme processo de deslocamento populacional dos pobres para se integrarem na industrialização

---

<sup>32</sup> De acordo com Bruschini (2007), o nível de ganhos no país é reconhecidamente baixo e as mulheres brasileiras, assim como no mundo, recebem um valor ainda menor do que os homens. Os dados sobre a distribuição de ocupados por sexo e faixas de rendimentos da autora, mostram que em 1993 a maior parte das mulheres (35,7%) concentravam-se na faixa de até 1 salário mínimo, seguidas dos sem rendimento (23,8%).

nacional, houve uma feroz interrupção do ciclo com a crise internacional do petróleo nos anos 1980, a globalização, etc. Este seria o encerramento do nosso "fim de século" — título do ensaio de Schwarz —, o fim do projeto nacional-desenvolvimentista. Estávamos diante do que, nesse mesmo ensaio, o autor chamou de "desmanche neoliberal". A partir daí,

a desintegração nacional não é uma questão nacional, e sim um aspecto da inviabilização global das industrializações retardatárias, ou seja, da impossibilidade crescente, para os países atrasados, de se incorporarem enquanto nações e de modo socialmente coeso ao progresso do capitalismo (ibid., p.160).

O fim desse ciclo marca, para o autor, o início da nossa história contemporânea. Nela, as populações pobres teriam encontrado uma nova condição histórica: "*sujeitos monetários sem dinheiro*, ou de ex-proletários virtuais, disponíveis para a criminalidade e toda sorte de fanatismos" (ibid., p.160). O mercado havia criado, assim, consumidores sem condições de consumir.

O início do "fim de século" é marcado pela ampliação dos negócios do tráfico de drogas e pela expansão das igrejas evangélicas neopentecostais nas periferias.<sup>33</sup> De acordo com Mariano (2008), desde os anos 1950, o pentecostalismo cresce muito no Brasil. Mas sua expansão acelera-se de forma acentuada a partir da década de 1980, momento em que passa a se inserir na mídia e no poder político partidário.

Almeida (2009) aponta que o pentecostalismo que estava em ascensão apresentou, na década de 1980, uma prática evangelista mais "ousada e ofensiva" do que a de antes; e que espalhou a figura do "crente" pregando em praça pública, os templos nos centros e, em especial, na periferia das cidades. Segundo os dados de Mariano (2008), em 1980 havia 3,9 milhões de pentecostais no Brasil passando a 8,8 milhões em 1991 e 17,7 milhões em 2000. A taxa de crescimento dos pentecostais se intensificou nesse período, inclusive em relação à expansão populacional: "entre 1980 e 1991, a taxa de crescimento anual dos pentecostais foi de 7,1%. Entre 1991 e 2000, chegou a 8,3%, o que representa uma expansão

---

<sup>33</sup> De acordo com os dados de Fernandes (2010), entre 1989 e 1992 na região metropolitana do Rio de Janeiro foram construídas uma média de cinco novas igrejas por semana, das quais 91% eram evangélicas e, destas, 80% se localizavam na periferia. Além disso, a igreja católica sob o mandato de João Paulo II sanciona fortemente a teologia da libertação, provocando uma retração desse discurso na periferia na década de 1990.

quatro vezes maior que a da população brasileira no período" (MARIANO, 2008, p.72).

A respeito do comércio de drogas, Coggiola (1996) apontava que o tráfico internacional de drogas tinha crescido "espetacularmente" durante os anos 80, até atingir uma cifra anual superior a US\$ 500 bilhões, superando os ganhos do comércio internacional de petróleo e se colocando em segundo lugar após o tráfico de armamento naquele período. Para o autor, estes são indicadores da "decomposição das relações de produção imperantes: "o mercado mundial, expressão mais elevada da produção capitalista, está dominado, primeiro, por um comércio da destruição e, segundo, por um tráfico declaradamente ilegal" (COGGIOLA, 1996, p.45). Na sua explicação sobre o crescimento do tráfico internacional, a economia mundial teria exercido uma pressão em favor da "narco-reciclagem" das economias agrárias aumentando a oferta de narcóticos nos países industriais e no mundo. Na década de 1990, o tráfico mundial tinha crescido 400%<sup>34</sup>.

Segundo o autor, o tráfico internacional de drogas em alta escala começou a se desenvolver a partir de meados da década 1970, tendo tido seu *boom* na década de 1980. Esse aumento, segundo Coggiola (1996), relacionava-se diretamente com a crise econômica favorecendo o sistema financeiro mundial:

O narcotráfico determina as economias dos países produtores de coca, cujos principais produtos de exportação têm sofrido sucessivas quedas em seus preços (ainda que a maior parte dos lucros não fique nesses países) e, ao mesmo tempo, favorece principalmente o sistema financeiro mundial. O dinheiro oriundo da droga corresponde à lógica do sistema financeiro, que é eminentemente especulativo. Este necessita, cada vez mais, de capital "livre" para girar, e o tráfico de drogas promove o "aparecimento mágico" desse capital que se acumula muito rápido e se move velozmente (ibid., p.45)

O papel central da economia do tráfico no capitalismo contemporâneo mostrava-se pelo peso alcançado na "lavagem do dinheiro" no sistema financeiro, que envolvia todos os bancos de envergadura: "pelas somas envolvidas, a "lavagem" seria impossível sem a cumplicidade dos banqueiros

---

<sup>34</sup> De acordo com Coggiola (1996), em 1985 a população ativa economicamente na Bolívia passou de 19% para 35% em 1986. De cada três bolivianos, um lucrava com os derivados do narcotráfico. A dependência econômica em relação narcotráfico se expressava de forma extrema na Bolívia, por exemplo, onde os traficantes detinham o controle das principais empresas e ocupavam a população em seus negócios.

que intermediam a legalização do dinheiro sujo e a sua conversão em ativos, empresas ou imóveis" (ibid., p.49). A criação de paraísos fiscais nesse período dava-se numa associação entre "empresários do crime" e banqueiros que, por meio do princípio do sigilo bancário, outorgava confidencialidade aos negócios

É também o contexto do início da redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da industrialização verticalizada (ANTUNES, 1999). Ao mesmo tempo, há um crescimento em escala mundial do trabalho precarizado – terceirizado, subcontratado, *part time*. Segundo Antunes, esse processo atinge também, ainda que de modo diferenciado, os

países subordinados de industrialização intermediária, como Brasil, México, Coréia, entre tantos outros que, depois de uma enorme expansão do proletariado industrial nas décadas anteriores, começaram a presenciar mais recentemente significativos processos de *desindustrialização e desproletarização, tendo como consequência a expansão do trabalho precarizado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado etc.* (ANTUNES, 1999, p.105).

O autor também destaca outro aspecto crucial deste processo de precarização em escala mundial do trabalho – houve, nesse período, um aumento significativo do trabalho feminino. Porém, este se deu "preferencialmente no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado" (ibid., p.105). A mundialização do capital absorvia parte da força de trabalho que estava fora do mercado. Desse modo, a integração das mulheres ao trabalho se dava em condições precárias.

No Brasil, com os governos Collor e Fernando Henrique coloca-se em curso o processo de desindustrialização, privatização e desregulamentação para ajuste à política neoliberal. No governo FHC, deu-se o forte impulso ao "processo de desmontagem dos parques direitos trabalhistas, construídos durante várias décadas de luta e ação dos trabalhadores" (ibid., p.236). Juntou-se a isso o desmonte do Estado varguista por meio da "reforma gerencial do Estado" (SINGER, 2010). Segundo Antunes (1999), este quadro catastrófico neoliberal teria tornado o novo sindicalismo mais defensivo. Nesse momento, o país encontrava-se diante da emergência de um sindicalismo de direita, sintonizado com a onda mundial conservadora, de

onde emerge a força sindical. O movimento sindical sofre também derrotas históricas, sendo a principal dela a dos petroleiros em 1995.

É neste quadro de derrotas do trabalho seguidas ao "desmanche" do ciclo do nacional-desenvolvimentismo que o projeto de vida do trabalhador também se desintegra. A visão de mundo do trabalhador se desvitaliza, diante da perda da sua base material e da ação dos movimentos dos trabalhadores, da ruptura do arranjo familiar que o organizava, e da ampliação do espaço da desordem, refletida no incremento da violência, das mortes à toa, do crime. Era a retomada do desespero, da escassez e das incertezas da vida. Os jovens que são objeto deste estudo nasceram e viveram sua infância justamente nessa década. Esta nova geração nasce no "fim de século" e sob o signo da desagregação. Sua condição de jovem seria vivida nos anos 2000, ao longo dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT).

## **2. O lulismo nos anos 2000: o "signo da contradição"**

O processo de desintegração da visão de mundo do trabalhador decorrente do "desmanche" do nacional-desenvolvimentismo e da implantação das políticas neoliberais no país encontra-se histórica, política e socialmente com o que André Singer chamou de "lulismo", projeto que levou o PT a quatro mandatos na presidência nas primeiras décadas dos anos 2000: Lula (de 2003 a 2006 e de 2007 a 2010) e Dilma (de 2011 a 2014 e de 2015 até hoje). O lulismo teria iniciado um novo ciclo político no país quando, em 2006, eleição decisiva do ponto de vista das classes sociais, os mais pobres aderiram em bloco a Lula (PT e base aliada) e a classe média ao PSDB. Este "realinhamento" eleitoral, como foi nomeado por Singer, teria estabelecido uma separação entre pobres e ricos que se expressava nas eleições presidenciais e emergia "do encontro de uma liderança, a de Lula, com uma fração de classe, ou subproletariado, por meio do programa cujos pontos principais foram delineados entre 2003 e 2005" (SINGER, 2012, p.15).

O pacto conservador teria sido, na explicação de Singer, o elemento crucial da adesão do subproletariado que historicamente orientava-se ideologicamente à direita. Entre esses eleitores, como já vimos, há uma

valorização da ordem e uma negação da desordem, que se expressam tanto no poder dado ao Estado para implementar benefícios e soluções de cima para baixo que deem estabilidade a suas vidas, como na rejeição de mobilizações ou ações políticas e sociais que contestem a ordem. Quando associado ao PT e ao movimento dos trabalhadores, Lula não consegue a adesão em massa desse eleitorado nos pleitos eleitorais de 1980 e 1990. No lulismo, a base do próprio PT se altera ao estabelecer uma ligação com os pobres por meio da incorporação de elementos ideológicos conservadores e progressistas, propondo a redução da pobreza sem enfrentar a ordem conduzida pelo Estado.

A mudança no interior do PT teria se dado entre "as duas almas" do partido, como explicou Singer (2010). O pensamento radical presente na criação do Partido dos Trabalhadores — ou no "espírito de Sion" — continuou a se expressar até 2002, na crítica ao capitalismo – no Fórum Social Mundial de Porto Alegre – e na proposta de uma plataforma "reformista forte".<sup>35</sup> Na convenção do Anhembi em São Paulo, também nesse ano, o partido assume no programa de governo do futuro presidente Lula um compromisso com a estabilidade dos indicadores macroeconômicos no tom que pregoava o neoliberalismo. Exaltaram-se ali as conquistas econômicas do período anterior (redução da inflação, controle de contas públicas), apresentadas como aspiração do povo brasileiro. Na formação dessa "segunda alma", para Singer, foi alterada a radicalidade do partido. Da diminuição da desigualdade e da ampliação dos direitos universais, que tinham na organização popular e na movimentação social seu motor, passou a tratar-se da pobreza. De acordo com Singer (2012), sua diminuição viria com a neutralização do capital por meio de concessões e não pelo confronto político e a luta social, necessárias às mudanças na distribuição do poder.

Nesse contexto de desmobilização, é plausível supor que os discursos do partido deixam de exaltar as contradições de uma sociedade organizada pelo modelo do capital e que nutriam as narrativas dos sujeitos sociais para a mudança. Desse modo, como aponta o autor, a adesão do PT ao lulismo se

---

<sup>35</sup> De acordo com Singer (2012), exemplos das propostas do "reformismo forte" eram: "a garantia do trabalho agrícola por meio da distribuição de terras, a tributação do patrimônio das grandes empresas e fortunas para criação de um fundo nacional de solidariedade que financiasse projetos apresentados por organizações comunitárias" (SINGER, 2012, p.187).

consagra na eleição de 2006, mas as mudanças programáticas já vinham ocorrendo desde 2002.

O conjunto de elementos desse programa seria uma das linhas chave do que o autor chamou de "pacto conservador", pois beneficia os pobres por meio do aumento da oferta de programas sociais – tendo no Bolsa Família o carro-chefe – e do consumo, da criação de empregos formais e da gradual valorização do salário mínimo, sem se contrapor aos interesses do capital, ou seja, com manutenção da ordem por meio da arbitragem entre distintos setores da sociedade (SINGER, 2012). Ao que tudo indica, havia uma certa proximidade com aspectos de uma formação política de conciliação de classes.

No entanto, o apoio do PT ao lulismo teria evitado, segundo Singer, o personalismo exacerbado característico de governos populistas. Nesse sentido, Ricupero (2012) adverte que o lulismo é diferente de outras experiências de "grandes personalidades na política" como o getulismo, em que o partido ou o movimento são expressão da liderança política. Na visão do autor, entretanto, o lulismo seria um resultado do governo do PT e não ao contrário. A adesão do partido ao lulismo poderia expressar uma aproximação do partido ao populismo ao qual foi crítico na sua fundação, como lembra o autor. A polarização desta gramática na ausência da luta de classe, como aponta Ricupero (2012), já não oporia a burguesia ao proletariado, mas ricos a pobres.

Na introdução à sua obra, Singer (2012) aponta: "o lulismo existe sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento" (SINGER, 2012, p.9). Na interpretação do autor, em termos políticos o lulismo reuniu conservação e progresso ao conciliar posições ideológicas de esquerda e direita. A contradição via-se também no âmbito do trabalhador. Há dois aspectos chave que gostaríamos de destacar: i) a valorização do consumo e ii) a criação de empregos formais.

Como Singer mostra, as políticas adotadas pelo lulismo no primeiro mandato teriam aumentado o poder de consumo dos mais pobres: expansão do crédito popular, aumento do salário mínimo, aumento da formalização do trabalho – que outorga estabilidade aos rendimentos, permitindo inclusive

segurança para o endividamento – e transferência de renda pelo Bolsa Família. Este teria sido o ponto chave que levou o voto dos mais pobres em 2006: a sensação de aumento do poder do consumo (SINGER, 2012).

A respeito do trabalho, Pochmann (2012) mostra que até a década de 1980, o aspecto principal das mudanças sociais foi fundamentalmente o vigor da expansão produtiva da indústria. Após esse período, apenas o setor terciário da economia (serviços e comércio) tem aumentado seu peso no total da ocupação nacional. Este setor foi, de acordo com o autor, o principal empregador na década de 2000, em que houve uma expansão significativa de postos de trabalho. Nesse cenário, Pochmann (2012) indica que houve uma importante transformação na base da pirâmide social, uma vez que a maioria dos postos gerados concentram-se nesse segmento, "95% das vagas abertas tinham remuneração mensal de até 1,5 salário mínimo, o que significou o saldo líquido de 2 milhões de ocupações abertas ao ano, em média, para o segmento de trabalhadores de salário de base" (POCHMANN, 2012, p.19).

Desse modo, na primeira década de 2000, quando da implementação do lulismo, a parcela dos ocupados com até 1,5 salário mínimo voltou a crescer, chegando a quase 59% do total de postos de trabalho (ibid., p.20), em níveis que se aproximavam à estrutura da distribuição dos postos de trabalho registrada em 1980, com forte peso para as ocupações na base da pirâmide social.

Em termos da mudança social, uma parcela significativa da força de trabalho teria conseguido superar a condição de pobreza e se integrado ao mercado de trabalho sem, com isso, transitar para a classe média:

transitando para o nível inferior da estrutura ocupacional de baixa remuneração; embora não seja mais pobre, tampouco pode ser considerada classe média. Esta, por sinal, praticamente não sofreu alteração considerável, pois se manteve estacionada na faixa de um terço dos brasileiros, ao passo que os trabalhadores de salário de base aumentaram sua participação relativa de menos de 27%, em 1995, para 46,3%, em 2009 (ibid., p.20).

Na hipótese de Singer a respeito dessas mudanças, o lulismo teria integrado o subproletariado à condição proletária. Entretanto, a contradição desse projeto se faz sentir nas condições de trabalho desses novos postos.

Os empregos disponíveis não teriam sido considerados "bons trabalhos", como explica o autor, pois "embora protegidos por lei, têm condição precária, sobretudo em virtude de sua alta rotatividade. De outro ângulo, o lulismo apresenta também um elemento regressivo ao ofertar trabalhos que pese à formalidade são mal remunerados e não apresentam boas condições laborais". Singer acrescenta que estes seriam elementos que fariam o lulismo conviver com a precariedade: "ao estimular os setores do capitalismo orientados pela lógica da super-exploração, como é o caso do telemarketing ou da construção civil, o lulismo convive com a precariedade" (SINGER, 2012, p.198).

Em síntese, se por um lado desde os anos 1990 há um processo de desvitalização da visão de mundo do trabalhador e de desagregação de um projeto de vida baseado no emprego industrial, por outro, no lulismo parece ter ocorrido uma reconfiguração que vai na contramão do "sujeito monetário sem dinheiro" por meio do aumento da participação dos pobres no consumo e da integração dessa população ao trabalho no setor de serviços e que retoma uma perspectiva de ascensão social.

De acordo com Singer (2012), a geração de empregos no lulismo teria sido um passo em frente ao integrar uma fração de classe historicamente excluída ao mundo do trabalho formal em regime capitalista: o subproletariado. Olhando pela perspectiva dos jovens e do problema do nosso estudo, o emprego teria evitado seu aprofundamento no crime. Para as mulheres, teria permitido algum grau de autonomia em relação à dependência dos parceiros. Por outro lado, dado que os trabalhos convivem com a precariedade, para os jovens a remuneração ofertada pelo trabalho – em torno de 1 a 1,5 salário mínimo –, está aquém da necessidade do dinheiro e da oferta, ainda que variável, do roubo e das atividades ilícitas do crime. A isso, soma-se a experiência de precariedade e da ocupação de postos de trabalhos com baixa valorização social. No caso das mulheres, como veremos no próximo capítulo, a precariedade dos trabalhos diminui o poder estabilizador do emprego formal e as leva a períodos de instabilidade, de emprego e não-emprego, em cujos interstícios voltam à dependência dos parceiros.

Para compreender tanto os elementos progressivos como regressivos do lulismo, utilizaremos a metáfora do tempo crônico de Eric Kazdyn. O autor em seu livro "*The already dead: The New Time of Politics, Culture, and Illness*" (2012) trabalha com a categoria "*already dead*" para pensar a relação entre morte e vida por meio de uma analogia entre cultura, política e saúde. O autor observa que nos encontramos numa situação histórica (depois de vencidos os projetos alternativos à civilização do capitalismo) em que o desejo utópico de cura é deslocado para uma necessidade prática de administrar e estabilizar, passando a experimentar um tempo crônico; movimento que se estende também para a política e a cultura. Este tempo crônico teria um aspecto progressista e outro regressivo.

Pensando em termos do projeto político do lulismo, há um aspecto progressista nas políticas de combate à pobreza e à miséria, que se dá por meio de programas sociais via Estado, assim como na geração de empregos para os mais jovens, ainda que com baixos salários. Esse aspecto busca transformar o terminal em crônico, orientado a salvaguardar a população pobre de uma situação de completa miséria ou destruição, no caso dos jovens envolvidos com o crime. É o que vem sendo chamado de gestão da pobreza, cujo fim último é a estabilização. Por outro lado, há também uma dimensão regressiva, que coloniza o futuro, naturalizando a lógica do presente. Para Kazdyn, ao autonomizar a morte que representa a forma de mudança radical em nome do crônico, afasta-se também a capacidade de imaginar possibilidades radicais como a cura e, no âmbito dum projeto político, reformas estruturais da sociedade ou de "reformas fortes".

No tocante a essa categoria em relação ao lulismo, Schwarz (2012) nos ajuda a esclarecer a relação entre a dimensão regressiva e a progressiva da administração da pobreza: "para não perder o pé é preciso reconhecer que esta - a administração da pobreza - é melhor do que nada, e que a miséria na favela é preferível à miséria rural. É o gênero de comparação que esvazia a ideia de progresso, mas que ainda assim é indispensável" (SCHWARZ, 2012, p.177). Reconhecida uma melhoria nessa década, o autor afirma que o que se perdeu foi a perspectiva do progresso orientado e acelerado, "fruto do conflito e da consciência coletiva que tornasse o Brasil

um país decente em tempos da nossa vida. Mal ou bem, era essa a aspiração da esquerda" (ibid., p.177).

Desse modo, a dimensão regressiva mostra-se principalmente no esvaziamento do progresso acelerado dirigido por um projeto de integração social e articulado pelos conflitos de classes. No seu aspecto progressivo, o lulismo, por meio da acomodação e da arbitragem de interesses e políticas que vêm a conta gotas –a exemplo da valorização do salário mínimo– garante ou salvaguarda os mais pobres do processo de "desmanche" do neoliberalismo, numa proposta de "reformismo fraco", nas palavras de Singer (2012). Desse modo, o lulismo parece não restituir um projeto de integração social civilizada para o país, mas segura parte dos jovens da periferia na beira do abismo da destruição social.

### **3. As portas do crime e da ascensão social: “ostentação” e *status***

O fracasso do projeto coletivo de mobilidade social no processo de desagregação do projeto nacional-desenvolvimentista e a desintegração do projeto de vida do trabalhador operário eram, segundo Feltran (2010), algo já assimilado pela geração dos 1990 da periferia de São Paulo, que via a retomada de saídas individuais para sua situação. Na constatação do autor, "a geração nascida nos anos 1990 não pode *sonhar*, como há duas ou três décadas, com a estabilidade do projeto de vida operário nem com a possibilidade de ascensão social de uma família fundada nesses marcos. A expectativa de melhorar a vida é, no máximo, individual" (FELTRAN, 2010, p.61).

Nesses anos, a valorização individual dos jovens coloca-se como perspectiva tanto pela via da i) ascensão social, como do ii) crime, que lhes permite o exercício de uma supremacia ou distinção material em relação a outros jovens da sua classe socioeconômica. A ascensão envolve a educação e o esforço pessoal para obtenção de melhores empregos e, com isso, alcançar *status* tendo em vista a integração na classe média. O crime, por sua vez, coloca à disposição do jovem um dinheiro "rápido" para consumir e praticar o que vem sendo conhecido desde aos anos 2010 como “ostentação”: a exibição de bens de consumo de marca, de luxo, que

alimenta o sonho da riqueza dos mais pobres. Neste, há uma marginalização do trabalho e, em ambos, um mecanismo de sobreposição à desvalorização social por meio da valorização individual – consumo e *status* – que leva à negação das referências sociais comuns.

Dito de outro modo, na ascensão social há um desejo de distinção, e na “ostentação”, um desejo de busca de uma supremacia ou superioridade em relação aos iguais. Por meio dessas estratégias, busca-se alterar o quadro descrito por Schwarz (1999) de sujeitos consumidores sem condições de consumir que se coloca com a entrada do neoliberalismo no país.

Roberto Schwarz, no já mencionado ensaio denominado "Fim de século", fez um balanço dos anos 1990, apontando que as sociedades que não alcançaram a integração moderna, como a brasileira, teriam sido afetadas de modo diferenciado pela nova ordem global. Teríamos começado a viver nesse período as consequências de uma cultura nacional que não articulava nenhum projeto coletivo de vida material "passando a flutuar publicitariamente no atrativo mercado de consumo" (SCHWARZ, 1999). Este mercado, no entanto, não seria para todos e conectava-se a uma dinâmica de desagregação iniciada pelo fracasso do desenvolvimentismo industrial, que abriu um momento de modernização descolado de um projeto material. Modernizou multidões, fazendo obrigatória a passagem de suas vidas pelo dinheiro, sem condições salariais e direitos plenos, configurando o que chamou de "sujeito monetário sem dinheiro", expressão adotada por Schwarz do sociólogo alemão Robert Kurtz (SCHWARZ, 1999; SCHWARZ 2012).

Nos anos de 1990, as cidades passaram por uma forte transformação ao entrar, de forma periférica, no circuito da globalização. A ambivalência da modernidade do capitalismo mundializado se exprime na experiência social dos jovens das classes populares numa tensão que vem da passagem entre o mundo da pobreza e da riqueza; na palavras de Telles (2006) "do universo empobrecido da periferia e dos *shoppings*, lugares prestigiosos de consumo e lazer (referências urbanas inescapáveis para essa geração), os baixos empregos do terciário moderno e os circuitos do trabalho precário que tangenciam os fluxos da riqueza plasmados nos espaços urbanos" (TELLES, 2006, p.178).

É entre esses mundos que os jovens da "geração do desmanche", nascidos nos anos 1990, começam a circular. Num espaço urbano reconfigurado pelo mundo do consumo moderno. Esses percursos serão descontínuos e instáveis em função da precariedade da sua conexão com o mercado de trabalho. Os jovens e suas famílias vinham obtendo seus rendimentos em atividades não só remuneradas de forma precária, mas também episódicas e descontínuas, gerando — dentre outros efeitos — uma instabilidade no orçamento domiciliar, dificultando o planejamento do gasto e do endividamento, e uma superexposição à ação especulativa de agiotas informais e de financiadoras. Assim, a experiência desses jovens é tensionada entre a marginalização e o desejo de inclusão à civilização capitalista, citando Telles (2006), entre a "brutalidade das desigualdades e a sedução encantatória do moderno mercado de consumo, em um jogo ambivalente de possibilidades e bloqueios para o acesso a uma vida urbana ampliada" (ibid., p.177).

Sintetizando, no neoliberalismo colocavam-se, por um lado, as condições de aprofundamento da desagregação social – ou do "desmanche" – e acirramento da instabilidade na vida dos mais pobres e, por outro, o sentido da modernização de integração no mercado de consumo.

A oposição desses mundos acirra a contradição da realidade que vivem os jovens, moradores da periferia da cidade. Telles e Hirata (2007), em um artigo sobre a cidade e as práticas urbanas, relatam por meio de trajetos de sujeitos da periferia o trânsito entre o legal e o ilegal. Mostram como famílias, lideranças comunitárias, traficantes locais, comerciantes, perueiros partilham uma história comum de trânsito entre um lado e outro (legal e ilegal):

Cada qual e, sob maneiras diversas, transita entre um lado e outro, nas fronteiras incertas do legal, do informal e ilícito: famílias cujos filhos estão presos ou foram mortos em algum desses trânsitos entre o legal e o ilegal; o traficante que já foi um trabalhador no mercado formal de trabalho, um outro que intercala expedientes vários no mercado informal e o negócio da droga ou que tenta consolidar uma pequena loja nas imediações com a expectativa (ou o sonho) de, um dia, sair da vida do crime; o perueiro que já traficou drogas em outro momento e resolveu dar um novo rumo para sua vida (ou o contrário); o comerciante cujo filho é perueiro e sabe das complicações que acompanham seus trajetos na cidade; a liderança comunitária, que já foi uma aguerrida militante dos outrora ativos movimentos de moradia, que nos períodos de eleição

se converte em um muito eficaz cabo eleitoral de vereadores locais (...) (TELLES; HIRATA, 2007, p.181).

No trecho, os autores sintetizam a experiência desse grupo social, elucidando o movimento de personagens, que podemos chamar de representativas, entre a dimensão da ordem e da desordem.

Com a chegada da globalização no país, a retomada do ritmo modernizador dos anos 1970, sem um projeto material, trouxe a ilusão da modernidade encarnada na integração ao vistoso e atrativo mercado de consumo e no estilo de vida posto pela hegemonia norte-americana como experiência de desenvolvimento ou avanço.

Por esses anos, estreiam dois *lôcus* da civilização capitalista: o *shopping center* e a rede de *fast food* McDonald's. Ambos lugares recorrentes na narrativa dos jovens das classes populares. No estudo de Isleide Fontenelle sobre a marca McDonald's (2006), a autora nos relata a história da imagem da marca na entrada ao país. Diferentemente dos Estados Unidos, em que se reinventou como diversão barata para as famílias de classe média, no Brasil, inicialmente foi "objeto de desejo de uma juventude abastada, na região mais cosmopolita, até mesmo devido ao preço de seus sanduíches, até hoje incrivelmente alto, se comparado com o poder de compra do brasileiro" (FONTENELLE, 2006, p.43). A autora revela que essas primeiras imagens tinham a função de "educar para esse consumo tão moderno" que chegava ao país. Assim, as classes mais ricas, na periferia do capitalismo, buscavam seguir de perto os padrões de consumo do centro, encarnados no "*american way of life*". A imagem da marca, como sintetiza Fontenelle, vigorou inicialmente não como entretenimento para as massas – a quem se dirigia nos Estados Unidos – mas como "uma experiência de desenvolvimento, de cultura de ponta" (ibid., p.43).

Em finais dos anos 1960, ainda no período militar, surgem os *shopping centers* seguindo o padrão norte-americano e, no Brasil, se padronizaram como "símbolos onipresentes de poder" (PADILHA, 2006), ou seja, de sinalização de *status* para seus frequentadores. Nos anos 1980, esses espaços se amplificaram maciçamente nas capitais, chegando mais

recentemente nos anos 2000 com muita força no interior dos estados<sup>36</sup>. No estudo histórico e sociológico de Valquíria Padilha sobre o *shopping* no Brasil, revela-se um padrão, parecido ao do McDonald's, de participação e adesão das classes médias e mais ricas. Segundo a autora, num contexto de profunda desigualdade, marcado pela concentração de renda na população mais rica, "mostrava de um lado o crescimento de luxuosos *shopping centers* para os mais abastados e, de outro lado e ao mesmo tempo, um aumento da pobreza" (PADILHA, 2006, p.69). Desse modo, de acordo com Padilha, a modernização capitalista retira de uma grande parte da população o acesso ao lazer e ao divertimento oferecido por esses novos centros; "os *shopping centers* estão hoje tornando-se os espaços privados de lazer para as camadas privilegiadas da população, sobretudo em países como o Brasil" (ibid., p.69).<sup>37</sup>

O *shopping* como centro gravitacional da civilização capitalista mundializada, representa não só um lugar de sedução e culto às mercadorias – nessa "catedral da mercadoria", título do livro de Padilha – que busca adaptar o novo sujeito da modernidade à obsessão pelo lucro, mas também se coloca como um lugar da ordem. Nas palavras da autora, é um "espaço privado que se traveste de público para dar a ilusão aos consumidores de que se trata de uma 'nova cidade', mais bonita, mais limpa e mais segura que a 'cidade real' que pertence ao 'mundo de fora'" (ibid., p.23). A autora cita um

---

<sup>36</sup> O fenômeno de "interiorização" dos *shoppings* observa-se nos anos 2010 tanto em estados do sudeste como do nordeste, notadamente, Pernambuco. Cf. CAMPINAS lidera ranking em número de shoppings no interior de SP. São Paulo, *G1*, 14/01/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2012/12/campinas-lidera-ranking-em-numero-de-shoppings-no-interior-de-sao-paulo.html>. Acesso em março de 2014; AUMENTO de consumo leva a abertura de novos shopping no interior. Recife, *Diário de Pernambuco*, 11/06/2012. Disponível em: [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/economia/2012/06/11/internas\\_economia,378210/aumento-de-consumo-leva-a-abertura-de-novos-shopping-no-interior.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/economia/2012/06/11/internas_economia,378210/aumento-de-consumo-leva-a-abertura-de-novos-shopping-no-interior.shtml). Acesso em março de 2014.

<sup>37</sup> A ilusão da modernidade e a experiência do desenvolvimento ou avanço por meio da participação nos *locus* da civilização capitalista das classes mais ricas locais em detrimento da marginalização dos pobres guarda semelhança ao que Schwarz ([1977] 2012b) apontava como a vinculação do Brasil à hegemonia cultural – europeia no século XIX e início do XX –, que se prendia na importação de objetos de consumo numa reprodução sem descanso do sistema econômico internacional que "prendia os olhos e desejos da elite brasileira a coisas e ideias sem qualquer continuidade com as nossas relações sociais de base, que ficavam relativamente emudecidas, sem coroamento na civilização material e ideológica" (SCHWARZ, [1977] 2012b, p.106). Beneficiados "naquele tempo e hoje" da ordem brasileira, assinala o autor, que "procuravam gozar das vantagens combinadas do atraso social e do progresso material (ibid., p.106).

estudo que mostra a importância da questão da segurança relacionada ao *shopping*, que se assemelha a experiência ilusória dos condomínios construídos na Região Metropolitana de São Paulo, sendo que nestes a barreira de entrada é mais ostensiva.<sup>38</sup>

Padilha (2006) nos mostra que, em nome da “qualidade de vida”, a urbanidade se remodela no sentido de se afastar “do mundo de fora” – que não chegou a níveis de civilidade urbana decentes – como notadamente na questão do transporte – e da solução individualizante do lucro privado<sup>39</sup>. Os gestores dos *shopping centers* recriam seus espaços de lazer, praças, lojas etc., em versões mais “limpas, mais bonitas, mais modernas, mais práticas e mais seguras, de forma que os transeuntes sintam mais prazer no mundo artificial de ‘dentro’ do que na realidade real ‘de fora’” (ibid., p.132). A qualidade de vida (ordem, segurança, limpeza e desmundanização) vinculada à experiência do cidadão consumidor no *shopping* passa a ser uma unidade simbólica de reprodução da ideologia do capital. No resumo da autora, o sujeito consumidor vai ao *shopping* e lá sente-se protegido e moderno.

Buscando fugir dos aspectos negativos das cidades, os *shopping centers* aparecem como locais próprios para uma melhor ‘qualidade de vida’, por possuírem ruas cobertas, iluminadas, limpas e seguras; praças, fontes, bulevares recriados; cinemas e atrações prontas e relativamente fáceis de ser adquiridas - ao menos para os que podem pagar” (ibid., p.188).

De acordo com Sorj (2006), o consumo nesse contexto leva tanto à canalização dos desejos para adquirir objetos, transformando o poder aquisitivo e a exibição de bens materiais nos valores da sociedade, como à transformação da “qualidade de vida” num componente ativo dos direitos de

---

<sup>38</sup> O mercado descobre aqui a alta lucratividade da venda de experiências, neste caso, pelo gozo experimentado ao deixar o outro (pobre e perigoso) de fora, e pelo sentimento pacificador de ter finalmente encontrado alguma ordem e segurança (DUNKER, 2009). Richard Sennett em sua obra “a cultura do novo capitalismo” (2006), em que o consumidor entra no jogo do mercado da imaginação e toma como objeto real de valor “*el dorado*” (ou seja, uma ilusão) e não sua função ou utilidade ou sua posse. No mercado da imaginação, a segurança é vendida como mercadoria na expansão de condomínios fechados. Tornam-se, assim, “artefatos de classe média” dispositivos de segurança (muros, guaritas, etc.), negando a entrada à pobreza (e, portanto, à violência). Com isso, a manipulação do medo (pela mídia e pelo capital) se expande e a discriminação e a segregação social são acirradas.

<sup>39</sup> O conceito de “qualidade de vida” remete à dimensão social do espaço urbano e à forma desigual que vivem os problemas da cidade os distintos grupos sociais organizadas economicamente pelo modelo do capital (KOWARICK, 1983), que passam a se concentrar principalmente na periferia, onde moram predominantemente os grupos mais pobres. No caso da relação da “qualidade de vida” ao *shopping* há uma perspectiva que justamente reforça a segregação social.

cidadania. Ou seja, aproximando cidadania e consumo. Assim, a integração no *shopping* permite aos seus frequentadores um mergulho em fantasias e *status social*, na medida em que os objetos passam a ser adquiridos não pelo seu valor de uso, mas pelo significado social de sua posse e de "cidadão" de um espaço esvaziado de contradições e de qualquer referência coletiva (PADILHA, 2006).

A noção de cidadania foi, para Evelina Dagnino (2004), objeto de uma dramática apropriação neoliberal. Primeiro, pela conexão que estabelece entre cidadania e consumo — coração da nova economia do capital (BAUDRILLARD, 1981; SENNETT, 2006) — e, segundo, porque reduz o significado coletivo de cidadania elaborada pelos movimentos sociais a um entendimento individualista que obscurece a luta orientada por um projeto de transformação da estrutura social e, com isso, a política. Esse significado político no seu potencial transformador passa a ser alvo das concepções neoliberais de cidadania (DAGNINO, 2004). Desse modo, o processo de hegemonização neoliberal teria desenraizado a política e o coletivo da alternativa vista no projeto democrático mais radical e na luta dos movimentos sociais nos anos 1970-80 no país. Sorj (2006) elucida, a respeito da passagem da política para o mercado nesse processo, a relação entre a concepção do cidadão-consumidor e a “qualidade de vida”:

A ideologia e as práticas da sociedade de consumo constroem-se em torno da questão da qualidade do produto, que do ponto de vista do consumidor-cidadão se transforma em "qualidade de vida". A ideologia da qualidade do produto, associada a marcas por meio da publicidade, foi construída pelas grandes empresas para assegurar a fidelidade do cliente, com o qual não mantêm relações pessoais, e a assim a estabilidade e expansão da demanda por produtos (SORJ, 2006, p.49).

A ilusão da “qualidade de vida” e da ordem, que tem espaço no *shopping*, afasta e segrega o mundo "real" da rua, em especial da periferia. Mundo irregular e desordenado – devido às gambiarras, à precariedade da infraestrutura urbana, ao trânsito do lícito e ilícito – num processo de opacidade das contradições que surgem da realidade quando tomada integralmente.

Como Padilha (2006) mostra, a "catedral da mercadoria" coloca para o sujeito da modernidade capitalista uma utopia de preenchimento em que este *sonha* expandir ao máximo o "ter", num sentido único e linear: ampliar o ter

para fortalecer a existência ou torná-la visível e desejável. No entanto, para os mais pobres, esse desejo utópico e a integração à modernidade encontram uma barreira de entrada no próprio *shopping*: "excluindo aqueles e aquelas que nada têm, preservando o espaço tão somente para aqueles e aquelas que tudo sonham (que podem) ter" (PADILHA, 2006, p.8). Qual é o lugar, então, para os jovens pobres no capitalismo mundializado? Por um lado, encontra-se o horizonte da ascensão social, que permitiria ao jovem pobre ser um cidadão-consumidor e participar de uma forma de vida atribuída às classes médias. Por outro, a via do crime reforça a margem deste mundo ou uma exclusão social, porém ao mesmo tempo permite a compra e a exibição de objetos que apenas no *shopping* encontram-se originais: os produtos de marca.

O fenômeno social dos "rolezinhos" ocorridos em sequência entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014 em *shoppings* de capitais e cidades do interior do país deu visibilidade ao desejo de participar desses espaços e; ao mesmo tempo, sua repressão e censura social – por parte da polícia, da mídia e dos donos de comércio – revelaram o desejo contrário: de expulsão desses sujeitos. Tornando evidente, com isso, o elemento paradoxal dos *shoppings* e da "qualidade de vida": oferecem-se como espaços públicos e ordenados, mas são propriedade privada e seu uso é restringido ao sujeito que pode consumir.

Não é à toa que os jovens irromperam – literalmente, abriram espaço – nos *shoppings* afrontando toda a parafernália de segurança e previsibilidade deste "mundo ordenado", com o *funk* da "ostentação", que lista de forma quase monótona uma série de marcas "do momento" e objetos valiosos. Os MCs mostram em vídeos no *youtube*, além da sua performance no palco, idas obrigatórias ao *shopping* para comprar bonés e óculos de marca e a lojas de venda de bebidas para comprar os *whiskys* mais caros.

O sentido destas ações parece ser o alcance da "riqueza ilusória" que vem, não do uso ou compra dos objetos em si, mas da sua representação social. Num sentido inverso, ou de sinais trocados, da construção feita por Bourdieu, em que a vida popular se define não só pela ausência de todos os consumos de luxo (whisky, quadros, champanhe, cruzeiros, etc.), mas também pelo fato de que esse consumo está neles sob a forma de

substitutos tais como os vinhos gasosos no lugar do champanhe ou uma imitação sintética no lugar do couro, indícios do desapossamento de segundo grau que impõe a definição dos bens dignos de serem possuídos (BOURDIEU, 1983, p.100 apud PADILHA, 2006, p.132).

Desse modo, os jovens pobres, por meio da “ostentação”, buscam se apropriar dos consumos de luxo das classes mais abastadas como forma de ter acesso imediato à ilusão da riqueza e à distinção social, buscando inclusive se afastar do consumo de substitutos ou cópias. Dessa maneira, cria-se uma desigualdade no interior desse grupo social, entre os que ostentam com marcas originais e produtos valiosos, e aqueles que conseguem apenas réplicas – cópias falsificadas – ou produtos de "segunda linha". O original encontra-se no *shopping*, a réplica é oferecida no comércio porta-a-porta e nas pequenas lojas da periferia.

Para compreender melhor a dinâmica da “ostentação” e do consumo de marcas por jovens pobres, realizamos uma entrevista com Leandro (26 anos), que tinha se vinculado ao crime e hoje buscava se tornar um "empreendedor", por meio de um pequeno negócio de roupas de marca na Cidade Tiradentes, na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo. No seguinte relato, trata-se da questão da rivalidade e do o fetiche imbricados na “ostentação”:

Moto é uma coisa que muito aparece, antes de você chegar mesmo na borracharia tinha duas aí. São motos, assim, que... de luxo, RR, R1, essas motos, assim. A galera fica com inveja e aí os cara que *tem* se acha o bam, bam, bam, entendeu? São os cara, como diz no *funk*, os cara *top* da quebrada, todo mundo vê eles e ninguém, até quem, às vezes, num é nem... pelo lado do idolo, assim, do *funkeiro* que canta aí, vamos supor, eu tenho uma motona o pivetinho que passa aí que quer saber da roupa, ele olha, assim, aquele cara lá meu, olha a moto dele, que num sei o que lá, um dia eu vou ter uma dessa, aí você passa a pivetada fica tudo, assim, óh te olhando, te... é o que o pessoal da periferia gosta muito é isso, que é onde o *funk* diz, que é ter carrão, então aí quem tem uma certa condição vai lá compra seu carrão, sua motona e... e aí o pessoal gosta de ver aquele cara, assim, já é onde aquele cara chega, o cara é o *top de linha* (LEANDRO, outubro de 2013).

Na entrevista com Leandro, entendemos melhor a dinâmica do comércio das roupas e acessórios de marca. Em seu negócio, como em outros que observamos nos bairros e na venda porta-a-porta, eram oferecidas réplicas, sobre as quais há certa cumplicidade entre vendedor e cliente, ao nomearem de "segunda linha" de modo a não desvalorizar o produto, que já sofreu um rebaixamento por ser uma cópia. O original

encontra-se no *shopping* ou vem por meio de atividades ilícitas (roubo de terceiros ou roubo de carga).

Além da questão da valorização do produto original e desvalorização da cópia, surge também no relato a superioridade ou o poder que se consegue por meio da “ostentação” com o efeito de “espelhamento” em que outro jovem passa a invejar a posição e os objetos exibidos por quem “tem”.

Essa supremacia é – podemos dizer – mais intensa se a marca for original. No seguinte trecho, um dos nossos entrevistados faz uma analogia entre uma mulher e uma travesti para se referir a essa dualidade:

Os óculos com que eles vão pro baile, não todos, tem os que são réplicas, mas são originais mesmo da Oakley, o mais barato está mil e quinhentos reais, o óculos. O mais barato..mil e quinhentos reais...aí varia, R\$ 3000 reais. A pessoa já olha você, né?. Porque eles não olham pra você, olham pro que você tem, entendeu? As meninas...isso aí é pra chamar a atenção das meninas. Mas acaba chamando a atenção de todo mundo. Ai os que não tem quer ter, aí vai ...menina, os que não tem quer ter, os que já têm se mostram [mas você acha que da para perceber a diferença] Da para você ver a diferença. Tem uma diferença. São iguais, entendeu. Se você olhar de relance é igual travesti bem arrumado. Se olha de relance, você acha que é uma mulher, mas não é uma mulher, é um travesti...entendeu? (LUIS, março de 2013).

Segundo Sennett (2006), no consumo de marcas, o sujeito busca estimular a diferença entre bens cada vez mais homogêneos. Essa atitude encontra correspondência no sistema de marcas, que trata de fazer com que um produto básico (como tênis e camiseta, ou boné) que é vendido no mundo inteiro pareça distinto e, com isso, trata de dissimular a homogeneidade. Por isso, o consumidor deve impressioná-lo mais do que a própria coisa.

As marcas e roupas de surf, ou a *surf wear* – dentre essas a Oakley —, são um dos principais objetos do desejo de consumo dos jovens deste estudo, junto com outras roupas de *grife*<sup>40</sup>. De acordo com Limeira (2009), a explicação da adoção do *surf wear* pelos jovens das classes populares está no próprio estereótipo do surfista, que é visto como corajoso e até como um herói: “um atleta sempre em forma e bronzeado, com aparência saudável e rodeado de garotas bonitas, transmitindo sensualidade, além de defender a ideia da proteção ao meio ambiente” (LIMEIRA, 2009, p.53).

Além da potência mobilizada pela imagem, aparece também a defesa do ambiente que se conecta à constelação ideológica da “qualidade de vida”.

---

<sup>40</sup>A *surf wear*, como é conhecida esta “tendência de moda”, se apresenta nos casos dos homens de forma “despojada” com chinelos ou tênis, bonés, bermudas e camisetas regatas desse estilo. Em geral, ostentando marcas e expressões em inglês.

O surfista, de acordo com Limeira, é visto como o estilo dos filhos da classe média das famílias cariocas, são os "*playboy*", bastante citados nas letras do *funk* e que aqui em São Paulo são os "*boy*". Mas, ao mesmo tempo, destaca que a roupa de surf compõe o guarda-roupa dos jovens da favela. O resultado do atendimento ao desejo pela distinção entre os jovens da periferia pode ser observado nas ruas; e é exatamente o contrário. Nota-se, na homogeneização da forma de se vestir dos "manos" que, quando em grupos, parecem uniformizados. Isso contribui para um reforço do seu "estereótipo", que preenche as falas preconceituosas e ações policiais.

A experiência de discriminação e marginalização dos jovens do estudo é permeada pela sensação de "invisibilidade". Portanto, este "mimetismo" que o jovem acaba adotando como estratégia se mobiliza diante da impossibilidade de inverter ou modificar a situação social. Ao se vestir ou agir como jovem da classe média, espera-se que os sujeitos desse grupo social o reconheçam como um igual e o integrem à vida social do capitalismo moderno, em que o *shopping* é um lugar privilegiado. A tentativa de ajustamento à ordem social se dá se assemelhando a um jovem de uma classe superior.

### **3.1 Tráfico e consumo**

A modernização da sociedade do consumo aumenta a sensação de privação relativa (SORJ, 2006) dos "sujeitos monetários sem dinheiro" (SCHWARZ, 1999) que nasceram na década neoliberal. Segundo Sorj, teria ocorrido uma mudança fundamental nas expectativas dos mais pobres. Se para aquela geração que migrou do campo para as cidades em busca da integração social e do emprego industrial o acesso aos serviços da cidade constituía uma melhoria, para as gerações seguintes coloca-se a frustração diante do mundo urbano do consumo:

Enquanto que para os migrantes do campo a obtenção de um trabalho manual na cidade, que assegurasse o sustento básico, já significava uma ascensão social, para as novas gerações as expectativas são de integração no meio do consumo urbano. Para os filhos dos migrantes do campo ser urbano deixou de representar, como representou para seus pais, uma melhoria automática das condições de vida pelo acesso aos serviços de infraestrutura que não existiam no meio rural. Para as novas

gerações, a comparação não é com o passado, mas com o mundo urbano do consumo, o que gera um sentimento de crescente privação relativa e frustração (SORJ, 2006, p.82).

Com a proliferação do negócio do tráfico e frente a essas novas expectativas de integração, o envolvimento em atividades ilícitas acaba sendo uma via plausível para ter por "um breve momento dinheiro suficiente para realizar alguns dos seus sonhos de consumo (e que rapidamente acaba em prisão ou morte)" (ibid., p.82).

Como já foi apresentado, o mercado do tráfico de drogas se globalizou e se expandiu junto às redes do crime organizado, conectados aos circuitos desterritorializados do capital financeiro (TELLES, 2007), cuja mão de obra encontra-se nas áreas mais pobres e segregadas da cidade. Na explicação de Coggiola (1996), o tráfico de drogas é um negócio capitalista por ser organizado como uma empresa estimulada pelo lucro. No cenário de expansão desses negócios, nos anos 1980 e 1990, o autor anunciava que: "os setores mais afetados são precisamente os mais golpeados pela falta de perspectivas: a juventude condenada ao desemprego crônico e à falta de esperanças e, no outro exemplo, os filhos das classes abastadas que sentem a decomposição social e moral" (COGGIOLA, 1996, p.45).

No mesmo período, houve uma explosão de mortes violentas em decorrência das rixas pelo negócio da droga. Nesses anos, a periferia de São Paulo sofre um aumento sem precedentes das mortes violentas geradas pelo abuso policial e pelos ciclos da violência que têm na vingança seu motor principal. Em entrevistas com moradores de distintas regiões da Grande São Paulo, entre 2004 e 2008,<sup>41</sup> ouvimos relatos sobre esse período em que estavam presentes a precariedade e o horror. Em várias entrevistas, ao lembrar daqueles anos, as pessoas ressaltavam a questão da violência; muitos chegaram a pisar – literalmente, passar por cima – em cadáveres no trajeto para pegar o ônibus. Como a distância dos postos de trabalho é

---

<sup>41</sup> No município de Santo André, na favela do Capuava, realizei a pesquisa de campo para a dissertação de mestrado entre 2004 a 2005 e, em Cidade Tiradentes, participei como pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) no projeto "*Safe Spaces, Safe City: Crime Prevention Strategies in São Paulo*". Os resultados foram apresentados na Urban Age South America Conference em dezembro de 2008, organizada pela Cities Programme at the London School of Economics and Political Science (LSE) e a Alfred Herrhausen Society, the International Forum of Deutsche Bank.

grande, saíam de madrugada. A falta de rede elétrica – que dificultava a visibilidade do trajeto nesse horário em que não havia a luz do sol – e o resultado das vinganças conduziam a esses cenários de horror. Os moradores evitavam circular por algumas áreas, andavam em grupos à noite, eram explicitamente controlados nas suas atividades e, quando havia "briga", seu cotidiano era interrompido. Os resultados das vinganças eram corpos que se acumulavam nas vielas – ou inclusive pendurados em árvores –, que depois dos finais de semanas eram recolhidos no carro do Instituto Médico Legal (IML).

Nesse cenário, a polícia contribuía, e ainda contribui, para o aumento do crime. Na descrição dos anos 1980 e 1990, José Murilo de Carvalho (2001) apontava o envolvimento das polícias civil e militar com criminosos, grupos de extermínio e quadrilhas; nas palavras do autor “mesmo a polícia civil, que não tem treinamento militarizado, se vem mostrando incapaz de agir dentro das normas de uma sociedade democrática” (CARVALHO, [2001] 2009, p.213). Referia-se a denúncias de prática de tortura de suspeitos dentro das delegacias, o que ainda persiste. Por fim, o autor elenca as chacinas perpetradas pela polícia na década de 1990, dentre essas a do Carandiru em 1992 que levou à morte de 111 presos<sup>42</sup>.

Caldeira (2000) destaca que o número de abusos policiais sérios cometidos pela polícia no final dos anos 1980 e início dos 1990 foi especialmente alto, observando padrões que pareciam ter se tornado cada vez mais ilegais e violentos. A polícia, para a autora, mais do que garantir direitos e coibir a violência, "estava de fato contribuindo para a erosão dos direitos dos cidadãos e o aumento da violência" (CALDEIRA, 2000, p.134). Seus dados mostram que, em 1992, as mortes provocadas pela polícia representaram 20,63% de todos os homicídios da Região Metropolitana de São Paulo<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Carandiru (1992, com 111 presos mortos); Vigário Geral (1992, 21 pessoas mortas); Candelária (1996, 07 menores de idade mortos), e Eldorado do Carajás (1996, 19 trabalhadores sem-terra executados). Sobre este último caso, dos 154 policiais denunciados pelo Ministério Público, apenas 02 foram condenados a pena máxima por homicídio doloso no corrente ano. Dezesesseis anos depois.

<sup>43</sup> A taxa nacional de homicídios por 100 mil habitantes tinha passado de 13 a 23 (de 1980 para 1995), sendo que a maior parte desses crimes se concentrava nas grandes cidades; 56 no Rio de Janeiro, 59 em São Paulo e 70 em Vitória (CARVALHO, 2009).

Mas a persistência da violência policial e seu crescimento naquele período foram possíveis, segundo Caldeira (2000), em parte também pelo apoio popular. Segundo a autora, não apenas as classes média e alta, mas também parte "das camadas trabalhadoras" acreditava que a boa polícia "é dura" e que seus atos ilegais eram aceitáveis. Ao mesmo tempo, a perda de legitimidade do poder judiciário como instância de resolução de conflitos (FELTRAN, 2010) acompanhou a contratação de justiceiros.

Nos anos 2000, entretanto, os negócios do mercado de tráfico de drogas beneficiaram-se da ordenação social na mediação de conflitos instaurada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) em São Paulo, que levou à queda acentuada da taxa de homicídios na periferia nos anos 2000<sup>44</sup>. A partir de 2003 e 2004, o grupo do crime organizado alcança uma hegemonia no sistema prisional do estado que coincide com o aprisionamento massivo como política do governo estadual<sup>45</sup>. Essa ordenação serviu ao lucro do negócio do tráfico que, ao mesmo tempo, superexplora os jovens que trabalham nessas atividades ilícitas (por meio da precariedade, risco, ausência de qualquer proteção legal); os quais, como mencionam os jovens do estudo nas entrevistas, são descartáveis, tratados "como máquinas" em troca do atrativo do dinheiro que recebem pelas atividades. Na outra ponta, os "gerentes das lojas" (pontos de venda de drogas) viraram "top". São eles que andam em moto, "carrões", que saem com as mulheres mais bonitas do bairro, frequentam os camarotes das "baladas". O traficante é "o bandido", visto com certa heroicidade e, na analogia com o mercado, como empresário de sucesso. Segundo Feltran

---

<sup>44</sup> Nesse anos, o quadro da década anterior de altíssimas taxas de homicídio foi revertido drasticamente. Houve uma queda de 68% no número de homicídios de homens entre 15 e 29 anos no estado de São Paulo. Em 2001, a taxa era de 164,9 óbitos por 100 mil habitantes. Já em 2007, esse número diminuiu para 52,3 (IPEA, A situação social nos estados: o caso de São Paulo).

<sup>45</sup> De acordo com Biondi (2009) o massacre do Carandiru marcou o universo carcerário e serviu como um argumento sólido para a proposta do PCC, de que os presos têm que se unir para lutar contra o que chamam de "opressão carcerária". No processo de hegemonização da facção, a organização tinha desenvolvido práticas de mediação de conflito dentre e fora das cadeias que se espalharam como instâncias de autoridade na periferia, reduzindo drasticamente as altíssimas taxas de homicídio e o espiral de rixas e vinganças mortais que assolavam o cotidiano dos mais pobres (FELTRAN, 2010). Nos bairros, cabe ao "Disciplina" a primeira decisão sobre problemas da comunidade onde a facção atua, resolução para brigas entre integrantes e cumprimento de punições. Na hierarquia o Disciplina deve reportar-se ao "Sintonia Geral". Reportagem da carta capital intitulada "O crime no comando do Estado" publicada em 05 de março de 2014, ano XX nº789.

(2011), "a remuneração pelo serviço (do crime) é variável, mas sempre atrativa se comparada às atividades lícitas, e cresce conforme o nível de vinculação dos indivíduos à estrutura do negócio" (FELTRAN, 2011, p.148). O crime funciona, assim, como uma verdadeira empresa da ilegalidade, cujos gerentes são os "*empresários no ghetto*"<sup>46</sup>.

Os jovens entrevistados também descreveram os negócios da polícia com os traficantes locais. Assim, do Estado, do qual se espera a ordem, também vem a ilegalidade, a violência, o assédio e o caos. Todos os jovens entrevistados na investigação já tinham sido detidos pela polícia ao circular pela rua. Muitos indicam que os policiais "não perdoam nem trabalhador", para destacar a arbitrariedade e espontaneidade da violência cotidiana a qual são submetidos. Ser trabalhador, e em especial portar a carteira assinada é, na periferia, sinal de ordem e moral. Os interrogatórios geralmente são vexatórios e envolvem de ironias e xingamentos a agressões físicas:

a polícia já me parou andando de moto sem habilitação. Já tive que dar dinheiro para eles não prenderem a moto. Eles falam: 'tem dinheiro?', 'porque você está andando de moto sem habilitação?', 'nós vamos prender sua moto, o que você tem pra dar para nós?', 'o que você tem pra dar pra nós?' Até te xingam (risos), xingam de palavrão. De filha da puta, de arrombado, o que for... eles te humilham..." (LUIS, março de 2013).

[E porque eles pararam?] Porque estava eu e meu namorado andando de carro, aí nós virou aqui. Foi o GARRA, sabe? Os caras todos de preto, foi eles que parou. Aí parou o carro do meu namorado, aí ficou perguntando um monte de coisa. Que se as roupas que eu estava usando quem me deu, se foi o meu namorado, falei que foi. Porque meu namorado estava tudo, sabe, de Lacoste? Aí eles ficou olhando assim, perguntando se ele era bandido. Folgados. Falou que ia me levar pra delegacia pra minha mãe ir me buscar, mas eles nem levou (ANA, outubro de 2014).

Nem mesmo em seus espaços de lazer os jovens se livram da violência policial. Os jovens relataram as frequentes invasões da polícia aos bailes *funk* de rua, que geram cenas de pânico coletivo, correria por todos os lados e jovens sendo pisoteados. O cenário deixado para trás é de destruição:

Quando a polícia chega lá pra estragar com tudo é feio de ver, o negócio é assustador parece que você está na guerra no Iraque, sabe? Você vê gente que toma aqueles tiro de borracha aqui (mostrando) "ô..." eu tenho uma amiga que ela tem uma platina na perna. Ela foi de salto, e pra correr no meio daquela muvuca? E ela torceu o pé e ficou lá. Ficou lá e o pessoal não quer saber, cada um por si. Querem saber de se salvar, de subir lá pro morro pra não tomar tiro (LUIS, março de 2013).

---

<sup>46</sup> Expressão adotada por um colega pesquisador, morador da Cidade Tiradentes.

Em síntese, parece existir uma inversão entre os polos da ordem e a desordem. Do Estado vêm a violência e a truculência e, do crime, a organização das relações por meio de mecanismos de mediação e disciplina.

Os jovens encontram no crime uma atividade marcada por riscos que, ao mesmo tempo, nas palavras de Feltran, "se bem feita, abre as portas do consumo — e isso não é pouco, para quem nunca pôde consumir" (FELTRAN, 2011, p.148). O dinheiro obtido no crime permite a satisfação imediata do desejo por objetos de consumo. Pensar na atração do crime revela também seu oposto no âmbito do trabalho; a monotonia, a precariedade da experiência urbana e das condições de trabalhador, a repetição de uma rotina cansativa que parece não ter fim. O crime coloca o jovem diante da realização imediata do seu desejo num patamar de consumo que dificilmente poderia obter com a remuneração dos trabalhos oferecidos aos pobres. Nesse sentido, a "ostentação" é a dinâmica social que, junto à materialidade do dinheiro, desautoriza o trabalhador e o rebaixa a "otário", ou a "Zé". O poder de "ostentação" engrandece os jovens diante do olhar dos seus amigos e das mulheres.

A rotina do roubo e a exibição do que se comprou são o enredo principal do "*funk* ostentação", que se disseminou e ganhou centralidade na vida cultural dos jovens da periferia de São Paulo e na Baixada Santista já no final da primeira década dos anos 2000. Nos últimos anos, a ênfase começou a ser dada na parte final desse enredo, no qual se listam uma série de objetos e marcas e se exibem imagens nos videoclipes da *internet* de um "mundo de luxo" em que o jovem da periferia, figurado pelo MC, é o protagonista. Com a mudança de ênfase, da criminalidade à exaltação do consumo, o *funk* ostentação foi incorporado também pela mídia (BARBOSA, 2014). Para Luis, um dos sujeitos do estudo, o resumo das músicas envolve uma relação direta entre o poder de ostentar e o dinheiro do crime: "*fala do que os homem precisa de bens para ostentar a mulher, para conseguir ter a mulher pra ele. Mas você vai ver que do jeito que ele faz pra ter as coisas, não é da maneira correta, entendeu?*" (LUIS, 20 de março de 2013). Nas letras é também suposta uma admiração das mulheres pelo poder de quem ostenta. Segundo Barbosa (2014), este seria o comportamento idealizado para as mulheres através do estilo ostentação no *funk*.

Como Barbosa (2014) aponta, no *funk* é cantado o que se quer mostrar. Por isso, a imagem e a exibição têm um papel fundamental. Muitas das músicas já são produzidas tendo em vista a gravação de videocliques em que se mostram iates, carrões, homens rodeados de mulheres, correntes de ouro, quando não o próprio dinheiro por montões. Na análise das músicas do Mc Boy dos Charmes, o autor sugere que ele "usa o mote da imaginação nas letras para, de certa forma, descrever ou apresentar o desejo por bens de consumo de alto valor e a necessidade de ostentá-los" (BARBOSA, 2014, p.10). Ou seja, é na imaginação e na paixão despertada pela exibição de objetos, onde se encontra a força motriz das músicas. Mas logo em seguida o autor assinala:

ele nos demonstra como esse mundo de riqueza e ostentação, apresentado nas letras das músicas e nos vídeos exibidos no *youtube*, parte muito mais de uma realidade imaginada do que uma realidade de riqueza material de fato. Nos videocliques, por exemplo, grande parte dos automóveis exibidos são emprestados ou alugados. O mesmo acontece com mansões, iates e mesmo aviões que aparecem nos vídeos. Ainda que alguns desses Mcs de *funk* ostentação em São Paulo já façam considerável sucesso no circuito de casas noturnas da cidade (...) e consigam, assim, comprar alguns dos carros por eles cantados, origem desses jovens não tem nada de riqueza e ostentação. Em sua maioria, são jovens muito pobres ou no máximo de estratos mais baixos da classe média (ibid., p.10).

Barbosa mostra de forma muito clara a montagem imaginária da riqueza que a "ostentação" organiza. Quando a realidade começa a ser enxergada, após a exibição da riqueza dos vídeos, os objetos usados devem ser devolvidos. Estes não pertencem ao jovem que, após a ilusão, reencontra-se com a sua realidade: ele é um jovem pobre.

A "ostentação" remete ao mecanismo de compensação imaginária da rixa, presente na experiência histórica dos mais pobres. Edu Otsuka (2007), em seu ensaio sobre o romance "Memórias de um sargento de milícias" de Manuel Antônio de Almeida, buscou mostrar que a dinâmica da rixa e da vingança revelava um fundamento social na vida dos "homens livres", ou seja, entre aqueles marginalizados socialmente (FRANCO, ([1969] 1997) . Nessa proposição, o autor nos dá uma chave para compreender um mecanismo de reforço da desigualdade: a compensação imaginária. Segundo Otsuka, a rixa se apresentava para os pobres como o único lugar em que é possível afirmar uma supremacia, um pouco na realidade e muito na imaginação, fora da

relação do favor com um poderoso ou um senhor. Esta supremacia se vinculava com certo prestígio em relação aos demais, também pares.

Para desencadear uma sequência de espelhamentos, é necessário um espaço de sociabilidade, que neste caso se dá no *funk*. O deflagrador é a mercadoria; seja a moto, seja a marca. Esta não só valoriza mas gera inveja e desejo, que não seria exatamente possuir o que o outro é (algo que faz parte da pessoa), mas o que o outro tem e a posição que ocupa. Diante da situação de impotência dos jovens que experimentam uma situação de profunda desigualdade diante da riqueza e da "modernidade", a onipotência da imaginação, por meio de mecanismos de compensação imaginária que o dinheiro do crime permite, este mostra-se como uma alternativa.

Na "ostentação" a exibição de objetos de marca e de luxo inflige o desejo pelo que um jovem subalterno "tem" (moto, carro, óculos e roupas de marca) por outro jovem da mesma classe, com ganhos de distinção e poder. A prática de ser visto, de ostentar, como mostra Padilha (2006), se dá frequentemente nos *shoppings* das cidades brasileiras. Entretanto, para os jovens subalternos o principal *lócus* de ostentação é a própria periferia, na rua, nos bailes *funks*, e sua base material é o dinheiro do crime. A "ostentação" leva a ciclos mais "entrópicos" e desordenados de consumo – quando comparada à compra parcelada no crediário –, passando rapidamente do estímulo da potência para uma perda de vitalidade e do gasto do dinheiro ganho. Em seguida, inicia-se novamente o ciclo com a prática de uma atividade ilícita.

No trabalho de Fontenelle (2006) sobre o fetiche, a autora enfatiza que na "sociedade das imagens" – termo adotado por Guy Debord– há uma relação visceral entre publicidade e mídia. Esta, ao assumir um lugar de "suposto saber", leva à constatação de que "estar na imagem é existir". Este sujeito vê-se pautado pela necessidade da performance e "interessam-lhe as máscaras, os disfarces, a capacidade de exercer diferentes papéis, o tempo inteiro, para poder ser captado pelo outro enquanto uma imagem de si mesmo" (FONTENELLE, 2006, p.29). Assim, os sujeitos se alienam passando a se enxergar a si mesmo pelo olhar do outro. Este seria o espelhamento, mas que reproduz uma miragem e não necessariamente a realidade. O consumo de imagens teria sido a estratégia de mercado da

marca McDonald's e de outras marcas globais. Segundo a autora: "Daí porque se assume a tese de que o sujeito que consome imagens sabe que elas são ilusórias, mas age como se não soubesse" (ibid., p.39).

Em síntese, "ostentação" é organizada por uma disposição que vê a sociedade sob a perspectiva das relações de poder entre superiores e inferiores e, portanto, da desigualdade. As ações ligadas a essa disposição buscam levar os jovens pobres ao topo da escala social por meio do estupor da ilusão que se realiza pelo consumo. Chamamos de *ladrão* à visão de mundo, interna ao pensamento dos jovens, que aceita, como princípio da ordem social, a hierarquização que estabelece apenas dois lugares ocupados socialmente: superior e inferior.

Sob essa perspectiva, a experiência da pobreza, ligada a uma série de humilhações, é conectada à privação do "ter", e esta, por sua vez, à inferioridade e à impotência. A privação corresponde à sensação de ter sido roubado e, portanto, a uma injustiça. Com isso, o desejo de "ter" se manifesta de forma quase violenta para, seguindo os preceitos desta disposição, sair da posição de inferioridade. Mas dado que as dualidades sociais são relativas, não se pode ser superior se não há socialmente um conjunto inferiorizado. O mecanismo de inferiorização mobilizado pela ostentação é a inveja, ou o "recalque", como conhecido nas letras de *funk*. É a inveja da posição das pessoas que poderiam ter seus objetos e o dinheiro roubado o que permite ao jovem realizar a qualidade de possuidor e, portanto, de "ter". Por isso, o poder de aquisição e consumo sempre está ligado à exibição do que se "tem", seja em espaços de sociabilidade, seja em fotografias e imagens nas redes sociais. Como contrapartida deste mecanismo, o jovem pobre coloca os seus iguais na posição de ladrões. Por meio do "espelhamento", desperta-se o desejo de roubar aquele que ostenta. Mas chegamos aqui ao paradoxo para o jovem pobre: para ostentar ele precisa roubar ou se envolver em outras atividades ilícitas, ou seja, precisa se transformar, justamente, num ladrão.

Desse modo, como veremos, a visão de mundo que decorre da marginalização do trabalho e da valorização individual apresenta dois momentos distintos: i) o da "ostentação" que se dá pelo reforço da inferiorização dos iguais e pela via da desordem (ou seja, pela prática de atividades ilícitas) e ii) o alcance da "qualidade de vida" e o status. Este

último é levado adiante pelo jovem no âmbito da ordem e na perspectiva da ascensão social via trabalho e estudo.

Em termos do nosso problema da pesquisa, com a expansão do mercado do tráfico na periferia das cidades, notadamente nos anos 1990, aumenta a circulação de dinheiro nesses bairros e a capacidade de consumo imediato dos mais jovens envolvidos nessas atividades<sup>47</sup>. Por outro lado, o aumento da oferta de postos de trabalho com carteira assinada na década lulista diminui a "pobreza monetária" e altera-se a relação de bloqueios e acesso ao consumo por meio do crédito. O fortalecimento da perspectiva do trabalho leva à vivência de um dilema, ou uma encruzilhada entre os jovens: seguir a via do trabalho assalariado ou a do crime.

#### **4. O perfil do estudo na população**

Nesta seção, buscamos caracterizar o perfil dos jovens do nosso estudo por meio da espacialização de indicadores construídos a partir da amostra dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. Para análise e controle dos resultados, adotamos quatro parâmetros de localidades: i) distrito da Brasilândia – área de realização da pesquisa –, ii) conjunto de regiões periféricas, iii) Município e iv) Estado de São Paulo. Para algumas informações também incluímos na análise o nível nacional. Tratamos de indicadores demográficos e socioeconômicos para, em seguida, definir o perfil dos jovens do estudo na população. A seguir, apresentamos os critérios de classificação das áreas da cidade como periferia e o resultado da análise dos indicadores.

No estudo realizado por Marques (2014) sobre as mudanças na estrutura social e no padrão de segregação espacial na Região Metropolitana de São Paulo na década de 2000, o autor mostrou que os resultados continuavam sendo explicados pelo modelo radial-concêntrico de distribuição

---

<sup>47</sup> A ideia da circulação do dinheiro na periferia foi sugerida pelo Prof. Dr. Gabriel Feltran no comentário de uma versão anterior do presente capítulo no Seminário Discente do Departamento de Ciência Política - FFLCH/USP em abril de 2014.

dos grupos sociais no espaço urbano<sup>48</sup>. Ou seja, a metrópole continuou "intensamente segregada com um claro padrão de evitação entre grupos sociais posicionados nos polos da estrutura social " (MARQUES, 2014, p.676). Portanto, os bairros periféricos ainda concentravam maior pobreza, as piores condições de vida urbana e a "desordem", que pode ser vista no "seu traçado irregular e o desconexo dos seus espaços vazios e ocupados que já sugerem formas disparatadas de ocupação do solo. Esta impressão de desordem se agrava quando conhecida a realidade que não consta no mapa oficial da cidade" (KOWARICK, 1983, p.30)<sup>49</sup>.

Entretanto, observa Marques, na primeira década dos anos 2000, foram registradas alterações que indicavam uma intensificação da concentração da população de alta renda em áreas habitadas pelos grupos mais ricos, por um lado, e maior heterogeneidade da periferia entre grupos sociais e econômicos médio-baixos e pobres, por outro. A respeito dessas alterações, o autor esclarece:

o conjunto da estrutura de segregação é fortemente hierárquico e as classes médias e inferiores tendem a se misturar mais, mas em espaços não habitados pelas elites. A segregação se manteve em geral estável ao longo da década, embora talvez com aumento da segregação das classes superiores e redução da segregação das classes baixas, que se tornaram mais misturadas com as médias (MARQUES, 2014, p.690).

O sentido que damos a estes resultados, seguindo as análises de Pochmann (2012), é o de que a heterogeneidade do ambiente social na periferia de São Paulo teria sido decorrência do aumento do contingente de trabalhadores formais; o que mostraria um processo de trânsito e

---

<sup>48</sup> Kowarick (1983) em "a lógica da desordem" da sua obra "a espoliação urbana" descreve o processo de acumulação do capital e sua relação com a distribuição espacial da população desde os primórdios da industrialização nos anos 30 até os anos 70. Para o autor, a distribuição espacial refletia "ao nível do espaço a segregação imperante no âmbito das relações econômicas. O agravamento dos problemas que afetam a qualidade de vida da população de São Paulo não atingia a cidade em geral. Sobretudo a partir das últimas três ou quatro décadas, surgem e se expandem os bairros periféricos que, "conjuntamente com os tradicionais cortiços e favelas, alojam a população trabalhadora. É nestas áreas que se concentra a pobreza da cidade e de seus habitantes" (KOWARICK, 1983 p.31).

<sup>49</sup> Em Bichir, Pavez e Moller (2008), demonstramos que esse padrão era inclusive mais elevado em comparação a outras metrópoles latino-americanas, como no caso de Santiago do Chile. A análise dos dados da década de 90 mostrou que tanto em 1991 como em 2000 havia uma maior concentração de chefes de domicílio com baixa escolaridade nos extremos do Município de São Paulo e nos municípios vizinhos especialmente ao leste da RMSP. Este padrão de segregação mostrava-se presente inclusive em escalas mais desagregadas espacialmente, ainda com a presença de "enclaves urbanos" ou condomínios de altíssima renda que surgiram nos anos 90 em áreas mais distantes do centro da cidade.

incorporação do "subproletariado" condição de proletário na década lulista. Além disso, em Torres, Bichir e Pavez (2006) mostramos que estava em curso um processo de melhoria significativa do acesso a serviços públicos nos domicílios dos mais pobres – das famílias com renda familiar *per capita* inferior a meio salário mínimo – das regiões metropolitanas de 1995 para 2004, aspectos característicos das "periferias consolidadas" (TORRES, 2005)<sup>50</sup>.

Para a definição das regiões periféricas e análise de indicadores para o nosso estudo, seguimos a classificação desenvolvida por Marques (2014) para a metrópole paulistana, da estrutura social em grupos de espaços, a partir da presença relativa das classes sociais em cada um desses grupos<sup>51</sup>. A definição dos grupos sociais se deu por meio da estratificação ocupacional<sup>52</sup>. Para cada tipo de espaço, também, foram associados indicadores de renda, escolaridade e demográficos, além de índices de homogeneidade social interna dos grupos. Como resultado, o autor chegou a cinco conjuntos, a saber: 1) espaços das elites, 2) espaços das classes médio-altas, 3) espaços médio-misturados, 4) espaços médio-baixos misturados, e 5) espaços dos trabalhadores manuais.

Ao reproduzir a classificação de Marques (2014) para a cidade de São Paulo, segundo distritos e áreas de ponderação, obtivemos o seguinte resultado para os anos de 2000 e 2010<sup>53</sup>:

---

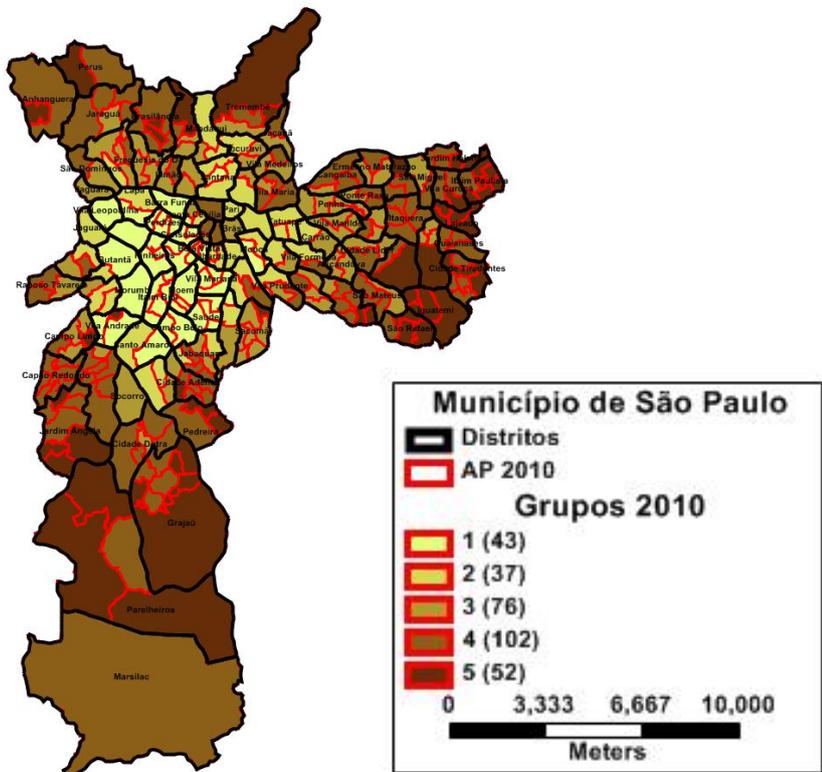
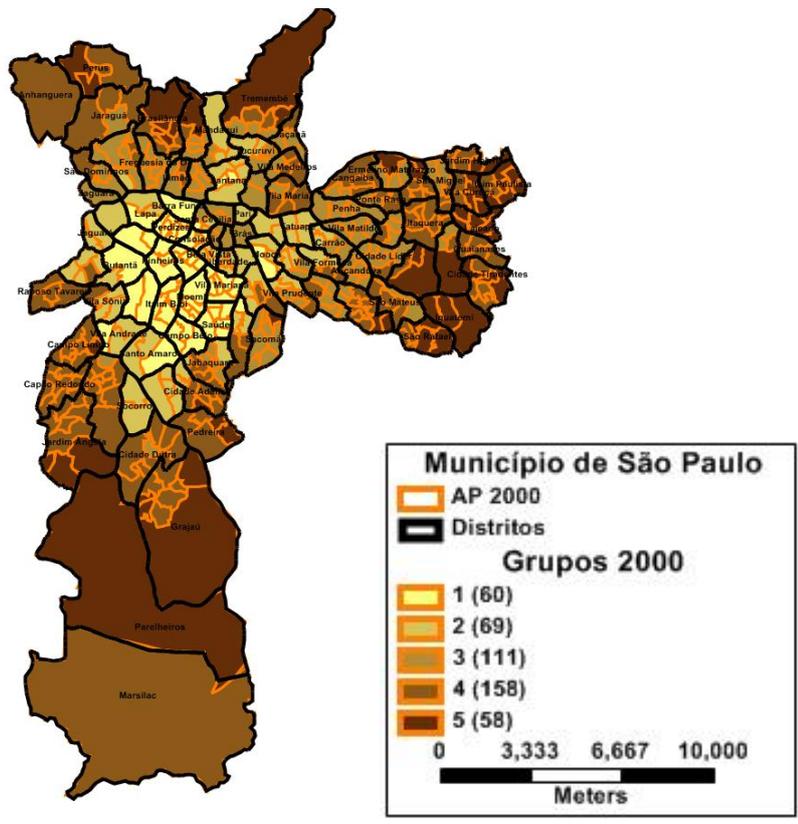
<sup>50</sup> Nos referimos aos serviços de infraestrutura urbana de abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo e iluminação elétrica.

<sup>51</sup> Agradecemos ao Prof. Dr. Eduardo Marques e a sua equipe de pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) por nos conceder os dados de classificação espacial dos grupos sociais para auxílio desta pesquisa.

<sup>52</sup> De acordo com o autor, "esta classificação é baseada em uma combinação de distinções entre trabalho manual/não manual, rotina/não de rotina, qualificações e controle e hierarquia sobre o processo de trabalho (contrata trabalho/assalariado/autônomo)" (MARQUES, 2014, p.682).

<sup>53</sup> Área de Ponderação é a menor área geográfica para a qual podemos calcular estimativas baseadas nas informações do questionário da amostra do Censo demográfico. É o nível geográfico definido para a aplicação dos procedimentos estatísticos que permitem usar os dados da amostra como válidos para a população.

**Mapas 1 e 2. Distribuição dos grupos sociais segundo distritos e áreas de ponderação do Município de São Paulo, 2000 e 2010\*.**



Fonte: Dados do Censo Demográfico 2000 e 2010, IBGE.

(\*) Elaboração a partir da metodologia de classificação espacial de Marques (2014).

A distribuição dos grupos no espaço urbano no Município de São Paulo entre 2000 e 2010 mostra, confirmando o resultado de Marques (2014), uma organização espacial entre centro e periferia que continuou a operar espacialmente a desigualdade da estrutura social na década. A mudança mais intensa se deu na região periférica da cidade; de 2000 para 2010, houve um aumento dos espaços médio-baixos misturados (grupo 4) em relação aos espaços dos trabalhadores manuais (grupo 5).

De acordo com a descrição de Marques (2014) o primeiro (grupo 4), dos espaços médio-baixos misturados, caracteriza-se em termos socioeconômicos tanto pela presença de indivíduos no estrato ocupacional baixo (trabalhadores manuais, qualificados e não qualificados) como no médio-inferior (não trabalhadores manuais de rotina nível baixo e técnicos e supervisores), cuja renda em relação ao total da cidade era média e baixa. Havia também entre os moradores dessas áreas uma elevada presença de indivíduos com cor da pele preta e parda. O tipo de habitação predominante eram casas e havia uma presença maior de assentamentos precários<sup>54</sup> e as condições de infraestrutura eram próximas da média metropolitana.

Já o grupo dos trabalhadores manuais (grupo 5) apresentava uma forte presença de trabalhadores no estrato ocupacional inferior, renda muito baixa, e a presença de setores subnormais era maior em relação ao grupo anterior, assim como a precariedade das condições de infraestrutura urbana. Em termos demográficos, este foi o grupo que apresentou uma predominância de indivíduos com cor da pele preta ou parda e a maior proporção de jovens.

---

<sup>54</sup> O autor usa a categoria de setores subnormais adotada pelo IBGE para os censos demográficos, para se referir ao que hoje se nomeia nacionalmente como áreas de “assentamentos precários”, as quais englobam o conjunto de assentamentos urbanos inadequados ocupados por moradores de baixa renda, incluindo as tipologias tradicionalmente utilizadas pelas políticas públicas de habitação, tais como cortiços, loteamentos irregulares de periferia, favelas e assemelhados, bem como os conjuntos habitacionais que se acham degradados. Embora com muitas heterogeneidades, estas tipologias apresentam como aspectos em comum: i) o fato de serem áreas predominantemente residenciais, habitadas por famílias de baixa renda; ii) a precariedade das condições de moradia, caracterizada por inúmeras carências e inadequações, tais como irregularidade fundiária; iii) ausência de infraestrutura de saneamento ambiental; iv) localização em áreas mal servidas por sistema de transporte e equipamentos sociais; v) terrenos alagadiços e sujeitos a riscos geotécnicos; vi) adensamento excessivo, insalubridade e deficiências construtivas da unidade habitacional (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2010).

Em termos do crescimento populacional, Marques (2014) mostrou que ambos os grupos sócio-espaciais tiveram um aumento elevado, diferentemente do grupo médio-misturado (grupo 3), de renda média alta, que apresentou uma estabilidade<sup>55</sup>. Nesse sentido, caberia a interpretação de Pochmann (2012) a respeito das transformações sociais na base da pirâmide, ou seja, que uma parcela significativa da força de trabalho superou a pobreza e teria se integrado no mercado de trabalho sem, com isso, transitar para a classe média. Estaríamos, na nossa análise, diante de um processo de ampliação da "periferia consolidada". Torres (2005) define a periferia consolidada de forma relativa à "cidade consolidada" e à "fronteira urbana".

Do ponto de vista urbanístico e dos serviços públicos, a "periferia consolidada" apresenta um quadro de menor precariedade em relação à "fronteira urbana", ainda que ambos os tipos de áreas periféricas apresentem níveis mais elevados de pobreza em comparação à "cidade consolidada". Na descrição de Torres (2005):

embora a região que identificamos como "periferia consolidada" abrigue um contingente significativo de população de baixa renda, bem como parcelas consideráveis de analfabetos, ela apresenta – para todos os indicadores selecionados – níveis melhores que os observados na fronteira urbana (TORRES, 2005, p.115).

Desse modo, segundo o autor, o conceito de "periferia consolidada" representaria uma situação intermediária entre a periferia mais precária, ou "fronteira urbana", e a cidade consolidada:

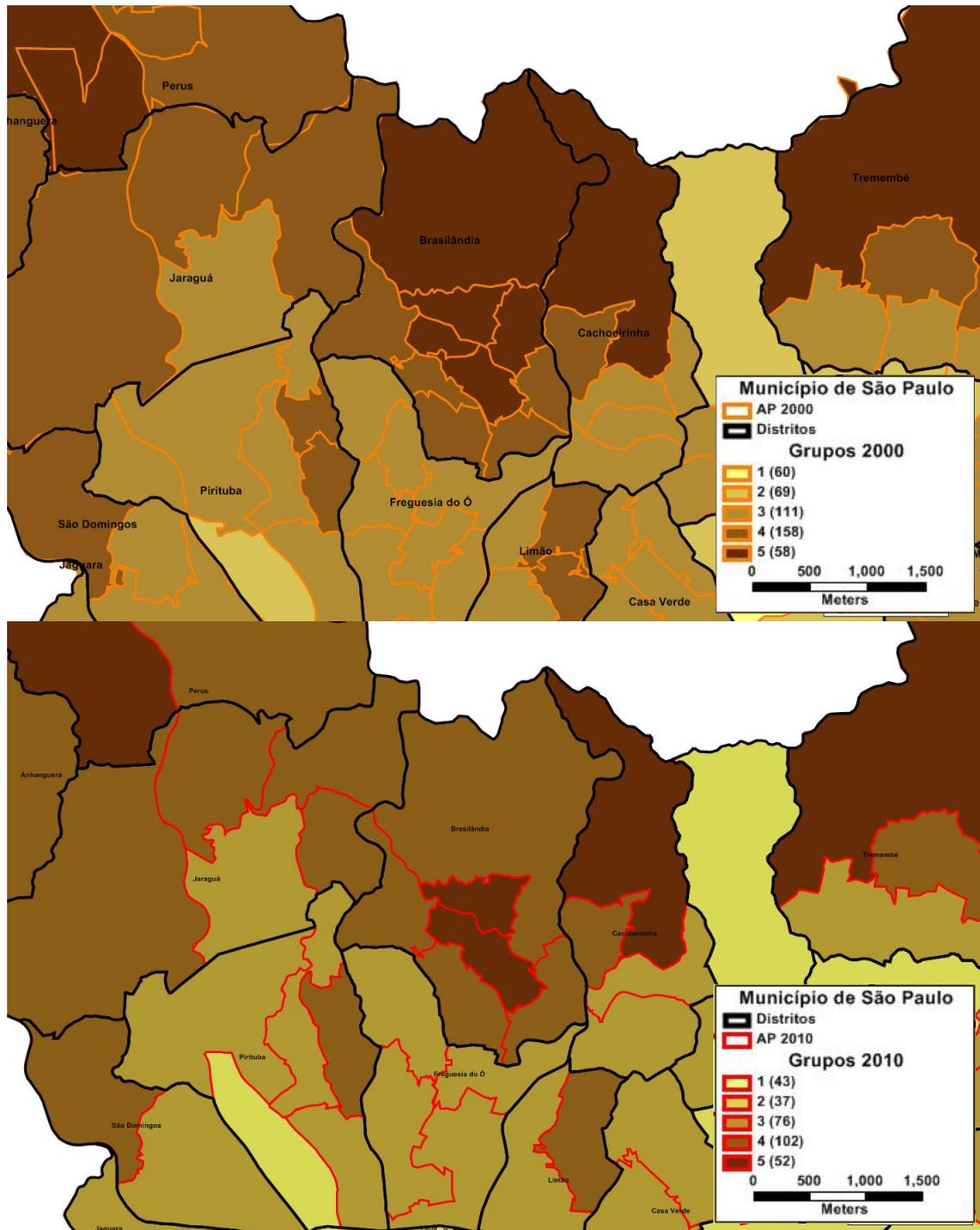
A fronteira urbana agrega um conjunto muito significativo de pessoas de baixa renda, o que também parece estar relacionado a níveis de desemprego mais elevados, maior proporção de pessoas de baixa escolaridade e maior proporção de pretos e pardos. A periferia consolidada encontra-se numa situação intermediária e a cidade consolidada apresentam níveis mais elevados desses indicadores para todas as dimensões consideradas (ibid., p.113)

Vejamos agora, em detalhe, a mudança ocorrida primeira década dos anos 2000, em termos dos grupos sociais nas áreas de ponderação que correspondem ao distrito da Brasilândia, localidade da periferia do Município de São Paulo selecionada para nossa pesquisa:

---

<sup>55</sup> Segundo Marques (2014), já os grupos médios altos e altos apresentaram um crescimento nos anos 2000.

**Mapas 3 e 4. Presença dos grupos sociais por distrito do Município de SP – Brasilândia e distritos do entorno, 2000 e 2010\*.**



Fonte: Dados do Censo Demográfico 2000 e 2010, IBGE.

(\*)Elaboração a partir da metodologia de classificação espacial de Marques (2014).

Na comparação da presença dos grupos em 2000 e 2010, notamos que tanto o estrato social médio-baixo como o baixo formavam o distrito em termos da estratificação social<sup>56</sup>. Porém, houve nos anos 2000 uma inversão da representação de ambos os grupos nessa localidade. No período, a presença de grupos médio-baixos tornou-se predominante, mas ainda há um núcleo que apresenta uma população que vive em condições urbanas ainda mais precárias e apresentam piores indicadores socioeconômicos. Nesse sentido, a Brasilândia– periferia da região Norte da cidade – teria se integrado majoritariamente à "periferia consolidada"<sup>57</sup>.

A seguir, apresentamos os indicadores usados para analisar as características da população jovem, de 16 a 24 anos de idade, residente na Brasilândia, em comparação com o conjunto da periferia<sup>58</sup>, o Município e o Estado de São Paulo e Brasil.

TABELA 1  
POPULAÇÃO SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

Ano e Localidade	Total		Até 15 anos		De 16 a 24 anos		25 anos e mais	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>2000</b>								
<b>Brasil</b>	<b>169.872.858</b>	<b>100,0</b>	<b>53.844.785</b>	<b>31,7</b>	<b>30.563.620</b>	<b>18,0</b>	<b>85.464.453</b>	<b>50,3</b>
Estado de São Paulo	37.035.456	100,0	10.433.383	28,2	6.487.672	17,5	20.114.401	54,3
Município de São Paulo	10.435.546	100,0	2.776.941	26,6	1.832.025	17,6	5.826.580	55,8
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>5.582.733</u>	<u>100,0</u>	<u>1.744.761</u>	<u>31,3</u>	<u>1.035.792</u>	<u>18,6</u>	<u>2.802.180</u>	<u>50,2</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>247.327</i>	<i>100,0</i>	<i>80.156</i>	<i>32,4</i>	<i>45.574</i>	<i>18,4</i>	<i>121.597</i>	<i>49,2</i>
<b>2010</b>								
<b>Brasil</b>	<b>190.755.799</b>	<b>100,0</b>	<b>49.511.393</b>	<b>26,0</b>	<b>30.657.892</b>	<b>16,1</b>	<b>110.586.514</b>	<b>58,0</b>
Estado de São Paulo	41.262.199	100,0	9.546.773	23,1	6.257.446	15,2	25.457.980	61,7
Município de São Paulo	11.253.503	100,0	2.508.189	22,3	1.661.697	14,8	7.083.617	62,9
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>5.921.262</u>	<u>100,0</u>	<u>1.554.814</u>	<u>26,3</u>	<u>957.555</u>	<u>16,2</u>	<u>3.408.893</u>	<u>57,6</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>264.918</i>	<i>100,0</i>	<i>73.237</i>	<i>27,6</i>	<i>43.047</i>	<i>16,2</i>	<i>148.634</i>	<i>56,1</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

Os dados mostram que houve uma ligeira queda da proporção de jovens no total da população do distrito, de 18,6% para 16,2%, mantendo-se em 2010 com uma proporção de jovens acima daquela do município e do estado de São Paulo, e em patamares semelhantes aos da periferia e do país.

<sup>56</sup> Os jovens do estudo se concentravam, dentro da Brasilândia, no Jardim Carumbé, Jardim Guarani e Santa Tereza.

<sup>57</sup> No Apêndice E, apresentamos a presença dos grupos nas regiões de moradia dos casos de controle: Guaianazes (que mostrou uma predominância da periferia consolidada) e Vila Prudente (que corresponde a uma área de classe média).

<sup>58</sup> Para definição da região periferia, agrupamos as áreas de ponderação classificadas no grupo 4 e 5 na metodologia de Marques (2014).

Em relação à cor da pele dos jovens, em 2010 tanto o distrito como o conjunto da periferia mostravam proporções mais elevadas de indivíduos com cor da pele preta e parda (52,3% em ambos os casos) em relação ao município (41,6%) e ao estado (38,5%), se aproximando ao total do país (54,3%).

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO COR OU RAÇA  
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000

Localidade	Cor ou raça (%)						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Ignorado
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>51,2</b>	<b>6,4</b>	<b>0,4</b>	<b>40,9</b>	<b>0,4</b>	<b>0,7</b>
Estado de São Paulo	100,0	68,7	4,6	1,0	24,9	0,2	0,7
Município de São Paulo	100,0	64,4	5,4	1,6	27,6	0,2	0,9
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>55,5</u>	<u>6,4</u>	<u>0,6</u>	<u>36,5</u>	<u>0,2</u>	<u>0,9</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>55,9</i>	<i>7,0</i>	<i>(1)</i>	<i>35,2</i>	<i>(1)</i>	<i>(1)</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO COR OU RAÇA  
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Localidade	Cor ou raça (%)						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Ignorado
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>44,1</b>	<b>7,7</b>	<b>1,1</b>	<b>46,6</b>	<b>0,4</b>	<b>0,0</b>
Estado de São Paulo	100,0	60,3	5,6	1,1	32,9	0,1	0,1
Município de São Paulo	100,0	56,6	6,6	1,7	35,0	(1)	(1)
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>46,7</u>	<u>7,8</u>	<u>0,9</u>	<u>44,5</u>	<u>(1)</u>	<u>(1)</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>46,7</i>	<i>9,3</i>	<i>(1)</i>	<i>43,0</i>	<i>(1)</i>	<i>(1)</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Os dados sobre a religião dos jovens acompanharam a mudança observada nas regiões periféricas, de ampliação das igrejas pentecostais.

**TABELA 4**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO RELIGIÃO**  
**BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000**

Religião	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Sem religião	<b>9,2</b>	9,4	11,3	<u>12,6</u>	11,9
Católica (1)	<b>73,9</b>	70,3	68,1	<u>66,1</u>	65,4
Evangélica	<b>14,0</b>	15,8	14,8	<u>17,2</u>	18,7
Evangélica de Missão (2)	<b>3,9</b>	2,8	2,8	<u>2,8</u>	1,9
Evangélica de Origem Petencostal (3)	<b>10,2</b>	13,0	12,0	<u>14,5</u>	16,8
Espírita	<b>1,1</b>	1,8	2,3	<u>1,1</u>	(5)
Umbanda / Candomblé (4)	<b>0,3</b>	0,3	0,4	<u>0,4</u>	(5)
Outras Religiões	<b>1,1</b>	1,9	2,3	<u>1,9</u>	(5)
Não determinada	<b>0,2</b>	0,3	0,4	<u>0,5</u>	(5)
Sem declaração	<b>0,2</b>	0,3	0,4	<u>0,2</u>	(5)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) Inclui Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira, Católica Ortodoxa, Ortodoxa Cristã, Outras Católicas.

(2) Inclui Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista, Episcopal Anglicana, Menonita.

(3) Inclui Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Casa de Oração, Deus é Amor, Maranata, Renovada sem Vínculo Institucional, Comunidade Cristã, Nova Vida, Comunidade Evangélica, Avivamento Bíblico, Cadeia da Prece, Igreja do Nazareno, Não determinada, Outras Igrejas Evangélicas de Origem Petencostal.

(4) Inclui outras declarações de Religiosidade Afro-Brasileira.

(5) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

**TABELA 5**  
**BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA – 2010**

Religião	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Sem religião	<b>10,3</b>	10,8	12,2	<u>12,8</u>	13,6
Católica (1)	<b>64,1</b>	58,6	56,9	<u>54,9</u>	51,6
Evangélica	<b>21,5</b>	24,2	22,5	<u>26,1</u>	29,4
Evangélica de Missão (2)	<b>3,9</b>	2,5	2,3	<u>2,5</u>	(5)
Evangélica de Origem Petencostal (3)	<b>17,5</b>	21,7	20,1	<u>23,6</u>	27,5
Espírita	<b>1,5</b>	2,5	3,7	<u>2,0</u>	(5)
Umbanda / Candomblé (4)	<b>0,3</b>	0,3	0,6	<u>0,5</u>	(5)
Outras Religiões	<b>1,9</b>	2,9	3,5	<u>3,0</u>	(5)
Não determinada	<b>0,3</b>	0,5	0,5	<u>0,5</u>	(5)
Sem declaração	<b>0,2</b>	0,2	0,2	<u>0,2</u>	(5)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) Inclui Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira, Católica Ortodoxa, Ortodoxa Cristã, Outras Católicas.

(2) Inclui Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista, Episcopal Anglicana, Menonita.

(3) Inclui Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Casa de Oração, Deus é Amor, Maranata, Renovada sem Vínculo Institucional, Comunidade Cristã, Nova Vida, Comunidade Evangélica, Avivamento Bíblico, Cadeia da Prece, Igreja do Nazareno, Não determinada, Outras Igrejas Evangélicas de Origem Petencostal.

(4) Inclui outras declarações de Religiosidade Afro-Brasileira.

(5) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

O aumento da proporção de jovens evangélicos pentecostais foi de cerca de dez pontos percentuais ao longo dos anos 2000, ocupando o segundo lugar entre as religiões do distrito. Já os jovens que se declararam católicos decresceram no mesmo período. Em termos do país, os evangélicos pentecostais passaram a ser a segunda religião com mais fiéis entre os jovens.

Os indicadores sociais mostraram uma expressiva melhora nos níveis de escolaridade dos jovens da periferia e do distrito da Brasilândia, o que acompanhou o processo de expansão da escolaridade inclusive no ensino médio e superior entre os mais pobres. Em 2000, 24% dos jovens da periferia e 25,8% da Brasilândia tinham 11 anos de estudo ou mais, já em 2010 ambas as localidades apresentaram um aumento; 36,5 e 31,9% respectivamente. Entretanto, estas proporções se mantêm abaixo das observadas no município (40,8%) e no estado (42,1%)<sup>59</sup>.

TABELA 6

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO ANOS DE ESTUDO  
BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000

Localidade	Anos de estudo (%)						
	Total	Sem instrução ou menos de 1 ano	De 1 a 7 anos	De 8 a 10 anos	11 anos ou mais	Não determinado	Alfabetização de adultos
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>4,3</b>	<b>43,1</b>	<b>29,2</b>	<b>22,4</b>	<b>1,0</b>	<b>0,0</b>
Estado de São Paulo	100,0	1,8	29,2	35,3	33,2	0,5	0,0
Município de São Paulo	100,0	1,7	26,4	34,6	36,9	0,5	▶ (1)
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>2,3</u>	<u>36,8</u>	<u>36,2</u>	<u>24,1</u>	<u>0,5</u>	▶ (1)
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>2,9</i>	<i>35,6</i>	<i>35,2</i>	<i>25,8</i>	▶ (1)	▶ (1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

<sup>59</sup> Pese as tabelas não serem perfeitamente comparáveis em função da alteração no questionário do Censo, vale a pena observar que, ainda assim, confirma-se a tendência de aumento do nível de escolarização entre os mais pobres.

TABELA 7

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Localidade	Anos de estudo (%)					
	Total	Sem instrução e fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>28,2</b>	<b>32,0</b>	<b>35,2</b>	<b>3,3</b>	<b>1,4</b>
Estado de São Paulo	100,0	18,4	32,4	42,1	5,2	1,8
Município de São Paulo	100,0	19,4	30,6	40,8	6,7	2,5
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>23,3</u>	<u>33,8</u>	<u>36,5</u>	<u>3,5</u>	<u>2,8</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>22,5</i>	<i>38,0</i>	<i>31,9</i>	<i>(1)</i>	<i>4,7</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Ao desagregar as informações sobre níveis de escolarização segundo gênero, observamos que a tendência de aumento dos anos de estudo entre os mais pobres se deu, principalmente, entre as mulheres. Como resultado, elas apresentavam, em 2010, um perfil de maior escolaridade do que os homens.

TABELA 8

DISTRIBUIÇÃO DOS HOMENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO ANOS DE ESTUDO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000

Localidade	Anos de estudo (%)						
	Total	Sem instrução ou menos de 1 ano	De 1 a 7 anos	De 8 a 10 anos	11 anos ou mais	Não determinado	Alfabetização de adultos
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>5,2</b>	<b>46,6</b>	<b>27,9</b>	<b>19,0</b>	<b>1,1</b>	<b>0,1</b>
Estado de São Paulo	100,0	2,1	32,4	35,5	29,4	0,5	0,0
Município de São Paulo	100,0	2,0	29,6	35,0	32,9	0,5	(1)
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>1,6</u>	<u>29,0</u>	<u>36,8</u>	<u>32,2</u>	<u>0,4</u>	<u>(1)</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>3,0</i>	<i>38,9</i>	<i>35,4</i>	<i>22,1</i>	<i>(1)</i>	<i>(1)</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

TABELA 9

DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO ANOS DE ESTUDO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000

Localidade	Anos de estudo (%)						Alfabetização de adultos
	Total	Sem instrução ou menos de 1 ano	De 1 a 7 anos	De 8 a 10 anos	11 anos ou mais	Não determinado	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>3,3</b>	<b>39,5</b>	<b>30,5</b>	<b>25,8</b>	<b>0,9</b>	<b>0,0</b>
Estado de São Paulo	100,0	1,5	26,0	35,0	37,0	0,4	0,0
Município de São Paulo	100,0	1,4	23,4	34,1	40,7	0,4	(1)
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>2,0</u>	<u>32,8</u>	<u>36,5</u>	<u>28,3</u>	<u>0,5</u>	<u>(1)</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>2,8</i>	<i>32,4</i>	<i>35,0</i>	<i>29,2</i>	<i>(1)</i>	<i>(1)</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DOS HOMENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Localidade	Anos de estudo (%)					
	Total	Sem instrução e fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>32,9</b>	<b>31,8</b>	<b>31,5</b>	<b>2,5</b>	<b>1,4</b>
Estado de São Paulo	100,0	21,3	33,4	39,4	4,1	1,9
Município de São Paulo	100,0	22,1	31,7	38,2	5,4	2,6
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>26,7</u>	<u>34,4</u>	<u>33,3</u>	<u>2,7</u>	<u>3,0</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>25,7</i>	<i>39,4</i>	<i>28,5</i>	<i>(1)</i>	<i>(1)</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

TABELA 11

DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Localidade	Anos de estudo (%)					
	Total	Sem instrução e fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>23,4</b>	<b>32,1</b>	<b>38,9</b>	<b>4,1</b>	<b>1,4</b>
Estado de São Paulo	100,0	15,4	31,4	45,0	6,4	1,8
Município de São Paulo	100,0	16,7	29,6	43,3	7,9	2,4
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>20,0</u>	<u>33,3</u>	<u>39,6</u>	<u>4,4</u>	<u>2,7</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>19,4</i>	<i>36,5</i>	<i>35,1</i>	<i>(1)</i>	<i>(1)</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Como se observa nas tabelas, o aumento da escolaridade feminina nos anos 2000 – de 11 anos ou mais, ou médio completo, e ensino superior incompleto – inverteu o quadro apresentado em 2000, no início da década, em relação ao gênero nas regiões periferias; ainda que se tenha verificado um aumento generalizado dos anos de estudo dos jovens. Em 2000, o grupo com escolaridade mais elevada entre os jovens correspondia a 32,2% dos homens e 28,3% das mulheres na periferia. O aumento de mais de dez pontos percentuais da proporção de mulheres nesse nível de escolaridade alterou, em 2010, a distribuição para 33,3% dos homens e 39,6% das mulheres. Esta mudança também ocorreu no distrito da Brasilândia que, já em 2000, mostrava uma proporção maior de mulheres com maior escolaridade em relação dos jovens, homens de 16 a 24 anos de idade. De acordo com Bruschini (2007), a expansão da escolaridade entre as mulheres entre 1995 e 2005 no país teria permitido o crescimento da atividade feminina e transformação no perfil da força de trabalho. Desse modo, colocava-se para as jovens mulheres da periferia a perspectiva de ascensão social pela trilha dos estudos e o trabalho.

Em relação à atividade econômica e à força de trabalho entre os jovens, vimos que houve uma queda significativa da proporção desocupados entre o total dos que eram economicamente ativos, tanto na Brasilândia como na periferia da cidade<sup>60</sup>:

---

<sup>60</sup> É importante sinalizar que os dados de 2000 não são estritamente comparáveis dada algumas alterações na composição metodológica da População Economicamente Ativa (PEA), que detalhamos em anexo. Entretanto, os resultados aqui apresentados refletem a tendência de queda mais geral da taxa de desemprego. Em anexo, detalhamos as diferenças dos dados sobre mercado de trabalho entre o censo de 2000 e 2010.

TABELA 12

TAXA DE ATIVIDADE E TAXA DE DESOCUPAÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO SEXO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA – 2000

Localidade	Taxas (%)					
	Atividade (1)			Desocupação (2)		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
<b>Brasil</b>	<b>64,7</b>	<b>76,0</b>	<b>53,4</b>	<b>25,1</b>	<b>20,7</b>	<b>31,4</b>
Estado de São Paulo	72,1	80,9	63,3	28,0	23,5	33,8
Município de São Paulo	72,9	79,5	66,8	30,0	26,5	33,9
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>73,8</u>	<u>82,0</u>	<u>66,0</u>	<u>33,6</u>	<u>28,7</u>	<u>39,4</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	73,8	83,4	64,9	32,2	27,6	37,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) Corresponde à razão entre os jovens de 16 a 24 anos que eram economicamente ativos (ocupados ou desocupados) e o total de jovens de 16 a 24 anos, multiplicado por 100.

(2) Corresponde à razão entre os jovens de 16 a 24 anos que eram desocupados e o total de jovens de 16 a 24 anos que eram economicamente ativos, multiplicado por 100.

TABELA 13

TAXA DE ATIVIDADE E TAXA DE DESOCUPAÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO SEXO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Localidade	Taxas (%)					
	Atividade (1)			Desocupação (2)		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
<b>Brasil</b>	<b>60,4</b>	<b>67,6</b>	<b>53,1</b>	<b>15,7</b>	<b>12,2</b>	<b>20,3</b>
Estado de São Paulo	67,0	72,0	62,0	15,8	12,5	19,7
Município de São Paulo	65,1	68,5	61,7	16,0	13,9	18,3
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>66,0</u>	<u>70,2</u>	<u>61,8</u>	<u>17,6</u>	<u>15,1</u>	<u>20,4</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	66,4	70,2	62,8	15,0	13,6	16,6

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) Corresponde à razão entre os jovens de 16 a 24 anos que eram economicamente ativos (ocupados ou desocupados) e o total de jovens de 16 a 24 anos, multiplicado por 100.

(2) Corresponde à razão entre os jovens de 16 a 24 anos que eram desocupados e o total de jovens de 16 a 24 anos que eram economicamente ativos, multiplicado por 100.

Esta tendência de queda da desocupação acompanha a queda da taxa de desemprego entre os jovens observada no período na cidade e na região metropolitana de São Paulo<sup>61</sup>. Observa-se também uma queda na taxa de desocupação entre as mulheres, que as aproximou mais à taxa apresentada entre os homens em 2010; no entanto, ainda em patamares mais elevados entre elas.

<sup>61</sup> A taxa de desemprego entre os jovens de 16 a 24 anos de idade em 2000 era de 28,2% e 26,6% na Região Metropolitana e na cidade de São Paulo respectivamente. Já em 2010, essas taxas caem para 23,4% e 22,8%. (Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT)

Em relação às posições no trabalho que os jovens passaram a ocupar nesse período, observamos o seguinte quadro<sup>62</sup>:

**TABELA 14**  
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS OCUPADOS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA – 2000

Posição na ocupação	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Trabalhador doméstico	9,1	6,8	5,8	<u>6,0</u>	6,3
Com carteira de trabalho assinada	1,9	2,2	2,2	<u>1,8</u>	(1)
Sem carteira de trabalho assinada	7,2	4,6	3,5	<u>4,2</u>	4,3
Empregado	68,8	80,9	82,4	<u>83,2</u>	82,3
Com carteira de trabalho assinada	36,6	52,7	54,5	<u>54,1</u>	53,8
Sem carteira de trabalho assinada	32,2	28,2	27,9	<u>29,1</u>	28,5
Empregador	0,6	0,6	0,7	<u>0,4</u>	(1)
Conta-própria	12,1	9,1	9,1	<u>9,2</u>	10,3
Aprendiz ou estagiário sem remuneração	1,1	1,1	1,3	<u>0,6</u>	(1)
Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	5,9	1,3	0,6	<u>0,5</u>	(1)
Trabalhador na produção para o próprio consumo	2,4	0,1	(1)	<u>(1)</u>	(1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

**TABELA 15**  
DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS OCUPADOS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Posição na ocupação	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Trabalhador doméstico	5,1	3,1	2,8	<u>3,1</u>	(1)
Com carteira de trabalho assinada	1,0	1,0	1,4	<u>1,3</u>	(1)
Sem carteira de trabalho assinada	4,2	2,1	1,5	<u>1,8</u>	(1)
Militar do exército, marinha, aeronáutica, polícia militar ou corpo de bombeiros	0,8	0,4	0,3	<u>(1)</u>	(1)
Empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos	1,5	0,8	0,6	<u>0,4</u>	(1)
Demais empregados	74,3	85,5	86,0	<u>86,8</u>	86,2
Com carteira de trabalho assinada	50,1	67,2	67,6	<u>69,1</u>	69,7
Sem carteira de trabalho assinada	24,2	18,3	18,4	<u>17,7</u>	16,5
Conta própria	12,1	8,3	8,5	<u>7,9</u>	9,0
Empregador	0,5	0,5	0,5	<u>(1)</u>	(1)
Não remunerado	2,4	1,2	1,2	<u>1,2</u>	(1)
Trabalhador na produção para o próprio consumo	3,3	0,2	(1)	<u>(1)</u>	(1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Ao observar a distribuição dos jovens ocupados em postos de trabalhos formais, notamos que houve uma acentuada ampliação, tanto entre

<sup>62</sup> Para a análise da mudança na proporção de jovens que se empregaram em postos de trabalhos no mercado formal, comparamos a categoria "empregado com carteira de trabalho assinada" em 2000 com "demais empregados com carteira assinada" em 2010 em função de uma reclassificação do questionário da amostra do censo.

os jovens da região periférica da cidade (de 54,1 para 69,1%), como no distrito da Brasilândia (de 53,8 para 69,7%), levando à queda das ocupações em trabalhos informais em ambas as localidades. Em 2000, 29,1% dos jovens da periferia estavam ocupados em empregos sem carteira, e na Brasilândia essa proporção correspondia ao 28,5% dos jovens; já em 2010, a informalidade correspondia a 17,7% e 16,5% respectivamente.

O perfil do jovem do estudo definiu-se a partir do nosso problema de pesquisa. Como mencionado, com a expansão dos postos de trabalho com registro em carteira, que reforçou o contingente de trabalhadores formais e, com a organização dos negócios ilícitos na periferia de São Paulo, intensificou-se o dilema para os jovens entre se envolver no crime ou seguir o caminho do assalariamento. Para as mulheres, o dilema colocou-se entre a dependência e a domesticidade, a independência afetiva e material e o acesso ao trabalho com perspectivas de ascender socialmente, dada também a tendência de aumento da escolaridade entre elas. Desse modo, definimos os seguintes parâmetros para dimensionar o perfil do grupo do estudo na população:

- i) jovens de 16 a 24 anos de idade moradores da periferia;
- ii) não estudam nem trabalham, nem procuram emprego;
- iii) e têm ocupação com ou sem carteira assinada com rendimento de até 1,5 salário.

Nosso universo correspondia aos jovens que tiveram contato direto ou indireto com o crime e, ao mesmo tempo, tinham tido experiência de trabalho.

Vejamos, primeiramente, a distribuição dos jovens segundo condição de estudo e trabalho:

TABELA 16

DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DE 16 A 24 ANOS, SEGUNDO CONDIÇÃO DE ESTUDO E TRABALHO BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2010

Condição de estudo e trabalho	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Só estuda	<b>18,6</b>	21,9	20,9	<u>18,4</u>	18,1
Estuda e trabalha	<b>17,4</b>	15,7	19,8	<u>17,2</u>	20,1
Estuda e procura trabalho	<b>4,2</b>	3,7	4,7	<u>4,9</u>	4,5
Só trabalha	<b>39,0</b>	35,2	34,8	<u>37,1</u>	36,4
Só procura trabalho	<b>6,4</b>	5,8	5,7	<u>6,7</u>	5,5
Não estuda, não trabalha e não procura trabalho	<b>14,4</b>	17,7	14,1	<u>15,7</u>	15,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

A proporção dos jovens que não estuda, não trabalha e não procura trabalho correspondia a 15,7% do total da periferia e a 15,4% da Brasilândia. No país, observa-se uma proporção ligeiramente inferior. Este grupo corresponderia, para os parâmetros da pesquisa, àqueles jovens que poderiam se encontrar envolvidos com a criminalidade ou no âmbito da domesticidade.

Vejamos agora o contingente de jovens que reúnem todas as referências do perfil de modo a compreender qual é o universo populacional de referência dos jovens do nosso estudo:

TABELA 17

TOTAL DE JOVENS DE 16 A 24 ANOS E JOVENS DE 16 A 24 ANOS COM O PERFIL INVESTIGADO (NÃO ESTUDAM, NÃO TRABALHAM E NÃO PROCURAM TRABALHO E TÊM OCUPAÇÃO COM OU SEM CARTEIRA ASSINADA COM RENDIMENTO DE ATÉ 1,5 SALÁRIO MÍNIMO) BRASIL, ESTADO DE SÃO PAULO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, PERIFERIA DE SÃO PAULO, DISTRITO DA BRASILÂNDIA - 2000 E 2010

Ano e Localidade	Total de jovens de 16 a 24 anos		Jovens de 16 a 24 anos com o perfil investigado	
	N	%	N	%
<b>2000</b>				
<b>Brasil</b>	<b>30.563.620</b>	<b>100,0</b>	<b>11.035.402</b>	<b>36,1</b>
Estado de São Paulo	6.487.672	100,0	1.625.189	25,1
Município de São Paulo	1.832.025	100,0	340.630	18,6
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>1.035.792</u>	<u>100,0</u>	<u>226.788</u>	<u>21,9</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>45.574</i>	<i>100,0</i>	<i>10.489</i>	<i>23,0</i>
<b>2010</b>				
<b>Brasil</b>	<b>30.657.892</b>	<b>100,0</b>	<b>14.526.370</b>	<b>47,4</b>
Estado de São Paulo	6.257.446	100,0	2.741.602	43,8
Município de São Paulo	1.661.697	100,0	665.637	40,1
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>957.555</u>	<u>100,0</u>	<u>434.596</u>	<u>45,4</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>43.047</i>	<i>100,0</i>	<i>20.045</i>	<i>46,6</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

Nota: salário mínimo de jul/2000 = R\$ 151; salário mínimo de jul/2010 = R\$ 510.

Os dados apontam que a proporção do perfil desses jovens na população mais que dobrou ao longo dos 2000, em função daqueles que passaram a se empregar no mercado formal. Assim, em 2010, o perfil correspondia a 45,4% na periferia, a 46,6 %, na Brasilândia. Estas percentagens mostraram-se próximas à proporção dessa população no país que era de 47,4% do total de jovens de 16 a 24 anos de idade.

## Conclusões

Neste capítulo mostramos um cenário de profundas mudanças e reveses em relação ao trabalho. Na primeira parte, vimos que houve uma abertura histórica para a organização social e o fortalecimento da visão de mundo do trabalhador com a ampliação do emprego industrial. Até finais dos anos de 1970, o trabalho colocou-se como uma perspectiva para as classes populares que, sobretudo nos anos 1980, se somou à ação política dos movimentos sociais e dos trabalhadores.

Nesse contexto, foi fundando o Partido dos Trabalhadores (PT). Entretanto, a ação política e a organização social desse momento histórico não chegou a conquistar a adesão majoritária dos pobres nas eleições de candidatos do PT, ou seja, não se traduziu em um fenômeno de massa e eleitoral de esquerda, apesar de encontrar entre eles apoio, em especial, nas áreas mais periféricas da cidade, no caso de São Paulo. Historicamente, os pobres faziam suas escolhas eleitorais a favor de candidatos e partidos à direita. Na visão desses grupos, seriam necessárias mudanças igualitárias, mas sem prejuízo da ordem por meio do Estado, ou seja, na outorga de direitos e nas ações de cima para baixo. Localizada na esfera da ordem, a visão de mundo do trabalhador apresentava uma ideia de progresso que se traduzia na frase "melhorar de vida", à qual a ordem serve na organização de um projeto de vida. De outro ângulo, a ordem também era posta no âmbito do conservadorismo popular ao sinalizar diferenças entre os mesmos pobres segundo uma escala moral.

Destacamos, ainda, a condição da mulher de afastamento do mundo do trabalhador. Dois aspectos fundamentais atravessam a experiência histórica de vida das mulheres subalternas: a relação mediada com o mundo, de um lado, e com o salário e o dinheiro, de outro. O isolamento em relação ao mercado de trabalho era um dos fatores identificados que incidiam no voto conservador especialmente entre as mulheres.

Num quadro de derrotas do trabalho seguidas ao "desmanche" neoliberal, o projeto de vida do trabalhador também se desagrega diante da perda da sua base material, da ação dos movimentos dos trabalhadores, da ruptura do arranjo familiar que o organizava, e da ampliação do espaço da desordem vista no incremento da violência, das mortes à toa, do crime. Era a retomada da instabilidade, das incertezas da vida e de expectativas que caracterizam historicamente a experiência dos mais pobres no país. Os jovens que são objeto deste estudo nasceram e viveram sua infância na década neoliberal. Portanto, esta nova geração nasce no "fim de século" e sob o signo da desagregação. Sua condição de jovem é vivida nos anos 2000, no âmbito do lulismo. Esta é a "geração do desmanche" para nosso estudo.

Vimos que o lulismo mostra-se um projeto marcado pelas suas contradições. Em termos da mudança social, uma parcela significativa da

força de trabalho teria conseguido superar a condição de pobreza e se integrado no mercado de trabalho. Entretanto, a contradição desse projeto se faz sentir nas más condições de trabalhos desses novos empregos.

Assim, historicamente se por um lado há um processo de desintegração da visão de mundo do trabalhador e de desagregação de um projeto de vida baseado no emprego industrial, por outro, no lulismo parece ter ocorrido uma reconfiguração que vai na contramão do "sujeito monetário sem dinheiro", por meio do aumento da participação dos pobres no consumo e da integração dessa população ao trabalho no setor de serviços. Na perspectiva do nosso problema de estudo, o emprego teria evitado o aprofundamento dos jovens no crime, que vinha se ampliando junto à economia do tráfico. Para as mulheres, como vimos nesse capítulo, teria permitido algum grau de autonomia em relação à dependência dos parceiros. O aumento da escolarização, somado ao acesso ao mercado de trabalho, permitiu que uma parcela das mulheres moradoras de áreas periféricas da cidade pudesse se afastar da esfera da domesticidade. Desse modo, nos encontrávamos nos anos 2000, situações muito contrastantes entre as mulheres jovens da periferia. Por um lado, mulheres que se inserem na modernização e suas perspectivas de ascensão social, por outro, mulheres que permanecem subordinadas a relações patriarcais de dependência afetiva e material.

Entre as mudanças nas expectativas dos jovens, destacamos a integração ao moderno mercado de consumo, em que o *shopping* mostrava-se como *lócus* privilegiado de exercício do consumo-cidadão e da vivência de uma "qualidade de vida". A urbanidade se remodela no sentido de se afastar as contradições "do mundo de fora", criando uma espaço caracterizado pela ordem, a segurança, e a limpeza.

Vimos também que, tanto nas estratégias de ascensão social como no envolvimento no crime, para o consumo havia um mecanismo de sobreposição à desvalorização social por meio da valorização individual – consumo e *status* –, que leva à negação das referências sociais comuns. Na ascensão social há um desejo de distinção e na "ostentação", de busca por uma supremacia ou superioridade em relação aos iguais.

Em síntese, as mudanças do emprego na base da pirâmide social, com a correspondente integração do subproletariado à condição proletária, foi suficiente para, ao menos, acender o dilema desses jovens a seguir a vida do assalariamento. Por outro lado, dado que os trabalhos convivem com a precariedade, e a remuneração oferecida é baixa, continua sendo atrativo o dinheiro que vem das atividades ilícitas. O crime e a disposição do dinheiro para consumir e praticar o que vem sendo conhecido desde aos anos 2010 como “ostentação” é o principal contraponto às mudanças mencionadas, no grupo de jovens que esta tese estudou.

## CAPÍTULO 2: A DUALIDADE DE VISÕES DE MUNDO

O ponto de partida deste estudo foi a compreensão das formas de pensar o mundo de moradores da periferia da Zona Norte de São Paulo, de 16 a 24 anos de idade, que se encontravam vinculados ao mercado formal ou estavam à procura de emprego e, ao mesmo tempo, tinham tido um envolvimento direto ou indireto com a criminalidade. Com a expansão dos postos de trabalho com registro em carteira, em geral no setor de serviços, que reforçou o contingente de trabalhadores formais (POCHMANN, 2012) e, com a organização dos negócios ilícitos na periferia de São Paulo (narcotráfico, roubos e furtos) na primeira década dos anos 2000 (FELTRAN, 2012), acendeu-se o dilema para os jovens entre se envolver no crime ou seguir o caminho do assalariamento. Em termos gerais, o primeiro caminho traz um acesso amplo e rápido ao mercado de consumo, mas aumenta dramaticamente o risco de vida, de ser preso ou ficar inválido. O segundo leva o jovem a assumir empregos com baixa remuneração, ganhando aquém do que deseja para consumir, mas o protege de riscos maiores e traz estabilidade à própria vida.

Ao nos concentrarmos nesta encruzilhada, descobrimos duas visões de mundo que se opõem internamente nos jovens estudados. Designamos essas visões de mundo respectivamente como a do *trabalhador* e a do *ladrão*<sup>63</sup>. O objetivo deste capítulo é oferecer um quadro das representações contidas nesta dualidade. Mostraremos que cada uma dessas visões de mundo é organizada internamente por campos de significação – valores e sentidos atribuídos a elementos da realidade – que se cruzam na forma de pensar dos jovens, possibilitando uma escolha coerente por qualquer um dos

---

<sup>63</sup> Recorremos às considerações teóricas de Gramsci sobre a concepção de mundo das massas populares subalternizadas e o *senso comum*. Partindo do pressuposto de que todos os homens são filósofos, pois apresentam uma concepção de mundo, mesmo que implícita em suas ações, o autor propõe entender os sujeitos subalternos como "filósofos espontâneos", em cujo pensamento coexistem ideias e opiniões esparsas que se combinam de forma, inclusive, dispartadas no *senso comum*. A esse respeito, Gramsci aponta que a maior parte dos homens são filósofos "na medida em que atuam praticamente e nesta sua ação prática (nas linhas diretoras de sua conduta) está contida implicitamente uma concepção do mundo, uma filosofia" (Caderno 10, §17, p.325-326). Na comparação com a filosofia, Gramsci aponta que nesta destaca-se a elaboração individual do pensamento; ao contrário, o *senso comum* apresenta características difusas e dispersas de um pensamento genérico de uma certa época em um certo ambiente popular (Caderno 11, §12).

lados que o dilema coloca. Em consequência, ocorre um sistema de pressões cruzadas, em que cada visão de mundo puxa para um lado. Diante da necessidade de escolher um caminho, ocorre uma tensão e uma sequência de oposições, que iremos descrever.

Chamaremos de vértices os elementos identificados como principais pontos de entrecruzamento dessas duas visões de mundo. Cada seção deste capítulo, corresponde à apresentação de um vértice, a saber: i) saídas da pobreza, ii) os rumos da vida e iii) a experiência cotidiana do trabalho. Na segunda parte do capítulo, apresentamos brevemente aspectos específicos da condição feminina e sua relação com o referido dilema. Por fim, sintetizamos os principais resultados e apresentamos as conclusões.

Antes de entrar na análise das representações destas visões entre os jovens, convém caracterizar as condições gerais de trabalho e de estudo dos mesmos, bem como as relações estabelecidas com o crime. Os jovens entrevistados nasceram nos anos 1990. Do total de dezenove entrevistados, nove são mulheres e dez são homens. Todos encontram-se na faixa etária de 15 a 24 anos de idade<sup>64</sup>, sendo que apenas quatro tem menos de 18 anos. Todos moram com os pais ou no terreno da casa dos pais, com exceção de uma jovem, cujo marido está preso, paga aluguel e mora com a filha.

Em relação ao mercado de trabalho, quatro estavam empregados com carteira assinada na época da pesquisa. Outros quatro trabalhavam sem carteira, e dez estavam desempregados à época da pesquisa, ou realizando "bicos". Um dos jovens trabalhava como autônomo na venda de roupas, e outro era aposentado por invalidez. Do total, de quatorze jovens fora do mercado de trabalho forma, sete já tiveram emprego com carteira assinada. Dessa forma, pouco mais da metade do grupo tem ou já teve relações formais de trabalho (cinco homens e seis mulheres), quase todos no setor de

---

<sup>64</sup> Adotamos um critério combinado para definir a idade dos entrevistados. O primeiro foi recorrer às faixas etárias das fontes oficiais de dados, neste caso, o IBGE. O segundo está vinculado à pesquisa e deixa nos 24 anos o limite para ser incluído na década de 90 (jovens dessa idade em 2014 nasceram no ano de 1990)

serviços, sendo que registramos apenas um caso no setor secundário<sup>65</sup>. Entretanto, o tempo de permanência no mercado formal variou de dois meses a cinco anos<sup>66</sup>, mostrando que alguns jovens passaram pela experiência do trabalho formal temporário. Todos os jovens já tinham passado também por experiências de trabalho informal ou "bicos", sobretudo, na busca do primeiro emprego. Há entre as mulheres, um grupo de seis que não trabalhava nem estudava na época da pesquisa, cujos sustento vinha da ocupação do marido ou companheiro. Por outro lado, a respeito ao nível de escolaridade, a maioria das mulheres (seis) finalizou o ensino médio, duas interromperam e uma ainda estava cursando na época da pesquisa. Já entre os homens, apenas um tinha finalizado o ensino médio e cinco ainda estudavam, os outros quatro tinham interrompido a escolarização. Entre os homens, verificamos um processo de afastamento e retomada dos estudos, principalmente pelo envolvimento no crime ou porque tinham começado a trabalhar. Dos cinco jovens que ainda estavam estudando, três apresentaram essa situação. Também vimos que apenas as mulheres eram casadas ou se encontravam numa relação afetiva estável. Do total, sete estavam tinham parceiros ou maridos e filhos, e apenas duas eram solteiras sem filhos. Dos homens, apenas um tinha filhos mas não mantinha uma relação estável com a mãe.

A relação com o crime, no caso dos homens, se mostrou o principal fator de abandono escolar, seguido da busca de emprego. O contato direto com o roubo e o tráfico de drogas deu-se apenas entre os homens. Do total, sete estavam ou estiverem envolvidos diretamente, dois chegaram a ser presos e outros dois a cumprir medidas socioeducativas. Os outros

---

<sup>65</sup> Os anos 2000 apresentaram um quadro de grande transformação na relação dos setores da economia, comparativamente aos anos 70. Segundo Pochmann (2012), "o setor terciário gerou 2,3 vezes mais empregos do que o setor secundário, ao passo que, na década de 1970, o setor terciário gerava somente 30% mais postos de trabalho do que o setor secundário da economia nacional. No setor primário, a diminuição nos postos de trabalho no primeiro decênio do século XXI chega a ser nove vezes maior do que o verificado na década de 1970" (Pochmann, 2012:17)

<sup>66</sup> De acordo com Pochmann (2012), os postos formais de trabalho de curta duração encontram-se predominantemente em micro e pequenos negócios. Nos últimos anos, verificou-se um aumento duas vezes mais rápido nas ocupações femininas em comparação com as masculinas. Além disso, o autor destaca a importância relativas das ocupações de curta duração para o emprego formal de jovens, especialmente aqueles que buscam seu primeiro emprego. Dentre os trabalhos temporais registrados na pesquisa encontram-se estoquista de mercado, operadora de telemarketing, costureira de empresa terceirizada, auxiliar de pintura em pequena fábrica de brinquedo.

receberam convites para o ingresso na criminalidade e eventualmente se aproximaram por meio de amizades e parentes. No caso das mulheres, o contato se deu por meio de relações afetivas e familiares. Seus companheiros, irmãos, pais, tios e primos estavam ou já tinham sido presos. Em três casos, mortos. Observamos também que, sem exceção, jovens de ambos os sexos tinham tido algum amigo preso ou morto.

Deste modo, homens e mulheres compartilham experiências que circundam a vida no crime – prisão, visita e estadia nos presídios, morte, presença em audiências e julgamentos, assédio policial. Também participam dos códigos, referências e normativas do que Feltran (2008) nomeou como "mundo do crime". Noção que, na "perspectiva dos adolescentes e jovens das periferias de São Paulo, designa o conjunto de códigos e sociabilidades estabelecidas, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos e furtos" (FELTRAN, 2008, p.93). Como o autor mostra, ainda entre os jovens que não têm contato direto com o "mundo do crime", a referência a este é incontornável:

Na pesquisa de campo, mesmo os jovens que nunca estiveram inscritos *no mundo do crime* – que representam a grande maioria da população – não puderam se esquivar de fazer referências a ele. O modo como as fronteiras *do crime* se aproximam de suas famílias e de seus circuitos sociais é múltiplo, mas sempre evidente (id., 2012, p.91).

Assim, por meio de amigos da escola, namorados, vizinhos e parentes, as redes de sociabilidade do crime penetram as relações sociais mais amplas do bairro<sup>67</sup>. Feltran enfatiza ainda mais a presença inevitável do "mundo do crime" quando afirma que jovens de ambos os gêneros compartilham da dualidade discursiva que decorre da coexistência entre o mundo dos

---

<sup>67</sup> O relatório "Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN", lançado em junho de 2014 pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) e o Ministério da Justiça, mostrou que Brasil possui a quarta maior população prisional do mundo. No ano de coleta dos dados, 607.731 pessoas estavam em situação de privação de liberdade. Foi apontado também que, desde 2000, a população prisional cresceu, em média, 7% ao ano, totalizando um crescimento de 161%, valor dez vezes maior que o crescimento do total da população brasileira. Em termos proporcionais, o país possui 300 presos para cada 100 mil habitantes. Destaca-se no documento, além disso, que o estado de São Paulo é responsável por 36% da população prisional do Brasil. Em relação ao perfil dos presos, é possível notar que a proporção de jovens no sistema prisional (56% do total) é significativamente maior que o registrado na população em geral (21,5%). Documento acessado em junho de 2015 em: <http://estatico1.globo.com/2015/06/23/relatorio-do-infopen-junho-2014.pdf>.

trabalhadores e o dos bandidos, colocada como um aspecto fundamental nas suas vidas:

meninos e meninas nascidos em famílias de baixa renda, nas periferias das cidade, nos anos 1990, sabem que *o mundo do crime* é um domínio com o qual, querendo ou não, é preciso lidar. A coexistência entre as esferas em que viveriam os trabalhadores e um *mundo do crime* dos bandidos é uma condição instituída em suas vidas. A polaridade discursiva entre eles também (ibid., p.91).

Por polaridade discursiva o autor refere-se àquela colocada entre o mundo do trabalhador e o do ladrão e que, como é nossa intenção demonstrar, integram duas visões de mundo entranhadas nas suas ações efetivas que se ligam no interior dos sujeitos. Estes tipos ideológicos são construções teóricas que surgiram do trabalho empírico e dizem respeito ao pensamento e às tensões internas provocadas pelas suas contradições. Desse modo, na vida social está dualidade se traduz num amplo espectro de ações e decisões particulares adotadas pelos jovens também à luz da sua própria história de vida.

O trânsito entre a ordem e a desordem e a dualidade entre trabalhador e ladrão é um assunto de longa tradição e foi elaborada no âmbito da sociologia brasileira e crítica literária. Sérgio Buarque de Holanda em "Raízes do Brasil" via no processo de formação da sociedade brasileira e nas formas de vida coletivas, "dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipo do aventureiro e do trabalhador" (HOLANDA, [1936] 2006, p.34). Assim, para o autor, existia uma ética do trabalho e também uma ética da aventura:

o indivíduo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais as detestáveis as qualidades próprias do aventureiro —audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem — tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção *espaçosa* de mundo, característico desse tipo (HOLANDA, [1936] 2006, p.35).

O autor esclarecia que entre esses dois tipos não havia nem uma oposição absoluta como uma incompreensão radical. Ambos participavam em distintos graus das múltiplas combinações e não existiam na realidade em estado puro, esta tipologia servia mais bem para ordenar melhor o conhecimento dos homens e do conjunto social. Antônio Cândido trabalha a figura historicamente original do malandro, no ensaio "Dialética da malandragem" (1993) de sobre o romance "Memórias de um sargento de

milícias" (1894) em que estes tipos, trabalhador e aventureiro, são elaborados a partir do princípio que organizava a realidade e a sociedade joanina do Rio e que também estruturava o plano fictício do romance: a dialética da ordem e da desordem. Segundo Schwarz (1987), acompanhando a circulação de personagens, Antonio Candido nota que estas "vão e vêm entre esferas sociais da ordem e da desordem", ao que acrescenta o ponto de vista do narrador:

estas idas e vindas são consideradas com imparcialidade pelo romancista, isto é, sem aderir a valorações positiva e negativa que o campo da ordem costuma estipular para si mesmo e para o seu oposto. A mesma alternância preside à construção da frase, em que há sempre lugar para os dois lados das questões. Trata-se, em plano literário, da suspensão do juízo moral e da ótica de classe que este veicula (SCHWARZ, 1987, p.131-132).

Candido identificava no malandro uma aceitação do "homem como ele é, mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal" (CANDIDO, [1993] 2010, p.34). Ou seja, uma certa consciência e integração das contradições que vem da realidade rodeava a vida dos mais pobres<sup>68</sup>. Entretanto, apesar da superação da marginalidade pelo trabalho ordeiro ser um tópico antigo, comentava Schwarz citando um samba getulista, ambos os lados da alternativa, trabalhador e malandro, eram mais amenos. No seu ensaio do autor sobre o livro de Paulo Lins "Cidade de Deus" nota que este balanço tinha tomado uma direção destrutiva na relação trabalhador-bandido no processo do "desmanche" neoliberal, "em que os traços comparativamente amenos da marginalidade tradicional são escorraçados pela violência nova e maciça do narcotráfico, em contexto de exclusão do consumismo"

---

<sup>68</sup> Este trânsito entre ordem e desordem sinalizado por Candido na malandragem ligava-se estruturalmente aos resultados interpretativos do grupo "D'O Capital", formado nos anos 1960 que se reunião para ler o Capital de Marx e realizar uma interpretação do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, e era integrado por jovens professores e alunos da Universidade de São Paulo (USP), dentre esses Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novais, Roberto Schwarz, Ruth Cardoso, dentre outros. O grupo tinha chegado à ideia de um "desajuste" que se cria na nossa sociedade no momento da crise do sistema colonial e de passagem para a sociedade de classes indicando uma combinação e contradição entre ordem (o polo positivo da norma da sociedade burguesa) e desordem (o polo negativo do Brasil pré-burguês, ou da sociedade escravocrata). Segundo Schwarz (2012), a independência do país teria se apoiado em ideias e instituições liberais, de inspiração europeia e norte-americana, "ao mesmo tempo que conservou muito das formas econômicas da Colônia, como não podia deixar de ser, produzindo um desajuste na base".

(SCHWARZ, 1999, 170). A sociologia urbana também tratou desta dualidade tanto em termos de "normatividades" como de escolhas de caminhos que se colocavam para os jovens nas periferias das grandes cidades (ZALUAR, 1985; MISSE, 1999; FELTRAN, 2011).

## 1. Dilema e vértices de cruzamento

Para a exposição das representações inscritas na dualidade de visões de mundo dos jovens e os dilemas da escolha dos caminhos a seguir, partimos do caso de Luis, cuja trajetória acompanhamos por mais de um ano e meio<sup>69</sup>. Nesse período, foi possível observar três momentos distintos do conflito entre as visões de mundo do *ladrão* e do *trabalhador*. O primeiro, que se estende de março a julho de 2013, corresponde a um período de tensão, em que aparecem os dilemas e contradições da encruzilhada. A retomada dos estudos para futuramente conseguir um bom emprego puxam para um lado, enquanto a necessidade do dinheiro do crime, puxa para outro. Num segundo momento, de setembro a dezembro de 2013, o jovem inicia um movimento de afastamento e separação do "mundo do crime" e da sua sociabilidade, de modo a tomar um rumo estável na vida. O desejo de estabilidade e tranquilidade se coloca de forma mais enfática, assim como sua relação com a casa e a família. Ao tentar se manter afastado do mundo do crime, entra em contato com algumas igrejas evangélicas. No fim desse período, entretanto, volta a assaltar, após a saída do irmão da cadeia, e a tensão encontra seu ponto mais alto quando anuncia o desejo de ter "apenas um lado". Por fim, o jovem se converte à religião evangélica e completa a cisão entre as visões de mundo. Desloca o conflito interno, ao "extirpar" o ladrão de si, que se externaliza na "guerra entre Deus e o Demônio". Este período se estendeu de maio a outubro de 2014, quando encerramos o acompanhamento.

A primeira entrevista do estudo foi feita em março de 2013. Foi num sábado à tarde, no bairro da Brasilândia, local selecionado para realização da

---

<sup>69</sup> Nesse período foram realizadas dezesseis entrevistas em profundidade com Luis, material que nos permitiu acompanhar as mudanças e alterações do conflito colocado pela encruzilhada dos caminhos a seguir na vida.

pesquisa. Havia um movimento intenso nas ruas do bairro – saíam os fiéis das igrejas, grupos de jovens conversavam nas portas das casas ou em torno de motos, que iam e voltavam, e crianças corriam e brincavam. O forró dos bares logo seria substituído pelo *funk* na rua, que já se ouvia em um ou outro lugar nos enormes equipamentos de som instalados nos carros. Uma vez ou outra apareciam grandes *jeeps* e outros "carrões". O comércio e as igrejas evangélicas, que ocupam pequenos espaços, foram se multiplicando ao passo que nos aproximávamos da casa de Luis.

O deslocamento do centro da cidade à periferia pode ser acompanhado pelo asfalto – quanto mais próximo do nosso destino, mais estreitas e irregulares as ruas e as calçadas vão desaparecendo junto com o acabamento externo das casas. Chegando lá, temos vista à cidade, distante, com seus prédios altíssimos que formam um miolo urbano denso e também ao "mato", dada a proximidade da área de expansão da cidade. É possível notar grandes áreas de favela no bairro de Luis, o Jardim Guarani, mas que aumentam à medida que se aproxima da fronteira urbana, tendo moradias literalmente "no meio do mato", perdendo de vista os aspectos urbanos ou de algum traçado urbano, ainda que precário.

Com dois andares, a casa da família de Luis é ampla, decorada com objetos religiosos, móveis e livros. Possui todos os eletrodomésticos e aparelhos que o crédito permitiu comprar: TV plana, DVD, micro-ondas, fogão, geladeira, etc. Por sua vez, o quarto de Luis tem tudo o que um jovem de "classe média" teria – seu próprio quarto, *videogame*, TV plana, *notebook* e um *closet* com roupas de marca. Esses objetos foram comprados, aos poucos, com o salário do trabalho do próprio Luis. Pelo que foi possível entender, a casa da família mostra um processo de melhoria material interno, inclusive do quarto do filho. Este processo se deu no âmbito da política de

crédito e aumento de postos de trabalho do projeto lulista<sup>70</sup>. Aproximaram-se, com isso, a um parâmetro do mundo material da classe média, mas que contrasta com a área externa à casa, ainda marcada pela irregularidade urbana. Ou seja, houve uma melhoria "dentro" da casa, mas a mesma não se registra "fora", na estrutura da cidade e do bairro periférico em que moram<sup>71</sup>. Esta relação foi verificada em outras casas dos jovens entrevistados. A variação se encontrava na qualidade e tamanho das casas, que iam de parques dois cômodos a sobrados com dois andares e cinco cômodos.

Luis nasceu em março de 1992 e tinha 21 anos da idade quando fizemos a pesquisa. É solteiro, não tem filhos e mora com os pais. Acompanhamos seu caso de março de 2013 a novembro de 2014<sup>72</sup>. Além dos depoimentos orais, os encontros envolveram acompanhamentos pelo bairro e outros espaços da vida cotidiana de Luis (a sua casa, a de familiares e vizinhos, a igreja e o *shopping*) em distintas regiões da cidade. O jovem está no mercado formal de trabalho há cinco anos e ganha um salário mínimo como auxiliar de motorista escolar. A mesma estabilidade não foi observada em relação aos seus estudos. Luis ainda não concluiu o ensino médio e no período em que o acompanhamos interrompeu e voltou à escola duas vezes. Atualmente, está tentando finalizar o primeiro ano. O contato com o crime veio por meio do irmão – cerca de dois anos mais velho – com o qual chegou a participar como "laranja" de esquemas fraudulentos, de extorsão e de assaltos. No crime, chegou a receber de 7 a

---

<sup>70</sup> As mudanças no padrão de consumo na população de baixa renda já em 2004 sugeria uma "pobreza diferente". No artigo de Torres, Bichir e Pavez (2006), os dados comparados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de 1995 e 2004 nas regiões metropolitanas mostravam expressivas melhoras em termos de maior acesso a bens (TV, geladeira, fogão, banheiro, dentre outros) e serviços (luz, água, coleta de lixo e esgoto) das famílias com renda familiar *per capita* inferior a meio salário mínimo, sobretudo nas regiões metropolitanas do Nordeste. Esta nova situação foi dinamizada nos anos seguintes pela política econômica do Lulismo, de diminuição da "pobreza monetária" (SINGER, 2012). Houve um importante crescimento na oferta de crédito — relacionada ao aumento do crédito direto ao consumidor, ao aumento do crédito consignado em conta corrente (inclusive para aposentados e pensionistas) — e a maior proporção da população com acesso a contas bancárias, por meio da chamada conta simplificada.

<sup>71</sup> Como foi discutido no Capítulo 1, a partir dos resultados de Marques (2014), de análise dos padrões de segregação em São Paulo em 2000 e 2010, é possível afirmar que apesar das transformações ocorridas terem trazido mais heterogeneidade à periferia, com o aumento de áreas com padrão de vida e urbano próximo à classe média, ligada à incorporação de um contingente populacional à classe trabalhadora, a cidade continua intensamente segregada com um claro padrão de separação entre pobres e ricos.

<sup>72</sup> Os nomes dos jovens usados no texto da tese são fictícios. Foram substituídos a fim de preservar a identidade dos participantes do estudo.

20 mil reais por cada atividade. Além das atividades ilícitas, Luis se envolveu com o uso de drogas, especificamente maconha.

Apresentamos, a seguir, um trecho mais extenso da primeira entrevista com Luis em que o dilema posto pela encruzilhada dos caminhos do trabalhador e do ladrão aparece na forma de uma tensão interna:

Aqui nós vivemos num mundo paralelo, que é uma coisas simples, simples entre aspas, aqui os jovens procuram a maneira mais fácil de ganhar dinheiro pra mostrar que têm poder. Aí vai uma coisa levando a outra... vai mostrar que tem poder para as mulheres, ganhar fama, ser conhecido... é só nisso que eles pensam... até eu de vez em quando também, eu tenho recaídas, fico pensando se é mais fácil trabalhar, mais fácil roubar... Você vê gente que tem, mas aí você vê pessoas que têm já, vai, seus 34 anos de vida, passou a vida inteira fazendo coisa errada, mas você vê que pelo menos eles mascaram que têm as coisas, entendeu?, que conseguiram o que a pessoa precisa para ter, para viver bem; é casa, é chácara, é praia, é dinheiro... [se anima relacionando esses bens]. Nós, que somos mais jovens, ficamos vendo e tipo fala assim... se espelha né?... mas é que tem os dois lados da corda, tem a família e tem a rua, tem o mundo... aí... Tem muita tensão porque a maioria dos jovens está no meio dela, entendeu? Aí você fica naquela [dando voz a essa tensão]; tenta pra um lugar; "ah não está dando certo, não é o que eu quero, está complicado"... Aí você tenta por outro, uma vez dá certo, mas você fala "está dando certo, vou continuar"... aí duas vezes dá certo e aí começa a dar errado... Pra mim, foi o roubo. Uma vez dá certo, outra vez dá certo... Aí depois dá errado. Trabalhar, trabalhar você fica naquelas. Não dá certo, mas também não dá errado (...) Meu trabalho é normal, carteira registrada, sair de manhã, mas isso não muda... pra mim isso é indiferente. A coisa mais complicada é o dinheiro que não aparece, entendeu? É pouco pra ter as coisas que pro jovem, pra mim, pra nós jovens é muito... mas que pra vida não adianta; é roupa, é carro, é moto [com tom de entusiasmo], é coisas de luxo... É esse nosso mundo, entendeu, é isso que faz parecer que se você tem um vazio dentro de você... você tendo isso, essas coisas vai te preencher, você vai estar realizado. Eu não sei, porque eu ainda não tive... entendeu? [risos]. Em relação aos que conseguem, aí depende, de dez consegue um, mas no final é desmascarado, aí perde tudo. Consegue da maneira mais fácil, consegue ficar um mês, dois meses, três meses, mas depois... infelizmente é uma vida de momentos; você tem agora, mas você sabe que futuramente você não vai ter mais, porque é uma coisa errada, né? Uma coisa que não é sua, que você tirou de alguém. Então, de uma maneira, ou de outra, você vai ter o troco, e isso é realmente verdade, eu vejo, eu presencio, entendeu? Aí, sei lá... fica uma coisa muito confusa, uma coisa que não tem como estar falando. E isso é o que a sociedade impõe para nós, pelo menos os que têm mais poder precisa disso para ter mais poder. E quem tem que comprar? Nós que somos pobres. Aí vai lá e compra [risos]. Porque nós quer ter, eles já têm, eles querem mais (LUIIS, março de 2013).

O jovem inicia a exposição fazendo referência ao "mundo paralelo", da criminalidade, para dar passo à exposição de como pensam e agem os jovens que estão vinculados a essa atividade. A realização de roubos e outras atividades ilícitas dão acesso fácil às quantias de dinheiro necessárias para "mostrar poder" por meio do consumo de objetos de luxo, marcas e elevados gastos em bebidas "na balada". Luis valoriza esses aspectos da vida do ladrão, o que o leva a ter "recaídas" para esse caminho. Deste modo, reconhece e expressa a dúvida que vive, entre seguir roubando ou trabalhar.

Em seguida ressurgue a dúvida, agora na forma de uma tensão, num "tenta por um lado, tenta por outro", que se vincula à experiência dos jovens, na metáfora de Luis, de estar "no meio da corda". A tensão de uma corda figura oposições internas postas entre visões de mundo na experiência dos jovens. Após explicitada a dúvida entre um caminho e outro, aparecem as representações da esfera do trabalho – a família, a casa – e do crime – "o mundo", a rua, neste contexto com sinalização negativa, pois é onde os convites e os negócios ilegais são praticados.

Luis assinala que o caminho do ladrão, apesar do início prometedora, no fim "dá errado". O destino da vida no crime, que os jovens afirmam ser inevitável, é sintetizado nos "3 C's": Cadeia, Cemitério e Cadeira de rodas. Ainda assim, a tentação e o desejo de apostar novamente neste caminho não desaparece. Ele mesmo afirma que o risco é elevado, pois as possibilidades de sucesso são baixas – uma em dez. E pior, no fim, quem consegue é desmascarado, a farsa é descoberta e o ladrão perde tudo. Retrocede-se ao ponto zero: o jovem pobre que nada tem. Por outro lado, Luis afirma que o caminho do trabalhador "não dá certo, mas também não dá errado" e mostra certo desdém diante do que é valorizado pelo trabalhador: a carteira assinada e o esforço, que se expressa no acordar cedo. Ato seguido, a escolha do caminho do trabalhador é posta em dúvida diante da necessidade do dinheiro e do poder. O que ganha "é pouco para ter as coisas": moto, carro, roupa de marca, objetos de luxo.

Por fim, no último momento do trecho, Luis reconhece que a vida no crime é uma vida "de momentos" – do hoje sem a certeza do amanhã – em que nada garante que o benefício material se estenderá no tempo. A compreensão das consequências dessa escolha se expressa pelos jovens do estudo na frase "o que fácil vem, fácil vai" e que Luis também cita<sup>73</sup>. Afirma-

---

<sup>73</sup> Este tipo de expressões populares formam o que Gramsci chamou de "bom senso" dentro do senso comum, dado que outorgam à ação uma direção mais consciente. Nas palavras de Gramsci: "essas expressões populares poderiam ser agrupadas com as expressões similares dos escritores de caráter popular (recolhidas dos grandes dicionários) nas quais entram os termos "filosofia" e "filosoficamente"; e assim se poderá perceber que tais expressões têm um significado muito preciso, a saber, o da superação das paixões bestiais e elementares numa concepção da necessidade que fornece à própria ação uma direção consciente. Este é o núcleo sadio do senso comum, que poderia precisamente ser chamado de bom senso e que merece ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente" (Caderno 11, §12, p.96).

se com isso que invariavelmente nada que vem do crime fica e perdura. Também revela que a ideia do "ter" para o poder é imposta pela sociedade. Especificamente pelos ricos – os que têm poder – e os pobres a aceitam e legitimam ainda que isso beneficie ainda mais os mesmos donos do poder, pois eles também querem "ter".

Na citação de Luis observa-se que cada uma das formas de pensar apresenta internamente valorizações positivas e negativas a respeito dos caminhos a seguir. Se por um lado a vida de ladrão traz dinheiro e poder, a ponto de sinalizar uma vida de rico, por outro, a possibilidade de seguir em frente com sucesso é baixa. Se por um lado, na vida de ladrão o destino dos 3 C's parece inescapável, por outro, a vida de trabalhador não atende aos desejos de riqueza. E por aí vai. Poderíamos dizer que cada visão de mundo – a do *ladrão* e a do *trabalhador* – tem um polo negativo e outro positivo que se entrecruzam na forma de pensar dos jovens, possibilitando a escolha por qualquer um dos lados que o dilema coloca. Esta pressão exercida pelo cruzamento entre significações internas às visões de mundo opostas é representada na tensão de estar "no meio de uma corda", metáfora que o jovem usa ao se referir às forças que vêm da visão do ladrão e do trabalhador, mobilizando a necessidade de escolha de um caminho com muita intensidade.

Nota-se, nos seguintes relatos, a incorporação do que os jovens chamam de "dois lados da vida" às distintas formas de pensar, como decorrência das situações contraditórias que decorrem da sua realidade.

Ao nos contar sobre seu processo de contato com o crime e depois sobre a sua escolha pelo caminho do trabalhador, Luis nos leva a constatar por meio da sua experiência que na vida existem "dois lados da moeda":

Foi uma decisão que eu tomei na minha vida. Eu me espelhava mesmo no meu irmão, meu maior convívio foi do lado do meu irmão. Onde eu estudei – quando comecei estudar eu tinha sete anos, o meu irmão ele já tinha, já tinha uns dez ou onze anos –, eu comecei a estudar lá, ele me protegia de tudo, e isso foi indo a vida inteira, ele sempre esteve do meu lado. A minha mãe, ela sempre precisou trabalhar muito, meu pai trabalhava muito, então a gente se via de noite, na hora de dormir, pouco se via, então, fomos criados mais pela minha tia, a nossa criação foi mais por ela [reticência]. Ela criava não, ela tomava conta, minha mãe pagava ela pra olhar nós. Só que sempre fomos rueiros, entendeu? Meu irmão sempre ligeiro, tal... mas até então era assim... ficava em cima do muro, via os dois lados da moeda. Via como é que era, o lado que era que a minha mãe sempre nos ensinou; trabalhar e estudar e tal, conseguir. Mas via o lado da rua né, via os caras tal, moto, radio, como é que... isso vai levando a vida... Aí ele como era mais velho, teve o conhecimento de estar

fazendo essas coisas, e eu me espelhei nele, ficamos juntos, fomos indo, indo... mas aí chegou um certa época da minha vida, esses tempos atrás, agora que eu segui outro caminho e ele continuou o mesmo, vamos dizer assim, e eu segui o outro caminho... (LUIS, março de 2013).

Luis retoma sua biografia e mostra a proximidade que teve desde a infância com o irmão, que o protegeu e esteve sempre ao seu lado. Diante da necessidade de ambos os pais trabalharem, era o irmão que fazia o papel de cuidado associado à família. O pai, que era funcionário numa fábrica têxtil, foi despedido em 1995 no processo de "desmanche" da economia industrial. Por conta disso, a mãe teve que sair de casa em busca de trabalho. Num segundo momento, o pai voltou a trazer rendimentos, mas de empregos esporádicos e informais. A mãe continuou trabalhando e começou a estudar para complementar a renda familiar. Por ter que permanecer fora de casa, não pôde continuar cuidando das fronteiras entre a casa e a rua, cujo objetivo era afastar a desordem que vinha do crime<sup>74</sup>. O cuidado teve que ser substituído pelo "olhar" de uma tia, que não impedia os meninos de serem "rueiros". O irmão é descrito como alguém "ligeiro", podemos dizer como um sujeito de esperteza e astúcia, no qual ele se "espelhava", e que, portanto, seguia como modelo.

Luis relata que sua experiência de vida lhe trouxe dois ângulos de visão. Por um lado, na rua, observou as vantagens da vida no crime, que permitia a outros jovens do seu bairro exibir objetos bastante valorizados – motos e rádios, que ele também desejava. Por outro lado, a mãe tinha lhe ensinado o caminho do trabalhador<sup>75</sup>. Por meio de um roteiro que incluía o estudo e o emprego, poderia melhorar de vida e ascender socialmente. Até então, ele ficava "em cima do muro". Não tinha tomado uma decisão e,

---

<sup>74</sup> No capítulo 1, tratamos especificamente do projeto de vida operário e seu processo de desagregação nos anos 1990. Em termos gerais, o projeto tinha como base material o emprego industrial e seu núcleo era a família, que se organizava num arranjo internamente hierarquizado. Havia uma separação entre o papel da mulher, de cuidado interno à casa e dos filhos, e o do homem, que era encarregado da esfera da produção. Com o desemprego em massa, o projeto começou um processo gradativo de desintegração. O homem começa a ter grandes dificuldade de manter o papel assumido. Nesse contexto, as mulheres devem começar a buscar emprego (FELTRAN, 2012; FERREIRA, 2002).

<sup>75</sup> Vimos no capítulo anterior que, no plano das representações, o trabalho era o *caminho* para "melhorar de vida" (CALDEIRA, 1984). O projeto se dava numa forma sequencial, na contramão da experiência histórica dos pobres de interrupções e instabilidades. De acordo com Feltran (2012), os sujeitos deste plano era da família operária, à qual se apresentava como verdadeiro *script* ou etapas a seguir que consistiam na busca de emprego e estudo para conseguir melhores salários. É o que aqui chamamos de "roteiro do trabalhador". As etapas, portanto, formavam o caminho do trabalhador e elas aconteciam ao longo da vida.

portanto, não estava nem de um lado, nem de outro. Mas em seguida relata que após se envolver no crime junto com o irmão – por volta dos 14 anos –, estes se separaram ao escolher caminhos diferentes. O irmão – preso um dia antes da nossa chegada ao campo – decidiu se aprofundar no crime e ele, Luis, decidiu tentar o lado do trabalhador, seguindo os conselhos da mãe.

Ainda em outras passagens das entrevistas, observamos que Luis apresentava uma imparcialidade de posição ao se referir aos dois lados:

... Com meus amigos nem expesso esse tipo de opinião. Porque da mesma maneira que tenho amigos que se esforçam pra ter as coisas, eu tenho amigos que preferem ir pelo lado mais fácil e vivem disso. Entendeu? Então, tipo, se eu for falar... eu não falo que roubar é certo, mas também não falo que é errado. Porque cada um tem o seu modo de vida aqui, aqui, aqui no meu ambiente, entendeu? Cada um tem o seu modo de vida, entendeu, e ninguém sabe o que a pessoa passa, como que foi a criação da pessoa (LUIS, março de 2013).

Ao evitar expressar opiniões a respeito do que é "certo" ou "errado", Luis inclui entre seus amigos tanto os que "se esforçam", como àqueles que "preferem ir pelo lado mais fácil". Tanto trabalhadores, como ladrões compõem sua sociabilidade. Ao evitar o julgamento e mostrar compreensão pela experiência de vida desses jovens, Luis mantém integrada sua rede de relações. O jovem chama de "neutro" àquele sujeito que está "em cima do muro", ou seja, que não está nem de um lado e nem de outro, via que é possibilitada pela suspensão do julgamento.

Ao nos relatar sobre as relações com a sua família materna, surge o vínculo que Luis tem com a Umbanda. A avó era dona de um terreiro em Perus. Sua mãe e o seu tio, aposentado como metalúrgico, ainda tinham afinidades com a religião. Ao nos contar que o tio recebe uma entidade que Luis chama de "Exu veludo", metade humano, metade bicho, "com chifre", assinala:

ele é aloprado da cabeça [risos], mas é super gente boa, um cara neutro também, não fala que desacredita, mas também não fala que acredita, entendeu? É neutro, não fala de religião, não critica, não tem religião, ele não tem religião, não fala que Deus não existe, mas também não fala que ele existe, não cita nada em vão, ele leva muito a sério essas coisas (LUIS, abril de 2013).

Para Luis, a pessoa que é neutra evita um tipo de escolha entre lados opostos, a exemplo de acreditar em Deus ou não. Também é o sujeito que não negligencia seus dois lados, ainda que isso o leve a um conflito ou a uma contradição. Vejamos o outro exemplo que ele cita: "o filho de santo da minha avó, ele mesmo fala, ele é neutro, recebe dos dois lados [maldade e

bondade], ele está nisso porque é a única coisa que ele sabe fazer na vida e ele precisa viver, mas ele é neutro" (LUIZ, abril de 2013). Por fim, a neutralidade se expressa na ideia de que as pessoas podem ter opiniões distintas. Ao nos relatar sobre uma acalorada discussão com a mãe, Luis afirma que ela deveria ter ficado neutra porque "cada um tem a sua opinião".

Em síntese, o jovem está envolto e carrega internamente sentimentos e influências profundamente opostas. No interior de cada visão de mundo, identificamos a presença de campos de significação que se cruzam na forma de pensar dos jovens, em função do dilema, o que provoca uma tensão e uma sequência de antagonismos que se desprende de cada visão. Mostraremos nas seguintes seções que os campos de significação – valores e sentidos – se organizam em torno de três aspectos ou elementos da realidade, que aqui chamamos de vértices por representarem pontos de inter cruzamento: i) a saída da pobreza material e o dinheiro; ii) os caminhos a seguir e iii) a experiência de trabalhador. Esta movimentação de forças, vista na tensão e no conflito interno é posta em suspensão quando o jovem adota a posição que Luis nomeou de neutro, ou "em cima do muro".

### **1.1 Saídas da pobreza: Salário x "Dinheiro fácil"**

A saída da pobreza e a busca de melhoria das condições sociais mostraram ser o aspecto fundamental no dilema do trabalhador e do ladrão. Ao tomar o dinheiro como vértice descobrimos três planos de significações opostas mobilizadas diante da escolha de um caminho. No primeiro, destaca-se a afeição à quantia e rapidez da entrada do dinheiro do crime, em comparação ao salário. O segundo está centrado na valorização da estabilidade e na responsabilidade financeira, ambos aspectos associados à vida do trabalhador. No terceiro, surge a expectativa de ascender socialmente. Neste, os estudos aparecem como elemento central para conseguir um bom emprego e melhorar os rendimentos com a finalidade de mudar a posição que ocupam para uma valorizada socialmente, ou seja, alcançar *status*. Essas posições referem-se ao tipo de trabalho e ao lugar na cidade.

Quando entrevistamos Gustavo, ele estava à procura de emprego para se afastar do caminho do crime. O jovem tem 19 anos, mora com a mãe no Jardim Guarani e não tem filhos. Trabalha informalmente fazendo "bicos" como ajudante de pedreiro com o pai da namorada e ganha aproximadamente R\$250 por semana. Nesse ano, tinha conseguido pela primeira vez um emprego com carteira, mas depois de apenas dois meses foi mandado embora. Uma fábrica da região o tinha contratado como auxiliar de pintura para a produção de brinquedos no período da Copa do Mundo. Desse modo, a experiência do seu primeiro emprego foi num posto de trabalho temporário. Dias antes da nossa conversa, tinha feito uma entrevista para o trabalho de porteiro num prédio residencial, agenciado pelo pai, e estava aguardando o resultado. O jovem chegou a completar o ensino fundamental e tentou duas vezes retomar o ensino médio, mas acabou interrompendo os estudos para trabalhar como ajudante geral em obras de construção. De acordo com Luis, seu primo que tinha recém se convertido à religião evangélica, Gustavo andava por "mal caminho". O primo esperava que Gustavo ouvisse a "palavra do senhor" e se aproximasse da igreja. Vejamos seu relato:

A maior dificuldade dos jovens aqui é procurar um emprego, ficam na rua aí, acham que o dinheiro cai do céu e não cai. Aí ficam fazendo "biquinho" pra poder sair no final de semana. Acho que devia ter mais uma oportunidade, fazer curso, dar oportunidade de arrumar emprego, também tem que ter força de vontade pra isso, tem que querer... Interesse tem poucas pessoas que têm... prefere ficar no meio da rua, aí na esquina... ah, muitos vão para outro caminho, o caminho da droga, vira ladrão, quer ir roubar... aí vai preso e depois? Aí sai da cadeia, aí apronta de novo, vai preso de novo... isso não é vida, não é vida... você prefere ficar preso lá, vendo o sol nascer quadrado, ou ficar no meio da rua vendo passarinho, ver a rua, sair, poder passear, trabalhar, ter o dinheiro honesto, que "dinheiro que vem fácil, vai fácil", já o dinheiro honesto não, é suado e rende. Dinheiro honesto, ele rende, "porque dinheiro que vem fácil, vai fácil", e o dinheiro honesto ele rende, é do suor, dá para pagar todas as contas e ainda sobra! O outro dinheiro é dinheiro sujo, é do pessoal que rouba, pega o dinheiro aqui, aí já se emociona, quer comprar carro, quer comprar moto, quer comprar roupa e aí acabou o dinheiro. O dinheiro não é seu, é do outro. Eu não suei para ganhar esse dinheiro, então vou gastar tudo, o outro consegue permanecer (GUSTAVO, julho de 2014).

Gustavo coloca como principal impedimento para seguir a trilha do trabalhador – vista na busca de emprego e na realização de um curso – o desejo pelo "dinheiro fácil", a ponto de parecer que "cai do céu", em detrimento do dinheiro ganho com esforço, que vem do trabalho. O dinheiro fácil vem tanto da realização de trabalhos informais ou "bicos" – situação em que ele mesmo se encontrava – como do caminho do crime. O dinheiro fácil

segue seu caminho no gasto em saídas e curtidão. A esse respeito, o jovem também cita a expressão "dinheiro que vem fácil, vai fácil" para mostrar que além do risco de ser preso, ainda por cima o caminho do crime não traz segurança material, apesar da grande quantia que se ganha e que se gasta em motos, carros, roupas. Em oposição, relata que o dinheiro que se ganha com o trabalho consegue "permanecer" porque foi fruto do esforço e, mais do que isso, ainda sobra depois de ter cumprido suas responsabilidades com a casa no pagamento das contas.

Ao se referir ao caminho da droga – como traficantes – e do ladrão, Gustavo aponta para um dos destinos inescapáveis dessa trilha: a cadeia. Compara a vida na prisão, "vendo o sol nascer quadrado" com o caminho do trabalhador, que pode estar na rua, aproveitar a sociabilidade dela, passear e sair para ganhar o dinheiro "honesto". Tomando o dinheiro como vértice, cria-se um plano de significados que se opõem em termos morais, simbólicos e materiais: o dinheiro *limpo* que vem do trabalho (que perdura e é honesto) e o *sujo* do crime (que é efêmero e desonesto). O dinheiro sujo não se acumula ao longo do tempo. Pelo próprio fato de não lhes pertencer e nem ter passado pelo processo de esforço, não ser "suado", é gasto todo em objetos que sustentam a ilusão material dos mais pobres. O dinheiro do trabalho rende e até sobra alguma coisa após pagar as contas de casa.

Como visto, além das questões do rendimento e uso do dinheiro, enfatiza-se muito nas entrevistas a diferença no gasto. Com o salário do trabalhador consome-se por meio de parcelas no crédito. Diferentemente, com o "dinheiro da biqueira"<sup>76</sup> paga-se à vista. Na entrevista com Wilson é feita esta comparação. Ele tem 17 anos, mora com a mãe no Jardim Tereza e trabalha fazendo "bicos" numa gráfica onde recebe R\$200 por semana. Está indo regularmente à escola. O irmão está preso por roubo e tem amigos no crime. Vejamos o seguinte trecho da sua entrevista:

Tipo, trabalha o mês inteiro pra comprar uma moto, comprar um carro. Tem uns que tá trabalhando, fora do crime. Alguns parcelam, né? Depende do trabalho também, né? E tem uns trabalhos que ganha mais, tem uns que ganha menos. Aí dá pra comprar as coisas deles. Demora mais. Porque o crime já, eles... com o dinheiro da biqueira eles já compram a vista, porque dá muito dinheiro. Aí trabalhador não, trabalhador tem que pagar mês em mês, aí tem que pagar parcela. O trabalhador, ele cuida de casa. Ele cuida da casa, faz compra, compra os seus negócios, seu

---

<sup>76</sup> Dinheiro decorrente dos pontos de venda de droga.

tênis, relógio. Aí de vez em quando, quando sobra dinheiro eles gostam de sair (WILSON, setembro de 2014).

O jovem reconhece que por meio do trabalho a compra e aquisição de bens é mais lenta, mas ainda assim possível – demora e são feitas ao longo de uma série de parcelas. Nessa perspectiva, o trabalhador pode até chegar a comprar os objetos de desejo dos jovens (moto, carro) e gastar nas "baladas", mas uma ou outra vez e quando sobra dinheiro. O trabalhador compartilha o orçamento das saídas e compra de roupas com as suas responsabilidades e cuidados da casa, que tem prioridade no seu desembolso.

A dimensão da responsabilidade com a casa e os gastos é destacada também no relato de Francis. Ele tem 21 anos, é solteiro e construiu sua casa numa área invadida que está tentando regularizar ao participar do movimento de moradia. Divide seu tempo entre sua casa e a dos pais, onde ainda tem seu quarto. O jovem não chegou a terminar o ensino fundamental, pois segundo ele "largou para trabalhar". No momento da entrevista, trabalhava como operador de máquina injetora e recebia R\$1.000 (1,38 SM)<sup>77</sup>. Tinham lhe prometido o registro em carteira, mas após sete meses ainda não era cumprida a promessa. Por esse motivo, pensava trabalhar na loja de venda de produtos automotivos do irmão, onde seria registrado. Ficou meses desempregado antes do seu trabalho atual e, nesse período, se aproximou do crime. Francis tinha amigos nesse mundo que inclusive já foram presos. Foi nesse período em que, como afirma, "queria saber mais de diversão, de responsabilidade nada", que o pai insistiu que devia buscar uma forma de se manter e trabalhar:

meu pai pegou muito no meu pé, começou a falar: "oh, procura o que fazer. Você quer ter suas coisas, tem que ralar, porque você não vai ter seu pai e sua mãe toda vida. E se nós for embora, você e seu irmão como vai ficar? Pelo menos você tem que ter uma renda pra você se manter". Hoje minha mãe me ensinou a cozinhar, limpar a casa, lavar roupa. Eu sou tipo um homem doméstico, eu faço tudo (FRANCIS, setembro de 2014).

O conselho do pai o encaminhava a buscar uma independência material e a "ralar" para isso. Como vimos, ao longo das entrevistas, os pais cumprem o papel de orientação dos filhos em direção ao caminho do trabalhador. A ideia do esforço aparece ligada ao processo de obtenção e

---

<sup>77</sup> Uso como referência do SM o ano de realização da entrevista. Neste caso, 2014 (R\$724).

melhora da vida material nessa visão de mundo. Ao esforço, como já vimos, soma-se a responsabilidade com os gastos que destinam-se prioritariamente para a casa. Neste caso, Francis ajudava com as compras e as contas:

"Eu dou dinheiro em casa, eu compro roupa. Eu ajudo em casa, eu dou dinheiro para fazer compra, pago uma luz, faço uma feira... "[Roupa de marca, essas coisas que estão na moda, não?] "É, também, né? Não muito, porque eu não vou comprar um tênis de mil reais, sendo que eu trabalho o mês todo pra ganhar aqueles mil e só vou comprar uma coisa, sendo que dá pra comprar um monte". [E o que você faz, então?] "Eu vou alternando, às vezes compro uma roupa de marca, às vezes não" (FRANCIS, setembro de 2014).

Desse modo, o jovem colabora com o rendimento familiar da casa. O pai é manobrista, e a mãe, faxineira, recebe o Bolsa Família. Segundo declarou, a renda familiar mensal é de aproximadamente R\$3.200 (RFM= 4,40 SM). Quando indagamos a respeito das roupas e do consumo, conta que não está disposto a gastar em um único objeto quase todo seu salário, que levou um mês para ganhar. Ao inverter a lógica do *ladrão*, pensa que com seu dinheiro pode comprar muito mais coisas e, com isso, o fazer render. Para ter acesso ao consumo, Francis compra espaçadamente alguma roupa de marca. Nesse momento, o jovem estava envolvido em buscar um emprego formalizado e em "ralar". Em termos de expectativas, seus próximos gastos seriam uma geladeira, para continuar mobiliando sua casa. Tinha se empenhado em conseguir estabilidade e cuidar dos seus gastos e não apresentava intenções de finalizar os estudos escolares.

Até aqui, vimos o apreço pela rapidez e entrada de altas quantias de dinheiro pelo crime, em comparação ao salário. No entanto, este montante também se gasta rápido, enquanto que o salário do trabalhador é valorizado e cuidado porque foi conquistado com "suor". Além disso, a vida do ladrão mostra-se mais divertida, na qual os jovens podem sair e se divertir com o dinheiro que ganham. Por outro lado, a vida do trabalhador, ainda que rotineira e sacrificante, oferece estabilidade e tranquilidade. O dinheiro rende, pois é gasto com responsabilidade, principalmente com o cuidado da casa. Desse modo, apresentamos dois primeiros planos de valorização a respeito dos caminhos a escolher na vida – mote do dilema. Há ainda um terceiro plano de significações que diz respeito à expectativa de ascensão social. Vejamos os seguintes parágrafos nos casos de Gabriel, Luis e Teresa.

Teresa tem 22 anos, é solteira e não tem filhos. Mora com a mãe no Jardim Carumbé e é auxiliar administrativa de uma empresa há quatro meses. Seu salário é de R \$1200 (1,6 SM). Seu irmão foi preso por roubo. Segundo a jovem, foi uma experiência que abalou profundamente a família, sendo que a mãe chegou a ficar doente. Ao lembrar da audiência, retoma um sentimento de injustiça pela desproporção da sentença – segundo a entrevistada, o irmão passou um ano e nove meses na cadeia pelo roubo de um celular. Teresa tem também amigos no crime e sua casa localiza-se próxima ao "Iraque", onde se realizam os "fluxos" aos finais de semana<sup>78</sup>. Regularmente, a polícia "invade" com muita violência esses espaços, provocando tumulto, correria e desespero entre os jovens.

Teresa traz a comparação que vimos em outros trechos entre tempo e quantidade de dinheiro que o ladrão apresenta, com vantagem em relação ao trabalhador: *"Eu, trabalhando, porra, o que eu posso ganhar, desculpa a palavra, eu posso ganhar num final de semana o que eu ganho em seis meses de trabalho? Ou em um mês de trabalho? Ai o cara gasta na balada dois mil reais e você trabalha dois meses pra ganhar isso* (TERESA, agosto de 2014). Mas assim como os outros entrevistados, também cita a frase "é um dinheiro fácil, mas vai fácil" para se referir ao dinheiro que vem do crime e se contrapor a essa vantagem.

Em relação ao seu salário, assim como Francis, ajuda em casa e alterna os gastos do seu orçamento com a compra de roupas mês a mês. Desse modo, seus gastos apresentam uma dimensão coletiva e outra individual. Na primeira, a responsabilidade e compromisso com a casa aparecem como valores centrais:

Minha responsabilidade, vamos supor, minha mãe faz a compra do mês. Então eu tenho meu vale alimentação e falo: "Mãe, essa aqui é a compra do mês". Uma conta de água, luz, telefone é dividido, cortei telefone, todo mundo tem celular, não gasta mais. Então temos água, luz, TV a cabo. A gente divide esse mês, eu pago luz, você paga água, divide a TV a cabo e a compra do mês é a mesma coisa, eu dou um tanto, minha irmã dá outro tanto e isso são minhas responsabilidades. Sempre digo, não que minha irmã ganha mais, eu ganho mais vou ficar com todas as contas, não, todo mundo tem contas iguais. Na hora de fazer compra de roupa, vamos lá, cartão, faz a conta, divide, sua parcela é essa, essa e essa (TERESA, agosto de 2014).

A divisão de gastos entre os familiares para pagar as contas e realizar

---

<sup>78</sup> O fluxo, comum nos bairros periféricos da cidade, é um baile *funk* que se realiza na rua de forma espontânea com carros equipados com caixas de som. São uma alternativa diante da falta de espaços de lazer, em que os jovens se divertem sem gastar tanto dinheiro.

"a compra do mês" faz parte da estratégia coletiva de organização financeira. O que se torna ainda mais importante quando a família passa por uma dificuldade. Segundo Teresa, quando a irmã passou por um período de desemprego e com o irmão preso, os rendimentos em casa diminuiriam. A mãe tem intenções de abrir um bar, mas por enquanto recebe uma aposentadoria e o dinheiro por "olhar crianças". A mãe começou como faxineira e depois foi caixa de supermercado. A renda familiar é de aproximadamente R\$2.500 (RFM = 3,45 SM) e assinala que o seu salário compõe uma parte importante desse total. A estratégia também funciona para o cartão de crédito. Compram roupas em parcelas com o cartão que está no nome dela. Quando a irmã ficou desempregada, Teresa teve que saldar a dívida e "quebrou o cartão". Mas em seguida voltou a fazer outro porque é a forma de comprar via parcelas e "em caso de emergência", como assinalou. Dessa vez, destaca que as compras de roupa são com o dinheiro que sobrou: *"Então a gente vai, pega esse cartão pra fazer essa compra, compra de roupa, do mês, seu dinheiro que você sabe que sobrou, vai lá e compra roupa, mas primeiro a obrigação de casa"* (TERESA, agosto de 2014). Ao priorizar a obrigação de casa, observa-se também uma inversão na hierarquização dos gastos. Com o dinheiro do crime, compra-se principalmente roupas de marcas e também gasta-se em "baladas". São apenas os traficantes ou os jovens mais envolvidos que conseguem comprar motos ou carros. Com o dinheiro do trabalho, o gastos com roupas de marcas e saídas são passados para o fim da fila ou são feitos de forma espaçada:

Dinheiro pra mim é a questão de celular que é necessário, que precisa colocar crédito no mês, então coloco crédito pra mim, coloco pra todo mundo porque necessitam, né? Ai vai lá, compra roupa, sapato, eu não me apego a isso, mas assim, quando vejo que tá precisando, sempre compro uma roupa no mês, mas não é todo mês, isso é fato. E aí eu deixo uma reserva, por exemplo, se quer ir, acontece algum churrasco na família, você precisa comprar alguma bebida, comida alguma coisa. O meu gasto é isso, eu não gasto nada além do que eu posso (TERESA, agosto de 2014).

O "controle financeiro" – visto no respeito à ordem dos gastos estabelecida no mundo do trabalhador – é prezado como sinalizador da proporção da própria realidade. Teresa critica as jovens que se empregam e gastam tudo e não conseguem, por isso, ter o controle dos gastos: *"elas não conseguem entrar no controle financeiro delas, a maioria é o que eu falo pra*

*você, as meninas vão pro telemarketing, que pega menores de idade e tal, ganham 300 reais no mês, o que elas fazem com o dinheiro? Vai lá e compra uma calça de 200 e uma camisa de 50, duas camisas de 100 reais"* (TERESA, agosto de 2014). A jovem adota a estratégia de compartilhar os gastos com outras amigas para as saídas, como uma forma de manter o ordenamento financeiro, mas também se "divertir". Nesse caso, ela destaca que com isso também evita a mediação que os homens fazem com o dinheiro nas "baladas". Segundo ela, "*todas trabalham, todas estudam*". Com isso, destaca que por meio da estratégia coletiva não só podem ter acesso às saídas, como também isso é possível ser feito com independência, visto no destaque ao fato de que ela sai com jovens que estudam e trabalham. Diferentemente, a jovem do *telemarketing* gasta com irresponsabilidade, não consegue ter controle financeiro e gasta tudo em roupas.

Em relação aos estudos, Teresa chegou a iniciar a graduação em pedagogia e solicita o financiamento do programa do governo Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e também reuniu informações sobre o Prouni. Entretanto, na época trabalhava no crediário do Itaú e foi promovida a gerente do seu setor. Trabalhava desde os 15 anos nessa empresa, pois tinha entrado como "jovem aprendiz". Com a mudança de cargo, os horários não coincidiam. Além disso, com o aumento do salário, também aumentaram suas responsabilidades financeiras em casa e se viu entre duas opções, estudar ou continuar no trabalho e aceitar a promoção:

[Quando você foi fazer pedagogia, fez aonde?] "Eu tava fazendo na Conselheiro, eu não lembro o nome da faculdade... não vou lembrar o nome da faculdade. É perto, mas não vou lembrar. É no centro de São Paulo, fazia no centro ali na Conselheiro, próximo à Barão de Itapetininga. Fazia ali. Comecei a fazer pelo FIES, né? Aí antes de eu fazer a conclusão do FIES foi onde eu tive a desistência, que aí como tem todo um processo burocrático, então o tempo que eu tive para fazer o processo burocrático foi o tempo que eu recebi a promoção. Então infelizmente eu não poderia, ou você fazia a faculdade naquele momento ou você colocava o dinheiro dentro de casa, né? Tinha essas duas opções aí eu falei: "Ah, estudar a gente sempre tem tempo, trabalho vamos correr atrás" e aí foi na hora que eu desisti da faculdade, mas não desisti de... desisti da faculdade e aí eu continuei trabalhando" (TERESA, agosto de 2014).

Desse modo, vemos que, em alguns momentos, a dimensão coletiva da colaboração em casa e a dimensão do trabalhador que individualmente se aloca no mercado de trabalho e traça estratégias para ganhar melhor e ter maior prestígio se entrecruzam.

Após poucos meses da promoção, Thais foi demitida. Nesse período, recorreu ao *telemarketing* e trabalhou como auxiliar de piscina infantil até achar seu emprego atual. Novamente num emprego, tinha intenções de voltar a estudar. Tinha feito uma pesquisa e visto de possíveis faculdades que estavam no Prouni: UNINOVE, UNIP e FMU. De forma mais imediata gostaria de fazer um curso técnico voltado para a área financeira.

Gabriel tem 18 anos de idade e começou a se envolver em atividades ilícitas aos 12 anos. Nessa época, teve que cumprir medida socioeducativa em meio aberto pelo roubo de uma moto. Posteriormente, foi para o tráfico de drogas, do qual tinha se afastado recentemente em decorrência da morte de um amigo muito próximo. Dedicou-se agora a trabalhar no negócio do seu tio de funilaria e pintura de automóveis na Brasilândia. Por meio dessa atividade, recebe aproximadamente R\$500 por semana. É solteiro, sem filhos e mora com o pai. Segundo declarou, o rendimento familiar mensal é de aproximadamente R\$3.500 (4,8 SM). Os dois lados da vida são também descritos por ele para explicar que ao mesmo tempo em que era trabalhador, também foi traficante. Na comparação entre a visão de mundo dos jovens do seu bairro e a dos que moram em áreas mais centrais e ricas da cidade, aponta:

A gente cresce em torno de coisas e daí a gente tipo se adéqua, tipo a saber diferenciar o que é bom, o que é ruim. O menino, se vim de lá [centro da cidade], não vai ter a mesma visão que a gente, porque a gente sabe, mas ele, tipo, é meio ingênuo. Meio ingênuo ou praticamente ingênuo total. E a gente não, a gente já vai saber o que é bom e o que não é bom pra gente (...) Eu já fui, já fui os dois lados. Agora eu tô tranquilo. Perdi um amigo meu, daí eu parei [de traficar]. Ele morreu de overdose, faz quatro meses. Tinha 23 anos. Agora, estou normal, mais tranquilo... não se corre tanto perigo (GABRIEL, agosto de 2014).

Aos jovens que moram em áreas mais centrais, Gabriel atribui uma visão ingênua da vida. Diferentemente, os jovens como ele, que moram na periferia, "sabem" e precisam diferenciar o que é bom do que é ruim, em decorrência da sua realidade, que apresenta não só o lado "certo" e ordenado da vida, mas também aspectos ilegais, perigosos e "errados". Daí porque eles não são tomados pela ingenuidade, precisam reconhecer os dois lados da vida, ainda que se mostrem contraditórios entre si. Como o jovem menciona, ele "já foi dos dois lados", mas tomou a decisão de se afastar do tráfico em virtude da morte de um amigo por overdose.

Como trabalhador e traficante, ele recebia o dinheiro mensal do emprego e um dinheiro diário que vinha do tráfico. Segundo ele, às vezes na mesma noite, gastava o dinheiro que tinha recebido no dia. Nessa época, conta que as saídas começavam já na quarta-feira:

Tipo de quarta a domingo eu tava saindo, agora é uma vez ou outra, tipo uma vez no sábado, uma na sexta ou nos dois dias, mas não igual antes, tipo de quarta em diante. Saía mais. Isso. É porque eu já recebia o salário, mais o dinheiro que eu fazia ainda. Ó no caso eu traficava. Daí era o quê? R\$500,00 por dia, em uma noite eu fazia. Que era em balada, era 500 por noite assim. E daí eu ia pra fazer os dois, eu curtia e trabalhava (GABRIEL, agosto de 2014).

Ao prosseguir o relato, traz a questão do dinheiro como principal elemento que valorizava e perdeu após decidir se afastar do crime: "*mudou, é claro, o que eu ganho em um mês, antes eu fazia em dois, três dias*" (GABRIEL, agosto de 2014). É isso que os jovens chamam de ganhar "dinheiro fácil" – muito em pouco tempo, sem o "esforço" do trabalho. Ao perguntarmos sobre sua relação com o dinheiro, Gabriel diz ter ocorrido uma mudança de pensamento: "*[E o dinheiro?] Muda também, porque era outro pensamento, o dinheiro gastava na balada, essas coisas, agora tipo valorizo meu dinheiro, porque eu tô ali suando pra conquistar*" (GABRIEL, agosto de 2014).

O jovem assinala que a mudança de caminho vincula-se a uma alteração de perspectiva e de forma de pensar, que se opõe ao apreço pelo "dinheiro fácil". Diferentemente, na perspectiva do trabalhador, passa a ser valorizado o esforço para "conquistar" o dinheiro, que se reflete no seu cuidado ao não desperdiçá-lo em "baladas e essas coisas". Com a escolha, sente-se agora mais tranquilo e seguro em comparação à vida no crime, na qual se corre mais perigo. Por outro lado, as saídas e a "curtição" diminuíram, passando da ocupação de mais de metade da semana para uma vez ou outra.

Já foi apresentando na entrevista os elementos de valorização a respeito dos caminhos a escolher na vida. Em seguida, trouxe o dinheiro e a expectativa de uma vida estável:

Isso é um dilema, não é maioria, são todos, pelo menos na periferia... Porque a maioria dos jovens já fez alguma coisa dentro dessa área [o crime]. Tipo já viu que ganhou um monte de dinheiro, gastou tudo, então já viu que "vem fácil, vai fácil". Tipo, não vamos dizer que é uma regra, mas é uma coisa que vai acontecer. Praticamente, porque você conquistou fácil então você não dá valor, então você vai gastar com qualquer coisa (GABRIEL, agosto de 2014).

O jovem explica que a maior parte dos jovens da periferia são colocados diante de um dilema. Já passaram, segundo ele, por alguma experiência no crime em que comprovou que a atividade compensa pelo "monte" de dinheiro que traz. Mas também viram que desse dinheiro nada ficou. Em seguida, Gabriel recorre à expressão adotada pela maioria dos jovens do estudo: "o que vem fácil, vai fácil" para explicar que o resultado apresenta uma regularidade empírica: "é uma coisa que vai acontecer".

Seu plano, na trilha fora do crime, é fazer um curso no SENAI, especializado na área em que trabalha, e ampliar o negócio junto ao seu tio. Segundo relatou, quer contratar um funcionário que fique no seu lugar, pois sua intenção é ser administrador do negócio: "*Gostaria de contratar funcionário. Porque eu não pretendo continuar, tipo eu pretendo crescer e por alguém pra trabalhar pra mim. Daí eu já ia... Tipo eu não ia fazer mais nada, porque eu ia só administrar. Eu fiz curso de administração também*" (GABRIEL, agosto de 2014). Desse modo, surge como meta ascensional passar de empregado a empregador e daí "não fazer mais nada", ou seja, deixar de trabalhar para administrar. Nesse momento, Gabriel cita os estudos, já tinha feito um curso em administração quando cumpria medida socioeducativa e tinha intenções de fazer um curso técnico. Desse modo, os estudos aparecem como aliado chave da ideia de melhorar de posição de prestígio por meio do seu esforço individual ou de mobilidade social.

A figura da mãe aparece nos relatos como guardiã da ideologia do trabalhador e, ao mesmo tempo, como responsável pelo descaminhos dos filhos. Elas, no entanto, acabam cedendo consumo. Algumas das jovens entrevistadas contam que os maridos ou elas mesmas se endividam para comprar roupas de marca para os filhos ou irmãos.

Aí meu filho... ixi, meu filho já quer todas as marcas, sabia? Tenho até medo. Ele tem três anos. Ele conhece tudo. Lacoste. Ele olha para o pé dos meninos já, já mede os meninos. Fala, mãe, o Mizuno dele.... Ele já conhece. Ele quer comprar, o pai dele. Vixi, na loja, no *shopping*. Que nem eu te falei, ele pagou cento e cinquenta reais numa camiseta. Da Lacoste. Só porque tem o jacaré aqui. Minha mãe ficou doida. Mas é camiseta normal. Ele comprou no *shopping*. O que ele compra pra ele, ele compra para o meu filho. Ele compra. Então, às vezes minha mãe empresta o cartão, né? Aí a gente compra no cartão dela. Que nem uma bermuda eu vi, cento e cinquenta também, para o meu filho. Eu vi, e eu gostei. Ele querendo comprar. No natal do ano passado sabe quanto que a gente gastou com o meu filho? Quinhentos reais. Com tudo. As roupas dele toda. Tênis, tudo. Minha mãe fica nervosa. Meu filho que repara nas crianças. Ele fica falando que

das crianças é do Paraguai. Os meus tios ficam zoando com ele, ah, seu tênis é do Paraguai, Cauê, ele, o seu que é. O seu que é. Ele é bem esperto, ele. Então ele já sabe, sabe, o que é verdade, o que é mentira. Que roupa é de marca, o que não é. Eu coloquei uma calça de moletom nele pra dormir, ele "não quero essa calça. Eu não quero, mãe. Eu não quero essa calça. Essa calça é feia". Se eu colocasse uma de marca, ele ia gostar. Aí eu falei assim pra ele, "Cauê, essa calça aqui é da Lacoste" aí ele quis colocar". Então ele já conhece, já. Esse que é o meu medo, né? Se ele crescer e trabalhar pra ter, é bom. E os que crescem e quer roubar? (GABRIELA, 15 mai. 2014).

O futuro do filho de Gabriela, 20 anos, parece depender da capacidade de exercer a diferença entre os iguais e, com isso, ganhar *status*. De discriminar o original da cópia, do feio (sem marca) e bonito (marca). Aqui novamente reaparece a ideologia do jovem de classe média. A preocupação está em que essa atividade seja feita dentro da esfera do trabalho.

A dualidade de visões de mundo também se reflete no orçamento dos jovens. Luis aponta que estabelecia uma separação entre o dinheiro dos roubos e o seu salário como uma forma de estabelecer alguma ordem financeira. Desse modo, se Francis e Teresa hierarquizavam os gastos – priorizando a responsabilidade da casa e a perspectiva do trabalhador em relação às "saídas" e compra de roupas de marca – Luis separava as esferas do crime e do trabalhador.

é, eu tinha ainda, tinha minha moto, é que eu só comprei besteira, então, as coisas que eu tinha foi se acabando conforme o tempo. Entendeu? Tipo, roupa estraga né? A minha moto que eu desfiz mesmo porque foi uma decisão que eu tomei na minha vida que eu falei "eu nunca mais quero nada de ninguém", entendeu? Então, eu desfiz da minha moto. Peguei, lógico que eu peguei o dinheiro, né? Mas está sendo um dinheiro indiferente pra mim. Eu recebo mas nem... eu gasto tudo, gasto tudo com... eu compro celular caro, compro roupa cara, mas com esse dinheiro... com o meu salário não, com o salário eu tenho planos. Ah... esse daí eu ajudo a minha mãe em casa com meus deveres, que tipo nós combina, né? Cada um paga uma conta... guardo um pouco (LUIS, março de 2013).

Segundo o jovem, com o dinheiro que veio do crime comprou apenas "besteiras". Já com o salário, Luis tinha planos e também responsabilidades, pagando contas e ajudando em casa. Com o dinheiro do salário até guarda um pouco, apesar do seu baixo valor. Em oposição, o dinheiro do crime "era torrado". O dinheiro que vinha do crime era todo gasto em celular e roupas caras e, portanto, nada sobrava para poupar ou guardar para um momento posterior ou futuro. Luis conta que quando eles ficavam sem dinheiro, após gastar tudo, era o momento de realizar uma nova atividade ilícita: "*chegava o meu irmão, falava: puta, nós tá duro, vamos ali. Aí nós ia. Aí lá ia ele. Aí*

*dava golpe lá numa velha. A velha vendia os predinhos do CDHU e dava golpe nos outros*" (LUIS, Dezembro de 2013). Quando indagamos sobre o que faziam com o dinheiro, em seguida ele responde: "*Ah, torrava tudo, mano, torrava... la viajar, comprava roupa, comprava relógio... torrava tudo. Comprava bebida, gastava... ah, gastava, gastava com coisa do mundo, com zoeira*" (LUIS, Dezembro de 2013). Desse modo, os jovens entravam num ciclo de tudo e nada; roubavam ou extorquiam, gastavam tudo para em seguida ficarem "duros" – sem dinheiro – ou seja, na mesma condição material de pobreza. Apesar disso, o apelo do dinheiro – que vinha rápido e em altas quantidades – e que lhes permitia acesso ao consumo e à diversão, era tão intenso que acabavam dispostos a iniciar novamente o ciclo.

Tínhamos já mencionado que identificamos três momentos do conflito entre *ladrão* e *trabalhador* na trajetória de Luis. No primeiro, de março a julho de 2013, a tensão surge e tenta buscar saídas por meio da expectativa da ascensão social. Num segundo momento, de setembro a dezembro de 2013, Luis busca se afastar do mundo do crime e do uso de drogas se isolando da rua e das amizades. Tenta dar espaço para a perspectiva do trabalhador, se apegando à mãe, cortando amizades e saídas e se aproximando da igreja evangélica. Mas no fim desse período, ele não consegue levar adiante esse "auto-confinamento"; o irmão sai da cadeia e volta a roubar. A tensão encontra seu ponto mais alto em dezembro. No ano seguinte, em 2014, Luis tinha passado pelo processo de conversão evangélica. Os seguintes parágrafos correspondem a uma entrevista do primeiro momento em que aparece a motivação pessoal para a mobilidade social e a outra realizada no auge da tensão do período seguinte. Note-se a mobilização de oposições em torno do dinheiro, que pressiona com força no cruzamento de visões do *trabalhador* e do *ladrão*:

[Quando você acorda de manhã antes de ir trabalhar, o que se passa pela sua cabeça?] "vou falar pra você, a primeira coisa que passa pela cabeça é "ai que saudade de ter aquele dinheiro". Aí quando eu coloco o pé no meu chão, já muda o meu conceito, falo "não, vou estudar... quando for fazer minha faculdade, que for o meu momento, eu acho que vou ter dinheiro...", então isso vai me dando força, e assim vai. Ah, eu quero fazer hotelaria. Se não vou virar criminalista. Vou ganhar muito bem e vou ir embora daqui. Não gosto de morar aqui" (LUIS, março de 2013).

É muito complicado, é fogo. Tem vez que eu deito na cama, assim, é embaçado... porque você tem a vontade, porra, nós vive num mundo consumista, velho, e você não poder ter nada. Pra você poder ter alguma coisa, você vai ter que levar dez anos, e aí aparece a oportunidade pra você ganhar no dia, isso daí deixa a sua mente em

conflito com você mesmo, entendeu? Mexe pô! Ainda mais nós que é novo, eu começo analisar agora, é embaçado, ainda mais onde nós mora, tudo isso vai levando, entendeu, vai virando uma bola de neve. Mas, sei lá, por mim, tem que ter firmeza, eu fico firmão, trabalho... tá pouco, mas tá vindo, pelo menos (LUIS, dezembro de 2013).

No primeiro parágrafo, coloca-se o dinheiro do crime como principal aspecto que vem ao pensamento do jovem antes de iniciar a rotina de trabalhador. Mas apesar da "saudade", ele "bota o pé no chão" e aceita a realidade da rotina de trabalhador motivado pela perspectiva de mudança da condição de *status* que pretende alcançar seguindo o roteiro do estudo e do emprego. Num futuro, espera "ganhar muito bem" e ir embora da Brasilândia.

Já no segundo parágrafo, essa mesma motivação aparece minguada. Surge com mais força o desejo de consumo, a vantagem de tempo que leva o ladrão sobre o trabalhador para ganhar dinheiro e o conflito que isso gera internamente. Como ele mesmo afirma, "isso daí deixa a sua mente em conflito com você mesmo". Ao invés da antecipação da ascensão, surge uma atitude de resistência, aguentar a situação e "ficar firmão". No caminho do trabalhador, o dinheiro vem pouco, "mas vem". Assim, observa-se a mudança de expectativas entre um parágrafo e outro; de melhorar e ascender socialmente para se manter estável. Ele afirma que se mantém firme diante da força que nesse segundo momento do conflito ganha a perspectiva do ladrão; aparece também as angustias de viver num "mundo consumista" em que os jovens pobres "não podem ter nada".

Vejamos como o conflito se apresenta nos seguintes parágrafos em que o jovem trata da ordem financeira:

[Você estava contando que saldou essa dívida e está conseguindo fazer outros tipos de gastos, como que você está fazendo isso?] "Ah, agora já eu fiz tipo de uma planilha pra mim, aí eu pago a minha natação que da R\$ 80,00 reais, aí sobra o do meu patrão que da, eu tô pagando R\$ 150,00 ele falou pra mim pagar com R\$ 100,00, mas eu pago R\$ 150,00 porque aí eu termino mais rápido, aí esses dois eu pago no dia do vale, entendeu? Aí no meu salário que é o dia cinco, eu pago só o banco, dá R\$ 600,00 reais, aí o resto do dinheiro tudo sobra, aí vai sobrar uns R\$ 500,00 reais pra mim, uns quatrocentos e setenta e alguma coisa, vai sobrar arredondando uns R\$ 500,00 reais, aí eu vou deixar R\$ 300,00 porque eu vou comprar o carro com meu pai e o resto eu vou guardar no banco" [Mas e os seus gastos do dia-a-dia?] "Ah, os meus gastos do dia-a-dia tudo deve dar uns R\$ 60,00 reais no máximo" (LUIS, outubro de 2013).

[Você disse que estava cansado do seu trabalho?] "É... eu to cansado, mas eu gosto, entendeu, tipo, eu não to cansado, entendeu, eu to insatisfeito, porque não suprem as minhas necessidades pessoais, entendeu?" [O que não supre?] "A remuneração. Não é... não dá o suficiente. Esse negócio de ficar martirizando uma coisa pra ter outra, isso daí é muito ruim, ruim demais. Isso daí, quando eu to sem fazer nada, aí,

por isso que vem essa tentação, entendeu? Tipo, já que não tem, vai pegar, porque eu já peguei... já peguei uma, duas, três vezes. Por que não pegar agora? Mas eu não vou fazer isso não" [Você está falando diante da possibilidade de que talvez isso demore pra mudar?] "É." [Por que te vem esse pensamento?] "Por causa disso daí, porque, tipo, você tem aquela compulsão de ter..." (LUIS, dezembro de 2013).

Luis conta que após pedir um empréstimo ao chefe para saldar uma dívida, ele fez uma "planilha" de gastos, cuja prioridade era o pagamento da dívida, logo depois a natação, que tinha começado fazer como uma forma também de se afastar das drogas, em seguida o dinheiro para ajudar os pais a comprar um carro e, por fim, tinha intenções de guardar no banco. Dessa forma, Luis mostrava-se empenhado em se afastar do mundo do crime, retomar o caminho do trabalhador e o controle de gastos. Entretanto, tinha deixado uma pequena margem para suas despesas pessoais: R\$60. Assim, retomava-se a perspectiva de ajudar em casa e a dimensão mais coletiva do salário que auxilia o consumo familiar e de poupança para o futuro. Também nessa entrevista, Luis sinalizou que gostaria de retomar os estudos que tinha interrompido e estudar educação ambiental. Materialmente, já estava vendo os resultados do seu controle e estava conseguindo equipar seu próprio quarto com bens semelhantes aos que um jovem de classe média teria:

"Ah, agora já tá bem mais tranquilo, porque eu tô sem dívida, então eu já tô aprendendo a me controlar mais na hora de comprar as coisas tal, então não tá fazendo mais muita diferença, assim. Antes fazia porque eu era muito extravagante, eu comprava muita coisa e não... agora tá tranquilo, óh, já consegui pagar o meu *video game*, já comprei meu *notebook*, já comprei uma televisão, agora eu vou vê se eu consigo comprar um espelho, aí vai indo de pouquinho em pouquinho vai indo" (LUIS, outubro de 2013).

A sensação de tranquilidade – mencionada mais de uma vez – que decorre da capacidade de agir sobre seus gastos descreve a estabilidade que os jovens buscam no caminho do trabalhador. Porém, no seguinte parágrafo, já no final desse período, em que a tensão do conflito aumenta após o assalto que realizou com o irmão, ele expressa estar cansado não do trabalho em si, mas do salário que não "supre" suas "necessidades pessoais". Descreve como um verdadeiro tormento a estratégia que Francis e Teresa usam de alternar ou comprar de forma espaçada os objetos que desejam. Esperar tanto tempo para consumir é um "martírio" diante da "compulsão de ter". Como ele afirma: porque não pegar agora? É nesse momento que Luis assinala que a "tentação" de voltar ao caminho do ladrão surge com força.

Acompanhamos também a mudança de expectativas em um outro período, não só pelo cruzamento de valorizações entre o dinheiro "fácil" e o salário e a ordem financeira, como também em relação aos estudos. Observemos os seguintes parágrafos. O primeiro corresponde a uma entrevista feita em abril de 2013 no Mc Donald's do *shopping* Bourbon, localizado no bairro da Pompeia, e o segundo, a uma feita em maio do mesmo ano na sua casa na Brasilândia:

Eu, futuramente, quando estiver com a minha vida estável, com certeza eu vou morar em Perus, entendeu, eu não vou morar onde eu moro, eu não gosto da onde moro, eu vou morar no Perus, porque eu gosto de lá, sabe quando você simpatiza com um lugar? Ali é um ambiente bom, saudável, a minha mãe não vai mais por causa da mãe dela. Lá é um ambiente tipo esse aqui [bairro Pompeia], entendeu? É tipo esse ambiente aqui, a favela um pouco mais distante e está o bairro igual aqui, passou da ponte você vai começar a ver o morro, aqui já é mais tranquilo, opções de parques, ruas asfaltadas, a qualidade de vida eu acho que lá é bem melhor do que onde estou. É, menos bagunça, mais organizado na minha opinião. É o bairro em que se localiza a casa da minha avó, mas fora o bairro que ela está o Jardim dos Manacás tem outros bairros também que são bem tranquilos, Vila Nova (LUIS, abril de 2013).

Tipo, num foi a minha mãe que falou pra mim, entendeu, o que eu quero fazer, foi eu mesmo que decidi, o que eu fui vivendo, vivendo, e vendo, e tendo vontade, já era, eu decido por mim mesmo, tipo, me dá uma louca, eu quero fumar maconha, por exemplo, ela gostando ou não, eu vou fumar. Se eu quiser fazer uma faculdade e ela ficar falando: tem que estudar, tem que estudar... tem vez que eu dou uns esporro nela, eu falo: mãe, num é todo mundo que gosta de estudar. Porque realmente, até os *boy* lá, eu vejo, não é todo mundo que gosta de estudar, aí ela, tipo, fica meio assim. Mas eu quero, entendeu, porque é a única maneira de eu estabilizar a minha vida, mas não... Eu quero estudar por mim, pra mim estabilizar a minha vida, hoje eu já tenho uma visão do que eu quero na minha vida, eu não quero ficar morando aqui, eu nunca gostei de morar aqui. Eu quero uma casa minha, eu poder ter a opção (LUIS, maio de 2013).

Como já vimos, os estudos aparecem como centrais para tornar possível a expectativa do jovem de ascender. Luis entrevê um futuro com a vida estável morando em Perus na Zona Norte da cidade. Este bairro pode ser classificado como uma área periférica consolidada. Pelo seu padrão urbano regular, assemelha-se aos bairros da classe média. Muito diferente da periferia mais precária onde ele mora. O jovem faz a comparação de Perus com "ambientes" de bairro da classe média – especificamente com a Pompeia – que caracteriza como "saudáveis". Para ele, a Pompeia e Perus se distinguem da periferia pela "qualidade de vida", vista na ausência do crime na rua, o afastamento das áreas de favela, e um padrão de urbanização que se expressa na presença de calçadas asfaltadas e parques. Além de mais "tranquilos", são mais organizados. Aspecto que se opõe à

"bagunça" que atribui ao bairro em que ele mora. A comparação é feita, assim, entre franjas das cidades ordenadas – "organizadas", "tranquilas" e "saudáveis" – em que mora a classe média, com outras desordenadas – "bagunçadas" – em que moram os pobres. Outro aspecto fundamental é a ideia de que o afastamento, a segregação entre "morro" e "calçada", é explicativo da qualidade de vida. Em outro momento da entrevista, ele traz essa dualidade se referindo ao Rio de Janeiro. Quando perguntamos como classificaria a Brasilândia ele responde como "morro", mas quando voltamos a perguntar se classificaria toda a Brasilândia como morro, ele traz uma distinção sinalizando que existem áreas de classe média e que o bairro sofre do preconceito da criminalidade: *"eles generaliza eu acho que por causa da criminalidade (...) mas tem os bairros sim, classe média baixa, classe baixa alta, sei lá como é que fala, mas tem o pessoal que já é mais estável"* (Luis, abril de 2013). Desse modo, Luis adota uma forma de pensar que, por meio da distinção, identifica áreas mais e menos prestigiosas da cidade. Quando Luis visualiza a ascensão se pensa morando em áreas da cidade de classe média e, portanto, alcançando *status*.

No entanto, se por um lado, a rua representa o lugar de contato com o crime e a "maldade" presentes na periferia, por outro, é o espaço de encontro com os amigos, de sociabilidade e onde transcorria a vida, o cotidiano. Luis valoriza o fato da "rua" estar sempre ocupada por muita gente. O lazer ocorre neste espaço e envolve o encontro, as paqueras, as saídas com amigos de moto e os bailes *funk*. Ao falar da rua, faz uma comparação com a área mais rica e central da cidade que frequenta. Para ele, na Pompeia as ruas ficam vazias de final de semana e o único espaço em que se concentra gente é no *shopping*. Este é o lugar privilegiado do lazer da classe média e a *rua*, dos jovens do seu bairro: *Na rua tem gente! bastante gente, música... é uma coisa legal, da hora... Você não fica isolado, lá por outro lado da Pompeia no dia de hoje (sábado) está tudo parado, as lojas estão fechadas. O único lugar que concentra gente é shopping, aqui é a mesma coisa, aqui é rua... entendeu? (...) É nosso lazer, é o lazer das pessoas daqui.* (Luis, março de 2013). O exemplo da rua indica o que Feltran (2012) chamou de posicionamento nas fronteiras de passagem entre referências populares e de classe média, como uma das principais mudanças ocorridas após a

desagregação do projeto de vida operário. Os jovens da geração dos anos 1990 teriam no horizonte uma perspectiva individual de ascensão social.

Mas o horizonte de ascensão social se vê comprometido com a instabilidade da trajetória de estudos de Luis. Ao longo do ano e meio de acompanhamento, interrompeu duas vezes a escola. No segundo parágrafo, ele relata as discussões com a mãe sobre a faculdade. O conflito vinha da insistência dela na importância de continuar os estudos para seu futuro. Em contraposição, ele afirma que não é "todo mundo que gosta de estudar", inclusive os "boys" da escola particular onde trabalha.

Os estudos são um elemento de ascensão, mas também de alcance de prestígio, pois é visto como um atributo da classe média:

É, porque está lá, porque ele sabe que ele tá lidando com outro tipo de pessoa, não são as mesmas pessoas que aqui. Mas com certeza, as pessoas de lá do outro lado tem bem mais conhecimento, mais estudo, tal, as pessoas aqui não, as pessoas tem pouco conhecimento, vive nesse vínculo aqui, tipo, não tem, não procura saber de outras coisas, não todos, não tô generalizando, tem muito poucos que procuram, mas não procura ter conhecimento igual as pessoas de lá tem, entendeu? (LUIS, maio de 2013).

Luis afirma que as pessoas desse grupo social, que moram "lá do outro lado" – referindo-se agora ao centro – são "mais educadas", tem "mais estudo", em oposição aos pobres, que são ignorantes e não mostram vontade de melhorar. Ao mesmo tempo em que se coloca um sentido motivacional nos estudos para a ascensão social, estes apresentam uma dimensão oposta quando Luis reproduz a desvalorização do pobre como "ignorante". Os estudos, assim, aparecem tanto como uma estratégia de mobilidade, como de diferenciação social.

## **1.2 Os rumos da vida: Segurança x Fortuna**

Um segundo vértice no qual se cruzam significações antagônicas é o destino ou os rumos da vida. A segurança à respeito do futuro aparece em dois planos. No primeiro, aparece a valorização do trabalho com carteira assinada e a proteção dos direitos como uma forma de evitar os riscos que decorrem da realização de trabalhos informais e no mundo do crime. No segundo, destaca-se o sentido dos caminhos, numa oposição entre fortuna e ordenação para orientar a própria vida. Na perspectiva da fortuna, por um

lado, surge o inevitável destino de destruição da vida no mundo do crime – expressada pelos jovens no ditado dos 3 "Cs": Cadeia, Cemitério e Cadeira de Rodas – e, por outro lado, a sorte como elemento a favor para enfrentar os altos riscos de uma aposta na trilha do crime e alcançar o sonho de riqueza. Esta dimensão é sintetizada no conceito de "Vida Loka".

Numa segunda perspectiva ligada à ideia de progresso, a do *trabalhador*, a ordenação aparece como princípio para organizar a vida, cuja finalidade é melhorar as condições materiais e sociais por meio de uma sequência de etapas que inclui conseguir um emprego, estabelecer um controle financeiro, estudar e casar. Esta dimensão é sintetizada na ideia do "caminho". Quando o caminho do trabalhador é seguido, aparece a ideia de progresso – de ir para "frente" – e conquistar as melhorias. Em oposição, o desvio do caminho do trabalhador é tido como um retrocesso e uma forma de ficar "desandado" na vida e perder o rumo. Nesse ponto, a família e a religião aparecem como zeladores do seguimento do caminho "certo", orientando e advertindo os jovens sobre os riscos da vida no crime, assim como estabelecendo a responsabilidade e a "fé", respectivamente, como força motivacional para enfrentar desafios, antecipando a melhoraria da vida.

Quando o conflito é acirrado no plano da segurança e do progresso e vê-se aumentado o risco da destruição e de ficar "desandado", a dimensão da ordenação é sobrepujada pela mediação das igrejas evangélicas. Ao levantar a ordem com mais força e incorporar a perspectiva do trabalhador na sua ação e discurso, entra-se na esfera do conservadorismo.

### ***A formalidade e a proteção dos direitos***

Nos relatos de Luis, aparecem o altíssimo risco e a exploração que decorre do trabalho no tráfico e da informalidade – suas primeiras experiências para ganhar dinheiro. A respeito do tráfico, enfatiza a dimensão do auxílio ao lucro, que compara a uma empresa:

É, você é uma pessoa descartável, é um negócio, né, um jogo de negócio, quanto mais gente mais dinheiro, porque... pra você ter uma empresa você tem que ter funcionários, certo? Quem faz o dinheiro são os funcionários. E na hora que sua mão de obra não for mais preciso você vai ser uma pessoa descartada. A mesma coisa que uma empresa, quando a empresa não precisar mais da sua mão de obra, o que que ele vai fazer? Vai te mandar embora. Mas só que aí você corre dois riscos, né, porque se o seu erro não vai ser aceito e quando eles não precisar você também... (LUIs, dezembro de 2013).

Luis observa que a geração do lucro decorre do trabalho dos "funcionários" e da exploração dos jovens que se submetem ao riscos, na ausência de qualquer proteção legal. Como menciona, para os negócios, eles "são descartáveis", expressando a desumanidade que decorre deste tipo de relação de exploração. Por outro lado, os "gerentes das lojas" viraram "*top*" e são eles que andam em motos, "carrões", que saem com as mulheres mais bonitas do bairro, vão aos camarotes.

O jovem começou a trabalhar na informalidade ao tentar se afastar do crime. Com quinze anos, ocupou-se num lava rápido na Lapa por um ano. Após ficar desempregado dois meses, conseguiu um trabalho como auxiliar num açougue da Zona Norte. Os relatos da sua experiência eram de exploração, dada a irregularidade dos horários que era obrigado a cumprir, e do risco, dado o manuseio de instrumentos cortantes e da falta de condições sanitárias seguras no local de trabalho: "*eu trabalhava num emprego bem pior, eu não era nem registrado... trabalhava num açougue. Nossa, era horrível, horrível, horrível, horrível, o único dia que eu ficava em casa era, agora, em semana santa porque não vende carne, só vende peixe (...)*" (LUIS, março de 2013).

Ele compara a experiência vivida no açougue a um filme de terror. O cenário era impregnado de sangue, inclusive na própria roupa, corpos esquartejados e uma série de instrumentos (facas, ganchos, machados) perigosos. Segundo seu relato, como o piso estava sempre molhado e com restos de animais, havia um perigo constante de cair com um instrumento cortante na mão. Diante das condições insalubres do trabalho, era levado a normalizar a própria aversão para continuar sua rotina: "*o frango não podia ficar descongelado nem a pau e tinha vez que ficava. Aí tinha que ir lá e ficar tirando aquilo [os bichos] e mexendo. No começo dava ânsia de vômito, mas aí de tanto ficar vendo, de tanto ficar mexendo, pegando, passou a ser uma coisa normal*" (LUIS, outubro de 2013).

Somava-se a esse quadro também a violência entre os próprios colegas de trabalho. Em mais de uma ocasião presenciou brigas e xingamentos, sendo que uma das brigas terminou em agressão física com facão. Para ele, esse tipo de trabalho precisa de "coragem" para enfrentar as

durezas da rotina. Nesse tipo, cita também o trabalho como auxiliar de pedreiro: *eles precisam de gente que tem coragem, entendeu? É a mesma coisa que um trabalho de servente de pedreiro. Você tem que carregar peso, a carga horária é muito exaustiva. Todos os dias eu entrava às cinco da manhã e saía às seis da tarde, porque mentia que eu ia pra escola, porque se não eu ficava até sete, oito* (LUIS, outubro de 2013).

Pelos relatos, o dono do açougue não só desrespeitava as leis trabalhistas, como buscava aumentar o tempo de trabalho por meio da intimidação. Para Luis, nesse contexto de informalidade, sem a proteção da lei, era o "medo" que o dono sentia do seu irmão que era do crime o que limitava a exploração. Desse modo, a experiência do jovem na informalidade foi permeada de irracionalidade, violência e ilegalidade. Luis percebe sua exposição ou vulnerabilidade a esta experiência e a diferença em termos do resguardo legal que existe entre o trabalho formal e informal: *"eu não ficava final de semana em casa, eu trabalhava domingo até meio dia e era esse o tempo livre que eu tinha, mas até então eu não entendia, né, de trabalho, eu não entendia de lei, não entendia de nada ainda. Eu era inocente, tudo tava começando, hoje não, hoje eu já entendo"* (LUIS, março de 2013).

O trabalho no açougue teria sido para Luis um "trampo", como enfatiza, pois o "emprego", diferentemente, está ligado à formalidade e, portanto, à carteira assinada e ao cumprimento dos seus direitos. Ao sair do açougue, ficou mais seis ou sete meses desempregado, nos quais voltou a se envolver no crime. Mas, em seguida, conseguiu seu primeiro emprego formal, no qual trabalha já há cinco anos. Luis trabalha no setor de serviços, como auxiliar de motorista de transporte escolar, recebe um salário mínimo e tem carteira assinada. Valoriza o emprego por ter lhe dado estabilidade e "salvado" do "descaminho" do crime. Nesse sentido, o jovem tem uma clara ideia da experiência da exploração que decorre do trabalho no crime e da informalidade.

### ***O caminho do trabalhador x "Vida Loka"***

Quando iniciamos as entrevistas, Luis já estava empregado há três anos e continuou no mesmo emprego ao longo dos dois anos de acompanhamento. Somavam-se, portanto, cinco anos de estabilidade nesse

período. Notório sinal de que a fase de idas e vindas entre ocupações precárias ou esporádicas tinha finalizado e ele estava no caminho do trabalhador.

Eu ajudo o motorista. Isso, eu ajudo a levar as crianças. Aí eu fico monitorando, cinto, cadeirinha, essa coisa toda... vejo a segurança da criança. Eu tenho que zelar pela segurança da criança, essa é minha função. Já estou lá há três anos. Bastante já... foi o que me salvou. Se não hoje eu estava desandando já... Quando eu comecei, foi meu primeiro emprego. Quando comecei, eu estava junto com o meu irmão fazendo coisas que não, não eram legais, não agrada... mas estava dando certo, dava dinheiro, entendeu? Então, nós foi e estava se aprofundando já, aí um belo dia a minha mãe falou "faz uma ficha lá com o Theo", aí ele direcionou. Ela trabalhava na escola que o Theo, que tem a empresa de transporte, presta o serviço pra escola, aí ela falou faz... foi até eu e o meu irmão fazer que nós dois estava desempregado, mas isso nós tinha o que? Dezessete... eu tinha dezessete. Tinha parado a escola, por conta disso daí. Parei no primeiro ano, agora que estou dando continuidade. Mas é que nós estava se aprofundando tanto nessa coisa que estava dando dinheiro, nós estava achando que ia ficar rico entendeu, tipo eu tinha 18 anos na época, então pra mim estava no auge. Eu ichi... não, eu não tinha 18 anos, que tinha era meu irmão, eu era mais novo ainda... eu já tinha moto. Já tinha moto, tinha carro, comprava roupa de R\$1.000 e isso aí foi consumindo, aí apareceu esse emprego e fui vendo que a vida não é desse jeito, aí eu já fui tendo outra visão que não é essa forma que se ganha. O meu irmão não, ele se deixou levar, já se aprofundou mais... aí, infelizmente, isso vai levando a uma coisa... (LUIS, março de 2013).

No relato, aparece de forma central o papel de salvação que Luis atribui ao primeiro emprego. Salvação do lado do crime que o vinha arrastando para a "*Vida Loka*" por meio de motos, carros, roupas caríssimas e com a promessa de que a curto prazo ficaria rico. Sob esse ponto de vista, seu emprego teria evitado que ele ficasse "desandando", ou seja, tivesse optado por um descaminho, um retrocesso, que o levaria a percorrer um curso em sentido oposto ao do trabalhador, cujo destino seria inevitavelmente algum dos três "Cs". Este se tornaria um porto seguro e zelaria pela sua segurança. O emprego veio pelas sugestões da mãe – que representa na sua concepção e em seus relatos a ideia, ou a imagem mais acabada, da ideologia do trabalhador. Já o irmão, apesar dos intentos dela para que arranjasse o mesmo emprego que Luis, continuou se aprofundando no crime e acabou sendo preso.

Desse ângulo, os empregos mais disponíveis aos jovens são um "fio de esperança" para afastá-los dos riscos mais imediatos dos empregos informais e do crime e uma forma de aproximá-los ao mundo do trabalhador.

Vejamos o relato de Teresa sobre a *telemarketing*, um dos setores de serviços que mais emprega jovens e mulheres<sup>79</sup>:

O *telemarketing* é pra aquelas pessoas que têm uma mente, que pelo menos têm algum fio, sabe aquele fio de esperança de ajudar dentro de casa, e aí aquele fio traz um pouco mais de responsabilidade e aí busca. Aquela pessoa que quer o “dinheiro fácil”, ela vai atrás da amiga que tem amigos que tem dinheiro. Então assim, eu saio com você, eu faço o que você quiser, mas me põe em uma posição tal. Ou me leva pra tal pessoa, ou faz esquema com tal pessoa. Então elas vão sempre pelo caminho de corpo, eu falo pras meninas que hoje em dia as mulheres não tão se dando ao valor merecido. Não dão. Eu falo porque eu volto à questão da educação, eu fui educada de uma forma que mulher tem que ser total independência, tem que ser independente. Você tá casado, beleza, então casamento vai ser uma empresa, casamento é uma empresa, não é eu tenho o dinheiro dia 5 e você tem dia 10, não, nós temos dinheiro dia 5, nós temos dinheiro dia 10. Isso funciona como uma empresa. A mulher quando se tem essa independência, você não vai ficar dependendo de ninguém. Ou então você vai morar com o cara, você vai precisar do cara pra comprar calcinha, não sei o quê, coisas íntimas, se você tivesse seu dinheiro você não ia precisar. Então, aí minha mãe sempre falou, você tem que ter sempre sua independência (TERESA, agosto de 2014).

O primeiro aspecto enfatizado pela jovem é a possibilidade de, por meio do emprego, se aproximar da trilha do trabalhador vista na ordenação financeira e na responsabilidade com a casa. Enfatiza-se, em seguida, a independência financeira para cuidados pessoais. O trabalho no *telemarketing* daria à mulher a possibilidade de receber um salário que se opõe à relação mediada com o “dinheiro fácil” feita pelos homens que estão inscritos no mundo do crime. A humilhação da dependência é exemplificada na necessidade da mulher ter que pedir dinheiro – e, portanto, submeter-se à decisão dele de dar ou não – inclusive para comprar objetos para o cuidado íntimo. Teresa afirma que uma mulher tem que ter “total” independência. Aqui, entra em cena a mãe como guardiã do caminho do trabalhador. Desse modo, nos relatos dos jovens o trabalho aparece positivado no seu papel de dar responsabilidade, um rumo à vida, outorgar segurança e afastar o risco que decorre da realização das atividades ilícitas, no caso dos homens, e da dependência e humilhação da mediação masculina com o dinheiro, no caso das mulheres.

---

<sup>79</sup> Nogueira (2009) no seu estudo sobre as trabalhadoras do *telemarketing*, mostra que ao mesmo tempo que houve uma tendência de “feminização do mundo do trabalho” – visto no crescimento contínuo de emprego nos anos 90, no processo de desmanche da economia industrial – se efetivou também em muitos segmentos de prestação de serviços, entre eles o setor de teleatendimento, conhecidos como *telemarketings* ou *call centers*. Segundo a autora, o perfil do trabalhador de *telemarketing* é preponderantemente feminino e jovem (18 a 25 anos de idade).

Ao trazer como exemplo o desenlace dos caminhos tomados por amigos ou parentes de idade próxima, os jovens do estudo mostram claramente as consequências das escolhas. Vejamos a narração de Gabriel:

Tem um amigo meu pelo menos que saiu e tipo parou, casou e os caramba, parou. Mas sai com uma visão diferente, ah, nunca mais vou fazer isso não, não quero isso pra mim. Igual esses tempos um amigo meu saiu, estava na FEBEM, saiu e morreu, foi roubar um policial e matou ele, 17 anos ele tinha. Tem meu outro amigo [que morreu por overdose] ele era junto comigo, tipo uma parceria mesmo. Fiquei muito abalado (GABRIEL, agosto 2014).

Um dos amigos conseguiu se afastar do mundo do crime e casou. Nas entrevistas, a união afetiva junto à busca de emprego aparecem como os principais elementos de estabilização para o jovem que começa a tentar o caminho do trabalhador. Outro amigo que estava na FEBEM – hoje Fundação Casa – continuou com as atividades ilícitas e foi assassinado aos 17 anos por um policial ao tentar roubá-lo. Por fim, seu amigo mais próximo morreu por overdose, aos 23 anos. Além da dimensão econômica, associa-se a este caminho o uso de drogas. Alguns jovens se referem ao caminho do ladrão também como o caminho das drogas. Os jovens trocam o dinheiro do seu trabalho pelo acesso a elas e muitos acabam morrendo na situação do amigo de Gabriel. Como visto, foi bastante criticada a precariedade do trabalho no tráfico que, além disso, envolve menores de idade em atividades de alto risco sem nenhum resguardo formal.

Assim como no caso de Gabriel, os jovens estudados ao exemplificarem as escolhas por meio de amigos e irmãos, mostram os destinos e consequências das escolhas. Todos os jovens da pesquisa tinham tido algum amigo ou parente morto ou preso no tráfico ou porque tinham se arriscado na realização de atividades ilícitas como o roubo. Para eles, os "3 Cs" são inescapáveis: "*É. E não tem, não tem... outra, né, ou você vai preso ou você morre ou... isso daí é dito popular, né, ou você vai ficar na cadeira de rodas, isso daí até em música você ouve isso daí, então*" (LUIS, outubro de 2013).

A escolha do caminho aparece configurada por opções que levam à incerteza, por um lado, e a um caminho calmo e tranquilo, por outro. Vejamos o seguinte parágrafo de Teresa:

A vida tem dois lados, um tem diversas curvas. Você, vou avisar pra você: "Olha cara, você não vai por aqui, porque esse lado tem curvas perigosas. Vai por aqui que é mais calmo, você consegue passar". Eu estou te dando um caminho certo, agora

se você quer seguir o caminho errado, o que ele vai buscar dentro desse caminho errado? (...) O caminho do trabalhador, isso é o caminho de desafios, diferente daquela coisa do dinheiro fácil. Porque tem muitos que, infelizmente, parte para as drogas, roubo, furto: "Vou roubar um celular porque hoje eu não tenho dinheiro". Infelizmente, hoje, os jovens, têm muitos assim (TERESA, agosto 2014).

No caminho de trabalhador, o jovem consegue "passar" e seguir em frente. Seguir o roteiro do trabalhador, conseguir emprego e estudar, traz segurança sobre o futuro e, por isso, o caminho é visto como "certo". Diferentemente, as curvas representam o risco da vida no crime e a incerteza do futuro, não se sabe o que esperar – o sucesso ou a morte e a prisão. Além disso, suas ações são motivadas pelo imediato, como fica inscrito na frase de Teresa, da necessidade do dinheiro "hoje" e a ação direta do roubo. Como já foi destacado nas entrevistas de Luis, a vida do crime é descrita como uma "vida de momentos" em que se perde o horizonte do médio e longo prazo a favor da experiência imediata de riqueza que vem do "dinheiro fácil" antes dele ser "torrado".

Outro aspecto importante mencionado no parágrafo acima de Teresa é a dimensão do conselho e da advertência, também ligada à ideia de proteção e amparo. Este é feito pela família ou pela religião. No caso da família, vimos como nos relatos de Luis, Teresa e Francis os pais apareciam como direcionadores do caminho do trabalhador. Após indicar a oposição entre certeza e risco entre o caminho do *trabalhador* e o do *ladrão*, Teresa traz a importância do papel da mãe como guardiã do caminho "certo": "*Eu sou madura assim, desde os meus 15 anos eu trabalho, sempre tive minha mãe ali do meu lado dizendo o que é e o que não é (...) Então, às vezes eu fico imaginando, será que a mãe teve uma conversa com ela? Será que sentou, conversou algo desse tipo?*" (TERESA, agosto de 2014). A responsabilidade – vista na maturidade – decorre da escolha pelo caminho de trabalhador seguindo as orientações e conversas da mãe que foi lhe sinalizando o certo e o errado.

Papel semelhante é dado à religião. A maior parte dos jovens entrevistados declarou ter alguma religião (dezoito dos vinte entrevistados). Do total, mais da metade são evangélicos (11), quatro se declararam católicos, um espírita e dois do candomblé. Os jovens mais ativos que iam aos cultos e mantinham relações de sociabilidade na igreja eram os

evangélicos (cinco homens e seis mulheres) e os jovens do Candomblé: Luis e Gabriel. Luis tinha apenas uma proximidade pois a avó tinha um terreiro de Umbanda em Perus. Já Gabriel apresentava um envolvimento maior – vai todos os sábados ao terreiro e participa representando a entidade do Exu. Note-se no seguinte relato a relação do destino e a orientação religiosa:

[Essa proteção que eles pedem é proteção contra violência?] "Isso. Contra o mal. É. Vai pessoas pedir pra abrir caminhos na vida, isso e aquilo (...) É igual uma igreja, ele vai tipo vai te mostrar o caminho. Vai falar: Olha, você tem que parar de fazer isso, fazer aquilo, aí a sua vida vai andar pra frente. Vai te dar, como se fala, uma direção. Aí você tem que segui-la. Caminhar pra frente, nunca pra trás". [Entendi. Um progresso, vamos dizer assim?] "Isso. Sempre um progresso" [Que progresso, por exemplo?] "Ah, depende do que você pedir. Tipo: Ah, eu quero arrumar um emprego. Então, eu vou fazer isso e isso, mas você também tem que se ajudar, é tudo na base de fé. É fé" (GABRIEL, agosto de 2014).

O relato se inicia apontando o papel de proteção e de "abertura" de caminhos na vida. Na comparação às igrejas, assinala que no Candomblé também é feito o papel de orientação sobre os caminhos a seguir na vida. Neste caso, por uma entidade. O sentido da direção é claro: a melhoria de vida, "andar para frente". Aproxima-se o caminho do trabalhador à ideia de progresso. Seguir o direcionamento é fundamental para conseguir essa finalidade. A imagem do caminho, nesse sentido, sintetiza tanto a direção, como a responsabilidade e o compromisso de seguir as etapas indicadas para quem enveredar por essa trilha. Dentre essas, cita a busca de um emprego. Aqui surge a fé como elemento motivacional chave para o auxílio do empreendimento do caminho e da realização da promessa de melhoria. Quando perguntamos sobre o papel de orientação da entidade – no caso o Exu, associado à imagem do malandro, que quando "encarnado" é um indivíduo boêmio – o jovem afirma que decorre da sua sabedoria: "*por causa que ele vai saber o que se passa, vai saber tipo dar um caminho, dar uma doutrina na sua vida*" (GABRIEL, agosto de 2014). Segundo ele, é a experiência na vida e na rua – ou seja a própria realidade – que lhe outorga conhecimento e sabedoria para dar orientação e, portanto, legitimidade na transmissão e ensinamento das ideias ou "doutrinas". Desse modo, vemos que a experiência de vida dos pais e da entidade do malandro legitimam o poder de orientação e direcionamento dados aos jovens sobre os rumos da vida, além de sustentar a fé no caminho do trabalhador.

Note-se no seguinte relato de Luis a articulação na perspectiva do *trabalhador* da segurança no futuro, na ordenação da vida – tanto no aspecto financeiro, como no cumprimento das etapas traçadas – e o papel da fé e da autoridade dos pais como motivadores e orientadores do rumo a seguir na vida:

Estou mais disposto, bem mais disposto, nossa eu to tranquilo, eu tava sei lá, eu tava com a minha vida, eu tava seguindo um rumo que ia acabar dando em nada entendeu? Ainda bem, graças a Deus, que agora já... agora eu to focado no que eu quero, agora vai dar tudo certo... agora vai dar tudo certo, com certeza, com certeza! [risos] já tá, já tá dando tudo certo, graças a Deus, já tá já... já to me concertando, já, financeiramente to conseguindo colocar minhas coisas em ordem que eu não tava conseguindo, não to com droga, nada de nada, amizade cortei, entendeu? Tipo, quem não me serve, velho, é oi e tchau e eu saio correndo, tem lugares que eu já não passo pra evitar mesmo isso, tipo, trabalho, casa, casa, trabalho, trabalho, casa, casa, trabalho, natação, esporte e tal, o que me beneficia entendeu? E ponto, já era, que, tipo, ajuda... amizade ajuda bastante a você desviar e eu não tava percebendo isso, entendeu? Aí a minha mãe parou, conversou comigo e tudo direitinho, aí ela falou, é isso e tal (...) Agora eu quero terminar a escola, eu vou começar fazer esporte, mais esporte ainda, além da natação, vou fazer mais pra ocupar mais o meu tempo, que eu fico, e o resto do meu tempo que eu ficar eu vou me dedicar a ficar do lado da minha mãe, sair com ela, comprar minhas coisas devagarzinho e seguir na vida, já era... de um modo mais sadio, entendeu? De um modo mais tranquilo (LUIS, setembro de 2013).

A entrevista foi realizada no momento em que Luis estava empenhado em se afastar do mundo do crime e das drogas para dar passo ao caminho do trabalhador. Quando nos encontramos, o primeiro aspecto a ser ressaltado entusiasmadamente pelo jovem foi a mudança que estava experimentando na sua vida. A retomada de um rumo na vida aparece como primeiro elemento que se opõe à vida no crime, que ia "acabar dando em nada". Como de fato ocorre como resultado dos 3 "Cs". Em seguida, Luis traz a fé – agradece a Deus – e a esperança como motivadores da certeza que pelo caminho do trabalhador tudo dará certo. A ordenação da vida aparece na organização financeira e na separação entre a casa e o trabalho, por um lado, e a rua – onde se encontra a oferta de drogas e as amizades ligadas ao crime. A ideia do desvio trazido pelas amizades e a necessidade do afastamento fazem parte do conselho da mãe, com quem ele conversou. Nesse momento, manifesta estar disposto a seguir as etapas do caminho do trabalhador, que envolve os estudos e o controle financeiro. Acrescenta a realização de esportes e a dedicação à família. Espera, assim, a estabilidade e continuar a vida de forma mais tranquila, e também um futuro, como ele expressa na seguinte frase: *"agora eu vou tomar rédea da minha vida pra*

*mim garantir o meu futuro*". Vemos aqui que é da sensação do "controle da vida" por meio das suas decisões e ações que surge a segurança no futuro.

Em oposição ao controle da vida, à segurança e à fé no futuro trazidos pela perspectiva do *trabalhador*, é o aspecto da incerteza, reunido à satisfação imediata do desejo de dinheiro e da diversão que dá o nome "Vida Loka" à vida no crime, em que a fortuna e a sorte contam como elementos fundamentais para a realização do sonho da riqueza. Observe-se o relato de Vidal:

Por que eu conheço cara que é consciente e cara que quer mudar de vida dessa forma. Que não aceita trabalhar o mês inteiro para ganhar 600 reais. O cara, então, já não tem essa disposição para trabalhar e tem a disposição para sair roubando e mudar de vida, dar uma sorte, achar alguém rico, pegar um dinheiro e ficar firmão para vida inteira (VIDAL, julho de 2014).

De acordo com Malvasi (2012), na sua tese de doutorado sobre a "Vida Loka", a expressão surge no interior do mundo do crime e circula no cotidiano das "quebradas", sendo adotada não só por jovens que se relacionam diretamente com o tráfico. Escrita em adesivos, em carros, pichações em muros, a "Vida Loka", segundo o autor, constitui uma síntese do "imponderável na casualidade" e revela uma forma de vida que se depara com o caos e a desordem, cujo controle escapa completamente ao sujeito<sup>80</sup>. A dimensão do azar atrelada à vida no crime é simbolizada por baralhos, dados e coringas em tatuagens, e *posts* no *facebook*. De acordo com Feltran (2011), os jovens que se convertem à "Vida Loka" – porque se aprofundaram no crime e de ladrão passaram a "bandidos" – atingem um tal grau de imersão que num momento radical afirmam não ter mais nada a perder: "a perda de laços com pessoas, instituições e valores considerados legítimos socialmente traduz-se, a partir dessa etapa, na convivência cotidiana com a possibilidade real de morte" (FELTRAN, 2011, p.78). Desse modo, na explicação do autor, em função da intensidade da vida criminal – como define "Vida Loka"– e do afastamento do mundo percebido como legítimo, cria-se um sentimento de inexistência: "isso faz sentir que, em última instância, sua

---

<sup>80</sup> Podemos sugerir que a "Vida Loka" se opõe a uma concepção de vida racional. Esta vida se expressaria em alguma concepção de progresso. De acordo com Gramsci, o nascimento e o desenvolvimento da ideia de progresso corresponde à consciência difusa de que se atingiu uma certa relação entre a sociedade e a natureza (incluindo no conceito de natureza o de acaso e o de "irracionalidade"), relação tal que os homens, em seu conjunto, estão mais seguros quanto ao seu futuro, podendo conceber "racionalmente" planos globais para sua vida (Caderno 10, §48, p.XX).

morte seria apenas a confirmação dessa ausência e, a partir dessa hora ninguém o reclama" (ibid., p.78).

### ***A mediação evangélica: Salvação X Destruição***

Descobrimos nas entrevistas que a segurança a respeito do futuro era intermediada por revelações futurísticas e "livramentos" que vinham da pregação das igrejas evangélicas. Estas enfatizavam as incertezas da vida no crime e os desvios do caminho que levavam à destruição. Ao ter encontrar dificuldades para se afastar do mundo do crime, os jovens buscam alguma certeza nas revelações futurísticas feitas por intermédio de pregadores evangélicos que se baseiam, ao mesmo tempo, numa autoridade moral superior e abstrata e na própria experiência de vida de pregadores, ex-bandidos conversos<sup>81</sup>. Os desígnios estão sempre ligados ao destinos dos 3 "C's", no caso dos jovens envolvidos diretamente no crime, e à traição de amigas e parentes no caso das mulheres. Enfatiza-se a dimensão destrutiva do cotidiano dos jovens da periferia, visto em rixas, na violência e nos riscos. Em ambos os casos, aconselha-se o afastamento dos jovens "do mundo" (rua e amizades) para, por meio do desejo de estabilizar suas vidas, serem incorporados à igreja e "aceitem Jesus".

Segundo Kelly (23 anos), ela já foi "livrada" de um acidente de carro e por esse motivo acredita nas revelações evangélicas:

nós fomos pra uma festinha e ela estava na igreja, a minha mãe. Aí o pastor foi e falou assim: "Deus está dando o livramento para uma das suas filhas, porque hoje ela vai cair, vai sofrer um acidente e os carros... Está falando aqui que ela vai cair de moto, vai sofrer um acidente e os carros vai passar por cima e Deus tá livrando ela, tá dando o livramento pra ela". Aí aconteceu isso comigo, tipo, mas os carros chegou a parar assim em cima (KELLY, março de 2014).

No relato das revelações, os jovens sempre incluem a palavra premonitória de Deus vindo por meio do pregador. Neste caso, a jovem estava indo de moto numa festa e por meio do "livramento" tinha se salvado

---

<sup>81</sup>De acordo com Teixeira (2009), as igrejas pentecostais e neopentecostais dão uma resposta espiritual – da batalha pela alma entre Deus e o Demônio – à questão da violência. Ao colocarem o conflito vivido pelos jovens no plano espiritual, evitam o afastamento dos crentes em relação aos "bandidos", ainda que visto como parte do exército do Demônio: "ao contrário, o caráter proselitista do pentecostalismo produz uma aproximação bastante significativa entre bandidos e crentes" (TEIXEIRA, 2009, p.14). Entretanto, a relação entre os dois grupos é marcada pela "autoridade moral" que os evangélicos possuem em relação aos traficantes, criando um ordenamento moral entre sujeitos honestos e trabalhadores, e desonestos e bandidos.

da morte. Kelly também recebeu a revelação da saída da prisão do marido: *"Teve uma vez também que eu fui pra igreja, que meu marido tinha sido preso, aí o pastor foi e falou assim: "Eu tô vendo um passarinho preso na gaiola, chorando, chorando, querendo ser liberto, mas Deus está falando que ele vai ser liberto". Aí quando foi a semana, na outra semana ele foi solto.* (KELLY, março de 2014). Novamente, à revelação feita segue-se sua comprovação na realização do que foi pressagiado.

Ana (17 anos) relata do "livramento" do namorado numa briga no baile *funk*:

É, tipo assim, que nem ontem. Ontem eu fui para a igreja, aí eu dei a foto dos meus cunhados e do meu namorado para o pastor orar, né? A foto. Meu cunhado, meu outro e meu namorado no meio. Aí ele nem olhou na foto direito. Aí ele começou a orar, ele falou assim, "é... Deus mandou te falar para você falar para esse jovem que está no meio tomar cuidado, porque o inimigo está armando um laço para ver a morte dele". Falou assim. É o meu namorado que estava no meio. Ele é muito terrível, ele arruma muita confusão. Tipo, nos *funks*, se alguém olha torto pra ele: que que é? Aí já é uma treta, já é uma confusão. Ele é muito briguento. Muito folgado, ele. É, aí Deus deu o livramento, né, falou para ele vigiar (ANA, maio de 2014).

A revelação também nesse caso é relatada na forma de anúncio pela jovem a quem basta para acreditar o fato do namorado ser violento e estar frequentemente envolvido em rixas. Além da violência, brigas e mortes anunciadas, também usa-se a "macumba" como uma forma de mostrar intenções invejosas – de "olho gordo"– e destrutivas de parte de amigos e parentes, enfatizando o sentimento de desconfiança nas relações sociais e tornando as religiões afro-brasileiras pivô das "maldades". Quando indagamos sobre outras revelações, Ana respondeu: *"De macumbaria, também. É, o povo faz macumba. Ah, não sei, né, que esses macumbeiros são doidos. Fazem cada macumba doida"* (ANA, maio de 2014).

Desse modo, as revelações evangélicas ressaltam o perigo da vida do crime e a dimensão da desordem presente no cotidiano dos moradores da periferia, incrementando a dimensão da incerteza e do imponderável. Quando esta dimensão é trazida a tona como ameaça de um destino inescapável, oferece-se a salvação. Na entrevista, Gabriela (20 anos) – moradora do Jardim Santa Tereza, que citou os destinos dos 3 "C's" nas entrevistas –, na presença de sua amiga e vizinha Ana, acrescentou: "ou se salva". Referia-se ao caminho oferecido pela igreja evangélica. Como veremos, neste ponto a oposição entre os destinos destrutivos e iniludíveis do crime e a ideia de

salvação se reúnem numa concepção de única saída "antes do barco afundar", por meio da conversão e do "aceitar Jesus"— ou seja, apelando à iminência do desastre e da inexistência da possibilidade de uma mudança. Esta ideia remete a uma salvação individual, de "salva-se quem puder", como confirma Ana. Ela frequenta a igreja "Deus é amor" junto à mãe do namorado, que já foi preso e ainda tem contato com o crime. Ao indagarmos o porque do namorado dela não acompanhá-las à igreja ela respondeu: "*Não, ele não vai. Mas a salvação é individual, né, ele não quer ir, deixa ele*" (ANA, maio de 2014).

A conversão é vista, ao mesmo tempo, como saída do crime e alternativa que intermedia o acesso ao caminho do *trabalhador*, retirando a possibilidade de ação do jovem de tomar um rumo na vida diretamente. Segundo Teixeira (2009), a conversão religiosa é vista desta forma não somente pelos "crentes", mas também pelos próprios jovens inscritos no "mundo do crime". Como enfatiza, muitos endossam o discurso evangélico que a conversão é de fato a "única saída". O autor destaca que esta mediação retira a possibilidade do trabalho se apresentar diretamente como uma saída do crime: "esta oposição [trabalhador e bandido] também poderia indicar que a 'saída' do crime se encontra no abandono de práticas criminais e na adoção de um 'trabalho honesto'" (TEIXEIRA, 2009, p.16).

O discurso evangélico incorpora todas as dimensões da perspectiva da *trabalhador* vistas até aqui – tanto a expectativa de progresso e da ordenação da vida, como a de segurança do futuro. Porém, por meio da obediência a uma autoridade abstrata e diante de uma ameaça do próprio descaminho. Nesse sentido, Paula (2013) aponta: "elas contribuem decisivamente para reunir os indivíduos com um objetivo comum que diz respeito à melhoria da sua condição de vida, em múltiplos aspectos, inclusive o econômico" (PAULA, 2013, p.133). De acordo com a autora, os fieis estão interessados em construir um futuro para si, melhor do que o deixado pelos pais em termos econômicos e, portanto, buscam o progresso material e das condições de vida:

Não é simplesmente um desejo; esse sentimento deve ser seguido por transformações cotidianas, por investimento de tempo e dinheiro; em educação e em aprimoramento profissional, mas também em reafirmação da fé. Nesse sentido, as igrejas

conseguem ser o elemento de estímulo fundamental, a partir de sua prédica religiosa de que as pessoas merecem uma vida melhor, sobretudo economicamente nesse mundo e que é uma mediadora para que isso aconteça. Para o evangélico, reafirmar sua fé nessas igrejas é reafirmar uma estratégia de vida (ibid., p.131).

Ao incorporar o projeto do trabalhador, o discurso evangélico soma a autoridade e legitimidade que decorre de cada umas das dimensões e às as submete ao seu poder e autoridade moral. Assim, incorpora e se coloca por sobre: i) a autoridade da lei que decorre dos direitos da formalização do trabalho e a legitimidade deste pelo seu papel de "salvação" dos descaminhos; ii) o uso da razão e da ação vista no ordenamento da vida e a adoção de estratégias como o controle financeiro e no traçado de etapas para a consecução da melhoria de vida; iii) a legitimidade dos orientadores deste caminho que se baseiam nas suas experiências de vida, vistas na família e em outras entidades religiosas.

A passagem é feita pela incorporação e inversão do papel da fé no caminho do trabalhador, de esperança e motivação de consecução dos objetivos por meio das suas ações. Contrariamente, é por meio da antecipação da destruição e pelo desespero, vistos nas revelações evangélicas, por oposição à motivação e à promessa de um futuro melhor, que as igrejas evangélicas conseguem a obediência a uma autoridade abstrata e a aceitação dos jovens de seu papel de mediação.

Assim, num primeiro momento, ao invés de afastar a "Vida Loka", ela é trazida com muita força, provocando a intensificação do sentimento de medo, pavor e desespero diante de um fim violento e destrutivo, ou da perda de alguém querido nessas condições. Uma vez que "aceitam Jesus", dá-se o acesso à fé e ao caminho do trabalhador por meio do afastamento das referências ao crime. Assim, a estratégia da igreja evangélica é a hegemonização do projeto e da perspectiva do trabalhador por meio da sua incorporação e posterior subordinação ao seu papel de mediação entre os jovens. Com isso, os jovens cedem sua capacidade de "tomar as rédeas da vida nas mãos", como Luis apontava, "às mãos de Deus". Seu projetos e planos subordinam-se aos seus desejos.

O resultado da hegemonização pode ser visto, por exemplo, no auxílio prestado ao símbolo mais prezado pelo trabalhador – a carteira assinada –

pela Bíblia do "crente", como forma de mostrar autoridade e credenciamento moral. Teixeira (2009) relata que no seu trabalho de campo sobre ex-bandidos convertidos a pregadores evangélicos, tinha ouvido muitas histórias de moradores de favela no Rio de Janeiro que diante do cotidiano assédio policial mostravam junto das carteiras de trabalho a Bíblia:

nas "batidas policiais", junto das carteiras de trabalho, para se provar às autoridades a posição do indivíduo no pólo oposto ao de "bandido", exibiam suas bíblias ou carteiras de membros de igrejas evangélicas para serem reconhecidos como "gente de bem". "Ser crente", em tais contextos, também pode ser uma maneira de mostrar que "não se é bandido" ( TEIXEIRA, 2009, p.16).

Apostava-se, assim, na principal ordenação estabelecida pela religião evangélica – a moral. Por meio da criação de distinções e hierarquizações entre "trabalhadores" e "marginais", prioriza-se o reconhecimento moral por sobre a condição de classe. De acordo com Teixeira (2009), é a "autoridade moral" o que marca a relação que os pentecostais possuem com os traficantes.

Alguns jovens da pesquisa tratam diretamente desse processo de incorporação, como o caso de Gabriel, que está ligado ao Candomblé. Ao indagarmos sobre as revelações, ao invés de nos dar mais um testemunho sobre as veracidades das suas premonições, ele trouxe uma crítica:

Ah, se você continuar fazendo isso vai acontecer tal coisa. Sempre é uma coisa ruim. Nunca ele vai falar, vamos supor: "Não, continua fazendo isso que você vai ficar rico. Anda, faz isso e isso que vai acontecer tal coisa boa com você". Eu pelo menos eu nunca vi. Uma coisa que eu falo: ah, a igreja ajudou a conquistar isso, ajudou a conquistar aquilo, não é só a igreja que ajuda, qualquer religião, se você seguir a doutrina. Tipo, fala isso: Ah, você não pode beber, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Se você seguir aquilo, tipo, é uma economia, você vai tá economizando, vai tá evitando um monte de hábitos de fazer você gastar dinheiro. É óbvio que você vai progredir. Então não é só evangélico. Tipo, ah, se você seguir a risca, você vai sentir uma melhora na sua vida e pode ser qualquer religião isso (GABRIEL, agosto de 2014).

O jovem parte da constatação do conteúdo negativo das revelações evangélicas para em seguida mostrar que, ao invés de darem um direcionamento às ações dos jovens, colocam-se como responsáveis das "conquistas" que, na perspectiva do *trabalhador*, decorre da própria responsabilidade, fé e ação. Segundo Gabriel, qualquer religião pode oferecer aos fiéis orientação e aconselhamento e não exclusivamente a evangélica. Para ele, as melhorias decorrem das próprias consequências das

ações para ordenar a vida: economizar, cuidar dos gastos, evitar drogas e bebidas, etc. Com isso, ele traz a certeza do caminho do trabalhador: "é óbvio que vai progredir". Afirma que a melhoria na vida decorre da atenção ao caminho, de seguir ele "à risca", comprovando que, na realidade, não vem da mediação evangélica e que, portanto, não se justifica a intenção de se colocar exclusivamente como auxiliadora do caminho.

Como já foi mencionado, as revelações sempre anunciam morte, discórdia, acidentes, prisão e elementos relacionados à vida no crime e aos "3Cs". A experiência pessoal dos pregadores é mobilizada como uma "prova" de que Deus está, na disputa com o Demônio, querendo que o jovem se converta ao seu lado e abandone a vida do "mundo" para poder salvá-lo diante da proximidade do fim dos tempos (TEIXEIRA, 2009; CORTES, 2013)<sup>82</sup>. Assim, o próprio testemunho de conversão e abandono de uma vida oposta aos preceitos da palavra de Deus anuncia que este é o caminho da salvação de um desastre iminente, vencendo a resistência individual. O mesmo ocorre quando na tentativa de resolver o dilema, os jovens vão à busca de um emprego.

Leonardo encontrava-se nesta situação quando realizamos a entrevista. O jovem tem 18 anos de idade e tinha sido enviado pela mãe para morar com a avó para que ele pudesse se afastar do crime. Estava morando há pouco tempo em São Paulo e nos relatou que na sua cidade dedicava-se ao roubo. Chegou até a arrumar um emprego com carteira num mercado, onde ganhava um salário mínimo. Entretanto, ficou apenas cinco meses. Tinha começado a frequentar uma igreja evangélica há duas semanas:

Que nem, tem um pastor na nossa igreja lá que ele era do crime. Aí ele tomou um tiro. Aí ficou, não mexia nada a perna, aí depois de uns tempos ele voltou a andar e anda normalmente hoje. Lá eles falam que tem... Jesus Cristo tá dando oportunidade pra nós, porque na primeira vez que eu fui, ele já deu o número de dois emprego pra ligar, e tal. É. Deu pra todo mundo, que foi uns cinco, seis meninos. Aí veio o número no dia seguinte, o cara só mandou enviar os dados para ele, essa semana aqui

---

<sup>82</sup> No trabalho de Cortes (2013), foi estudado o que a autora nomeou de "mercado pentecostal de pregações e testemunhos". Este mercado não só oferece respostas milagrosas às aflições dos sujeitos pobres ou em condições de vulnerabilidade social, como passa a oferecer possibilidades reais de ingressos em carreiras de pregadores. Nessa, a negatividade da precariedade social se torna uma moeda de troca positiva para quem está em busca de um emprego. A principal prerrogativa desses sujeitos é dar testemunho em igrejas e eventos narrando seu passado no crime, prostituição, drogas, etc. Segundo a autora, a despeito da conversão exigir uma ruptura com a identidade anterior e a aquisição de uma identidade religiosa, há nas narrativas de conversão desses pregadores o apelo constante às identidades pregressas.

agora. É pra trabalhar com montagem e desmontagem, na Anhembi. Tem carteira assinada, dá condução do terminal Cachoeirinha pra lá. O salário é de 1.200, mais cesta básica. Vou mandar os dados pra ele, se der certo eu vou (LEONARDO, novembro de 2014).

Leonardo conta que o pastor "era do crime", chegou a tomar um tiro que comprometeu sua mobilidade e por meio da aproximação com Jesus tinha voltado a andar "normalmente". Então aparece a ideia de salvação divina e o pregador oferece empregos como prova da oportunidade outorgada por Deus para ele e mais outros jovens que estavam no culto. O jovem ligou em busca de informações e foi, de fato, oferecido um trabalho no mercado formal, o qual estava disposto a aceitar. Na busca de emprego, o papel de agenciamento é feito principalmente por familiares e amigos, mas as igrejas evangélicas vêm ocupando este espaço de mediação.

Entre os jovens da pesquisa, Vidal foi o que teve maior envolvimento com o crime. Tem 21 anos de idade e ficou paraplégico após ter roubado a moto de um policial e levar dois tiros nas costas no momento em que foi apreendido. Posteriormente, foi para a cadeia e se tornou o mais novo entre os presidiários. Era a segunda vez em menos de um ano. Se envolveu com o crime na adolescência por meio do roubo. Manteve esse vínculo ainda quando, aos 18 anos, se empregou como metalúrgico na mesma fábrica em que o pai trabalhava. Mora com os pais e, no momento da entrevista, um dos irmãos estava preso por roubo e outro seguiu o mesmo destino um par de meses depois. Recebe uma aposentadoria pelo INSS (R\$800), trata-se num centro de reabilitação do governo estadual e tem intenções de fazer um curso de computação. Ainda segue próximo à rede do crime e dos presídios<sup>83</sup>. A respeito dos dois lados da vida, destaca que já foi dos dois, tanto trabalhador como "aprontador":

Eu era trabalhador e aprontador. As duas coisas. E no meu ponto de vista como trabalhador, para conquistar as coisas é difícil. Tem que ter paciência. No outro lado de aprontador, para você ter as coisas é fácil, mas as consequências, também, que podem vir na vida, é complicado. Graças a Deus, as coisas que a gente vai adquirindo com a vida, a gente vai aprendendo. Eu tenho minha mente firme e a tendência é só melhorar. Do trabalhador, é só vitória no futuro, acredito eu, "quem espera sempre alcança". E do aprontador, é só destruição, não tem outro caminho. Se eu falar que aconteceu o contrário, vou estar mentindo. Eu já me dei com muitas

---

<sup>83</sup> No caso de Vidal, decidimos não indagar diretamente a respeito de qual a relação que tinha com o PCC, dado que este não é o objeto da pesquisa. Bastava saber que havia algum contato. Em várias ocasiões fazia referência a debates ou trocas de ideias com o pessoal do crime e chegamos a presenciar um diálogo com presidiários via celular para resolver a punição de um indivíduo.

mentes do lado do crime, também. Então, ninguém consegue sair sem ter algum problema na vida, na vida bandida mesmo, por que é difícil. Por um lado, não se destruir. De não se destruir com a vida, com a liberdade, com a família, num modo geral. No lado do crime, é só destruição. Eu, por exemplo próprio, quando eu fiquei baleado, eu passei num hospital penitenciário. Lá era o fim da picada, de verdade. Ali eu vi o que era o crime. Eu tive a conclusão que não era aquilo que eu queria para a minha vida (...) Eu vi do mal o pior lá. Quando eu falo com as pessoas, eu digo que eu passei no vale das sombras, de verdade (VIDAL, junho de 2014).

Vidal trata cada um dos lados como uma mentalidade e um ponto de vista. No ponto de vista do trabalhador, apresenta-se a ideia da conquista difícil que já foi vista em outras citações e agrega-se aqui mais uma: a necessidade da paciência para percorrer esse caminho. A "paciência de Jó", – citando a Bíblia – para empreender o caminho do trabalhador é muito difícil para quem busca sair da privação do consumo rapidamente. Do lado do "aprontador", pode-se "ter as coisas" em pouco tempo, mas o resultado é invariavelmente destrutivo. O jovem trata esta afirmação como uma verdade que vem da constatação da própria realidade e de outras "mentes do lado do crime". Portanto, quem afirmar o contrário, para ele, é um mentiroso. Aparece aqui a dimensão da ilusão da vida no crime, pois o caminho promete o que no fim não se cumpre: ficar bem de vida e viver sossegado. Nesse sentido, ele afirma: *"quem falar que entrou para o crime e que ficou bem de vida e hoje em dia está sossegado, é mentiroso. A tendência é só piorar. Já teve caso de eu conhecer cara já que ficou milionário, mas está preso, está condenado a vida inteira a ficar preso. O que adiantou ele ficar rico?"* (VIDAL, junho de 2014). Fica em evidência aqui que para além do desejo do consumo e da "Vida Loka", existe uma grande expectativa desses jovens de sair da pobreza, ficar materialmente "bem de vida" e viverem tranquilos. O lado do crime, como Vidal assinalou, só tende a piorar no sentido da destruição. Por esse motivo, ele aponta como principal "vitória" do caminho do trabalhador evitar a destruição dos 3 "C's".

Foi na prisão que se aproximou da igreja evangélica, como ele afirma: *"Eu conheci através de pessoas que eram da vida do crime. Eu estava muito ruim de mente"* (VIDAL, junho de 2014). Por meio da "palavra de Deus", o jovem ressalta ter acalmado e ajudado a aceitar a situação da lesão da coluna e do encerramento, que descreve como desoladora. A leitura da Bíblia era feita, segundo Vidal, por muitos dos presidiários e inclusive era um dos primeiros conselhos que recebeu dos "mais velhos". Nesse sentido, a

conversão religiosa é vista como "saída", uma alternativa ao crime pelos próprios "bandidos". De acordo com Teixeira (2009), os "bandidos" adotam o discurso pentecostal em que asseguram que a conversão "é a única saída" do crime. Entretanto, o jovem não chegou a se converter e se mantém ainda próximo ao mundo do crime.

No seguinte trecho, Vidal também retoma a comparação do uso do dinheiro na vida do trabalhador e o aspecto da estabilidade nesse caminho:

Eu era meio doido, eu não namorava, era bicho solto. Até hoje, eu estou legal, tranquilo. Eu não sirvo para essas coisas, de casar e essas coisas, não tenho paciência. Eu quero ser livre. É muita responsabilidade. Eu já associo isso com a minha situação. Então, a responsabilidade eu tenho que ter só comigo, com a minha família que está do meu lado, só. Eu tinha um salário de trabalhador. É um dinheiro suado que, quando ele é gasto, ele é bem gasto mesmo, bem valorizado. Só que eu juntava com o dinheiro malvado, aí já era, amaldiçoava tudo. E aí é aquele ditado: "o que vem fácil, vai fácil". E eu tinha em mente, assim, eu não me apegava em bem material nenhum. Se eu perdesse hoje, amanhã eu ia batalhar, lutar de todas as formas pra mim conquistar melhor. Eu tinha isso em mente, não se apegar em bem material (...) Uma forma de proteger é gastar bem certinho, não gastar com balada, com besteira, não. O salário de um trabalhador, eu acho que a gente procura focar mais para as responsabilidades. Responsabilidade de você pagar uma dívida, de você poder juntar para poder comprar alguma coisa que você não tem, nesse sentido. Agora, o dinheiro amaldiçoado, pelo tanto que eu conheço, o negócio vem, às vezes, para se divertir, para comprar coisas, mas é coisa que vem e vai rápido. É só ilusão. Tenho amigo que é trabalhador até hoje, tem uma vida estável, no modo de dizer, tranquila (VIDAL, junho de 2014).

No parágrafo, há uma ideia mais geral que a vida do trabalhador leva à estabilidade via emprego e também via união afetiva. Além disso, dá-se importância nesta visão à responsabilidade com os gastos. Esses aspectos surgem encarnados na figura do amigo e em oposição às próprias escolhas. O amigo é trabalhador e tem uma vida estável e tranquila até hoje. Ele, Vidal, já era meio "doido", não namorava e também não tem paciência para casar. Ao relatar da vida que tinha como trabalhador, menciona que seu salário era bem gasto e valorizado pelo esforço. Entretanto, Vidal tinha dificuldades em vigiar e cuidar das fronteiras entre o crime e o trabalho e juntava o salário ao dinheiro "malvado". Esse dinheiro ganha a força destruidora que ele atribui ao mundo do crime e acabava "amaldiçoando" também o salário, fazendo com que gastasse o orçamento completo em saídas e bens de consumo. Assim,

ganha força de verdade a expressão popular "o que vem fácil, vai fácil"<sup>84</sup>.

Diferentemente, Luis diante da dualidade que se manifestava também no orçamento, fazia uma separação entre o dinheiro que vinha do crime e o que vinha do trabalho. No caso deste jovem também a aproximação com a igreja evangélica se deu como última tentativa de "saída" do crime.

### ***Trabalhador x Cidadão***

Na tentativa de definir um norte para sua vida, Luis tentou saídas que envolviam, paralelamente à continuidade no emprego e retomada dos estudos, desconexões mais e menos radicais do "mundo" – ou seja, da "rua" e seu bairro – que iam do isolamento em casa ao afastamento dos amigos. Quando o irmão saiu da cadeia, ele voltou a roubar. Por fim, Luis buscou a igreja evangélica, apesar da sua vinculação com o Candomblé por meio da família materna. Passou a frequentar a Bola de Neve *Church* na Lapa – cujo público são jovens de classe média – e depois uma igreja evangélica do seu bairro. Com a conversão a esta última, Luis buscava "extirpar" o ladrão de dentro, como é prometido nos cultos evangélicos (FELTRAN, 2012). No encontro anterior à conversão, em dezembro de 2013, o jovem tinha sinalizado que gostaria de ter "apenas um lado". Após a conversão, Luis pediu inicialmente para apagar toda sua história passada, que tínhamos registrado por mais de um ano, pois deste dia em diante começava uma nova vida. Luis hoje é um recém convertido à religião evangélica, namora uma jovem de catorze anos da mesma igreja, continua trabalhando como auxiliar de motorista e quer finalizar seus estudos escolares para ser pastor.

Quando encontramos Luis pela primeira vez após sua conversão, em maio de 2014, o primeiro aspecto colocado foi o deslocamento do conflito

---

<sup>84</sup> É importante destacar aqui que o jovem outorga ao dinheiro um aspecto religioso. O antropólogo marxista Michael Taussig (1980) em seu trabalho sobre o processo de proletarianização no Peru e na Bolívia conta do pacto com o diabo que os camponeses faziam para aumentar sua produção e como o dinheiro recebido do comércio ilícito com o "maligno" tornava-se estéril. O diabo seria uma espécie de mediador entre o fetichismo tradicional e o fetichismo moderno diante da necessidade de enfrentar culturalmente o fato do aumento da produção capitalista. Por meio do pacto, dessa "força maligna e destruidora" a produção dentro dos canaviais podia ser aumentada. Mas, ao mesmo tempo, o dinheiro ganho não é produtivo; mata qualquer coisa que se compre com ele, exceto artigos de luxo imediatamente consumidos (TAUSSIG, 1980). Assim, o próprio salário também deixa de ser benéfico.

interno entre *trabalhador e ladrão* para o conflito externo entre Deus e o Demônio. Vejamos a seguinte narração:

Aquela fase foi a pior. A fase que eu mais me conturbei assim, mas já estava no fim, já. Tipo, já veio para mim, porque eu falo que a mudança na minha vida foi Deus. Foi Deus que fez essa mudança na minha vida. Tipo, assim que eu saí do café, que eu entrei no ônibus, foi naquele momento que... acho que ele pegou e falou pronto, acabou por aqui. Já era, "desentrelaçou" o que satanás tinha armado para mim (LUIS, maio de 2014).

Com isso, tinha se concretizado um processo de desintegração do conflito e de reconhecimento das ambiguidades e contradições, tendo passado paulatinamente a uma visão maniqueísta em que Deus se totalizava na sua consciência e o Demônio ficava no "mundo". Esse deslocamento o levou a uma identificação com o conservadorismo.

Segundo seu relato da conversão, esse processo de "extirpar o ladrão de si" – na perspectiva conservadora da religião evangélica, o lado "ruim" do sujeito – envolve um processo de "limpeza" pelas águas batismais: *"Sai, sai... realmente, se você quer de verdade, sai com as águas, entendeu? Vai embora. Tudo que é de ruim vai embora. Vai junto com as águas, vai com a correnteza embora. É o que eu falei, quando eu levantei, eu me senti leve, entendeu? Parecia que eu estava flutuando"* (LUIS, maio de 2014). A ordenação moral que estabelece uma diferença e superioridade entre honestos e desonestos mostra-se na reprodução do preconceito contra a imagem estereotipada dos jovens da periferia que o "mano" de boné e bermuda encarna. Ao afirmar que o desejo de ostentação vem do "demônio" e, por isso, a violência do ladrão para obter os objetos de consumo, recorre à fala da violência e insegurança amplamente divulgada nos meios de comunicação e programas policiais:

As pessoas esquecem que elas vão morrer. Nós não estamos aqui na terra para ficar ostentando bens materiais, para ficar fazendo contendas, sendo usado por satanás para ficar fazendo contendas paras as pessoas, só que é o que você mais vê no mundo hoje em dia, né? Hoje em dia você não tem uma segurança para você sair da sua casa em paz. Se você vê alguém estranho, se você vê uma pessoa com o boné abaixado aqui, fala a verdade, você fica com medo, por exemplo, você está chegando quatro horas da manhã na sua casa, a rua está deserta, se você vê alguém com o boné abaixado se aproximando de você, você fica com medo (LUIS, maio de 2014).

Luis parte da superioridade do plano espiritual ao plano material e, em seguida, expressa a separação entre o trabalhador que sai da sua casa em paz e encontra na rua o ladrão, que representa a violência, a insegurança e o

medo. Após "extirpar o ladrão de si", Luis podia se ver como um sujeito honesto diferente e superior moralmente ao ladrão, ou aos "marginais", na linguagem dessa perspectiva conservadora.

Nessa entrevistas e nas seguintes feitas após a conversão, o jovem foi mostrando a incorporação do projeto e da perspectiva do trabalhador pelo discurso evangélico, assim como sua subordinação a Deus. Como fez em outras ocasiões antes da conversão, Luis nos conta da sua melhoria de vida de forma entusiasta: *"Hoje eu sou uma pessoa tranquila. Durmo como uma pessoa normal. Eu sou uma pessoa normal hoje"* (LUIS, maio de 2014). Um dos aspectos destacados é a ordenação da vida financeira que antes atribuía à escolha pelo caminho do trabalhador e à escuta dos conselhos da mãe. Quando indagamos sobre as mudanças da conversão afirma: *"A minha vida financeira, por exemplo, mudou muito. Olha, nesse período, nesse período, eu consegui comprar a minha bicicleta, eu consegui mobiliar o meu quarto todinho, consegui gradear [a frente da casa], consegui arrumar pro meu pai"* (LUIS, maio de 2014). Sobre os planos para sua vida e o futuro, ele relata que resolveu sua dúvida a respeito dos estudos ao descobrir que gostaria de estudar teologia para virar pastor evangélico. Assim, diante da possibilidade que colocava-se de ele não seguir ou concluir os estudos e, portanto não ter um plano, Luis pensa em trabalhar na conversão de outros jovens como forma de ter um emprego e resolver os estudos usando sua identidade de ex-ladrão. A subordinação dos elementos do projeto do trabalhador se revelam quando o jovem os subordina aos desejos de Deus. Vejamos os seguintes parágrafos:

Tipo eu pensava assim: Ah, quando as pessoas me perguntarem, vou responder educação ambiental. Porque a maioria das pessoas perguntam isso daí, o que você quer ser. E eu descobri que a nossa vida, os nossos planos não é nosso. Quem faz os nossos planos não somos nós. Por que isso eu tô vivendo isso, entendeu? Eu faço plano, mas a última palavra não vem de mim, vem de coisa mais além entendeu? Vem de amor, vem de sabedoria mesmo que nenhum homem nessa terra tenha. Acho que nenhum homem nessa terra, nesse universo tem essa sabedoria. E ele prepara as coisas assim que é perfeito, entendeu? Que não vai ser destruído assim de uma hora pra outra e você tem a segurança disso, que isso não vai ser destruído (...)

A minha vida, por exemplo, a minha carreira. As coisas que eu venho ganhando de materiais que eu consigo comprar. Eu tenho uma segurança, entendeu? Que isso é meu e ninguém há de tirar e se há de tirar também eu conseguirei recuperar mais pra frente assim. Então é o que eu falo, a palavra ela muda o pensamento do homem, entendeu? Ela deixa de fazer o homem pensar pela própria razão dele, isso qualquer homem, pela própria razão dele e passar a pensar em primeiramente pela palavra

pra que seus planos realmente dê certo e durem até o resto da sua vida (LUIS, maio de 2014).

Luis resolve o impasse colocado pelos estudos para seguir a trilha da ascensão social – e a dificuldade de entrever um plano para sua vida – pela ideia de que os planos não são concebidos pela razão humana. Luis subordina a ideia de progresso e segurança no futuro, por meio da ação ordenada e racional, à perfeição da razão divina. Assim, a palavra de Deus – que se encarna nas prédicas e pregações evangélicas – aparece como uma autoridade superior à humana. O resultado é que *"Ela [a palavra de Deus] deixa de fazer o homem pensar pela própria razão dele"* (LUIS, maio de 2014). Ao aceitar a mediação evangélica da palavra de Deus e diante da ameaça da destruição das suas conquistas, cresce a ideia e o sentimento de segurança e estabilidade para "o resto da vida".

Além dos elementos do projeto do trabalhador, a perspectiva conservadora e evangélica incorpora a identidade dos sujeitos como pobres de uma forma em que preserva a ideia da melhoria material, mas afasta a possibilidade de ascensão e de qualquer mudança social. Ao trazer a realidade, traz também a desordem, perigos e violência do cotidiano da periferia, elemento fundamental da sua estratégia de conversão de fieis:

[Você falou em refúgio, diante de uma dor muito grande] "É. Porque essa necessidade que nós têm, muitas vezes alguns sim. Alguns é porque querem. Mas você está vivendo no meio, não adianta. Por mais que você tenha uma coisa a mais, uma casa bonita, um carro mais bonito do que o seu vizinho, você é pobre. Porque se você não fosse pobre você não estaria no meio, ninguém que tem dinheiro quer ficar nesse meio. A não ser os que ganha dinheiro ilicitamente, que fala, desonestamente, aí eles... Porque também vem a ser um refúgio, entendeu? Vem a ser uma porta de escape pra eles. Mas em questão dos jovens, a droga vem a ser um refúgio pelo seu sentimento, pela vontade de você ter as coisas que você não pode ter. Entendeu? Isso daí machuca muito, qualquer jovem. Ainda mais nos dias de hoje que tudo é ostentação, tudo é você tem que ter é de marca, é carro, é casa, até bebida tá lá a marca. Tem que ter a marca boa senão não vale, no meio da sociedade é rejeitado" (LUIS, julho de 2014).

Luis mostra, numa fase oposta à motivacional da ascensão social, uma aceitação da realidade em que socialmente nada pode ser feito ou alterado. Poderíamos chamar esta perspectiva de um realismo desencantado. Por mais que seus vizinhos do bairro melhorem suas vidas materialmente – com uma casa bonita, ou um carro – eles continuam sendo pobres. O jovem afirma que ninguém que "tem dinheiro" mora na periferia, com exceção dos que seguem a vida no crime. Mais do que uma mudança de vida, o crime

seria um "refúgio", uma forma de escapar da realidade vista na "ilusão da riqueza". A ostentação é destacada como a obediência ao preceito de que "você é o que você tem" e da desvalorização e rejeição social de quem não tem. Nessa nova perspectiva de Luis, nada vem na contramão ou ao encontro do desencanto, nem sequer a possibilidade da ascensão e de mudar de bairro, buscando uma "melhor qualidade de vida".

Por fim, observamos um último aspecto subordinado pela perspectiva evangélica e conservadora: a política. Vejamos o seguinte relato:

Eu dava muita importância, da minha vida financeira, eu dava muita importância pra política, entendeu? Hoje eu já não dou. A minha vida financeira, questão de emprego, questão de educação. Hoje em dia eu já não dou mais importância pra ele. [Como assim?] Eu não dou mais importância, eu não preciso. Eu não preciso dar importância pra política. [Por que você falou emprego e educação] Porque é isso que envolve a política. [Emprego e educação?] Também, uma das coisas. [Você não se importa tanto com isso hoje, com emprego e educação?] Não. [Mas você tá no mesmo emprego?] É. [Mas com o que você não importa tanto? Você não se importa em preservar o emprego?] Não, não, não. [O quê então?] O que a política vai vir impor pra nós futuramente, entendeu? [Não. Você Poderia explicar melhor] Um exemplo, se a bolsa de valores cair o país desfalca. Certo? Eu não dou importância pra isso (...) eu creio que eu tenho um Deus maior que isso, entendeu? E ele não vai deixar o país desfalcar mesmo que a política venha a fazer rombo na nossa vida financeira, isso daí não vai desfalcar porque ele sabe as pessoas que vivem nesse país (LUIS, julho de 2014).

Nesse trecho, o jovem mostra a ligação que ele faz entre o caminho do trabalhador e a política. Ao expressar que já não se importa tanto com a vida financeira, o emprego e a educação, diz também não se importar com a política que, na perspectiva do trabalhador, deveria ser a encarregada de gerar emprego e educação para a melhora da vida e das condições materiais dos pobres. Então Luis faz a pergunta: "*O que a política vai vir impor pra nós futuramente, entendeu?*". O jovem não vê horizonte pela política. Ao contrário, destaca que diante de uma força destrutiva capaz de fazer cair a bolsa de valores e, com isso, o emprego, os salários, etc. a política nada pode fazer. Deus mostra-se como algo superior e a única força capaz de se contrapor a iminência de um desastre. Ainda que a condução desastrada da política possa fazer "rombos" na vida financeira dos pobres, Deus conhece e sabe de cada um.

Diante da nossa insistência em nos explicar melhor o papel da política, perguntarmos sobre a possibilidade deste de evitar uma recessão econômica ou de aumentar empregos, responde: "*Isso daí vai acontecer [a recessão econômica]. Você sabe aonde que tá? Tá em apocalipse. Todos que são*

*servos, o número da besta 666, isso daí vai acontecer, todos que são servos de Jesus Cristo e continuar vivendo na terra vai chegar uma época que nós não poderemos comprar alimento, não poderemos comprar nada, não poderemos andar mais em lugar nenhum"* (LUIS, julho de 2014). Desse modo, Luis revela a ameaça da destruição total e das visões apocalípticas como algo inevitável e que eleva a relação do sujeito com Deus no juízo final por sobre qualquer outro tipo de relação. Desse modo, à insatisfação com a realidade que Luis apresentou em vários momentos das entrevistas responde-se com uma mudança radical, mas irracional ao mesmo tempo: a crise, a destruição de tudo.

A subordinação do projeto do trabalhador e da política à ordem moral e religiosa não envolve portanto uma eliminação destas, mas sua incorporação, como já temos repetido. Observe-se o seguinte parágrafo:

"Eu faço a minha parte, eu vou lá, eu pesquiso, eu vejo o que a política tem a nos oferecer, eu vejo como é o sistema deles trabalharem, eu vejo como que eles ajudam, o que eles já fizeram no passado, o que eles pretendem fazer no futuro. Isso daí eu vejo como meu papel de cidadão, entendeu? Mas eu não preciso ficar me abitolando da maneira que eu ficava antes, entendeu? [ Como você fazia antes?] Ai, a política vai, se tiver um desfalque eu vou perder meu emprego, eu vou passar fome. Não. [Você perdeu o receio?] É. [O que você quer dizer com abitolando?] É, você ficar muito focado nisso e ficar dependente disso, entendeu? [Mas o que você fazia? Você acompanhava os jornais, você ficava sabendo do sindicato?] É. Também. A minha mãe, como você falou, ela era uma petista. PT ajudou muito ela também. Eu ouvia, eu procurava ler jornal como eu leio, mas antes eu ficava com essa preocupação e hoje eu não tenho que ficar com essa preocupação em nada, em nada (LUIS, julho de 2014).

Luis assegura que ele "faz sua parte", se informa sobre os políticos na hora das eleições. O sujeito que aparece então, nessa subordinação da perspectiva do trabalhador e da política à ordem, é o cidadão. Diferente do trabalhador, que se preocuparia com a perda do emprego, o cidadão confia em Deus e não perde seu tempo com isso. Essa preocupação com a política, Luis passa a chamar de dependência. Então ele cita a mãe que, como vimos, era a figura mais acabada da perspectiva do trabalhador, de quem ele ouvia conselhos sobre a vida e política e cuja experiência com o PT valorizava. Também buscava se informar no jornal. Hoje, como cidadão, ele não tem que "ficar com essa preocupação". Para Luis, o jovem pode participar da política ou de manifestações sempre que tiver educação. Quem está fora da educação superior, realmente não tem o que contribuir:

Ao invés de eu ficar correndo atrás disso daí [preocupação com o reajuste do salário mínimo e manifestações], eu procuro correr atrás da minha educação pra mim procurar me formar, quando eu tiver em uma posição que realmente eu vou fazer a diferença, talvez eu me engajo pra mim realmente falar sobre isso daí com pessoas que realmente interessa. Mas agora, eu na posição que eu estou, pra mim ficar saindo pra fazer protesto essas coisas, que eu acho que você tá querendo dizer, eu não, não, nunca (...) Porque eu acho que pra tudo, antes de mais nada, você tem que ter um preparo antes de você ir protestar, você tem que saber o que você tá fazendo. Se eu ir lá eu não vou saber o que eu vou tá fazendo lá, então pra que que eu vou lá? (LUIS, julho de 2014).

Assim, Luis exclui a possibilidade de fazer alguma "diferença" em função da própria falta de educação formal. Como já havíamos sinalizado em outro momento, os estudos aparecem como uma forma de racionalizar os privilégios sociais. Para ter uma melhor participação social e política, bastaria que os jovens e as classes populares se educassem. Isto exclui àqueles que, como ele mesmo, não têm esse grau de escolaridade e a outros jovens das mesmas condições sociais – visto como "ignorantes" sob essa perspectiva – e qualquer tipo de mudança social mais radical para alterar sua própria situação. Até para manifestar e sair às ruas, Luis considera que se deve ter educação. Assim, emerge o conceito de "cidadão", tão usado nos programas de TV policiais e pelas igrejas. Vejamos a definição que o jovem dá a esse sujeito:

O cidadão que procura pagar os seus impostos, que procura viver honestamente, que procura fazer o bem pra sua família, cuidar da sua família e a sua vida espiritual acima de tudo. Isso daí é um verdadeiro cidadão pra mim, uma pessoa que põe Deus acima de tudo o que ele vai fazer e procura correr atrás dos seus objetivos sem prejudicar a outro cidadão. Isso é um cidadão pra mim (LUIS, julho de 2014).

O cidadão prioriza o pagamento de impostos, a vida honesta e o cuidado da família e coloca a vida espiritual e Deus por sobre tudo. Assim, Luis adere a uma perspectiva conservadora, mantendo a identidade como pobre, mas criando uma distinção moral entre sujeitos da mesma classe.

### **1.3 A experiência do cotidiano: "Zé" x "Rei"**

A experiência do trabalho que os jovens do estudo tiveram tanto no mercado formal, como no informal, mostrou-se como outro aspecto decisivo na qual se cruzam significados opostos. Ao colocar a experiência do trabalho como vértice, os jovens trazem uma visão oposta à motivacional que observamos na expectativa da ascensão social. Surge aqui o outro lado dos

sentimentos de privação, em que o ressentimento mostra-se enquanto sentimento central, como Lipset (1967) aponta, das pessoas "inferiormente colocadas em relação ao sistema social e às pessoas de elevado prestígio" (LIPSET, 1967, p.249). Num primeiro plano, surge a desvalorização dos tipos de empregos formais oferecidos aos jovens, junto à negatividade das condições de trabalho que se refletem nos baixos salários, na humilhação e na falta de respeito com que os trabalhadores são tratados cotidianamente nesses mesmos empregos. Num segundo plano, opõe-se realidade e ilusão na chave do prestígio. Por um lado, há uma perspectiva em que a realidade é posta como preferível à ilusão do crime. Por outro, valoriza-se o poder de elevar o *status* rapidamente por meio do dinheiro "fácil".

Um primeiro aspecto criticado nos empregos mais disponíveis aos jovens, como o *telemarketing*, é a falta de perspectiva de ascensão na carreira, apesar da amplitude de oferta e inclusão. Vejamos o relato de Teresa:

O que eu tive era... Tinha cobrança, você tinha que estudar, se você não estudava, você não trabalhava. No *telemarketing* não, você não tá estudando, ou você está estudando e vai pro *telemarketing*, eles não te pedem comprovante nenhum de escolaridade, ou uma declaração. Você vai na escola, pede uma declaração e vai, então eles não te cobram aquilo. O *telemarketing* pode entrar... Tanto que você pode ver no ramo de *telemarketing* o que se mais tem? Homossexuais e lésbicas! Por quê? É onde a aceitação é maior. Você pode entrar com *piercing*, com cabelo enorme, eles não... Então, essas pessoas de diversidade eles aceitam tudo, *telemarketing* é uma coisa que abrange tudo, todos os sexos, todos os estilos de vida, tudo. Tudo que você pode imaginar o *telemarketing* abrange. Então a maioria vai por isso, por se sentir bem ali. Não é nem tanto pelo financeiro, é por se sentir bem. Assim, se eu for procurar um emprego em uma empresa eles não vão dar, vão reclamar com as minhas tatuagens, vão reclamar por causa que eu tenho um *piercing*, mas às vezes se você tirar o *piercing*, você vai conseguir uma oportunidade melhor. Mas eles querem ficar onde é mais acessível, onde tem que aceitar. Então às vezes não é questão dele querer, é questão da aceitação. Aceitação. Aceitação total (TERESA, agosto de 2014).

Destaca-se a ampla inclusão e acesso de jovens vistos na "diversidade" dos jovens empregados, tanto em termos das suas preferências sexuais como de estilo de vestir e aparência. Segundo Teresa, jovens homossexuais comporiam principalmente os trabalhadores desse segmento. Seria também uma espécie de porto seguro do ponto de vista do ingresso. Como relata em outro momento da entrevista, ela também "já correu para o *telemarketing*" quando ficou desempregada e ficou lá quatro meses até encontrar o emprego atual. No trecho já aparecem, entretanto, elementos de ambiguidade à luz da abertura que Teresa chama de "aceitação total" no

*telemarketing*. Esta mesma abertura levaria à contratação de jovens sem exigência de estudo. Do ponto de vista de Teresa, o "fácil acesso" afastaria o jovem do caminho da ascensão social, que deve seguir o roteiro do trabalho e do estudo. Ao fácil acesso também é relacionada a rotatividade. Se entra fácil, mas o período de permanência é curto, como Sara relata no seguinte fragmento:

*Telemarketing* é um trabalho que trabalha pouco, são seis horinhas por dia, o ruim é trabalhar sábado e domingo, mas... é o emprego mais fácil que se encontra. Você manda o currículo, no outro dia já te chamam pra trabalhar. Ninguém quer procurar alguma coisa diferente. Ninguém quer estudar pra ter alguma coisa diferente. Ah quero ser, isso, quero ser aquilo. Vai no *telemarketing* que é mais fácil, o importante é ter o salário, pra essas pessoas. São mais as meninas. Mas não ficam muito tempo, Uns 6 meses... de 6 meses a 1 ano, não dura muito. Minha prima trabalha no *telemarketing*. Reclama muito, porque lidar com gente não é muito fácil. É gente que liga reclamando, é horrível. Você tem o seu salário, mas quem faz o seu salário é você, porque tem meta. Porque dentro do *telemarketing* você tem suas metas. Tem tempo pra falar com o cliente. Você não pode ficar uma hora com o cliente na linha (SARA, agosto de 2014).

Ir para o *telemarketing* é a opção "mais fácil", pois praticamente não existe um processo seletivo. Nessa visão, esta opção não se insere numa busca por bons empregos que vem da sequência de estudos e trabalho para melhorar as condições sociais e materiais de vida. Ao invés disso, seria devido a um objetivo mais imediato de receber o salário e a certeza da aceitação, que faria os jovens buscarem esses empregos. Além disso, Sara aponta que há uma grande instabilidade. A relação com o emprego não dura muito e a rotatividade é alta devido aos riscos das condições de trabalho, que incluem metas de produtividade desgastantes (tempo médio de atendimento - TMA), controle rígido do trabalho, e uma relação tensa e às vezes agressiva com os clientes.

As dimensões da aceitação e da desvalorização dos trabalhos mais disponíveis aos jovens também são sinalizadas na narração de Luzio. O jovem é o caso controle do estudo<sup>85</sup>, tem 19 anos de idade e mora em Guaianases com os pais, na Zona Leste. No fim do acompanhamento, teve uma filha com a namorada e as duas foram morar com ele. No período da pesquisa, trabalhou como monitor de uma ONG que, em convênio com a prefeitura, atende jovens e os auxilia na inserção no mercado de trabalho.

---

<sup>85</sup> Os casos foram controlados pela dimensão territorial. Mantivemos as condições internas (relação com o crime, experiência de trabalho e idade) e externalizamos a região de moradia, por outra área periférica da cidade para a realização do controle dos resultados.

Aí, tipo, ela fala do *telemarketing*, fala que é um trabalho ruim, que você, às vezes, você é muito desvalorizado trabalhando. Ela tava falando do jeito dela. E eu percebo, mano, todo mundo fala mal do *telemarketing*, cara, todo mundo. Eu não vou trabalhar de *telemarketing*. Eu já trabalhei de peão, eu preferia trabalhar de peão, porque trabalhando de peão em obra, eu tiro quase dois mil reais por mês, eu prefiro trabalhar de peão do que como *telemarketing*. Eu tenho uma prima que ela é supervisora de *telemarketing*, então ela conhece bastante sobre o assunto, e ela fala: o pior trabalho que tem é *telemarketing*. Pior trabalho que existe nesse mundo. No entanto, que os caras mandam embora todo dia e contratam todo dia. É fácil, você chegou lá tá trabalhando já. É igual Mc Donald's, ninguém quer ficar trabalhando no McDonald's. Ninguém quer trabalhar no Habib's. Como você trabalha nesses lugares se você nem profissão têm lá dentro? Cada dia você faz uma coisa. São trabalhos abusivos. Eu preferia trabalhar de servente de pedreiro, porque eu sei que eu tô ali pra me quebrar, mesmo, então, pelo menos eu sei que eu tô fazendo uma coisa que eu sei que eu deveria estar fazendo. Tipo, eu tô trabalhando de servente de pedreiro, se for aparecer calo na minha mão, ou eu ficar com as costas doendo, eu sei que isso é consequência do meu trabalho" (LUZIO, dezembro de 2013).

Apesar do *telemarketing* ser visto como um dos piores empregos e por isso ser desvalorizado, Luzio aponta que tem grande procura entre os jovens. Segundo sua prima, contratam e despedem gente todo dia. Desse modo, a aceitação e a desvalorização se reúnem no processo de exploração que gera uma alta rotatividade dada à baixa remuneração e a falta de expectativa de carreira. Luzio reúne, então, as características dos empregos mais disponíveis aos jovens, visto no ingresso "fácil" e os qualifica como "abusivos". Inclui também os empregos em *fast foods*, Mc Donald's e Habib's, e de auxiliar de pedreiro<sup>86</sup>. No rebaixamento das comparações, Luzio prefere se "quebrar" no trabalho como servente de pedreiro cujas consequências são visíveis (ficar com calo na mão, as costas doendo) do que aquelas que vem do sofrimento psíquico, especialmente, do *telemarketing*. Em relação aos empregos no *fast food*, Maria assinalou:

Eu trabalhei em McDonald's. Trabalhei dois meses. Eu tinha por volta de uns 16. Só que aí, era um trabalho muito puxado. [Sem carteira?] Não. Com carteira. [Com carteira, com 16?] Isso. Mas era um trabalho muito puxado. E não valia tanto a pena. [Quanto você ganhava?] Eu ganhava por hora, dois e alguma coisa, por hora. Então eu trabalhava 8 horas por dia. [Por que você saiu do Mc?] Então, é um trabalho muito puxado e não valia a pena, dois e... tipo, por hora. [Como você chegou lá?] Um anúncio. Mas não é um trabalho que eu recomendo. Então, é porque você faz de tudo, às vezes. Você só tem hora para entrar, você não tem hora para sair. E ganha muito pouco. Então não compensa (MARIA, agosto de 2014).

É por meio destes empregos, que "estão aí" na busca de mão de obra de menores, que a ONG em que Luzio trabalhava buscava inserir aos jovens

---

<sup>86</sup> Estes são os empregos que Ricardo Antunes (1999) inclui numa noção ampliada de classe trabalhadora – todos aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salários – e que incorpora não só os trabalhos do setor produtivo, mas também de serviços, trabalhos *part times*, e o que chama de "novo proletário dos Mc Donald's" (ANTUNES, 1999, p.103).

no mercado de trabalho, de modo a evitar que continuassem no tráfico ou roubando. Diante das precárias condições de trabalho nessas empresas e as significações negativas atreladas à experiência do trabalho, o dilema dos jovens entre seguir o caminho do crime e do trabalho se acirra.

Dos dezenove casos do grupo, apenas um jovem tinha participado de uma greve, de forma pontual e foi apenas a uma manifestação. Com exceção desse jovem, dos que trabalham com carteira assinada ou já trabalharam, nenhum participa ou participou de sindicato. Além disso, acompanham o valor do salário mínimo de forma distanciada. Dos entrevistados, apenas um fez referência à percentagem de ajuste.

[E você participa de algum sindicato?] Não, eu trabalho com sindicato. [Como assim?]  
Entrevistada: Os sindicatos...o patrão meu trabalha. Não trabalha no sindicato. Nós somos assessoria de cobrança, nós trabalhamos para ele. Nós cobramos as empresas que estão devendo para o sindicato. [Mas você é sindicalizada? Você tem interesse em participar?]

Não. [E os ajustes do salário mínimo? Você tem acompanhado, você viu?]

Não, nem vejo. [Você acompanha essas coisas de sindicato, greves por exemplo?]  
Greves algumas porque como eu trabalho ali no centro a gente vê né? Greve de sindicato dos bancos, dos bancários, tem muito ali no centro. Nossa, direto tem. [Você tem ideia do que porque eles lutam?] Uma vez foi uma besteira. Uma vez foi uma besteira, foi no banco do Brasil ainda, porque não tinha ar-condicionado. Eles pararam o serviço deles porque não tinha ar-condicionado. [Mas você que nas greves, geralmente, o que eles pedem?] O salário, aumento (SIRLENE, agosto de 2014).

Assim, começam a aparecer os elementos contraditórios em relação aos empregos formais oferecidos. Os jovens no âmbito do lulismo, ao longo da década de 2010, encontraram empregos com carteira assinada, porém com baixa remuneração, alta rotatividade e condições de trabalho precárias. Portanto, se entrecruzam uma dimensão positiva vista na ampliação do acesso ao mercado de trabalho e uma negativa, nas condições de inserção.

De acordo com Antunes (1999), este tipo de emprego vem de uma imensa precarização do trabalho que se inicia com a mundialização do capital. Dentre esses, destaca o trabalho feminino na confecção de roupas de marca (*Zara, Nike, Brookfield, etc.*) como um modelo que se implementou na Indonésia e na China. Três jovens do estudo tinham trabalhado na confecção de roupas. As condições de trabalho foram tão difíceis que o tempo no emprego variou de 3 meses a pouco mais de um ano. Kelly, a jovem que se manteve mais tempo nesse emprego, tem 23 anos, é dona de casa e tem

dois filhos. Seu marido estava vinculado ao crime, foi preso e ao sair se dedicou à realização de "bicos" ajudando a irmã num pequeno negócio. Recebem R\$1200 aproximadamente por mês e contam com algum auxílio da mãe, com quem moram na mesma casa. A respeito da sua experiência a jovem fez o seguinte relato:

Trabalhava em firma de costura, lá na Fideli, no Limão. Era arrematadeira. Arrematava calça. Produz calça da marca Brookfield. Então, produz. É fábrica, lá. Eles exploram muito. Explora muito e paga pouco. É bem cansativo o trabalho lá. Eles explorava demais. Eu entrava às 7h30, saía às 17h20. Ele explorava porque tinha que fazer a quantidade de calças que eles quisessem, entendeu? Nós tínhamos que dar o máximo de si, fazer 200 calças em um dia só. Aí tinha que arrematar a frente, atrás, um monte de bolsinho, sabe? Aí queria 200 calças em um dia só. Aí se você não fizesse, eles xingavam você. Xingavam. Falava assim: da próxima vez, se você não fizer tantas calças, eu vou te dar advertência. "Tem que fazer tantas calças, que meu chefe está brigando comigo. Eles estão falando que vocês estão muito moles". Aí eu saí. Eu entrei no INSS, por causa que tipo, a médica falou que eu estava começando a ficar com depressão por causa da firma. Aí eles me afastaram da firma. Aí eu fiquei na Caixa durante três meses, até eu ganhar a nenê. Aí, depois que eu ganhei, aí eu fui lá e pedi as contas. Eles exploravam muito. Eles pegavam mais menina novinha para trabalhar lá (KELLY, janeiro de 2014).

Na narrativa, vários fatores de risco para o adoecimento da trabalhadora são citados; principalmente as metas de produtividade exaustivas e a pressão constante dos supervisores, que chegavam inclusive ao assédio, visto em xingamentos e ameaças. Em função de tudo isso, a jovem foi diagnosticada com transtornos relacionados ao trabalho, neste caso uma depressão, e por esse motivo foi afastada. Após ser acolhida no INSS e do nascimento da sua segunda filha, pediu demissão. Assim como Kelly, as outras duas voltaram a ficar em casa, na dependência econômica dos companheiros e familiares, e a realizar de vez em quando um "bico" como manicure, vendedora de uma lojinha do bairro e faxineira. Desse modo, assim como no caso dos jovens, as significações negativas do trabalho levam as mulheres a oscilarem entre a inserção no mercado de trabalho e a ficar em casa numa relação mediada com o dinheiro.

Os empregos descritos acima como mais disponíveis aos jovens são desvalorizados sob a perspectiva da busca do *status* e de quem busca melhorar sua posição de prestígio por meio dos esforços individuais. Esta é a ideia que Elísio faz desses empregos. Ele é nosso segundo caso de controle da amostra. Tem 24 anos de idade, mora na Zona Leste e estuda economia no Mackenzie com auxílio do Prouni. No momento da entrevista, fazia estágio na Bovespa e ganhava um salário de R\$ 1.300 (2 SM). Vejamos seu relato:

eu acho que o McDonald's é feito como um trabalho subvalorizado, então o pessoal gosta de usar a sátira do McDonald's, "se você não vai dar certo na vida, vai trabalhar no McDonald's". Tem, tem muitos jovens trabalhando nisso. [E que outros trabalhos são assim, também, satirizados?] Normalmente, na parte de serviços. [Por exemplo?] Garçom. Ajudante, de todos os tipos. Sei lá, pedreiro, pintor, são muito satirizados. Tanto que, de vez em quando... meu pai é pintor. E, nossa! Quando eu era pequeno, às vezes, eu ia trabalhar com ele. Eu odiava que o pessoal me via assim. Hoje eu penso: nossa! Como eu era idiota, assim, sabe, não tem nada de mais, é um emprego como qualquer outro. Mas eu acho que quando eu era mais jovem, aquela questão de, muitas vezes, querer parecer o que não é, aí, eu odiava quando as outras pessoas me viam lá, tipo, fazendo serviços de pedreiro. Mas hoje eu penso, nossa! Eu era muito idiota. [Mas naquela época você se sentia mal?] Eu me sentia mal, uma porque eu não gostava de fazer. E outra, porque eu pensava que o pessoal de fora tava me olhando fazendo aquilo, e falava: nossa, isso aí não vai ter futuro nenhum. Eu me sentia mal pelo que as outras pessoas pensavam de mim, eu não sabia o que as outras pessoas pensavam, pra falar a verdade, mas eu me sentia mal. [Como mal? Desvalorizado?] É, eu me sentia desvalorizado fazendo aquilo, hoje eu vejo que não tem nada a ver isso daí. É besteira. [Mas, então, porque as pessoas continuam satirizando essas ocupações?] É que isso hoje é besteira para mim, mas hoje as pessoas ainda discriminam pessoas de serviços primários. As pessoas que trabalham na parte de serviços, atendimento ao público, atendente de loja, atendente de lanchonete, essas coisas, todo mundo ainda subjuga essas pessoas. E é um emprego qualquer, é como qualquer outro assim (ELISIO, outubro de 2013).

Elísio refere-se aos mesmos trabalhos que os outros jovens e os caracteriza como "subvalorizados". No seu ponto de vista, as pessoas "subjagam" os trabalhadores nessas ocupações. Inclusive fazem "sátiras": "se você não vai dar certo na vida, vai trabalhar no McDonald's". Então, o jovem traz o seu passado e a humilhação e vergonha que sentia ao andar com seu pai, que era pintor. Apesar de achar uma "besteira" ele ter pensado assim, conta do ódio que sentia ao ser inferiorizado pelo olhar alheio. Quando ajudava o pai no serviço de pedreiro, imaginava que as pessoas pensavam que ele não teria futuro. Elísio, entretanto, se enveredou pela busca da ascensão social. Mudou três vezes de faculdade, via Prouni, para chegar onde queria: o Mackenzie. Universidade cujos alunos são predominantemente de classe média e média alta e localiza-se no centro da cidade. Por ser Prounista, o jovem conta que professores e outros colegas o valorizam por ser "esforçado". Assim, ele manteve o lado positivo da busca por *status* e colocou os estudos universitários como estratégia principal para alcançar prestígio.

Num segundo plano, observa-se uma oposição entre a aceitação da realidade e o cotidiano do trabalhador e a ilusão da riqueza da vida no crime.

Teresa relata que o dinheiro do crime serve ao poder de "ostentação", que engrandece o sujeito diante do olhar alheio que passa a desejar o que é exibido – carro, moto, dinheiro.

Qualquer um que você vê o carro: "Nossa que carro bonito, tal". Mas aí há um desejo de apreciação, mas não há o desejo de ter, de ser igual a ele. Apreciar é uma coisa, você querer ser igual é diferente. Então você quer ser igual e o que você vai fazer? O cara canta *funk* [MC's], vai partir pro *funk* e aí você não consegue. O que você vai fazer? Outro caminho, ganha dinheiro também, mas não a popularidade, aí vai pro tráfico que é o caminho mais fácil e que infelizmente hoje é uma coisa que está absurda (TERESA, agosto 2014).

Ao sonho de riqueza mobilizado pela ostentação, aparecem vinculados dois caminhos para sua realização na perspectiva dos jovens. O primeiro é o caminho da "fama", virando um MC. No *funk* ostentação são listados uma série de objetos e marcas e se exibem imagens nos videoclipes da *internet* de um "mundo de luxo" no qual o jovem da periferia, figurado pelo MC, é o protagonista. Mas este caminho da "fama" é mais difícil de alcançar, e então, coloca-se como alternativa o caminho do tráfico. Mas a jovem adverte que por essa trilha alimenta-se, ao invés de um sonho, uma ilusão fugaz que não passa dos finais de semana e saídas:

Digo assim, por exemplo, a pessoa pode estar no final de semana ostentando, andando de carro importado, mas na segunda-feira está no ponto de ônibus, esperando. Você vai viver o que no final de semana? Meu, eu ando de ônibus no final de semana, na semana, pra mim não importa. Mas eu tenho o meu dinheiro, eu não preciso de ninguém. E você está lá postando foto de bebidas caras, com tantos fulanos e na segunda-feira? Você não vai ter que trabalhar de ônibus do mesmo jeito? Você vai andar de carro importado? Então vai! É a realidade, é o que eu sempre falo, nunca feche os olhos pra realidade, a sua realidade. Porque assim, pra eles é momentos! Eu estou aqui, vamos esquecer de amanhã. Eu estou aqui hoje, vamos postar hoje (TERESA, agosto 2014).

Ao trazer como contraponto a realidade do trabalhador, é retomada a experiência das segundas-feiras no transporte público – espaço em que a espoliação é vivida de forma dramática – que se coloca no invés do carro importado do final de semana. O trecho mostra que os jovens estão dispostos a enfrentar os riscos do crime pela experiência, ainda que momentânea, da riqueza. "Esquecer o amanhã" parece uma forma de afastar os sentimentos de privação e humilhação que decorre do cotidiano do trabalhador. Viver o "momento" permite aos jovens apelar à "supremacia imaginária" da ostentação, em que as distinções são feitas interior do próprio grupo, de

jovens pobres e trabalhadores<sup>87</sup>. O dinheiro do crime oferece ao jovem poder de ostentação, mas o sentimento de supremacia que alimenta é efêmero. É uma vida de "momentos" como os jovens assinalam.

Por fim, às precárias condições de trabalho soma-se as que decorrem da experiência do cotidiano do trabalhador no deslocamento pela cidade. Vejamos o caso de Luis. Nas conversas, o jovem busca trazer e valorizar a figura do trabalhador que estuda, acorda cedo e tem planos para o futuro, mas em seguida são mobilizadas significações negativas vistas no baixo valor do salário e na experiência do cotidiano que o oprime ao ponto de se ver como um escravo. É dessa ordem de violência a experiência no transporte público:

Tem cena que você vê que é inacreditável, já vi gente tentando puxar celular do bolso do outro, ônibus super cheio... você acorda 5 horas da manhã, e você acha que é legal? Você vê a pessoa tentando puxar seu celular, que você deve ter parcelado em doze vezes lá pra pagar, a pessoa tentando roubar seu celular, você já naquele sufoco e a pessoa tentando [roubar]... já vi muita cena assim... já vi cara sendo pisoteado por causa que tentou fazer isso dentro do ônibus pelas outras pessoas. Mulher grávida já vi cena sendo espremida, ichi... nos ferros... as pessoas sentada não dão lugar. Quando dão saem reclamando e xingando. E assim por diante vai... vai... já vi um motorista prendendo pé da pessoa, a porta prendendo o pé da pessoa por causa que não pode andar com a porta aberta porque se não toma multa, aí tem que fechar e o ônibus abarrufado de gente, aí vai fechar a porta... aí tem que dar um jeito de fechar. Isso do meu ponto de vista, isso aí é desumano. Parece que nós vive numa época de escravidão, mas escravidão mascarada. Tem coisa que você passa ali que é a mesma coisa que estar tomando uma chibatada nas costas, deve ser a mesma dor. Até pior, porque ali você fica com o seu sentimento, também né? Você acaba... tem gente que fala uma coisa muito pesada que você não está esperando e acaba até... você fica... nossa meu... será que eu mereço ouvir isso; não comigo, mas já presenciei as pessoas fazendo isso... Então você acha, eu não vou falar me revoltando não porque a estrutura da minha mãe ela pega bem firme, então, eu dou uma conversada com ela, dá uma amenizada... mas eu conheço colegas que também, é o mesmo caso, que pararam de estudar, preferiram sair para assaltar por causa dessas coisas, entendeu? Fala "não, não aguento mais meu, tenho que ter um carro, tenho que ter uma moto e com um salário de R\$550, você não consegue ter um carro velho, você não consegue ter... ah então, eu vou roubar, eu quero ter, se eu não consigo dessa maneira [trabalho], vou tentar dessa maneira [roubo]. Acaba conseguindo, e acaba se acomodando naquilo, entendeu? E aí deixa aquilo como uma opção de vida. Conheço muitos colegas que roubam e falam que é profissão. É isso o que eu sei fazer. Tem gente que sabe, que sai pra dar golpe nos outros. Eu tenho um que ele mexe com notas falsas e ele vai lá pro outro lado do mundo lá. E ele fala "é a coisa que eu sei fazer, eu não vou sair pra... não tenho coragem de sair, pra pegar ônibus cheio e para

---

<sup>87</sup> A "supremacia imaginária" como categoria analítica foi apresentada por Otsuka (2007) no trabalho do autor sobre o romance *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, em que buscou mostrar que a dinâmica da rixa e da vingança que identificou na sociedade brasileira do século XIX, ligada aos homens livres, revelava um fundamento social na vida dos pobres. Segundo o autor, a rixa se apresentava para os pobres como o único lugar em que era possível afirmar uma supremacia, um pouco na realidade e muito na imaginação, fora da relação do favor com um poderoso ou um senhor.

ganhar R\$ 550 por mês" ele fala pra mim... "não tenho nada contra, mas eu não tenho essa disposição que você tem" (LUIS, 20 de março de. 2013).

Na passagem, Luis usa a metáfora do escravo para expressar o patamar rebaixado de civilidade de seu cotidiano. O ônibus remete a um navio negreiro, há pouco espaço, as pessoas são pisoteadas, espremidas, roubadas, xingadas. A sensação de espoliação que vive o trabalhador já começa de madrugada no ônibus. Na síntese do jovem, é uma experiência desumana. Aqui a desautorização da representação do trabalhador é retomada com tal força que, no fim, o caminho do ladrão parece compensar mais. O trabalhador que compra os objetos de consumo no crediário e leva doze longas parcelas para concluir seu pagamento é roubado antes mesmo do fim da dívida. Assim, ele não só fica sem o objeto, mas deve pagar por algo que já não tem. Acorda cedo, quando ainda está escuro, para ficar em pé e ser submetido inclusive à violência do condutor e dos outros passageiros que se envolvem em ofensas, brigas, etc. Mas Luis enfatiza que não se revolta porque "a estrutura da mãe pega forte", então, ao seguir esse caminho continua acordando cedo, pegando o transporte e indo trabalhar numa rotina que se repete sem qualquer horizonte de mudança dessas condições. Em seguida, vem o embate do ladrão, que não tem "coragem" de se submeter ao ônibus e ganhar um salário mínimo que não possibilita o "ter". Por um lado, o próprio jovem se admira da persistência nesse caminho que se opõe à "vida fácil". Por outro lado, sob o ponto de vista do ladrão, o trabalho é um caminho de sofrimento e desrespeito, um navio que leva à perpetuação dessa viagem sem fim. Mal ou bem, tem uma profissão que traz bastante dinheiro. Desse modo, o trabalhador, humilhado, transforma-se num "Zé".

O seguinte trecho da letra da música dos Racionais MCs "Vida Loka" Parte II ilustra o rebaixamento do trabalhador pelo dinheiro que não consegue sair das condições de pobreza e a espoliação:

Tempo pá pensar  
Quer parar  
Que se qué?  
Viver pouco como um rei  
Ou então muito, como um zé

Às vezes eu acho  
Que todo preto como eu  
Só quer um terreno no mato

Só seu

Sem luxo, descalço, nadar num riacho  
Sem fome  
Pegando as fruta no cacho

Aí truta, é o que eu acho  
Quero também  
Mas em São Paulo  
Deus é uma nota de 100  
Vida Loka  
(MANO BROWN, 2002).

Observa-se na letra a explicitação de onipotência do dinheiro: "em São Paulo, Deus é uma nota de 100", colocado num patamar de adoração. Assim, no horizonte coloca-se o dilema de viver muito como um trabalhador, rebaixado a "Zé", ou pouco como um Rei após a conversão do ladrão à "Vida Loka" e se alienar ao Deus-dinheiro. Mano Brown confirma essa perspectiva no programa Roda Vida em setembro de 2007, quando é questionado por um dos jornalistas incrédulo e indignado após sua exposição sobre o dilema do trabalhador e do ladrão:

José Nêumane: Mas, espera aí! A maioria do povo lá no Capão Redondo, na periferia de São Paulo, nos bairros pobres, é honesta. A maioria trabalha. A maioria caminha, vai a pé da sua casa... Esse é o verdadeiro herói brasileiro. O herói brasileiro não é o que delinque, não é o que se torna bandido para se dar bem. O herói brasileiro é aquele que trabalha. E lá no Capão Redondo, de onde você vem, você sabe disso. Quer dizer, o Brasil é um país de 140 milhões de honestos reféns de vinte milhões de desonestos. Nós não podemos considerar como regra o fato de haver políticos bandidos – e há muitos, vários bandidos. Não quer dizer que nós vivemos em uma sociedade... Ao contrário: o verdadeiro herói brasileiro é aquele que levanta às quatro da manhã e caminha à pé da sua casa lá em Capão Redondo até o trabalho dele. Às vezes, lutando com dificuldade para ser honesto.

Mano Brown: Parece letra de *rap* isso aí que você está falando [risos]. A utopia é igual! Infelizmente, na realidade a gente sabe que os heróis estão cada vez mais humilhados, né? Sem direito, sem escola, sem hospital... E os moleques passam a ver que ser herói não vale tanto à pena, entendeu? O garoto só apanha (MANO BROWN, 2007).

Observa-se que o *rapper* retira o conflito do âmbito da moralidade e do polo da ordem em que tinha sido colocado pelo jornalista, "entre brasileiros honestos e desonestos". Ao retomar uma perspectiva contraditória, explicita a fragilidade dos aspectos positivos inseridos na visão de mundo do trabalhador à luz de uma realidade desumana, como diria Luis. Mano Brown confirma a figuração do trabalhador humilhado.

Na perspectiva da "Vida Loka", exalta-se a rotina do ladrão ou a experiência da "Gozolândia", na descrição de Luis, de obtenção do "dinheiro fácil" e de gastos e festas de segunda à segunda. Todos estes gastos serviam ao poder de "ostentação" que engrandece os jovens diante do olhar dos seus amigos e das mulheres. A rotina do roubo e a exibição do que se comprou são o enredo principal do "*funk ostentação*", que se disseminou e ganhou centralidade na vida cultural dos jovens da periferia de São Paulo e na baixada santista já no final da primeira década dos anos 2000. Mas além disso, a ostentação permitia ao jovem alcançar *status* e ser visto como um indivíduo da classe média, ou um "boy":

Quando nós pegava aquela montoeira de dinheiro lá, nossa, você precisava de ver, velho, era totalmente diferente, nós era visto de... todo lugar que nós entrava, e, tipo, não é isso... não é que eu achava, você via no olhar das pessoas. Se nós entrar na mesma... se nós entrar no mesmo lugar, hoje, se eu entro no mesmo lugar que eu entrei quando nós foi fazer um mergulho, o meu irmão, quando nós tinha, ele me levou, acho que foi em Parati, nós foi mergulhar lá em Parati, tipo, as pessoas olhavam nós, assim, dava uma impressão nelas, eu acho, que nós era *boy*, entendeu, mas nós não era *boy*... É, porque nós tinha dinheiro pra gastar, então nós ia lá e... se eu entrar lá hoje, eu já não sou visto mais da mesma maneira. [Como você é visto?] Ah, eu acho que eu sou visto como uma pessoa... tipo, sei lá, não vai dar o lucro. Então, tipo, quando você não dá lucro, né, você é uma pessoa descartável, é assim que as pessoas te olham (LUIS, março de 2013).

Luis conta que pelo fato de ser visto e olhado por outras pessoas como alguém com dinheiro era confundido com um *boy*. Sem ele, o olhar que cai sobre o jovem é de desvalorização, alguém que não dá "lucro" e, portanto, é "descartável". Francis, a respeito da ostentação, relata a experiência de superioridade no camarote:

[Por que é que você acha que pegou essa coisa do camarote?] "É diferença, tipo, estar por cima, e você estar por baixo. Você está na pista e a pessoa está no camarote. Mas vai mesmo, é a mesma coisa. A diferença é que no camarote você fica mais a vontade, e na pista você está no meio do povão. Andando para lá e para cá, apertado. No camarote você fica a vontade. Até senta, levanta, você dança ali mesmo, você tem espaço para você dançar. Na pista, não, você fica todo apertado, esbarra um no outro, derrama bebida. No camarote é bem difícil acontecer isso. Tem mesa para você por o balde de bebida..." [É mais confortável] "É." [Tem uma certa sensação de riqueza?] "Também. Porque além de ser mais caro, você está no luxo" [E aí como que vocês fazem para fechar o camarote, você vai em grupo para fechar o camarote?] "Tem que ser em grupo. Se for uma pessoa sozinha tem que ter dinheiro" [Mas quanto que custa o camarote?] "Tipo, se a pista custa 100, o camarote é 200. Chutando, assim" [Os meninos e as meninas olham diferente para quem está no camarote?] "Olham: "Ah, eu podia estar lá e eu não estou. Lá é para quem tem dinheiro"... esses pensamentos assim" [Isso tem relação com recalque?] " Tem. Você está no camarote, eu estou lá na pista. Eu estou toda hora te olhando, não sei o que, eu que queria estar lá. E aquela pessoa está lá e eu não estou. Isso que é recalque" (FRANCIS, setembro de 2014).

Sintetizando, o ressentimento descreve o sentimento de "inferioridade" e injustiça que decorre da experiência de espoliação cotidiana do trabalhador, diante dos quais os jovens sentem-se impotentes (LIPSET, 1967; KEHL, 2009). A precariedade dos trabalhos formais aproximam os jovens aos seus dilemas; tanto na opção pelo "dinheiro fácil" na vida do crime, como pela mediação com o dinheiro no caso das mulheres. Na visão do *ladrão*, a rotina que se repete de espoliação, sem qualquer possibilidade de alteração da condição social mais geral, desautoriza o trabalhador e o transforma num "Zé". Assim, a vida no crime mostra-se mais atrativa, pois apesar de fugaz é possível sair da posição de inferioridade em que o trabalhador é colocado.

## 2. O dilema e aspectos da condição feminina

Ao tratar das representações da dualidade de visão de mundo do *trabalhador* e do *ladrão* encontradas nos jovens do estudo, verificamos um elemento ligado às relações de gênero na mobilização das polaridades internas em função do dilema da escolha entre os caminhos a seguir na vida. Descobrimos que, assim como no caso dos homens, o dinheiro como vértice do dilema organizava os campos de significações antagônicas. No entanto, havia uma mediação relacional com o dinheiro que se colocava no caso das mulheres. Ao responder à nossa indagação sobre a questão do trabalho feminino, Teresa nos chamou a atenção sobre a dualidade de visões e os caminhos a seguir:

Aí também tem duas visões diferentes. Em redes sociais, está acontecendo muito de *status*, né? Você namora a menina mais *top* da escola. A menina mais bonita. Esses meninos namora então a menina mais *top* da escola, e pra bancar ela? Pra bancar, ele tem que fazer alguma coisa, pra onde ele vai? [Assinala o caminho do ladrão]... E aí a menina é assim, também quer namorar, vamos supor, está acontecendo muito, namoram esses ladrãozinho, sabe? Está andando de moto e a menina quer andar de moto, então aquela menina procura um moleque de moto porque ela acha bonito ficar em cima de uma moto, sendo que os dois dão menores. Olha, explicar isso é muito difícil porque é o que mais acontece. A gente que tem essa visão do lado de cá, é o que a gente fala com convicção, vê no dia a dia. Menina de 13 anos, moleque de 17 ou 15 anos, pilotando, acha bonito pilotar uma moto e acha bonito ter uma menina na garupa. E quem coloca a gasolina? O dinheiro errado. É fácil? É, "é um dinheiro fácil, mas também vai fácil". Porque, às vezes, ele trabalha durante a noite pra gastar no dia ou ganha no dia pra gastar a noite. E acontece bastante isso e eu vejo que os peixes grandes lá, que é o dono de boca de fumo não coloca a cara pra bater, você vai à boca do cara lá, é tudo moleque de 12, 13 anos. Então, aí você vê os "*tops*" andando de carro importado, carro do ano, vai pra balada, fica postando foto de camarote com bebida cara (TERESA, agosto de 2014).

Na perspectiva do *ladrão*, a obtenção de *status* – diferença em termos de prestígio pelo lugar socialmente mais elevado que se ocupa – motiva as ações dos homens e das mulheres. Eles buscam as meninas "*top*" da escola, que pela sua beleza estão acima das outras. Por sua vez, para poder estar com elas, os meninos precisam "banicar", ou seja, oferecer algo que também lhes outorgue *status*. A entrevistada cita o exemplo do passeio de moto para mostrar como ambos exibem tanto a moça "*top*", como a moto. Teresa assinala, então, que o crime é o sustento material desse jogo de obtenção de *status*, também conhecido como "ostentação". Refere-se ao dinheiro "errado" que o jovem obtém do tráfico ou do roubo, que chega a gastar em menos de um dia nessa dinâmica. Acima desses jovens, estão os traficantes. Donos das bocas de fumo e que usam do trabalho de menores no seu negócio. Segundo a entrevistada, o traficante encarna a figura "*top*" no caso dos homens, que anda de carro importando, vai ao camarotes e bebe do mais caro.

Na perspectiva do *ladrão*, as mulheres devem ser "realizadas" por bens, reforçando a lógica do jogo de obtenção de *status* sinalizado por Teresa. Vejamos a seguinte narrativa de Luis:

Mulher acho que daqui... tipo... tem que realizar elas com bens também, um carro pra ela andar, uma moto bonita pra ela andar, já era... você tem ela do seu lado até o momento que você perder isso que você tem, "você vale pelo que você tem"... assim, bem dizendo... não todas [pensam assim], mas as que vivem nesse mundo aí, entendeu? As que não são [desse mundo] acho que nem saem pra rua. Tem as que trabalham, que vai lá... porque gosta de *funk* né, tem gente que vai porque gosta de dançar o *funk*, tal... As meninas tem umas que traficam, tem umas que gostam de tá vendo aqueles... você acha que aqueles cara tem um poder que ele vai ter que ser o homem dela, entendeu? Aí... cada um...(LUIS, março 2013).

A outorga mútua de *status* leva à confirmação, sob esse ponto de vista, do ideário da ostentação cuja pregação central é "você vale pelo que você tem". Frase que passou para o senso comum e é frequentemente citada nas entrevistas. Esta seria a regra das aproximações entre jovens no âmbito das saídas e baladas. Segundo Luis, as outras mulheres, que não "desse mundo" – no qual se ostenta principalmente com o dinheiro que vem do crime –, "nem saem" para a rua. Desse modo, indica a presença de um grupo de mulheres afastadas da sociabilidade geral em que o *funk* se inscreve. As que estão nesse mundo tem um envolvimento direto com o crime, no caso do tráfico, ou

indireto, por meio da aproximação com os homens. Há ainda um terceiro grupo – as jovens que trabalham e que vão aos bailes apenas para se divertir.

Teresa prossegue a explicação do envolvimento das mulheres, relatando que a exibição de um corpo bonito é mobilizado como recurso para "ganhar a atenção deles".

O que elas fazem? Ai elas se envolvem, tem um corpo bonito, começa a se mostrar pra poder ganhar a atenção deles. Ganhou a atenção deles, elas ganham. Não importa se você tá comigo e com mais três, eu tô com você e é *status*. Hoje, infelizmente, é o que acontece. Hoje você pode ver, hoje em dia tem muito jovens em academias, bastante, você pode ver que o mundo *fitness* expandiu. A cada esquina você encontra uma academia, antes não via (TERESA, agosto de 2014).

No trecho, a relação que estabelece é bem direta – "ganhou a atenção deles, elas ganham". Desse tipo de aproximação, não se espera fidelidade nem apego, pois o objetivo é alcançar *status*. Isto incentiva, segundo a entrevistada, as jovens a aperfeiçoar o corpo na academia e teria levado à expansão do que nomeou "mundo *fitness*". Teresa constata que houve uma proliferação na periferia de academias, que antes nem se viam. Este seria o que ela chama de "caminho do corpo", que é colocado também como parte dos esforços pessoais para conseguir alcançar uma posição elevada. Vimos, em outras entrevistas, que este caminho também é seguido pelos homens e trata-se de uma maneira de melhorar a própria imagem. Como alternativa à veiculação do *status* por meio dos homens, Teresa aponta para a esfera do trabalho, destacando que é possível melhorar as condições sociais por meio do caminho da ascensão:

Ela não pode cobrar nada porque ela sabe que tem ela e mais três, ela e mais duas, sabe que o cara é do mundo, sabe que o cara curte *status*. Pra você ele vai lá, passa uma noite, na balada seguinte ele não vai estar com você, vai tá com outra. E isso você sabe, é uma coisa que acontece muito, muito, muito mesmo. E eu sempre falo pras minhas amigas, a gente sempre sai em quatro, cinco meninas, mas todas trabalham, todas estudam, tal... Então assim a gente sai com o nosso dinheiro. Chega, bebe, curte normal (TERESA, agosto de 2014).

A jovem inicia o relato voltando a constatar o que observa com muita regularidade. Dado que é o interesse pelo *status* o que motiva o encontro dos jovens no contexto das saídas e "baladas", *lócus* privilegiado da ostentação, o homem seguirá nesse caminho buscando outras mulheres, ou várias ao mesmo tempo. De uma outra perspectiva, que manifesta na forma de um conselho, a jovem sai com amigas que também trabalham e estudam e conseguem "curtir" e beber com o próprio dinheiro. Dessa forma, por meio

desse caminho, buscam substituir, em primeiro lugar, a relação indireta com o dinheiro do crime. Em segundo, alcançar os mesmos objetivos por meio da estratégia do dinheiro conjunto – expresso em "nosso dinheiro". Assim, elas podem também sair e se divertir nos mesmos lugares.

Por fim, Teresa esclarece no seguinte trecho como fica a relação com os homens:

you vai falar assim pra mim: "Ah Teresa, vamos ali na balada que tem um carinho assim". Se pintar algum interesse ali... pintou um interesse ali assim, come ar e tal beijar na boca, mas n o   *status*. N o que voc  sai com o intuito de achar um cara desse. N o compensa porque voc  fica com um cara ele te acha seu dono, o que acontece? Acontece espancamento, a morte e   isso (TERESA, agosto de 2014).

No contato com os jovens, a jovem continua buscando o encontro, ainda que fugaz, mas evita que este seja motivado pela busca de *status* que coloca j  de in cio uma distin o. Seguir nesse caminho, segundo a entrevistada, leva o homem a se sentir "dono" da mulher. Instalada uma rela o de subordina o, segue-se a viol ncia e, eventualmente, a morte. Assim,   tamb m o dinheiro, ainda que indiretamente, um dos aspectos principais em torno dos quais se mobilizam significa es polares que se entrecruzam no momento da escolha dos caminhos a seguir. Mas, ao mesmo tempo, observa-se que a media o relacional p e-se, neste caso, como aspecto de risco ao inv s da realiza o do trabalho direto do crime, como no caso dos homens. Por um lado, se relacionar indiretamente com o "dinheiro f cil" do crime coloca as jovens numa posi o de *status*. Por outro, a rela o de subordina o que se estabelece em seguida pode levar   viol ncia e inclusive   morte. O mesmo risco   descrito por Maria:

[e como   para as meninas que se relacionam com jovens que foram presos?] Que ficam sujeitas, submissas. [A qu ?]   pessoa. Voc  vai se relacionar com uma pessoa dessa, at  que chega u momento, a pessoa presa, se voc  falar que n o quer mais a rela o, voc  corre, acho que, risco de vida. Muitos n o aceitam terminar o relacionamento. Tem que ir at  o fim. Tem a filha de uma colega, que ela namora. Ela   nova, tem 16, 17 anos, namora um menino que rouba, n o sei se vende droga, mas que mexe com essas coisas. E ela j  tentou diversas vezes terminar com ele, mas ele n o aceita, bate nela na frente de todo mundo. [Como voc  v  isso?] Isso   desumano. Porque eu acho que a pessoa s  passa por aquilo se ela quiser. [Por que voc  acha que a menina fica com o menino?] Muitas falam que gostam. Mas acredito que n o seja um gostar mesmo. Talvez por medo. [E essas meninas trabalham, n o trabalham?] "Algumas n o. Essa menina come ou a trabalhar a pouco tempo. Porque a m e dela fica em cima dela. N o gosta da rela o, tudo, mas j  falou, j  deu conselho. Mas n o escuta. Mas ela come ou a trabalhar faz pouco tempo. Mas ainda assim, o namorado dela faz todas coisas erradas, tudo que ela pede para ele, ele d . Mas   aquilo, eles brigam, discute, ele bate nela. Meio que n o d  para se envolver" (MARIA, agosto de 2014).

Além do risco da violência, as jovens apontam para um mecanismo de controle baseado no sentimento de ciúmes, que leva ao afastamento das mulheres da rua e da sociabilidade – principalmente das amigas – para ficarem reclusas em casa. Vejamos o seguinte relato sobre este assunto.

Sara tem 21 anos, é auxiliar administrativa de escritório e mora com a mãe. Quando foi realizada a entrevista, estava com licença maternidade. Engravidou do namorado quando ainda estava na cadeia. Tinha sido preso por roubo de carga. Ao sair, pensaram em morar juntos e começaram construir uma casa no terreno da sogra. Ele tentou buscar emprego e chegou até a se empregar numa fábrica, mas voltou à vida do crime. Por sua vez, Sara fez um curso de administração no Senac e arranjou um emprego no mercado formal. De um lado, seu projeto com o namorado ficou a meio caminho, de outro, ela decidiu continuar o roteiro de estudo e trabalho. Ao tratar do assunto das mulheres e suas escolhas, retoma a questão das jovens que se vinculam aos homens por *status*. Além da violência, sofrem um processo de isolamento em relação à rua para ficar em casa, principalmente pelo ciúme dos namorados. Observe-se este trecho em que relata o caso de uma amiga que saía com um jovem envolvido no mundo do crime:

ele só queria que ela ficasse dentro de casa. É um ciúmes besta. Aí ela saía que nem uma *piriguete*. Aí já batia nela no meio da rua, ela entrava e ficava lá chorando... era assim. Ele morava em outro bairro, ele sabia que saía porque tem amigos né? É assim, esse mundo assim deles. Por exemplo, eu namoro o Leandro, então ele conhece muita gente, então se eu fizer qualquer coisa errada em outro bairro, em outro lugar, vai ter uma pessoa lá que me conhece, que vai falar pra ele o que eu to fazendo. Então essa é a forma deles vigiarem (SARA, agosto de 2014).

A descrição do trecho mostra o confinamento e a violência vivida por uma jovem em função do ciúme. Ao sair na "rua" com roupas de "*piriguete*", consideradas provocativas, o namorado a agredia<sup>88</sup>. O sistema de controle das parceiras afetivas é associado ao mundo do crime. Por meio de uma rede social que se espalha pela periferia da cidade e, inclusive pelo sistema presidiário, as companheiras dos jovens inscritos no mundo do crime são vigiadas (LAGO, 2014). Sara, ainda que no caminho do trabalhador e da

---

<sup>88</sup> Segundo Lago (2014) o termo "piriguete" revela uma moralidade que sanciona o comportamento e a sexualidade de algumas mulheres identificadas como pertencentes a classes populares. Segundo a autora, no contexto do sistema judiciário e prisional, gênero e classe são articulados na elaboração de um termo que se vem sendo 'positivado' em determinados espaços, ainda serve à demarcação de mulheres cujas ações são – social e judicialmente – condenáveis.

independência monetária, ao manter uma relação afetiva com um jovem desse mundo, é controlada pela mesma rede. O isolamento e confinamento social vivido por essas mulheres resulta no que chama de trancamento na "bolha". Ou seja, num aprisionamento. Ao se afastarem do mundo, também param de estudar e substituem o salário do trabalho e a possibilidade de ascensão social, pela dependência monetária do homem.

eu acho que essas meninas se trancam numa bolha. Param de estudar por causa de namorado. Eu tive uma prima que fugiu com o namorado dela. Falou que ia pra escola e foi pra outra cidade. Se afastam das amigas, eles acham que a amiga faz a cabeça. Mas isso só acontece com quem tem. É o namorado que tem, que banca. Eu não entendo porque que aceitam isso né? Um exemplo meu, o Leandro, ele trabalha, mas ele não vai poder ficar mandando em mim. Eu compro o que eu quero, eu faço o que eu quero. Ela não, ela não trabalha, é o namorado que dá as coisas. A maioria da minha idade que trabalha não namora (SARA, Agosto de 2014).

A relação de dependência tem a contrapartida material, que se expressa na ação do homem de "bancar". Esta situação coloca-se entre os jovens que "têm", como aponta Sara. Ou seja, entre os que têm *status* e dinheiro via crime e que alimentam essa relação por meio de presentes e obséquios. Eles "dão as coisas" para elas. A contrapartida a esta situação é posta por Sara pela obtenção do salário sem a mediação masculina. Por isso, ela não teria restrições nas decisões sobre os gastos, nem um mando a obedecer, apesar do controle e a vigilância do namorado sobre suas ações morais. Por fim, traz a constatação que aquelas jovens que buscam melhorar de vida, adotando o roteiro do trabalhador, não estão numa relação afetiva: "a maioria da minha idade que trabalha não namora".

Desse modo, os casos de Teresa e Sara mostram que ao dilema da escolha entre os caminhos a seguir na vida agrega-se a mediação das relações de gênero com o dinheiro. Este poder de mediação do jovem é o que lhe outorga uma posição superior em relação às mulheres, e estabelece uma hierarquização relacional. O desejo de sair da pobreza material e ganhar *status* leva as jovens a se vincularem indiretamente com o "dinheiro fácil". Em oposição, é posto pelas jovens uma alternativa de melhorar as condições individuais de existência sem a mediação relacional e por meio do roteiro do trabalho e do estudo. Assim, as escolhas mobilizam forças que se opõem no aspecto da mediação relacional com o dinheiro. Por um lado, a vinculação com um homem inscrito no mundo do crime permite às jovens ter acesso material a bens e objetos de consumo sem passar pela experiência do

emprego. É importante destacar que no mercado de trabalho as condições salariais e laborais são piores no caso das mulheres. Por outro, a relação mediada com o dinheiro do crime – quem vem em quantias maiores em relação ao salário do trabalhador – pode levar à violência, ao confinamento e até à morte. O outro caminho envolve um distanciamento da relação afetiva, que significa independência e tentar um caminho de estudos e trabalho que ressalta a dimensão individual da ascensão social. Uma relação afetiva nos moldes da dependência pode atrapalhar ou criar um impedimento, numa sorte de concepção de liberdade negativa.

Uma vez fora do contexto mais imediato da ostentação nas baladas e "saídas", as jovens que mantêm a relação mediada com o dinheiro dos jovens, ainda que este tenha se afastado ou esteja tentando se afastar do crime, provoca um processo de isolamento. No caso de Sara, ainda que houvesse controle e vigilância, o confinamento era impedido pelo fato dela trabalhar.

Nos casos em que esta situação se apresentou no estudo, as jovens confirmaram a experiência do isolamento. Ao mesmo tempo, vimos que nesses casos os benefícios do governo se mostravam mais importantes para a vida material. Regiane tem 24 anos de idade e mora no Jardim Tereza. Diferentemente de Teresa e Sara, não trabalha, é casada e tem uma filha com um jovem que se encontra preso há dois anos por roubo. Finalizou os estudos escolares, mas não mencionou a intenção de fazer um curso. Morava com a mãe e recentemente alugou um quarto com a filha. Recebe o auxílio reclusão dado pelo governo federal aos familiares de presidiários que tiveram contato com o mercado de trabalho formal<sup>89</sup>. Dedicar-se hoje aos cuidados da filha do casal, além dos outros filhos do namorado. Eventualmente, faz um "bico" vendendo roupa ou numa pequena empresa de *buffet*. Faz visitas regulares à cadeia, o que demanda um deslocamento

---

<sup>89</sup> O auxílio reclusão é um benefício legalmente direcionado aos dependentes de trabalhadores que contribuem para a Previdência Social. Ele é pago enquanto o segurado estiver preso sob regime fechado ou semiaberto e não receba qualquer remuneração da empresa para a qual trabalha, nem auxílio doença, aposentadoria ou abono de permanência em serviço. Este benefício, como veremos no próximo capítulo, tem sido alvo de ataques da classe média e de alguns setores da mídia e partidos políticos para tirá-lo da Constituição. É o caso da PEC 304/13, apresentada pela deputada Antônia Lúcia (PSC-AC). O caráter preconceituoso dos argumentos desses setores imprimisse na forma em que nomeiam o benefício: "Bolsas-Bandido".

penoso até o interior. Leva comida e uma série de utensílios pessoais que fazem falta ao jovem no presídio. Geralmente, vai e volta com medo de ser revistada pela polícia. Como ela afirma, aproximou-se ao "mundo do crime" por meio da relação com o marido:

Porque eu entro na cadeia, então eu vejo muita coisa. Tipo assim, essas mulher assim de preso, têm muitas mulheres que são da vida errada e têm outras que não. Vida errada assim, que faz coisa errada, que trafica, que rouba. Entendeu? E tipo assim, eu vejo muitas mulheres que fala assim que se pegar amante assim do marido, já pegou e bateu, já cortou cabelo, sabe? Então eu era de um mundo que eu não tinha nem noção disso, então entrei tipo em um... Eu falo que eu tô no mundo do crime assim, vendo muita coisa, sabe? (REGINA, setembro de 2014).

Da experiência na cadeia, Regina distingue as mulheres da vida "errada" das outras. Aquelas envolvem-se diretamente no crime ou estão vinculadas com alguém desse mundo no contexto da ostentação: bailes, saídas, exibição de objetos de luxo. Em função dos sentimentos de inveja e ciúmes que despertam em geral o poder de ostentação, em particular em relação aos homens que "têm", proliferam rixas e disputas que acabam muitas vezes com a agressão coletiva contra uma mulher que "roubou" o namorado – conhecidas como "talaricas" –, que vão de chutes a cortes de cabelo e humilhação pública, até à morte por espancamento.

[E com a menina? Porque ela foi linchada, não é? É. Mas daí levaram... chamou as mulheres que bateram, aí chamaram os irmãos [PCC], conversaram e tudo. Nem sei o que resolveram. Eu acho que... porque na lei dos irmãos, vida se paga com vida, não é? Se você está errado, vida se paga com vida. Aí as meninas estavam erradas, eu acho. Aí não sei se as meninas morreram. Fiquei sabendo assim, porque a Ana que estava no funk. [Ela viu?]Não, ela falou que não viu as meninas batendo, mas viu o comentário lá. Ela viu comentário, aí ela pegou e veio embora. Porque estavam as meninas batendo, não é, aí vai, implica com ela, ela pegou e veio embora. Aí a menina que morreu, tem uma amiga dela que visita lá. Aí no dia da senha eu vi as meninas falando também, "você viu que a fulana morreu lá na Divinéia?". Aí as meninas falando, "nossa, ela morreu lá. As meninas bateram nela, mas está na ideia com os irmãos lá". Eu falei: "será que é a mesma menina?". Aí eu perguntei, a menina falou: "é. Ela estava lá na Divinéia, lá no funk". E falaram que, se não me engano, ela estava grávida. Só que eu acho que era pouco tempo, as meninas nem viram, não é? (VALERIA, fevereiro de 2014).

Regina afirma ter participado de festas e bailes *funk*, sobretudo, quando o marido foi preso pela primeira vez, mas acabou se afastando da rua:

Saio assim se tiver tipo uma festa de família ou for pra levar tipo minha filha em algum lugar assim, um parque alguma coisa. Agora pra mim sair mesmo assim pra balada não curto mais. Acho que já foi minha época já, eu tô ficando mais velha eu tô... Sabe? Ficando mais caseira... É. Igual, tipo se for pra mim ficar lá na rua eu prefiro ficar aqui dentro assistindo televisão. Não gosto mais. É. E eu não tava nem aí com nada, eu saía, bebia, traía ele demais e ele descobriu quando ele saiu (REGINA, setembro de 2014).

Ao contrário das mulheres da "vida errada", as saídas da jovem se restringem às visitas e eventos familiares e aos passeios com a filha. Quando estava próxima a esse mundo via-se como uma pessoa irresponsável. Segundo ela, hoje ela já não tem amigas. As relações de amizade foram substituídas pelas familiares. Segundo ela, o "corte" se deu porque "*não me levava pra frente nunca, só me influenciava, só falava tipo coisas que tava me levando pra trás*" (REGINA, setembro de 2014). Assim, indica que as amizades são uma influência negativa – que se traduz em convite as festas, saídas, etc. – visão que o marido também compartilhava e que fazia questão em expressar. Andar "para frente", nessa perspectiva, é seguir um projeto que coloca ao homem na esfera do trabalho e ela na esfera dos cuidados domésticos. Regina espera que, quando ele sair da prisão, possam comprar uma casa e ele arranjar um emprego.

Desse modo, a melhoria de vida é vista sob a perspectiva da divisão de papéis e da hierarquização interna ao núcleo familiar. Estas eram as características do arranjo familiar operário que Feltran (2012) e Ferreira (2002) identificaram nas suas pesquisas, comum nas periferias dos anos 1970 e 1980. Há aqui, no entanto, elementos novos: as políticas sociais governamentais e o alto aprisionamento masculino. Nesse caso, as mulheres recebem o benefício diretamente, ainda que o gasto seja feito prioritariamente com a casa, a família e os filhos.

Nos casos que apresentaram condições semelhantes, mas em que não havia um benefício social envolvido, a situação de mediação relacional do dinheiro com o homem era mais acirrada e a situação material mais precária. Valéria tem 20 anos de idade, não trabalha e não finalizou o ensino básico. Interrompeu os estudos após uma revolta na sua escola contra a diretora que tinha chamado uma colega de "macaca". Ela e mais outros jovens foram impedidos de fazer matrícula novamente. Namora um jovem preso há mais de um ano por tráfico e estava grávida quando iniciamos o acompanhamento do caso. Mora com a mãe numa casa com dois cômodos que compartilhava com o tio, a irmã e o primo. Este tinha contatos com o PCC e havia sido morto pela polícia menos de um mês antes do início das entrevistas. Valéria chegou a trabalhar com carteira assinada seis meses

como arrematadora de calças numa fábrica terceirizada na Zona Norte. Saiu do emprego motivada principalmente pelo baixo valor do salário – era de 1 SM na época – que não compensava às exigências de produção e a inobservância do direito delas irem, por exemplo, ao médico. Segundo a jovem, não aceitavam seus atestados de saúde. Posteriormente, fez alguns "bicos" em gráficas, como vendedora e cobradora de motorista de lotação. Hoje recebe o dinheiro do aluguel de dois cômodos que são do namorado. Mas o dinheiro não vai para ela diretamente. É por meio do tio do namorado que ela recebe dinheiro e que a cada desembolso deve prestar contas:

Está começando agora, porque ele conseguiu alugar a casa mês passado. Aí a mulher que alugou vai começar a pagar agora. Ele conseguiu alugar por quatrocentos, porque são só dois cômodos. Tem que contar com o dinheiro pra visitar e pra comprar as coisas para o bebê agora... Não vejo a hora de ganhar pra eu poder ir trabalhar, eu quero trabalhar. Porque ficar dependendo do dinheiro dele também é ruim. Eu também nem gosto. Eu não gosto de depender do dinheiro dos outros. É ruim. Se eu quiser fazer [um gasto], [ele pergunta] "pra que você quer?". Eu não gosto disso. Eu gosto de pegar e gastar. Tipo, ele que controla. O dinheiro vai pra conta do tio dele, aí quando eu quero dinheiro, eu tenho que falar com ele, pra ele falar com o tio dele, pro tio dele liberar pra mim. Aí tem que fazer tudo isso. (VALERIA, fevereiro de 2014).

Os gastos são destinados à comida, aos utensílios que o jovem precisa no presídio e ao futuro bebê. Segundo relatou, quando precisa de dinheiro para pequenos gastos pessoais – cigarro, por exemplo – ela pede para sua tia. Era diferente, ela assinala, quando trabalhava. Por isso, afirma que quer voltar a trabalhar após o nascimento do bebê. Valéria não recebe benefícios do governo e apesar de saber dos benefícios do Bolsa Família e do auxílio reclusão, não tinha ido até o momento se inscrever no sistema de assistência social. Achava que a chance de outorga era baixa.

Sintetizando, vimos que no caso das mulheres a centralidade do dinheiro na mobilização das significações polares inscritas em cada visão de mundo junta-se à mediação relacional feita pelo homem. Esta representa o fator de risco – que no caso dos homens vinha da própria realização de atividades ilícitas –, que leva a jovem a um caminho de isolamento, violência e, inclusive, à morte. Desse modo, a superação deste fator de risco é a expectativa mais imediata das jovens que decidem seguir a trilha da ascensão social por meio do trabalho e do estudo. Se no caso dos homens buscava-se a estabilidade, no caso das jovens procura-se a independência monetária. Por outro lado, notamos que as mulheres que levaram adiante a

união afetiva conseguiram uma estabilidade, mas atrelada ao papel de hierarquização interna do arranjo familiar e que também reproduz a mediação do dinheiro e o isolamento.

## **Conclusões**

Neste capítulo apresentamos um quadro das representações contidas na dualidade de tipologia de visões de mundo dos jovens estudados, que nomeamos respectivamente como a do *trabalhador* e a do *ladrão*. Estes jovens eram moradores da periferia que se encontravam vinculados ao mercado formal ou estavam à procura de emprego e, ao mesmo tempo, tinham tido um envolvimento direto ou indireto com a criminalidade. Mostramos que cada uma dessas visões de mundo estava organizada internamente por campos de significação – valores e sentidos atribuídos a elementos da realidade – que se entrecruzam na forma de pensar dos jovens, possibilitando uma escolha coerente por qualquer um dos lados que o dilema coloca: seguir a trilha do assalariamento ou a do crime. Em consequência, ocorre um sistema de pressões cruzadas, em que cada visão de mundo puxa para um lado. Diante da necessidade de escolher um caminho, vimos que ocorre uma tensão e uma sequência de oposições, cuja sensação é a de "estar no meio duma corda", na metáfora dos jovens.

Organizamos o quadro dessas sequências de oposições inscritas na dualidade de visões de mundo em três dimensões: i) saídas da pobreza, ii) a experiência do trabalho e iii) os rumos da vida.

Na primeira dimensão, que remete às saídas da pobreza e à busca de melhoria das condições sociais e materiais, identificamos o dinheiro como ponto de entrecruzamento de significações opostas. A escolha entre a trilha do assalariamento e o "dinheiro fácil" que vem do crime deflagrava uma série de oposições na busca de soluções, superação de obstáculos, decisões e saídas. Identificamos três planos de entrecruzamento. No primeiro plano, destaca-se a afeição à quantia e rapidez de entrada do dinheiro do crime, em comparação ao salário. O segundo estava centrado no apreço pela estabilidade e a responsabilidade financeira associados à vida do trabalhador. Por fim, no terceiro plano, surge a expectativa de ascender socialmente, associada não só a uma melhor renda, como também ao exercício de

ocupações superiores ou melhor avaliadas socialmente, e ao consumo de objetos de marcas, também valorizadas socialmente. Destacamos que os estudos aparecem como elemento central para conseguir um bom emprego, melhorar os rendimentos e alcançar *status*. Essas posições referiam-se ao tipo de trabalho e também ao lugar na cidade, que refletem uma expectativa de ascensão social sintetizada na ideia de melhorar a “qualidade de vida”. Nessa perspectiva, ressalta-se a dimensão pessoal do esforço. Vimos também que os jovens buscavam "boas oportunidades de emprego" e o acesso à "qualidade de vida" – vista no padrão regular da cidade – numa outra chave, distinta daquela da ascensão social, que se liga à percepção da política e do papel do Estado e à melhoria coletiva.

Concluindo, tendo em vista o nosso objetivo, de apresentar a dualidade de representações entranhadas na ação prática dos jovens, resumizamos e organizamos, em torno do conflito interno entre ambas as visões, as práticas sociais e princípios normativos que impelem uma ação orientada pelo conjunto de representações, crenças e valores. Vimos que estas revelavam um desejo tanto de melhorar de vida e de *status* e também de estabilidade e segurança, como de alcançar uma valorização social tanto pela via do assalariamento, como do crime, ainda que exercendo uma supremacia ou se distinguindo material ou moralmente dos seus iguais. Suas ações iam no sentido de seguir os valores e ideias atrelados à cada perspectiva que, numa síntese ideológica, se expressam na “Vida Loka”, no “caminho do trabalhador”, na “qualidade de vida”, na “ostentação” e no “bom cidadão” ou religioso conservador, e orientam a ação prática em relação ao trabalho, ao dinheiro, aos gastos e à forma de relacionamento com outros jovens, etc. Desse modo, essas ideologias correspondem à síntese das experiências vividas e a forma de pensar dos jovens da "geração do desmanche" e moradores da periferia de São Paulo. Tendo isso em mente, vemos no próximo capítulo, que estas ideologias ligam-se de formas distintas e contrastantes à identidade de trabalhador.

### CAPÍTULO 3: HOMENS E MULHERES SOB A PRESSÃO DO VOTO

O objetivo deste capítulo é apresentar as formas de pensar e as atitudes, opiniões e posições políticas de jovens moradores da periferia que se encontravam vinculados ao mercado formal ou estavam à procura de emprego e, ao mesmo tempo, tinham tido um envolvimento direto ou indireto com a criminalidade. A partir das associações entre os campos da experiência vivida e o pensamento e as atitudes políticas, buscamos chegar ao modo como esses jovens decidiram o voto na eleição presidencial de 2014. Argumentamos que tais atitudes políticas *não* divergem do padrão mais geral do conjunto de representações, crenças e valores que orientam a ação prática do jovens, inscritas na tipologia de visões de mundo – do *trabalhador* e do *ladrão* – e que apresentamos no capítulo anterior.

Ao nos debruçarmos sobre as contradições internas dessas visões de mundo, observamos que os conflitos e necessidades correspondentes às dimensões da saída da pobreza, aos rumos da vida e à experiência do trabalho revelavam um desejo i) de melhorar de vida, de estabilidade e de segurança material, e ii) de alcançar uma valorização social, tanto pela via do assalariamento, como do crime, ainda que exercendo uma supremacia ou se distinguindo material ou moralmente de outros jovens da sua classe socioeconômica.

Vimos que o jovem se vê cruzado por valorizações antagônicas a respeito do trabalho e também contraditórias em relação a sua posição de classe socioeconômica que, como buscamos demonstrar, se traduzem num sistema de pressões políticas conflitantes. Mostraremos que esta tensão gerada pelo entrecruzamento, por um lado, aproxima o jovem do polo do *trabalhador* – de identificação social e econômica com seus iguais e integração ao mercado de trabalho formal – e, por outro, o afasta desse mesmo polo e, portanto, da identidade de trabalhador. Este afastamento observa-se na marginalização da experiência do trabalho, tanto pelo crime como pela domesticidade, no sentimento de desvalorização que decorre de empregos formais precarizados e com baixa remuneração, e na ênfase na valorização individual e na restrição a referências sociais comuns.

Propomos que estes sentidos contraditórios em relação ao trabalho se acirram também pela mudança na esfera mais ampla, na presença de grupos sociais abrangentes no espaço urbano. A periferia da cidade nos anos 2000 registrou um aumento de áreas "misturadas" de classe média baixa e pobres (MARQUES, 2014), tornando mais heterogêneo o ambiente social dos jovens<sup>90</sup>.

As possíveis relações entre a forma de pensar dos jovens com o comportamento eleitoral foram elaboradas à luz da teoria das "pressões cruzadas" desenvolvida por Lipset (1967). A proposta teórica das pressões cruzadas pressupõe o eleitor estar envolto e carregar em si sentimentos e influências profundamente opostas e contraditórias, possibilitando o seu apoio a qualquer um dos lados da disputa, o que o levaria no limite da tensão ao voto nulo, branco ou à abstenção. Analisaremos o comportamento eleitoral dos jovens, tendo como referência empírica as eleições presidenciais de 2014. A hipótese do trabalho é que a contradição em relação à identidade de trabalhador se manifesta em posições políticas e eleitorais conflitantes num sistema de pressões cruzadas.

O capítulo é dividido em três partes. Na primeira, discutimos a contradição dos jovens a respeito do trabalho, que os afasta e aproxima do polo do trabalhador, ao analisar as distintas valorizações dadas e as expectativas sociais e econômicas que entrecruzam sua forma de pensar. Em seguida, apresentamos as atitudes dos jovens sobre a política e as mobilizações sociais. Por fim, analisamos os dados empíricos sobre o seu comportamento nas eleições de 2014.

---

<sup>90</sup> Como foi discutido no Capítulo 1, Marques (2014) realizou uma análise de classes usando a classificação social gerada a partir dos dados de ocupação presentes no Censo, e a segregação espacial (maior ou menor homogeneidade social segundo uma variável relevante) de acordo com a renda. Os resultados para São Paulo mostram que "o conjunto da estrutura de segregação é fortemente hierárquico e as classes médias e inferiores tendem a se misturar mais, mas em espaços não habitados pelas elites. A segregação se manteve em geral estável ao longo da década, embora talvez com aumento da segregação das classes superiores e redução da segregação das classes baixas, que se tornaram mais misturadas com as médias" (MARQUES, 2014, p.690). O sentido que damos a estes resultados, seguindo Pochmann (2012), é o da heterogeneidade do ambiente dos jovens da pesquisa na periferia de São Paulo em decorrência do aumento do contingente de trabalhadores formais, que mostrariam um processo de trânsito e incorporação à condição de proletário.

## **1. A contradição: afastamento e aproximação ao polo do trabalhador**

A análise dos dados empíricos sobre o dilema entre se envolver direta ou indiretamente com o crime ou seguir o caminho do assalariamento mostrou um movimento contraditório em relação ao trabalho, que levava os jovens a se aproximar e se distanciar duma identidade de trabalhador. Este movimento dúplice respondia às necessidades e conflitos a respeito da busca por melhorar a vida material, e alcançar estabilidade e segurança, por um lado, e de conseguir *status* ou supremacia social por meio da valorização individual, por outro – tanto pela via do assalariamento, como do crime.

Desse modo, identificamos dois campos de significação que se entrecruzam na forma de pensar do jovem a respeito do mundo do trabalho entranhadas nesse movimento pendular. Tendo como nóculo central a identidade do trabalhador – que aqui nomeamos como "polo do trabalhador" a fim de ressaltar a ação conflituosa deflagrada por essa identificação–, a aproximação vem da outorga de valorizações positivas que leva os jovens a se integrarem no mundo do trabalho e também afirmarem as referências coletivas e comuns a sua classe socioeconômica. Por sua vez, no movimento oposto de afastamento, observam-se significações negativas que envolvem a marginalização do mundo do trabalhador e um mecanismo de sobreposição à desvalorização social por meio da valorização individual, que leva à negação e/ou restrição das referências coletivas. A seguir, tratamos brevemente de cada um desses movimentos<sup>91</sup>.

### ***Aproximação***

Os elementos de valorização positivos dizem respeito à busca por segurança e melhoria de vida. Em primeiro lugar, observa-se o papel do trabalho na segurança legal e também na preservação da vida, da liberdade e da tranquilidade dos familiares. Os empregos formais salvaguardam os jovens da violência e do altíssimo risco vivido na informalidade e no crime. Em seguida, preza-se entre os jovens a segurança material e a melhoria das

---

<sup>91</sup> Antunes ([1999] 2009) em seu ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho em "Os sentidos do trabalho" trata deste movimento – que nomeou "o pêndulo do trabalho" – no âmbito da análise das transformações ocorridas no mundo do trabalho no processo de implementação do neoliberalismo no país e de uma série de teses sobre seus cenários futuros.

condições de vida que se espera do “caminho do trabalhador”. Por esse motivo, buscam seguir o princípio da ordenação para organizar a vida através de uma sequência de etapas que inclui conseguir um emprego, realizar um controle financeiro, ajudar à família, estudar e estabelecer uma união afetiva.

A segurança material se alcança por meio da positivação do esforço para ganhar o salário, enfrentando a rotina do trabalhador, que envolve sair de casa muito cedo, usar um transporte público que oferece más condições e, em alguns casos, se ocupar no fim do dia dos afazeres da casa. A expectativa da "durabilidade" do salário outorga ao jovem a perspectiva da segurança material. Tanto o esforço para obter o salário como para administrá-lo são importantes para esse objetivo, que o levam a adotar estratégias de "controle dos gastos". Os jovens também valorizam a sensação de tranquilidade que decorre da capacidade de agir sobre seu orçamento. Afastam, com isso, o efeito desorganizador e entrópico, visto na voracidade dos gastos, que vem do dinheiro do crime. Esperam, ao contrário, a conservação da materialidade que, a longo prazo, o salário consegue trazer para suas vidas.

Os gastos dirigem-se prioritariamente ao cuidado da casa na qual os jovens também participam como responsáveis, ainda que morando com os pais – referências permanentes na busca por direcioná-los ao “caminho do trabalhador”. Assim, a ênfase no esforço, que remete às gerações anteriores para a melhoria das condições de vida, e a legitimidade dos pais para aproximá-los da trilha do assalariamento, conectam o jovem às referências do seu grupo familiar e ao mundo do trabalho.

O uso de referências comuns se dá de forma ampliada, no plano social, ao sinalizarem o fato de que, dada a sua condição socioeconômica e, portanto, de serem pobres, apresentam-se duas vias para melhorar materialmente de vida – o trabalho ou o crime. O mundo do trabalhador (valores, atitudes, crenças, etc.) justapõe-se a esta posição social, que não se expande para a classe média ou os ricos. O "esforço" do trabalhador para melhorar de vida – a rotina, as estratégias de ordenação – assim como as contradições da realidade na periferia da cidade correspondem à experiência do seu grupo social. A política, para os jovens, também aponta para uma situação comum. Prioritariamente esperam o aumento da oferta de empregos,

em seguida, melhorias na oferta de educação, saúde e infraestrutura urbana, fazendo referência ao papel do governo – a quem se atribui a ação ou agência política nesse sentido<sup>92</sup>.

Dessa forma, as melhorias que se esperam das políticas do Estado se referem, além da obtenção de emprego, às condições de vida urbanas para o bairro, que beneficiariam ao conjunto de moradores e vizinhos. É nessa chave que os jovens demandam, além dos serviços básicos, áreas de lazer, calçadas, áreas verdes, ciclovias, etc. Todos aspectos que fariam a periferia se integrar ao padrão de urbanização da cidade. Nesse sentido, a "rua", apesar de ter uma conotação negativa em função da presença do tráfico de drogas, tem também uma valorização positiva ao ser vista como espaço de sociabilidade, de lazer e de circulação do trabalhador na sua rotina.

### **Afastamento**

No movimento oposto de afastamento, observam-se significações negativas que envolvem a marginalização do jovem do mundo do trabalhador e, ao mesmo tempo, um mecanismo de valorização individual, que leva à restrição das referências comuns.

Na escolha da exclusão da trilha do assalariamento e da adoção da via do crime, os jovens recusam aspectos constitutivos do mundo do trabalhador, vinculados a sentimentos de privação e inferioridade e à desvalorização social. O salário é visto como insuficiente para alcançar a realização da valorização social por meio do "ter" e ampliar os espaços de "saídas" e diversão na balada, sem se "espremer" na ordenação dos gastos do salário e em parcelas de prestação. A forte pressão socialmente exercida para o consumo via posse de bens materiais se expressa internamente no desespero de serem descartados socialmente. Esta é a força motriz que leva os jovens a buscarem uma saída rápida pelo crime.

Vimos que a força desse movimento conduz à própria negação da experiência do trabalho, que vem do baixo prestígio social dos empregos ofertados aos jovens, de expectativas rebaixadas a respeito do futuro

---

<sup>92</sup> Diferentemente dos anos 1980, em que havia uma capilarização de movimentos sociais engajados na melhoria dos bairros da periferia, a ação política é vista pelos jovens não de forma socialmente coletiva, dado que esta é atribuída ao Estado. No entanto, ainda se espera a coletivização dos resultados.

viabilizadas por esses empregos, assim como da negatividade das condições de trabalho e da humilhação e espoliação vivida no cotidiano. A figuração do trabalhador como um "Zé" expressa internamente o sentimento de inferioridade e ressentimento que decorre dessa dinâmica. Esta é a força de negação da própria realidade material e social do jovem, vivificada na fantasia do "Rei" da "ostentação". A marginalização da experiência do trabalho, por meio da participação no crime, afasta a rotina do "Zé" de apertos financeiros e da experiência de humilhação e sufoco que se retoma toda segunda-feira.

A negação da realidade, portanto, envolve uma forma de se sobrepor à inferioridade social por meio da valorização individual. Mas não apenas. A "ostentação" leva à elevação do indivíduo materialmente e, ao mesmo tempo, à inferiorização de outros jovens – amigos, vizinhos, parentes – que compartilham das mesmas experiências. Encontra-se na recusa das referências comuns, via "supremacia ilusória" e no estereótipo da riqueza, a segunda dimensão do afastamento em relação ao polo do trabalho.

A frase do rap, "*é preferível viver pouco como um Rei, a viver muito como um Zé*", sintetiza uma última dimensão deste afastamento; a negação da própria vida e da segurança que se oferta no mundo do *trabalhador* por meio da aposta na sorte como forma de mudar radicalmente sua situação social. Este apelo leva aos jovens a apostar nessa possibilidade na retomada de ciclos de instabilidade financeira compreendidos por um movimento de "tudo ou nada" em que se gasta todo o dinheiro que vem do crime, para em seguida ficar sem dinheiro, na mesma condição material de pobreza. Na chave da fortuna, surge o imponderável, o aleatório e o caótico, princípios da "Vida Loka", em oposição à segurança e ao caminho "certo" do trabalhador.

Nesse sentido, conta-se com um golpe de sorte que pode mudar tudo, ainda que esta aposta seja de altíssimo risco, e a destruição da vida, quase inevitável. Em termos políticos, o jovem da "Vida Loka" tem baixíssimas expectativas em relação às instituições. Como vimos, Feltran (2011) apontava que o aprofundamento no crime – geralmente por meio de atos violentos – é um momento marcado pela radicalidade em que os jovens apontam não ter mais nada a perder. Nessa etapa, segundo o autor, observa-

se o afastamento ou marginalização dos laços sociais com familiares e amigos, e das instituições e valores consideradas legítimas.

Observamos também que mesmo na escolha de não seguir o caminho do crime, ou seja, no movimento de participação na ordem, há também uma restrição das referências comuns que leva aos jovens a se referirem individualmente a uma classe social externa – a classe média – por meio de mecanismos de imitação ou *mimeses*. Seja por estes mecanismos ou também por outros de conformidade, ocorre uma tentativa de adaptação e incorporação da visão de mundo de uma classe alheia – das opiniões, comportamentos, atitudes e valores – o que expressa um movimento de ajuste a cânones de um outro grupo social<sup>93</sup>.

É da classe média – grupos com uma renda melhor e que moram em áreas mais consolidadas da cidade – que os jovens pobres têm, na realidade, maior proximidade. Neste caso, não estamos nos referindo necessariamente à classe média alta, mas a empregados, profissionais autônomos, donos de pequenos negócios, funcionários públicos<sup>94</sup>. Os jovens muito provavelmente nunca tenham tido contato com um rico ou um burguês na sua vida, a não ser pelo estereótipo das novelas e programas da TV. Mas da classe média

---

<sup>93</sup> O mimetismo foi abordado de forma mais geral por Adorno (2009) na investigação sobre os fatores que levavam os indivíduos a serem mais ou menos receptivos às propagandas antidemocráticas nos Estados Unidos pós-guerra. No plano nacional e num outro contexto histórico, Fernando Henrique Cardoso (1977) trata mais detalhadamente do mecanismo de *mimeses* no processo de integração do negro às formas de vida da sociedade existente. Na sua explicação, o sistema vigente de *status* e papéis – que se baseava na relação de dominação entre os dois grupos – impedia o ajustamento à ordem social do negro. Nessa tarefa perdida de antemão, como o autor assinala, os negros organizaram ações para que parecessem semelhantes aos brancos, seja se vestindo como eles, observando as regras de etiqueta, etc. A esta estratégia, Cardoso chamou de "mimetismo". Cita na pormenorização desta estratégia o relato de um negro que sugere que seu "*estratagema*", o uso do vestuário dos brancos, tinha provocado "equivocos" entre aqueles que sempre o discriminavam ou molestavam: a sua "pessoinha" ainda não tinha sido violentada, e as patrulhas, ou seja, a polícia, o deixava passar livremente, confundindo-o inclusive como algum profissional liberal (CARDOSO, 1977, p.259).

<sup>94</sup> No estudo que realizamos com professores de escolas públicas, estaduais e municipais, do centro e da periferia de São Paulo em 2005-2006, descobrimos uma preocupante desigualdade na implementação das políticas educacionais, que se dava na interação dos professores com alunos pobres e de classe média. Em relação aos mais pobres, assinalavam o fato de terem "valores diferentes", ou seja, mobilizavam uma escala moral de valores que reforçava o preconceito. Quando questionados sobre a atitude de outros professores, alguns profissionais entrevistados manifestaram ter presenciado atos de significativo desprezo e preconceito: aos quais seriam atribuídos qualificativos como "sujos", ou que "não vão dar certo". Formas mais sutis de discriminação também são mencionadas: alguns alunos recebem um destaque menor em comemorações feitas na escola ou fora dela, ou são colocados no fundo da sala ou longe da professora (por oposição aos "arrumadinhos", "branquinhos" e "penteadinhos" que recebem destaque maior)" (TORRES et al, 2006, p.18).

recebem informações e influências a respeito de atitudes e opiniões que valorizam, como as humilhações no dia a dia. Vimos que os jovens trabalham geralmente em pequenos negócios, escritórios ou comércios, e não em grandes fábricas onde se observa com clareza a divisão do trabalho e são compartilhadas experiências comuns com sujeitos da sua classe social (LIPSET, 1967).

A discriminação e marginalização dos jovens do estudo é permeada pela sensação de "invisibilidade" ou descarte. Portanto, este "mimetismo" adotado como estratégia é mobilizado diante da impossibilidade de inverter ou modificar a situação social de exclusão. Ao se vestir ou agir como jovem da classe média, espera-se que os sujeitos desse grupo o reconheçam como um igual e o integrem à vida social. Desse modo, há um movimento de se sobrepôr à desvalorização social, numa chave motivacional, por meio da valorização individual na busca por um *status* que direciona os jovens a referenciar a classe colocada no horizonte da ascensão social. A expectativa de ascender socialmente vincula-se exclusivamente ao esforço individual e se traduz no melhor valor da renda, no exercício de ocupações superiores ou melhor avaliadas socialmente e no consumo de objetos de marcas. A melhoria, neste caso, envolve uma perspectiva que não encontra referências nas gerações anteriores. Os estudos superiores ou técnicos, que seus pais não conseguiram completar na maior parte dos casos, aparecem como elemento central para conseguir *status*.

A expectativa de ascensão social sintetiza-se na ideia de melhorar a "qualidade de vida" e envolve um aspecto político. Nesse conceito compreende-se uma ideia de cidade organizada, "saudável", tranquila, limpa etc., que é mobilizada pelos jovens como forma de negar a própria desordem, a confusão e a ilegalidade que observam nos seus bairros e que tornam sua realidade profundamente contraditória. Como vimos, um dos elementos centrais é o *shopping*. Padilha (2006) apontava que, tendo como mote a "qualidade de vida", a urbanidade é remodelada no sentido de se afastar "do mundo de fora", ou seja, dos aspectos negativos da cidade, por meio da solução individualizante do lucro privado. Os gestores dos *shopping centers* recriam seus espaços de lazer, praças, lojas, etc., em versões espaciais mais limpas, bonitas, modernas, práticas e seguras (PADILHA, 2006). A qualidade

de vida (ordem, segurança, limpeza) vincula-se à experiência do bom-cidadão como consumidor. No resumo da autora, o sujeito consumidor vai ao *shopping* e lá sente-se seguro e, ao mesmo tempo, moderno. A política, na perspectiva de um "jovem aspirante à classe média", é subordinada ao esforço individual da própria ascensão.

A política é restringida à ideia da busca por uma "qualidade de vida" que não é sociabilizada para outros membros do mesmo grupo social e do seu bairro, nem vista como um movimento de integração da periferia ao resto da cidade em termos urbanísticos, senão apenas na disposição de áreas da cidades mais organizadas e no ingresso ao *shopping* e ao "mundo moderno" para os que individualmente conseguem ascender. Vimos que o fenômeno dos "rolezinhos", que envolveram o ingresso de grupos numerosos de jovens da periferia a *shoppings* da cidade de São Paulo entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, tem correspondência com este tipo de expectativa política. Ainda que, neste caso, a ação dos jovens tenha se mostrado coletiva.

Outro movimento de negação da experiência comum por meio da valorização individual é visto no âmbito do conservadorismo, ou seja, da conformação às regras e na exacerbação da ordem social e moral. A compreensão da ordem como a busca por uma estabilidade necessária à construção de um projeto de vida ou como forma de se preservar ou cuidar da violência, se desliza para a iminência destrutiva que decorre da vida no crime, da violência, da ilegalidade, etc. que rodeia a vida dos jovens. A solução, neste caso, é a aceitação do poder mediador das igrejas evangélicas numa espécie de pacto para sobrepor a esfera da ordem à desordem.

Registramos a adesão a uma escala moral que afasta o jovem de uma referência comum ao consagrar a dignidade, a vida espiritual por sobre tudo, a educação, a honestidade e o pagamento dos impostos; todos aspectos individuais, como parâmetros de um "bom cidadão". É por meio do cumprimento desses preceitos que o cidadão merece ou não ser atendido nas suas reivindicações. A política, vista na preocupação com o emprego, a saúde, a educação e a infraestrutura do bairro, subordina-se à preocupação tanto da "salvação", como em ser um "bom cidadão" individualmente. Esta ordenação, como veremos, está entranhada numa profunda separação entre

jovens do mesmo grupo social, "marginais", por um lado, e por outro, "cidadãos". Apenas a estes últimos cabem os direitos e participação, numa perspectiva que também racionaliza os privilégios da educação, ao separar entre grupos "educados" e "ignorantes", estes geralmente pobres e aqueles de classe média.

Por fim, vimos que as mulheres do estudo se encontravam num movimento de afastamento do "polo do trabalhador" tanto na dimensão da marginalização do mundo do trabalho, como de restrição às referências coletivas que correspondiam a situações muito contrastantes. Por um lado, havia um grupo de mulheres que não trabalhava, nem estudava. A situação de dependência com jovens ligados à vida no crime permitia a obtenção de objetos de consumo para exercer a "ostentação" e se elevar por sobre outras mulheres também do seu grupo social. Havia um grupo que mantinha uma relação mais estável e de dependência com o dinheiro vindo ou do trabalho dos maridos ou de rendimentos ou benefícios dos seus companheiros, ainda que presos. O cotidiano dessas mulheres era marcado por um afastamento da rua – lugar de sociabilidade, apesar da coexistência com o crime – da restrição da circulação na cidade e inclusive no bairro. Suas saídas restringem-se à família e a visitas ao médicos, postos de saúde, etc.

Este arranjo era comum no projeto de vida operário nos anos 1970 e 1980 que, apesar da centralidade do emprego, se restringia em geral ao homem, quem também mediava as relações das mulheres com "o mundo", portanto, afastando-a do mundo do trabalho numa separação das atividades produtivas e reprodutivas (FERREIRA, 2002). Nesses casos, há grande expectativa do recebimento de benefícios do Estado. Entre aquelas que tinham acesso a essas políticas, a situação material era um pouco melhor.

Já o grupo de mulheres inseridas no mercado de trabalho formal oscilava entre referências a situações comuns (feitas principalmente em relação à família e ao bairro), como também a um afastamento na expectativa de ascensão social. O primeiro passo nesse sentido era a ideia de independência não só como uma forma de se desvencilhar da dependência do homem e do risco associado a este tipo de relação, mas também de incorporação da ideia de que por meio do esforço individual e autossuficiente se garantiria a segurança material e o *status*.

Sintetizando, vimos que o movimento pendular entre afastamento e aproximação ao polo do *trabalhador* envolvia principalmente a i) participação e marginalização do mundo do trabalho e ii) a referência ao coletivo ou a situações comuns, tanto da condição material de pobreza, por um lado, ou da negação ou restrição destas referências por meio da valorização individual, que os levavam muitas vezes a reafirmar a desvalorização social da sua classe ou dos bairros em que moram, por outro. Desse modo, pretendemos mostrar que estes jovens apresentam um tensão interna através do entrecruzamento de valorizações antagônicas a respeito da identidade de trabalhador e também contraditórias em relação a sua posição de classe socioeconômica que, como buscamos demonstrar, se traduz num sistemas de pressões políticas conflitantes.

## **2. O conflito e a política**

Nesta seção apresentamos as atitudes dos jovens sobre a política no plano das instituições e da sociedade. Tratamos das opiniões e participação deles nas manifestações de junho de 2013 para, em seguida, abordar a percepção sobre os políticos, os partidos e a experiência em eleições e com o voto.

### **2.1 As manifestações de junho**

A série de manifestações ocorridas ao longo do mês de junho de 2013 em várias cidades do país, deflagradas pelo aumento da passagem do transporte público, abriu uma preciosa oportunidade para coletarmos informações e analisar as atitudes políticas dos jovens em relação aos protestos e manifestações sociais. Dado que o período de trabalho de campo se estendeu de março de 2013 a novembro de 2014, foi possível pesquisar sobre os eventos de junho com todos os jovens do estudo. Tratamos, a seguir, da participação desses jovens e, em seguida, das suas opiniões.

## **Participação**

O primeiro aspecto que ganhou certo consenso a respeito de junho foi que os manifestantes eram predominantemente jovens. A respeito do debate sobre a composição social das manifestações que ocupou a reflexão acadêmica, Singer (2013) propõe a hipótese de que tinham ido às ruas tanto uma classe média tradicional, como o que chamou de "novo proletariado". Com características próximas às que o sociólogo Ruy Braga tem atribuído aos que integram o "precariado" (BRAGA, 2012), estes seriam trabalhadores jovens, que teriam conseguido emprego no âmbito da expansão de postos de trabalho do lulismo, mas que apresentam alta rotatividade, baixa remuneração e más condições laborais (SINGER, 2013). Para Singer, a constatação empírica crucial para elaborar a hipótese da presença do novo proletariado em junho foi a relação observada entre renda e escolaridade. Por um lado, ao observar os dados de escolaridade, os dados remetiam aos grupos socialmente mais elevados na escala social (havia uma alta proporção de jovens que tinham finalizado ou estavam cursando o ensino superior e finalizado o ensino médio). Por outro, os dados sobre a renda dos participantes indicavam um sentido oposto, observou-se uma presença expressiva da "metade inferior da pirâmide social". Para o autor, isto "seria a confirmação de que o 'novo proletariado' ou 'precariado', conforme sugerido por alguns autores, foi para as ruas. Se considerarmos que a maioria dos manifestantes era jovem, tendo entrado recentemente no emprego" (ibid., p.31). Além do vínculo com o emprego e o nível de renda ter se mostrado médio-baixo, este grupo social apresentava uma alta escolaridade. Segundo Singer (2013), o processo de aumento de escolarização no país, a oferta de programas como o Prouni e a ampliação de vagas no ensino superior privado teria levado a um quadro social de um novo proletariado com níveis de escolaridade mais elevados que os pais.

Os dados empíricos coletados para nosso estudo mostraram que, do total de dezenove jovens, nenhum deles participou diretamente das manifestações de junho. Apenas dois dos três casos de controle do grupo pesquisado, que estavam cursando ensino superior com auxílio do programa

Prouni, tiveram um contato mais direto com as manifestações<sup>95</sup> – como veremos – por meio de convites de colegas da própria faculdade. Elísio (24) participou de atos prévios contra a corrupção junto com seus colegas do Mackenzie. Estes foram às manifestações de junho e o jovem discutiu com eles os acontecimentos. Carmen (24) foi a um dos atos de junho, também convidada por uma colega de sala das Faculdades Integradas Campos Salles, onde estuda Direito, na Lapa, bairro da zona Oeste paulistana.

Já os demais jovens da pesquisa, muitos não concluíram o ensino médio. Apenas uma jovem, Teresa (22)<sup>96</sup>, iniciou os estudos universitários, mas em seguida trancou a matrícula para poder assumir um novo trabalho. Os que fizeram alguma atividade, para além do ensino escolar, foram em cursos de curta duração oferecidos por ONGs ou de profissionalização. Desse modo, a hipótese sobre a composição social das manifestações de Singer (2013) explicaria, em princípio, a diferença da participação entre o grupo da pesquisa e os casos de controle.

### ***Os participantes***

Elísio, como foi apresentado no capítulo anterior, tinha 24 anos de idade e trabalhava como estagiário na Bovespa na época da pesquisa. Seu salário (R\$1.400 = 2SM)<sup>97</sup> era mais elevado que a faixa do perfil do grupo da pesquisa (de 1 a 1,5 SM) e morava na Vila Prudente junto com seu irmão. Seu pai era pintor de paredes e a mãe tinha falecido recentemente. Suas referências familiares dividiam-se entre São Caetano e a Cidade Tiradentes. Para a família, seus estudos universitários eram motivo de orgulho. Fazia

---

<sup>95</sup> Como já foi apresentado, definimos para o estudo um grupo de 19 casos segundo quatro critérios: idade, situação ocupacional, envolvimento com o crime e moradia em área periférica da cidade, especificamente na Brasilândia. Incluímos também no desenho da pesquisa 3 casos de controle para aumentar a validade externa dos resultados e, ao mesmo tempo, contrapor aos resultados da pesquisa.

<sup>96</sup> Nos caso dos jovens sobres os quais já foram apresentadas informações no capítulo anterior, trago apenas o dado sobre a idade.

<sup>97</sup> O valor do salário mínimo refere-se ao ano de realização da entrevista. Neste caso, em 2013 o valor era de R\$678.

graduação em Economia no Mackenzie com o Prouni<sup>98</sup>. Para ele, os bolsistas do programa são "mais esforçados" em comparação com outros alunos que vêm de escolas particulares. Este "empenho" valoriza seu esforço pessoal de ascensão social. O fato de ter vindo de escola pública e de uma classe socioeconômica mais baixa expressa a trajetória que teve que percorrer para alcançar a meta de se matricular numa instituição de ensino valorizada socialmente. Para ele, os bolsistas "dão mais valor ao ensino" que o grupo de jovens que não precisa do auxílio da bolsa.

Ao perguntarmos a respeito das manifestações, o jovem nos contou que tinha participado de algumas passeatas que antecederam junho de 2013 por convite de seus colegas do Mackenzie:

[você participou das manifestações] "Particpei contra... essas últimas não. Eu particpei quando tinha marcha contra a corrupção lá na Paulista. Saía do MASP também. Só que era final de semana, normalmente era no sábado, assim. Foi no final do ano passado, a última que eu fui. Esse ano eu acho que não cheguei a ir não". [E como era essa marcha contra a corrupção?] "Eram menores que essas que tiveram nesses tempos atrás, por volta de junho. o intuito era o mesmo, assim, o pessoal levava cartaz, levava bandeira ..." [Que tipo de bandeira?] "Ah, bandeira... era sem partido também, não era partidária a manifestação. Ah, bandeira do Brasil, umas faixas que eles criavam. Mas no mais, bandeira só tinha do Brasil assim, e gritavam coisas contra corrupção. Era legal, assim. Bacana." [Com quem você ia nessas marchas?] "Ia com os meus colegas do Mackenzie, como eles que íamos nesses..." [e o que eles achavam ou falavam?] "Achavam legal as manifestações assim. Tanto que nessas últimas manifestações [de junho] teve bastante gente do Mackenzie que foi pra lá. Essas de junho agora. Teve amigos meus que foram lá". [E o que eles comentaram das manifestações?] "Eles comentavam que era legal assim, se sentiam importantes fazendo isso daí, só que eram meio bagunçadas essas manifestações, porque havia vários grupos, um pedindo uma coisa... assim, não tinha, tipo, um desejo geral. Era cada um pedindo uma coisa. Mas eu acredito que essas manifestações o desejo geral era uma reforma política. Isso eu acho que é preciso. Acho esse é o desejo geral de qualquer manifestação, assim. Acho que é o desejo maior de qualquer cidadão brasileiro" (ELÍSIO, setembro de 2013).

As "marchas" das quais Elísio participou tinham como principal bandeira a corrupção. Pelas informações que obtivemos com ele, e posteriormente na *internet*, identificamos que as marchas "contra a corrupção" de 2012 ocorreram nos meses de maio e setembro na Av.

---

<sup>98</sup> Segundo os relatos do jovem, iniciou seus estudos universitários na UNIBAN mas, após a mãe falecer, teve que trancar a matrícula para trabalhar numa empresa de eletrônica onde ganhava R\$1,5 SM. Posteriormente, voltou a entrar no ensino superior na universidade São Judas no curso de Administração e, por fim, após prestar novamente o ENEM ingressou no Mackenzie, que era seu objetivo, onde está cursando o terceiro ano de economia. Em toda essa trajetória contou com a bolsa do programa. Conheceu o programa pela sua irmã mais velha que também era bolsista do Prouni e fazia graduação na São Judas.

Paulista, tendo como ponto de concentração o MASP<sup>99</sup>. Como confirma o relato, havia bandeiras verde-amarelas e enfatizava-se o fato de não terem partidos políticos<sup>100</sup>. Os colegas de Elísio do Mackenzie também foram às manifestações de junho. Segundo ele, valorizaram a experiência de participação, apesar do fato de terem encontrado uma grande variedade de grupos e uma profusão de pautas, que caracterizou a etapa mais massificada dos eventos (SINGER, 2013)<sup>101</sup>. De acordo com Singer (2013), o sentimento anticorrupção, como o apresentado no relato, teria sido mobilizado pela direita nas manifestações, envolvendo uma oposição ao governo federal e ao PT. Mas também teria sido apropriada por um centro ideologicamente "pós materialista", que se expressa em situações de transição intergeracional a padrões mais próximos à classe média, cujo horizonte é a "qualidade de vida" e a autoexpressão. Esta levaria a profundas mudanças na perspectiva política daqueles que estão nessa passagem. Este parecia ser o caso de Elísio que se encontrava na trilha da ascensão social.

Para Elísio, apesar da enorme variação de reivindicações, havia um "desejo geral": a reforma política. Dado que o Brasil não pode "começar do zero", como afirma em outro momento da entrevista, seria necessário diminuir o número de partidos, afastar políticos envolvidos em processos penais, diminuir as "exclusividades", "regalias" e salários de cargos políticos

---

<sup>99</sup> Cf. EM ATO contra corrupção, manifestantes bloqueiam a Paulista. G1, São Paulo, 07/09/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/09/em-ato-contracorrupcao-manifestantes-bloqueiam-paulista.html>. Acesso em outubro de 2014.

<sup>100</sup> Encontramos referências a estes atos no site do grupo chamado "União Jovens nas Ruas" onde convocavam principalmente estudantes do ensino superior privado para "mudar o Brasil". Dentre as universidades chamadas, a maioria eram particulares: Mackenzie, São Judas, Anhembi Morumbi, UNIP, FMU, FAAP, entre outras. Cf. CONVOCAÇÃO para ação! Disponível em: <https://uniaojovensnasruas.wordpress.com/category/imprensa/>. União Jovem nas Ruas, 19/03/2012. Acesso em outubro de 2014.

<sup>101</sup> Na periodização das manifestações propostas por Singer (2013) em São Paulo, o autor observa três momentos. No primeiro, de 6 a 13 de junho, teriam ocorrido manifestações compostas por pequenos grupos da classe média, circunscritas principalmente à cidade de São Paulo. Na quarta manifestação, da quinta-feira dia 13, teria se dado a virada em termos do tamanho e alcance das manifestações em decorrência do altíssima violência com que a polícia tinha agido ao encontrar os manifestantes na Consolação. Cenas de agressões, brutalidade e uso desproporcional da força contra a população e jornalistas teria atraído massivamente os manifestantes às ruas. De acordo com Singer, no segundo momento do movimento de 17 a 20 de junho, em que o movimento "alcança o auge" foi possível observar a entrada em cena de outros grupos sociais com uma ampla série de pautas que apontavam para distintas direções políticas; indo da direita à esquerda. Por fim, após a suspensão da alça da passagem, o movimento teria se fragmentado em mobilizações parciais e em torno de pautas específicas.

para frear a corrupção. Para ele, os governantes "governam por desejo próprio, ou para desejos de empresas privadas". A reforma – "desejo maior de qualquer brasileiro" – também devia tornar o voto facultativo, pois considerava a obrigatoriedade incoerente com a democracia<sup>102</sup>. Assim, o jovem mostrava a respeito das manifestações uma valorização da participação e da própria democracia, e prezava o "enxugue institucional" do governo e os direitos do cidadão enquanto indivíduo.

Carmen tem 24 anos de idade e, diferentemente de Elísio, mora na Brasilândia. É vizinha e amiga de infância de algumas das jovens incluídas no estudo. A mãe é faxineira e mora no terreno da casa dela junto com o marido que era assistente técnico de empresa de TV a cabo. A renda familiar era de aproximadamente R\$3.500 para duas pessoas<sup>103</sup>. A jovem estava finalizando os estudos de Direito e contava com uma bolsa parcial do Prouni (50%). Foi efetivada no escritório de advogados em que estagiava na Barra Funda como assistente jurídica e ganha R\$1.500 (2 SM)<sup>104</sup>. Ela desejava, após concluir o curso, buscar outro lugar, pois considerava pouca a diferença de salário entre um assistente e um advogado (segundo a jovem era de R\$1.500).

A respeito das manifestações de junho, Carmen contou que foi convidada por uma amiga da faculdade:

[você ficou sabendo das manifestações de junho?] "Sim". [E você acompanhou? Você foi em algumas?] "Eu fui com uma menina da minha sala. Ela é bem doidinha. Eu fui com ela, mas eu fui já no final, quando estava bem mais calmo, não estava mais aquela quebradeira, aquela coisa toda. Eu fui com ela. Mas ela foi desde o começo". [É? Por que ela se envolveu?] "Eu não sei, ela falou do governo, que era muita roubalheira, que não era a questão dos 20 centavos, era questão de tudo. Não sei se você pega ônibus. É um ódio, dá uma raiva. Outro dia eu saí do metrô, que eu não sei como que eu saí do metrô. Você não tem noção. Estava chovendo, e eu estava dentro do metrô, eu saí do metrô que eu não senti eu saindo. Meus pés não estavam tocando o chão, para você ter ideia. Aí, eles querem cobrar um preço enorme, está caro, para fornecer o transporte público que eles fornecem? Vamos combinar, também, né? Aumente, mas dê meios bons de transporte. Não esses meios que eles fornecem. Eu concordo, também, não é questão dos 20 centavos, é questão de tudo. Tudo o que passa na televisão, de roubo, por que é muito roubo na política (...) [quantas vezes você foi ?] "Só uma. Por que ela falou assim: vamos, gente. Por que essa minha amiga ficou chamando muito e eu acabei indo. Eu achei legal, achei que valia a pena ir para mostrar para eles que a gente não é bobo.

<sup>102</sup> A discussão do voto obrigatório ou facultativo no Brasil vem sendo feito à luz dos direitos individuais, em que o eleitor é visto como "cidadão" apenas enquanto indivíduo, enquanto pessoa abstraída de seus condicionantes sociais (RIBEIRO, 2003).

<sup>103</sup> A jovem contava as horas extras do marido cujo salário acabava variando entre R\$2000 e R\$3000.

<sup>104</sup> O valor do salário mínimo era de R\$724 e refere-se ao ano de 2014.

Está todo mundo vendo o tanto que rouba. Vamos ser realistas, rouba muito, né? Foi só isso" (CARMEN, janeiro de 2014).

Pelo relato, a jovem participou das manifestações após a massificação do movimento, momento que caracterizou como sendo mais calmo, sem "a quebradeira toda". O convite da colega de sala envolvia uma oposição ao governo em função da "roubalheira" e também uma insatisfação mais difusa que se expressava no fato de não ser só "questão dos 20 centavos", mas uma questão de "tudo". A jovem acabou especificando o problema na má qualidade do transporte público visto na superlotação que vivia no metrô. Para ela, seria até justificada a alça da passagem, desde que o serviço fosse melhor. A defasagem entre qualidade da oferta de serviço e custo da passagem seria explicada pelo mesma "roubalheira" da política, que a jovem manifestou acompanhar pela televisão. Após insistir no argumento da usurpação e no roubo dos políticos, Carmen relata que estes teriam sido os motivos que a levaram manifestar na rua que eles não eram "bobos".

Sobre a composição social de junho, Carmen trouxe as seguintes observações:

[E o pessoal que você ia, gritava, também, sem partido, ou não?] "Esse pessoal que eu fui, amigos dela, da Cibele, gritavam muito". [Queimaram bandeiras?] "Não. Quando eu fui, não estava mais nessa fase de quebrar e botar fogo. Já tinha passado mais. Foi uma das finais". [E esse povo é de onde?] "Eu não sei da onde que eles são. Eu fui com ela, eu acho que eles são muito "filhinhos de papai". Dava pra ver que eles não são "pobretões" [Eles não eram pobres?] "Não, não era de periferia. Dava para perceber". [Da onde que eles eram?] "Eu não lembro". [Faziam faculdade, alguma coisa assim?] "É, deve ser de faculdade. Faculdade pública, por que é bem carinha de "filhinho de papai". [Universidade pública vai gente que tem mais dinheiro, é isso?] "Sim, com certeza" [Interessante. E ela é desse meio ou não?] "Não, ela faz faculdade comigo. Mas ela tem muita amizade com eles. Eu acho que é por que ela vai nesses negócios de viajar, acampar. Então, ela conheceu eles lá [Mas tinha gente de periferia lá? Você viu? ] Eu não sei te falar. [Você conheceu gente daqui que foi, ou não?] Não. [Ninguém?] Eu, pelo menos, não conheci ninguém, até agora, daqui, que foi. [Nas manifestações, tinha jovens? pessoal mais velho?] Tinha jovens, velhos. No dia que eu fui eu vi que tinham jovens e velhos. [Mas daqui? da periferia?] Não. Assim que eu vi, não. Por que dá para você saber. Então, as pessoas que eu via, dava para ver que elas entendiam muito de política, que é uma coisa que eu não entendo nada. Que não estudavam em qualquer faculdade, que eram "filhinhos de papai", que tinham dinheiro. Muitas pessoas" (CARMEN, janeiro de 2014).

Esta relação entre nível social e tipo de ensino (público ou privado) foi colocada tanto por Elísio como por Carmen. De fato, constatamos na pesquisa que apenas o universo de faculdades privadas se colocavam ao

alcance dos jovens do estudo<sup>105</sup>. A própria Carmen enfatiza a importância do Prouni pelo fato das classes populares não conseguirem vagas na USP ou UNICAMP, dada a diferença na qualidade do ensino entre escolas públicas – onde ela estudou – e privadas. A educação, elemento que é percebido como um privilégio central para alcançar *status*, revelava-se no conhecimento que estes jovens, segundo Carmen, tinham da política. Assim como Luis (21), no capítulo anterior, o papel dado à educação revela uma espécie de racionalização dos privilégios – geralmente da classe média tradicional – para reforçar o fato de que apenas aqueles "bem formados" podem participar da política. Muito provavelmente o fato desses jovens estarem na trilha da ascensão social por meio da educação e em contato com jovens que já pertencem às classes às quais pretendem se integrar, os teria "autorizado" – dado o poder facultado – a ir às manifestações de junho e atos prévios, ainda que, como Carmen assegura, esta integração não tenha se concretizado.

Em comparação com esses jovens, ela "não entende nada de política" e, portanto, ainda estaria aquém das condições necessárias à participação, nessa perspectiva. No relato também aparecem aqueles que não foram – os moradores da periferia – e integram suas referências sociais: seus vizinhos, marido, amigas, familiares. Até a época da pesquisa, ela não conhecia ninguém que tivesse ido. De modo geral, assegura que apesar deles não terem participado e se queixarem do tumulto do trânsito, apoiavam as manifestações: "*A maioria achava certo. As pessoas que não foram daqui, mas, a maioria achava certo*" (CARMEN, Janeiro de 2014).

### ***Os não participantes***

Os jovens do estudo acompanharam e se informaram sobre as manifestações por meio de jornais e programas da televisão; Jornal Nacional da Globo, SPTV, Jornal da Record, e programas de reportagens policiais conduzidos por José Luiz Datena e Marcelo Rezende. Um dos jovens, Luis, também assistiu o programa Roda Viva do dia 17 de junho de 2013 em que

---

<sup>105</sup> Luzio (19) que estava num curso de formação para jovens numa ONG do centro de São Paulo tinha recentemente recebido a informação que existiam universidades públicas e gratuitas e de programas de auxílio "*mano, o choque foi totalmente grande, porque eu achava que tudo isso tinha que ser pago, ninguém nunca falou pra mim: óh, se você for fazer uma faculdade, você pode fazer uma faculdade, cê só paga nem que seja só metade, cê entendeu?*" (LUZIO, outubro de 2013).

duas lideranças do Movimento Passe Livre (MPL) foram entrevistadas. Do total, apenas uma jovem, Sara (21), chegou a ver as passeatas no centro da cidade de São Paulo, quando voltava do trabalho. A referência mais próxima dos protestos foi, em alguns casos, a queima de ônibus por moradores em sinal de protesto contra a violência policial. Estas "revoltas" locais citadas estavam ligadas ao assassinato de jovens por parte da polícia e teriam ocorrido no segundo semestre de 2013 e no início de 2014<sup>106</sup>. Apesar destes eventos não estarem relacionados diretamente com as manifestações de junho, alguns elementos das "revoltas" encontravam aproximações, a interrupção do cotidiano, a violência policial – fator que teria deflagrado a massificação dos atos de junho – e o objeto escolhido para queimar: o ônibus, meio de transporte do trabalhador.

Sobre o sentido das informações dada pela mídia às manifestações, Viana (2014) faz uma breve análise do programa *Brasil Urgente* da quinta-feira 13 de junho de 2013, dia em que a repressão contra os manifestantes alcançou tamanha violência por ordens do governo estadual que teria levado a um apoio de amplos setores da sociedade aos atos. Até esse momento, a mídia vinha transmitido os atos de depredação de bens públicos por parte dos manifestantes. O apresentador, popularmente chamado Datena, apontava que as manifestações deviam ser pacíficas, sem depredação e invasão da via pública, insistindo nos direitos de ir e vir. De acordo com Viana, o enredo da narrativa do locutor era que uma "manifestação só era legítima quando não atrapalha, do contrário é violência" (VIANA, 2014, p.54). Ao assumir que a população reafirmaria sua oposição ao "vandalismo" e a este "tipo de ato violento" dos manifestantes, o apresentador fez uma enquete em que perguntava se o telespectador era a favor deste "tipo" de protestos. Ao ver que o resultado contradizia sua posição, Datena fez novamente a consulta, pois publicamente afirmou que a população "não tinha entendido bem" a pergunta ao acharem "que esse protesto de quebrar tudo é legal".

---

<sup>106</sup> De acordo com informações do Jornal G1 (10/02/2014) a maioria das ocorrências de queima de ônibus na periferia da cidade em 2013 estava ligada a mortes nos bairros. O Jornal cita como exemplo a morte de um adolescente na Brasilândia de 17 anos de idade, primo de uma das entrevistadas, que morreu após ser baleado por um policial militar em outubro desse ano. Cf. ÔNIBUS é incendiado na Zona Norte de SP.G1, São Paulo, 10/02/2014. Disponível em: [http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/02/\\_onibus-e-incendiado-na-zona-norte-de-sp.html](http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/02/_onibus-e-incendiado-na-zona-norte-de-sp.html). Acesso em 15 de março de 2014.

Desse modo, ele deixava claro que aqueles que não assumiam sua posição de deslegitimar os atos como quebra-quebra, estariam a favor do "vandalismo", sinalizando que ele votaria "não". A enquete foi formulada novamente, com um adendo à pergunta: "você é a favor do protesto com baderna?". O resultado voltou a favorecer os manifestantes. Segundo a autora, desse ponto em diante, e com o apoio massificado que os atos tinham ganhado, a mídia teria reformulado o discurso que figurou numa cisão de telas: por um lado, os "cidadãos" que se manifestavam pacificamente contra a corrupção de verde-amarelo, por outro, "vândalos ou baderneiros" com bandeiras vermelhas e cenas de violência. Desse modo, a posição política da mídia apontava na direção do conservadorismo e do conformismo à ordem encarnado pelo "bom cidadão".

Em termos ideológicos, Flávio Pierucci (1999) no seu estudo sobre o conservadorismo popular, identificou uma vertente da "nova direita internacional": a moralista. A penetração na massa desta vertente moralista teria sido enormemente facilitada por sua dupla e vantajosa aliança: "com a direita truculenta da mídia policial e com a nova direita evangélica, nova no mundo e nova no Brasil, igualmente midiática" (PIERUCCI, 1999, p.82). Para o autor, o moralismo dessa ideologia se alimenta das "preocupações e fobias generalizadas que produzem os discursos da insegurança, da intolerância e da decadência" (ibid., p.82).

A respeito da relação dos jovens da periferia e o sentido político das informações da mídia sobre junho, Luzio (19), que na época das manifestações trabalhava numa ONG na periferia e participava de um curso de formação de outra organização no centro da cidade, notava uma grande diferença no conteúdo das conversas e a respeito do grau de informação sobre os eventos:

Aqui no [programa de formação da ONG do centro], nossa gente, passamos o mês de junho inteiro falando disso e lá no [ONG periferia] eu tive uma outra conversa de acordo com isso, só que lá no [ONG periferia] não tem tanta potência, assim, a conversa lá, por conta deles tá muito desinformado, eles acredita muito no que a televisão fala.

[ no que eles acreditam?] Ah, que é bobagem eles ir pra rua, sobre redução [da maioria penal] Ah, tem que reduzir mesmo. Entendeu? O jovem tinha que morrer, se serve pra matar por que ele não pode morrer? Eles pensa muito isso [ os jovens?] Os jovens lá do [ONG periferia], porque eles pensa isso os jovens do CJ? Porque eles num ouviram, ainda num ouviram... eles não entende o que significa a redução da maioria penal, tipo, ninguém falou pra eles o que era, eles vê o que o

Datena fala, que o jovem tem que morrer, ele vê o que o Rezende fala que tem que ter pena de morte aqui no Brasil e isso o jovem vê, cê entendeu? Eles... [ e o que que eles falavam das manifestações, eles viam, acompanhavam?] É eles viam na televisão e falava "ah, é um monte de besta que tá andando na rua aí, brigando por causa de bobagem, apanhando da polícia", coisa que minha mãe falou pra mim "ah, um monte de gente besta aí que tá... roubando, aproveitando pra roubar, aproveitando pra coisar, enquanto os outros trouxa fica passeando", (...) eu brigo muito com a minha mãe, às vezes, porque minha mãe tem umas ideia doida, minha mãe ela é á favor da redução, assim, eu num sei se ela é ainda, né, porque depois de tanto argumento que eu dei pra ela, acho que agora ela deve estar contra (LUZIO, outubro de 2013).

A principal diferença entre a conversa que Luzio tinha com outros jovens e monitores do curso de formação no centro da cidade, e com os jovens na periferia, era principalmente o acesso à informação. Ao longo de junho o jovem discutiu as manifestações e também questões como a redução da maioridade penal. A informação que sentia receber nestas conversas, faziam delas "potentes" em relação àquelas dos jovens atendidos pela ONG em que ele trabalhava. A escassa informação desses jovens vinha exclusivamente da televisão – principalmente dos programas policiais dos apresentadores Datena e Rezende. O teor reacionário do conteúdo das mensagens ficava explícito no sentido e qualificação dado às manifestações e à redução da maioridade penal. Por um lado, a reivindicação das manifestações eram vistas como uma "bobagem". O fato da pauta ser irrelevante botava em evidência a própria bobagem dos participantes de se arriscarem à violência dos eventos e da polícia por um motivo desimportante. Além do fato desses mesmos participantes também serem vistos como vândalos e ladrões. O sentimento do roubo e a personalização do "ladrão" como alguém que usurpa e é aproveitador, espalhou-se no pensamento conservador, aplicado tanto aos políticos como aos manifestantes. Por outro lado, a redução da maioridade penal era vista como um ato "consequente" à ação do crime, que incluía inclusive a volta da pena de morte. Luzio teve discussões a respeito desses assuntos também com a mãe que pensava de forma semelhante aos jovens, o que na explicação dele se devia ao fato de que "ela assiste muito o Rezende".

Os programas policiais conduzidos por Datena, *Brasil Urgente* na rede Bandeirantes, e Rezende, *Cidade Alerta* na rede Record, são exibidos de segunda a sexta no período da tarde, quase nos mesmos horários (17h às 19:15h e 17:30h às 20:30h, respectivamente) e são uns dos mais assistidos

da grade horária das correspondentes emissoras. Conteúdo e formato também são semelhantes. Os apresentadores comentam no estúdio as notícias e reportagens, intercaladas por tomas e imagens ao vivo de helicópteros sobrevoando a cidade para mostrar geralmente acidentes, enchentes e operações policiais. O apresentador, sempre de pé, acrescenta informações, julga e critica os envolvidos, geralmente adotando um tom grosseiro (ROMÃO, 2013). O conteúdo das notícias envolve acontecimentos principalmente violentos (assassinatos, roubos, sequestros, estupros, batidas policiais) que apelam sempre ao horror na exibição e repetição dos detalhes e na "maldade" envolvida nos atos, ocorridos principalmente na cidade e no estado de São Paulo.

De acordo com Romão (2013), este tipo de programa busca provocar certa identificação por parte dos telespectadores, especialmente com as classes sociais mais baixas. Em geral, as vítimas, testemunhas e os problemas em geral que esse jornalismo cobre correspondem a sujeitos e a experiência com essas classes, que incluem também sentimentos de indignação e injustiça. Desse modo, segundo o autor, o discurso indica que o que está sendo apresentado é a realidade da nossa sociedade: "a realidade ali discutida é a realidade da maioria dos brasileiros e, portanto, os problemas apresentados merecessem toda atenção. Nesse sentido, a utilização de enquetes também parece ser um recurso comum" (ROMÃO, 2013, p.132). A linguagem usada é simples, coloquial e apresenta o uso de gírias e palavrões recorrendo constantemente ao senso comum, portanto. O conservadorismo e reacionarismo deste tipo de pensamento se reflete no maniqueísmo e na auto-atribuição do lado do "bem". De forma semelhante às igrejas evangélicas, como vimos no capítulo anterior, aproximam o horror aos sujeitos para, posteriormente, afastá-los por meio da cisão do bem e do mal, cujo conflito encontra-se externo ao sujeito e no mundo. Os apresentadores, que se colocam sempre de forma muito personalista nas suas opiniões pretendem-se justiceiros "do povo" diante o desamparo e a negligência de governos e políticos corruptos. De acordo com Romão (2013),

Concomitante com as cenas violentas, como já vimos, surgem sempre as exclamações de que isso é um absurdo, é inaceitável, absolutamente intolerável. Dessa forma, apresentador e equipe se colocam no lado do *bem*, no lado do povo trabalhador e correto,

inocentes sobre quem recai a desgraça dessa sociedade doente. O Jornalismo Policial se pretende porta-voz dos justos anseios da população inocente, trabalhadora e desamparada pelo Estado (ibid., p.168).

Os crimes apresentados são protagonizados por sujeitos das classes mais baixas, tratados como vândalos e inclusive como seres "depravados" que se aproveitam de pessoas inocentes, trabalhadores e cidadãos honestos e corretos. A separação entre vândalos e "cidadãos", que vimos nas manifestações, é operada constantemente nesses programas.

Os jovens da pesquisa assistem ou já assistiram estes programas. Notamos que, pelo horário de exibição, a audiência era maior, sobretudo, entre as mulheres que ficavam em casa. Em algumas ocasiões em que as entrevistas com elas foram realizadas à tarde conversávamos com a televisão sintonizada nesses programas como pano de fundo. Observação semelhante fez Caldeira (1984) na periferia de São Paulo, em finais dos anos 1970 e inícios dos 1980, em que a rotina das mulheres envolvia a arrumação da casa com o rádio ligado no programa policial Gil Gomes.

A respeito desses programas, os jovens dividiam-se entre as críticas à excessiva violência e a valorização do fato de mostrarem "a realidade". Sara (21), por exemplo, relatou não gostar desse tipo de programas porque *"muita coisa né? Principalmente o Rezende. Estupro, pedofilia... eu acho que fica muito escancarado, com criança assistindo. Não gosto"* (SARA, agosto de 2014). Por outro lado, afirmava que esse tipo de notícia era exibido para *"mostrar a injustiça no Brasil"* e também *"pra ganhar audiência"*. Wilson (17), também compartilhava desta opinião. Ao perguntarmos se assistia alguns desses programas, respondeu que de vez em quando: *"tem vezes que eu não gosto de assistir não, porque é muita violência, só fala de violência, violência"* (WILSON, setembro de 2014). Ao mesmo tempo, assegurava que mostravam a realidade e que os apresentadores não tinham medo de falar mal de todos; de "bandidos", mas também de policiais. A respeito da exibição da realidade, Gustavo (19) destacou a importância da transmissão do cotidiano: *"o Datena fala bem, xinga os ladrões, mas ele fala o que é certo, o que está acontecendo no dia a dia"* (GUSTAVO, julho de 2014).

Joana foi a única jovem a endossar a violência do programa policial de forma unilateral, ou seja, sem o contrapeso da exibição de violência que

divide internamente a opinião dos jovens. Ela tem 21 anos, mora com a mãe, e foi o caso de isolamento feminino mais radical dentre os casos da pesquisa. Além das rápidas saídas à rua, ficava a maior parte do tempo em casa. Apesar de estar grávida, não ia aos postos de saúde, nem recorria à assistência social pois temia que a diagnosticassem com depressão e tivesse que tomar medicamentos. Tinha desejos constantes de morrer e invejava quem já o tinha feito. Relatou ter sido insistentemente direcionada a ficar em casa pelo ex-marido e pelo pai desde a adolescência. Ambos achavam que ela não devia trabalhar e não podia sair, diante da ideia de que "o lugar da mulher é em casa". Segundo seu relato, "quando ficava em casa, assistia TV e comia o dia inteiro". Ela "desistiu" da escola e não chegou a completar o ensino fundamental, casou grávida aos 14 anos de idade. Teve breves experiências no mercado de trabalho como garçomete e vendedora de loja. Em termos de rendimento, recebe a pensão do ex-marido para o filho e auxílio do namorado para seus gastos que no total somam entre R\$400 e R\$600; o rendimento familiar era de aproximadamente R\$1.200 (1,65 SM)<sup>107</sup>. A respeito do crime, seu tio tinha sido preso por roubo e seu primo, ainda jovem, foi também para cadeia por roubo e por ter matado um indivíduo que "estava devendo" para um traficante. Ela "adora" os programas policiais pois não só passam a realidade, como revelam o que outros jornais ocultam; *"mete o pau nos políticos, passa a realidade que os outros jornais tentam esconder"*. Joana acha que a tortura e a pena de morte iriam diminuir os crimes que são exibidos, cometidos por "vagabundos" e traficantes que usam crianças como "escudo" ao empregá-las no negócio das drogas. Para ela, *"ROTA e choque não dá boi para vagabundo"*.

Por fim, Regina (24), dona de casa, também compartilha da ideia de que esses programas passam a realidade "do dia-a-dia", diferentemente de outros programas de televisão que a tentam ocultar. Veremos também que esta exibição da realidade associa-se ao fato de mostrarem acontecimentos que envolvem a periferia e seus moradores. Nesse sentido, os jovens do estudo assinalaram que é por esse motivo que são realizadas "revoltas" que provocam comoção, justamente para "chamar a atenção" da mídia.

---

<sup>107</sup> Valor referenciando ao ano de 2014.

A respeito das manifestações, no entanto, houve uma variação em termos da reprodução das informações e do discurso da mídia apesar de todos os jovens terem se informado por esse meio sobre as manifestações de junho de 2013.

### ***Opiniões***

No conjunto de entrevistados, identificamos duas posições distintas, sendo a terceira decorrente de uma pressão exercida pelo entrecruzamento de posições sociais e políticas conflitantes a respeito das manifestações sociais. Os jovens do primeiro grupo concordavam e achavam legítimas as reivindicações a respeito das passagens e traziam elementos a respeito do custo de vida e o salário da experiência do trabalhador no transporte público, mas discordavam da desordem vista na destruição de bens de uso coletivo. Desse modo, a referência ao coletivo e ao trabalho aproximava estes jovens ao polo do trabalhador. No segundo grupo, diferentemente, observou-se que suas posições traziam elementos do discurso da mídia. Achavam a reivindicação do preço da passagem irrelevante e faziam uma forte crítica ao "vandalismo", qualificando os manifestantes como aproveitadores e ladrões. Um terceiro grupo, ainda, se viu cruzado pelas duas posições anteriores a respeito das manifestações e acabou se posicionando como "neutro", ou seja, tornando equivalentes ambas as posições e argumentações, ou negando-as. Veremos que opiniões semelhantes foram feitas a respeito de outras mobilizações e ações sociais, especificamente, sobre os "rolezinhos" e as "revoltas" da Brasilândia em decorrência da violência policial.

Na primeira posição a respeito das manifestações, próxima à identificação de trabalhador, os jovens qualificam como "certas" as reivindicações da passagem, mas criticam a destruição do patrimônio público. Vejamos os depoimentos de Vicente (17), Francis (24), e Kaio (16) para a análise das atitudes desses jovens.

Vicente tem 17 anos e mora na Brasilândia com a mãe e a avó. O rendimento familiar segundo declarou era de R\$3.000 (4 SM). A mãe era secretária, a avó aposentada e ele recebia R\$500 de pensão do pai. Estava desempregado na época da pesquisa e tinha retomando o primeiro ano do ensino médio, interrompido um par de anos atrás. Seu interesse em voltar foi

"para ter um emprego melhor mais para frente". Já trabalhou como recebedor de mercadorias numa empresa de coloração de plástico no Bairro do Limão, onde ganhava 1 SM. Ficou nessa fábrica apenas 11 meses; foi mandando embora após o encerramento do contrato, que era temporário. Nesse período de desemprego ficou "à toa" e, segundo um dos seus amigos, vinculou-se à "vida" do crime, chegando a cumprir medida socioeducativa. Quando perguntamos sobre as manifestações de junho, contou que não participou, nem conhecia alguém que tivesse ido, apenas acompanhou pela TV. Ele trouxe como ponto central da sua opinião a experiência no transporte:

[Você acompanhou as mobilizações de junho do ano passado?] "Oi?" [você lembra que teve essas manifestações sobre a passagem?] "Sim". [Você acompanhou?] "Sim". [Você participou?] "Não". [Você conhece alguém que tenha vindo?] "Não". [Você acompanhou pela TV?] "Pela TV, só". [E o que você achou?] "É uma coisa que o povo tinha que fazer isso, não só com a passagem, mas com muitas coisas também que deve estar errado aí. Como imposto, essas coisas. Acho que tinha que abaixar". [Imposto?] "É". [Que outra coisa errada você acha que tem?] "Ah, não vem na mente agora, mas têm muitas coisas que o povo se revolta. Como transporte público, também, podia ter mais. A qualidade dos transportes. O povo sofre muito com isso". [Você usa o transporte público?] "Uso... Não mais, agora eu não estou mais trabalhando. Mas é horrível. Quando eu usava, era horrível. Era muito lotado". [Você acordava que horas?] "Às 6h00, para pegar o ônibus às 7h00. E voltava à tarde. [E como que é o ônibus?] Muito lotado, demorava 40 minutos, 1 hora de pé" (VICENTE, setembro de 2014).

A crítica ao custo da passagem insere-se numa avaliação mais difusa e geral de aspectos da realidade que estão "errados". Por outro lado, a má qualidade do transporte público, no entanto, é particularizada em função da sua própria experiência. Como trabalhador, chegou a realizar a rotina de acordar cedo e pegar o ônibus "lotado", trazendo na descrição desse cotidiano o sentimento de sofrimento em decorrência do aperto e do desconforto; na sua expressão "o povo sofre muito com isso". Ao indagarmos sobre o motivo de ausência dele ou dos jovens que conhece das manifestações, Vicente não tinha uma explicação, e diante da nossa insistência recorreu a uma justificativa relativa à atitudes dos próprios jovens, pela "falta de interesse", ou porque "não querem saber". Assim, a reivindicação encontrava-se, por um lado, próxima da experiência de vida e do mundo do trabalhador mas, por outro, a ação política expressada nas manifestações no centro da cidade era distante. No entanto, Vicente tinha

amigos que participaram dos "rolezinhos" ocorridos entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014<sup>108</sup>.

[Você ficou sabendo dessas coisas dos rolezinhos que têm nos shoppings?] "Fiquei". [Você já foi? Você conhece alguém que foi?] "Não. Conheço gente que foi". [E aí, como que foi essa história do rolezinho?] "Ah, do nada, marcaram na *internet* encontro, essas coisas, e foram. Como se fosse marcado um encontro de *funk*. Só que aí, foi só para encontrar os outros. Aí fizeram e superlotou o *shopping*, tudo. [Que *shopping* que eles foram?] Foi no Itaquera. No *shopping* Itaquera". [E aí, o que eles fizeram no rolê, você sabe?] "Vai conhecer os outros. Fica conversando. Essas coisas. Muitos vão para vandalizar as coisas também. Roubar, quebrar as coisas..." [Por que você acha que eles decidiram fazer essa história de rolezinho?] "Não sei. Ah, não sei. Porque é tipo... para conhecer pessoas diferentes, é o eles falam: ah, conheci gente nova, de outros lugares. Porque ia gente de todo lugar para lá, entendeu? Como aqui, da zona Norte, foi para lá. Aí da zona Sul, zona Leste, tudo para lá... [Por que no *shopping*?] Não sei. [O *shopping* é um lugar que vocês usam muito?] Não. [Passeiam muito no *shopping*?] Não. Não chega a ir muito, não. É difícil. Poucas vezes, só. Mas gosto de ir [O que você faz quando você vai no *shopping*?] Assistio filme, vou no Mc. Essas coisas (VICENTE, setembro de 2014).

A motivação principal dos "rolezinhos", como já vimos anteriormente, era a integração à vida moderna simbolizada pelos *shoppings centers*. Os encontros eram articulados pelas redes sociais para reunir-se em áreas externas para ouvir *funk* e passear no interior dos centros comerciais. Para Vicente, a ampliação da sociabilidade era um dos aspectos valorizados pelos jovens que tinham ido ao "rolezinho" do *shopping* Itaquera. Por outro lado, menciona o "vandalismo" e o roubo exibido na mídia. Apesar dessa contraposição a respeito das motivações dos jovens a ir nesses eventos, a avaliação do fator da sociabilidade não é retirado da sua posição. O jovem tem uma opinião análoga à respeito das "revoltas" da Brasilândia. Neste caso, no entanto, a crítica não aparece formulada em termos do "vandalismo", mas aponta ao fato da destruição dos bens coletivos:

[Teve umas queimas de ônibus na Brasilândia. Você acompanhou, você ficou sabendo?] Isso. Fiquei sabendo, só. Mas não cheguei a acompanhar. [E isso é uma coisa frequente, que as pessoas se revoltam?] Por lá, não. Em outros lugares, eu vejo na TV, sim. Lá para a zona leste, direto. Quando morre alguém, já queimam ônibus, essas coisas. [Você já participou de alguma revolta?] Não. Nunca. [E o que você acha das revoltas?] Ah, não acho nada, para falar a verdade. Aí é do povo... [Mas você acha bom fazer?] Não. Não acho certo. Mas é o único jeito que eles têm de chamar a atenção. [É fazendo essas revoltas?] Isso, para chamar a atenção dos outros. Então, é só assim que ele tem voz de alguma coisa (VICENTE, setembro de 2014).

Na avaliação de Vicente, a queima de ônibus como expressão da "revolta" dos moradores da periferia em decorrência da morte geralmente de

---

<sup>108</sup> A CRONOLOGIA dos eventos dos "rolezinhos" em São Paulo. G1, São Paulo, 14/01/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>. Acesso em: março de 2014.

jovens pela polícia, teve como objetivo "chamar a atenção" da sociedade. Nesse sentido, a mídia é o veículo de realização desse propósito. Aparecer nas imagens da televisão como uma forma de denúncia mostra-se no relato como única opção dos moradores da periferia para ter "voz para alguma coisa". Por isso, apesar de não achar "certo" queimar ônibus, compreende a ação de sujeitos da sua classe socioeconômica como uma medida extrema, dada a marginalização do mundo público. Assim, tanto as "revoltas", como os "rolezinhos" mostravam-se como eventos sociais mais próximos aos jovens, tanto em termos espaciais – já que os *shoppings* escolhidos eram próximos a áreas periféricas – como sociais.

Francis (24) expressava tanto uma avaliação positiva como uma negativa das manifestações. Observemos:

[Você acompanhou as mobilizações que tiveram o ano passado, em junho? Dos jovens que saíram para as ruas pela passagem?] Sei, dos R\$3,00 lá? [É. Você participou?] Não. Você conhece alguém que participou? Não. [E o que você achou daquelas manifestações?] Ah, eu acho que eles foram certos, mas ao mesmo tempo errado. Foram certos de achar ruim que aumentou a passagem, sendo que aumenta passagem, aumenta coisas, mas não baixa alimentos, não baixa nada. Só aumentam as coisas. E o salário não aumenta também. Quando aumenta, aumenta aquele pouquinho, mas aumentou tudo também, e não mudou em nada. A parte ruim é que a maioria do povo brasileiro quer quebrar as coisas que são para eles mesmos usarem. Quebrar ônibus, tacar fogo em ônibus. É para nós mesmo usar. Eles mesmo quebram. E depois fica o pessoal sem andar de ônibus no outro dia pra ir trabalhar (FRANCIS, setembro de 2014).

Sob a perspectiva do trabalhador, são enfatizadas as dimensões sociais do problema do consumo, tanto do nível dos salários, como do custo de vida. Nesse sentido, as reivindicações teriam justificado as manifestações ao denunciar e se opor ao aumento do preço dos bens que consomem, dado o baixo valor do salário, assim como seus pequenos reajustes. Esta diferença restringiria o poder de trazer melhorias materiais, ou a possibilidade de ficar numa relação mais aliviada diante do consumo. Por outro lado, critica-se a destruição de bens coletivos usados pelos próprios trabalhadores para se locomover. A respeito das "revoltas", Francis critica esses mesmos aspectos:

Foi lá perto de casa. Comentaram que tinham matado um estudante, a polícia. E a população se revoltou, fecharam a rua, queimaram ônibus, tacaram pedra no policial. Essas coisas. Às vezes pessoas que estavam vindo do serviço, que não tinha nada a ver... Passou na reportagem, uma mulher que estava vindo, o policial foi e tacou uma bomba, pegou no pé dela. A mulher não tinha nada a ver, estava vindo do serviço só. Cansada... Acabou acontecendo isso. [E você acha que o pessoal se revolta por quê?] Por causa disso, porque os políticos só vão pedir voto na hora de eleição, mas não faz nada pela população. A população não vê benefício, nenhum. Como estou te falando, escola boa, professores bons, médico... às vezes, nossa mãe está doente,

ela tem que ficar xingando no hospital para poder ser atendida (FRANCIS, setembro de 2014).

Além da queima de ônibus, surge no relato a violência e a quebra da rotina e a normalidade envolvida nesses atos, ocorridos próximo à sua casa e que envolveu a interrupção do trânsito e também a violência policial. Do mesmo modo que Vicente, as “revoltas” mostradas na mídia são vistas como atos contra o governo, diante da falta de boas escolas e hospitais, chegando ao ponto das próprias pessoas adotarem atitudes violentas para serem atendidas. O descaso com as reivindicações apresenta-se na figura dos políticos, cujo interesse de contato com a população radica apenas na época das eleições, para “pedir o voto”.

Por fim, Kaio (16) apresenta opiniões semelhantes às dos outros jovens. Mora com a mãe e os irmãos no Jardim Guarani, dentre os quais um tinha sido preso por roubo no mês anterior à entrevista. O jovem cursava o primeiro ano do ensino médio, mas quando fizemos a entrevista não estava frequentando a escola, pois os “traficantes” tinham “tomado conta” do lugar. Isto significava a presença de drogas, além de ações e retaliações entre jovens e a diretoria, o que levava à quebra de móveis e tumulto dentro dessa escola estadual. Pelo relato, nem o diretor, nem mesmo os professores substitutos queriam ficar nessa escola<sup>109</sup>. Por esse motivo, o jovem estava esperando ser transferido. Observe-se sua opinião sobre junho:

[Você lembra que ano passado teve aquelas mobilizações, aquelas manifestações na rua por conta da passagem?] “Lembro”. [Você foi?] “Não”. [Você conhece alguém que foi?] “Não”. [Você acompanhou pela TV?] “Sim” [O que você achou? Porque tinha muito jovem lá] “Ah, eu achei certo porque a passagem estava muito cara, né. Mas também eles foram errados de quebrar as coisa, também, né?” [O que eles quebraram?] “Eles quebraram ônibus, não foi? também? Então. Isso eu achei errado”. [Quando você via pela TV você via por qual programa?] “No SBT” [E eles falavam, o pessoal do SBT achava errado, também?] “É”. [E você acha errado por quê? Por conta da... que eles quebram...] “É”. [Mas você acha que vale a pena manifestar?] “É, vale a pena, mas quebrar não. Porque eles mesmo usam transporte” (KAIO, setembro de 2014).

Assim como nos casos anteriores, no relato aparece a avaliação sobre as manifestações e a atribuição de valores distintos, tanto o “certo” visto nas

---

<sup>109</sup> Em Torres et al (2008) mostramos que em escolas localizadas em áreas com alta concentração de pobreza, a rotatividade do corpo docente e dos cargos de direção era mais frequente do que em escolas localizadas nas áreas mais centrais e ricas da cidade. Vimos que as regras institucionais acabavam por gerar incentivos para que uma parte significativa dos professores optasse por atuar em escolas mais centrais ao longo da evolução de sua carreira.

reivindicações, como o "errado" visto na crítica à destruição dos ônibus. Assim, o aspecto da rotina do trabalhador aparece nos relatos tanto para apoiar as manifestações, dada a experiência de espoliação cotidiana, como para criticar a destruição desses mesmos meios materiais de transporte.

Em todos os casos, há um apoio às reivindicações em relação ao transporte, tanto sobre o preço da passagem, como da má qualidade. Diferentemente do grupo que participou efetivamente, neste caso, o apoio não é mobilizado por argumentos contra a corrupção, mas está relacionado ao mundo do trabalhador e às faltas do Estado. Além disso, observou-se recorrente tanto o fato de terem se informado pela mídia, como o reconhecimento deste canal como veículo para dar visibilidade à periferia e suas demandas. Como já foi apontado, estas aparecem como ações limites diante da invisibilidade e distância de ações políticas massivas como as mobilizações de junho. Por outro lado, tanto as "revoltas" como os "rolezinhos" apareceram como eventos protagonizados por moradores da periferia, mais próximos do seu cotidiano<sup>110</sup>.

O segundo grupo corresponde àqueles que consideravam irrelevante a reivindicação da passagem e, inversamente ao grupo anterior, deram prioridade na argumentação à esfera da desordem provocada pelas manifestações e ao julgamento moral dos seus manifestantes. Avaliações semelhantes fizeram a respeito dos "rolezinhos". Estas eram as opiniões de Teresa (22) e Maria (21) que, como vimos no capítulo anterior, trabalhavam e estavam tentando a trilha da ascensão social. Vejamos o seguinte relato de Teresa (22) sobre as manifestações:

[você chegou a participar das manifestações?] "Não". [Você conhece alguém?] Que participou das manifestações? Olha, tem gente que foi pago para estar na manifestação. Mesmo porque lá em cima, lá perto de casa teve, que saiu um ônibus, o cara pagou cinquenta reais para cada nego ir, segurar cartaz, essas coisas. Então às vezes eu tenho pra mim, eu não vou sair da minha casa, a ponto de tomar uma bala perdida, a ponto de ser agredida ou... eu não faço isso (...) [Mas eram, você lembra... Eram cartaz do quê?] Indo contra? Criticando? Era sempre contra, né? Era uma coisa que tipo, era sempre "O gigante acordou" que é aquela frase que sempre foi usada em todos e meu... É tanta coisa que a gente acaba se perdendo porque é uns absurdos assim, que tipo, não tinha necessidade daquilo. Por exemplo, aquela invasão que teve na câmara, não lembro... Que os caras invadiram e tal a prefeitura (TERESA, agosto de 2014).

---

<sup>110</sup> Em efeito, o primo de Valéria (20) e Ana (17) foi morto no segundo semestre de 2013. Em decorrência, um grupo de moradores queimou ônibus como protesto pela violência policial. Este era o evento que envolvia uma ação conjunta e pública mais presente, próxima às referências de Valéria que se manifestou muito brevemente sobre junho.

Nessa opinião, diferentemente do outro grupo, encontra-se ausente o interesse nas reivindicações a respeito do preço da passagem. Ao invés disso, ressalta-se o fato de pessoas do bairro – no Jardim Carumbé na Brasilândia – terem participado pelo interesse individual de receber dinheiro em troca de levar e segurar cartazes. O medo de ser agredida também sobrepõe-se à uma valorização positiva do próprio ato de participar deste tipo de ato político, fazendo desta uma "aventura" ou algo muito arriscado. A violência nesta perspectiva ganha espaço maior no relato de detalhes sobre a invasão dos manifestantes à prefeitura, o uso de bombas e pedras, assim como a indignação dirigida aos manifestantes e a qualificação das suas ações como absurdas. Destaca-se o desenlace violento por sobre o resultado das reivindicações das manifestações na queda da passagem. *"Quanta gente foi agredida, teve gente que morreu, teve muita gente ferida, porque cara? Pra quê? Teve a redução da condução? Beleza, cara, legal. Valeu? Valeu. Mas se você for olhar os pontos ali teve muita coisa ali que não valeu a pena"* (TERESA, agosto de 2014). Opera-se, nesta perspectiva, a cisão feita pela mídia entre manifestantes pacíficos, "bons cidadãos", e os que praticam vandalismo. Quando voltamos a perguntar sobre o balanço, a jovem respondeu: *"Manifestação sim, vandalismo não"*. Na perda do horizonte das reivindicações, a crítica ao "vandalismo" e à violência têm centralidade nesta opinião. O vandalismo, para a jovem, estaria na ação destrutiva dos manifestantes: jogar bombas caseiras, invadir a prefeitura e "quebrar tudo", todas as imagens que a mídia passou repetidamente por meio de programas e telejornais no período das manifestações.

A perda de relevância das reivindicações face à ênfase na violência dos protestos aparece expressada também na visão de Maria (21):

[Você conhece alguém que foi, participou?] "Não" [O que você achou das manifestações?] "Ah, talvez fosse desnecessária" [Por quê?] "Porque tem tantas outras coisas para as pessoas se preocuparem. Pelo fato de ter aumentado 20 centavos, eu acho que isso não foi motivo para tanta manifestação" [Que outras coisas você acha mais importante?] "Saúde, essas coisas... 20 centavos" (...) [Mas em geral, o que você acha das manifestações das ruas?] Você fazer manifestação é uma coisa. Agora, você estar lá para fazer vandalismo, quebrar, não... isso aí já não tem fundamento. Você quer fazer a manifestação, você leva seu cartaz, você fala o que você quer manifestar. Mas não tem necessidade de você quebrar uma concessionária. O que a concessionária tem a ver com isso? Você quebrar orelhões, destruir as coisas da rua mesmo... [Você acompanhou por onde esse tipo de

manifestação?] Sempre pela TV. [Qual jornal?] Nacional. Jornal Hoje (MARIA, agosto de 2014).

Diante de outros aspectos importantes como a saúde e o "vandalismo" dos participantes, o preço da passagem aparece como um motivo que não justificava as manifestações feitas com "baderna". Separa-se aqui também a manifestação dos atos da destruição do patrimônio, que como já foi apontado teve ampla cobertura dos jornais. De fato, assim como outros jovens, ela acompanhou as manifestações pela TV, especificamente, pelo Jornal Nacional e o Jornal Hoje da Globo. Segundo explica, agora que ela trabalhava, assistia mais ao jornal do que programas policiais que são exibidos no período da tarde. A individualização das manifestações sem "vandalismo" expressa-se na concepção de uma ação que se limita a que o participante leve seu próprio cartaz e escreva nele o que deseja manifestar. Nesse sentido, encontra-se ausente tanto uma ideia do que seria o desejo mais geral ou dos grupos, como víamos na explicação de Elísio, ou uma avaliação sobre os atos ou as reivindicações que se remeta à dimensão social, como no primeiro grupo.

O individualismo – ou a negação da dimensão social dos atos políticos ou coletivos – se expressa também num sentido de priorização da defesa da propriedade privada diante de qualquer ato público, como vimos nas opiniões sobre o "vandalismo". É a partir dessa perspectiva que Maria avalia também os "rolezinhos":

[Você acompanhou os "rolezinhos"?] "Do negócio de *funk*?" [É] Cheguei a ver, foi em Itaquera, não é? [É. Você foi, você viu?] "Não. Vi na reportagem" [O que você achou?] "Absurdo. Porque eu acho assim, já que eles fazem *funk* na rua, quisesse fazer mesmo o evento, fizesse em um local que não fosse em um lugar privado. Porque o *shopping* é meio que uma propriedade privada. Isso também não tinha necessidade, de deixar um ambiente onde uns estavam trabalhando, outros passeando, e foram lá para tumultuar mesmo" (MARIA, agosto de 2014).

Assim como nos outros depoimentos desse grupo de opiniões, o sentimento de "indignação" contra o ato de manifestantes ou de sujeitos que agem coletivamente expressa também a negação de atos públicos. A propriedade privada é defendida a ponto da jovem observar nestes passeios apenas um desejo de "tumultuar" e infringir a ordem estabelecida dentro dos *shoppings*. Como já foi discutido, estes espaços negam as contradições da cidade e buscam produzir internamente, e no espaço privado, uma ideia de

"qualidade de vida" urbana vista, por exemplo, através da perspectiva da segurança.

Sintetizando, as opiniões destes grupos podem ser organizadas a partir das percepções sobre i) as reivindicações das manifestações sociais e políticas e ii) a ordem. As atitudes do primeiro grupo exprimem uma valorização de elementos coletivos e públicos que se vinculam à identidade de trabalhador. As reivindicações são vistas como legítimas e importantes, apesar da crítica à desordem das mobilizações sociais, e trazem questões como a má qualidade do transporte público, a experiência do cotidiano no ônibus e o nível do salário e custo de vida. A crítica à destruição se direciona principalmente a ações contra o meio material de transporte.

Ao mesmo tempo, a respeito das "revoltas" se compreende que os atos de destruição de ônibus são uma atitude limite de moradores da periferia para "chamar" a atenção da sociedade para seus problemas por meio da mídia. No segundo grupo, a dimensão da ordem ergue-se por sobre a motivação das reivindicações. Elas são vistas como irrelevantes, na ausência de algum elemento que indique uma importância coletiva e diante do medo do "vandalismo" – violência e tumulto – dos atos. Observa-se uma abertura apenas para manifestações individualizadas em que cada um leva um cartaz e sem desordem. A crítica é expressa com sentimentos de indignação e na qualificação destes atos como "absurdos", indicando a destruição do patrimônio, neste caso, público e privado. A defesa é feita do ponto de vista dos proprietários e dos trabalhadores que são violentados por estas ações e se vêm completamente fora das reivindicações. Assim, as opiniões antagonizam no âmbito das reivindicações em opiniões que se aproximam de uma dimensão coletiva, por um lado, e outra que se afasta numa concepção que não encontra sentido nesse plano e na referência a problemas comuns.

Um terceiro conjunto se viu cruzado por esses grupos de opiniões, trazendo argumentos de ambos os lados chegando, inclusive, a manifestar-se no plano da "neutralidade" ou da negação. Vejamos as opiniões de Sara (21), Kelly (23), Luis (21) e Gabriela (20).

Sara (21) trabalha e foi a única dos não-participantes das manifestações a ter presenciado os atos de junho na volta do trabalho:

[Você chegou a participar?] "Não, Deus me livre! Morro de medo". [Por quê?] "Tenho medo de vandalismo, muvuca. Não gosto". [Mas você fala assim... de que rola um vandalismo no meio da manifestação?] "Ali no centro sim, por exemplo, na Paulista não muito, mas no centro rola o quebra-quebra". [E a questão do aumento?] "Achei ridículo né, 20 centavos. Mas para mim não faria diferença porque era só 6% do meu salário da mesma forma". [Mas você acha bom o pessoal se manifestar?] "Achei, referente a isso achei. Deu impressão que a gente era oprimido por eles e de repente todo mundo saiu na rua dizendo que não é do jeito que eles querem né? Que a gente tem direito também" (SARA, agosto de 2014).

Observa-se no relato que, por um lado, a jovem mobiliza o argumento do medo do "vandalismo" e torna a participação nestes atos algo perigoso. Além disso, a reivindicação do preço da passagem mostra-se irrelevante dado o baixo impacto no seu salário. Neste caso, se inverte a relação que observávamos anteriormente em que o salário era posto face ao aumento do custo de vida – e por isso valorizava-se a reivindicação –, inserido no contexto mais amplo do funcionamento da sociedade.

Por outro lado, e num sentido oposto, a jovem valoriza as manifestações como possibilidade de expressão da opressão cotidiana do trabalhador e de reivindicação de direitos, indo para a referência ao coletivo. Quando perguntamos sobre a ausência das pessoas que ela conhecia nos atos, mobilizou como explicação a atitude de "desinteresse" do conjunto social, como visto nas opiniões do primeiro grupo.

De forma semelhante, Kelly (23), dona de casa, reage à pergunta sobre o conhecimento e participação das manifestações de junho expressando medo: "*[Você lembra que teve manifestações contra a subida do preço do ônibus? Chegou a acompanhar?] 'Ah, eu vi' [Você chegou a ir alguma vez lá?] 'Eu não. Deus me livre. Naqueles negócios... morta por causa de besteira, de preço de passagem'*" (KELLY, janeiro de 2014). Neste caso, a relação entre o medo da desordem e a consequente desvalorização das reivindicações da passagem é direta. Por outro lado e, apesar disso, a jovem volta a ponderar a demanda: "*[O que você achou disso?] 'Eu achei injusto ter aumentado a passagem. Porque tem gente que não tem dinheiro para pagar. Passagem, antes, era 1,20. Agora já está... Agora está R\$ 3,20, a passagem'*" (KELLY, janeiro de 2014). A menção sobre a injustiça contra aqueles que o aumento do custo da vida afeta mais intensamente retoma a dimensão social das reivindicações.

Luis (19) apresentava sua posição como "neutra" ou "em cima do muro" a respeito das manifestações de junho:

[O que você achou das manifestações, o que as pessoas estavam pedindo? ] "ah, pelo conhecimento que eu tive foi pela passagem não foi? já abaixaram não foi? eu não vou, em cima do muro, em cima do muro" [Porque?] "Porque acho que não há necessidade, o Brasil não tem como fazer essas coisas. Você viu que eles [MPL] estavam fazendo comparação com os EUA?. Teve uma época que eles fizeram protesto, faz pouco tempo, não sei porque lá do Presidente... aqui no Brasil eles querem comparar com os EUA? não tem como". [Você acha que o Brasil não conseguiria ter uma coisa como lá?] Com certeza não, de jeito nenhum [e porque você fala em cima do muro? em relação a que? a ir para a manifestação?] A ir, a ficar dando opinião... (LUIS, junho de 2013).

A entrevista com Luis foi feita no período das manifestações, no dia 22 de junho, quando o movimento já tinha alcançado o auge e conseguido revogar a alça da tarifa. Ele tinha assistido ao programa Roda Viva na TV Cultura, transmitido em 17 de junho, em que os militantes do MPL foram entrevistados. Por isso, cita o objetivo do passe livre como algo impossível de ser alcançado num país como o Brasil. A posição neutra o leva, por um lado, a não deslegitimar a reivindicação ou ser contrário a elas, mas por outro, a torná-la inviável dada a impossibilidade de implementar algo tão avançado no país. Sua explicação o leva a questões de ordem moral: "*o brasileiro é muito sem vergonha... tem os cidadãos que quer, mas é minoria porque não tem solução...* (LUIS, junho de 2013)".

Desse modo, surge uma antecipação que anula a possibilidade de uma mudança maior como tornar o transporte gratuito. Quando indagamos a respeito da sua posição "em cima" do muro ele respondeu: "*Do jeito que está... tá tranquilo, tive aumento de salário. Quem paga o passe é o meu patrão, eu uso carteirinha escolar, pra mim... do mesmo jeito quem ia pagar era ele, ia tirar a percentagem do meu holerite do mesmo jeito, então...*" (LUIS, junho de 2013). Ao enfatizar a tranquilidade – uma das principais necessidades dos jovens, como já foi discutido aqui –, a vida com os reajustes do salário mínimo, que tem prioridade no seus relatos, parece ser suficiente. Assim, transfere o ônus da passagem para o chefe e argumenta que sua vida não se viu afetada, nem positiva nem negativamente, pelo atendimento da pauta de junho. Nesse sentido, ainda que tenha concordado com a revogação do aumento da tarifa, o receio do tumulto e a interrupção da normalidade vem a tona para mostrar a importância de limitar a prolongação

das manifestações: *"foi bom que abaixou a condução, a R\$3,00, vai abaixar ainda né... não tem necessidade de ter manifestação. Acho que o que estava em debate já foi resolvido. Então já acabou. Chega, você vai ver o prejuízo para a cidade"* (LUIS, junho de 2013).

A respeito da ordem o jovem se vê entre uma posição que critica a destruição de bens de uso comum e aquela que personaliza e julga aos manifestantes como "vândalos". Vejamos os seguintes relatos:

acho muito errados os protestos porque, porque tá destruindo as coisas que a gente mal tem, pô. Você viu o que fizeram com os ônibus lá? Eu tava assistindo no jornal (...) devia fazer um protesto mais organizado, não destruindo o que a gente mal tem. Quem perde é todo mundo, quem tá protestando, quem tá em cima do muro, quem não precisa" (LUIS, junho de 2013).

não dá para distinguir. Igual na paulista, vi a reportagem que saquearam uma joalheria... o cara teve um prejuízo de 2 milhões, foi perto da prefeitura, foi loja de celular...? então não dá para distinguir que é o manifestante e quem é o baderneiro (risos) baderneiro [rindo e pronunciando a palavra com dificuldade]... [onde você ouviu essa palavra?] vi na TV, no jornal da Record, o pessoal fala que quem fica fazendo vandalismo é baderneiro (LUIS, junho de 2013).

No primeiro parágrafo, a crítica à destruição dos ônibus traz a ideia de um prejuízo geral, tanto dos manifestantes, como dos que "não precisam" do atendimento das reivindicações do protestos e dos que estão "em cima do muro", revelando uma terceira posição entre estes. Já no segundo, o jovem parte se referindo à confusão existente entre "baderneiros" e manifestantes, o que justifica o discurso da mídia de cisão entre cidadãos e vândalos. Diferentemente do primeiro parágrafo, critica-se a destruição de negócios privados.

A respeito do mundo público e as manifestações, Luis trata a inserção dos seus amigos a partir da margem social. Quando indagado sobre a participação deles responde: *"Ah, naquelas, igual na virada cultural. Sempre vai os que querem se aproveitar da situação, você acha que ninguém quer? você não sabe o que se passa na cabeça desses moleques, é roubar... roubar, é o que mais eles pensam, é a conversa, só falam nisso... Tem bagunça, você vai deixar loja aberta, você acha que não vai ter os aproveitadores lá?"* (LUIS, junho de 2013). Desse modo, assim como em outros eventos sociais da cidade, os amigos iriam apenas para "se aproveitar" da situação, sem qualquer interesse para além disso. Reforçando, dessa forma, o discurso da mídia do "vandalismo" e da separação ou cisão

que existe entre esses e os "bons cidadãos" que não perturbam a ordem pública e se manifestam pacificamente. O grupo de amigos que trabalha e estuda, segundo ele, acha "ruim" a redução da passagem em decorrência da diminuição do valor que vem no passe de transporte escolar, que no seu cálculo também diminuiria. Aspecto que também destaca como negativo. A respeito das consequências mais gerais sobre a qualidade do transporte, Luis acreditava que esta iria piorar pois os empresários, o Estado, a Prefeitura, os comerciantes, etc. – incluídos no mesmo grupo cujo objetivo é "tirar dinheiro" para continuar enriquecendo – tratariam de compensar a queda no valor da passagem *"botando tranqueira pra andar na rua, nós vai andar com tranqueira... com ônibus velho"* e de certa forma repassar o prejuízo para a população.

Uma antecipação da impossibilidade de mudanças observou-se também no depoimento de Gabriela (20), dona de casa, a respeito das reivindicações:

Só porque ia aumentar, né? Pra mim tanto faz, porque adiantou o quê? Nada, né? E todo mundo, acho, que já sabia que não ia adiantar nada. Porque é que nem eu te falei: parece que a gente estamos esquecidos, e nossa opinião não vale de nada. Então não adianta protestar, porque não vai acontecer. E não aconteceu mesmo. Cada ano que passa a condução aumenta, né? Todo ano aumenta a condução. Daqui a pouco vai estar cinco reais (GABRIELA, maio de 2014).

A percepção de que a ação política vista nas manifestações não leva a nada ou não pode mudar o curso dos acontecimentos, a exemplo do aumento progressivo da passagem, leva a jovem a reafirmar que os indivíduos da sua classe socioeconômica encontram-se à margem da sociedade e são desvalorizados inclusive em suas opiniões. Nesse sentido, a alteração na capacidade de dar sentido à experiência traz, na explicação de Kehl (2009), fortes impactos na ação política transformadora :

transtornos da esperança trazem graves efeitos colaterais de resignação e fatalismo, sintomas da anulação do sujeito (desejo) quando ele vive a impressão, ou a certeza, de que sua existência não há de fazer nenhuma diferença no curso "natural" da uma vida que não lhe pertence, pois já está desde sempre determinada por interesses e poderes planetários imunes aos efeitos da ação política (KEHL, 2009, p.57).

Aqui, a ação política escapa ao sujeito. Emerge, então, o tempo do curso "natural" da vida e as ações para ir "se virando" dentro dela em que todos os resultados previamente determinados são causados por forças para

além do seu alcance de ação. Nesse sentido, a posição adotada é a de mostrar apatia pelos dois lados – a favor ou contra as manifestações. As consequências, para além de positivas ou negativas, em nada irão modificar sua realidade. Esta posição encontra-se ancorada no destaque da invisibilidade que o sujeito da periferia tem diante do mundo público.

Concluindo, os resultados mostraram uma ausência dos jovens do estudo nas manifestações de junho. Como vimos, as informações que receberam sobre os atos eram escassas e vinham predominantemente da mídia. Encontramos, contudo, opiniões conflitantes a respeito das manifestações sociais. Por um lado, um grupo concordava e achava legítimas as reivindicações a respeito do preço da passagens e trazia elementos do mundo do trabalho como custo de vida, o salário e a rotina no transporte para justificar sua posição favorável. Discordavam, entretanto, da destruição de bens de uso coletivo. Por outro lado, identificamos opiniões que desvalorizavam a reivindicação do preço da passagem em face ao "vandalismo" dos manifestantes. Não encontrando uma ligação entre estas e referências comuns ou coletivas, as opiniões enfatizavam aspectos individuais. Nesse grupo, observamos mais amplamente elementos do discurso da mídia, especificamente a respeito da cisão entre manifestantes – vistos como "bons cidadãos"– e "baderneiros", na atenção à violência e ao julgamento moral e na ênfase do prejuízo generalizado à propriedade privada, à cidade, aos trabalhadores, aos proprietários do comércio, etc. Este padrão de conflitante de atitudes a respeito das manifestações, como buscamos defender neste trabalho, pode ser compreendido à luz das pressões cruzadas.

Na explicação de Lipset (1967) os estratos sociais inferiores se vêm submetidos a distintas pressões sociais que explicariam uma variação no seu interesse e comportamento político. Estas diferenças podem corresponder, segundo o autor, ao fato de que ao mesmo tempo que as classes populares são influenciadas pelos partidos e organizações que advogam por seus interesses e por reformas sociais e econômicas, são expostas às influências conservadoras das classes superiores por meio das escolas, igrejas, mídia, etc. Desse modo, o autor afirma que os estratos inferiores "são colocados, portanto, numa situação em que a informação é não só mais escassa, mas também conflitante, e em que fica sujeita a pressões grupais opostas"

(LIPSET, 1967, p.216). Diferentemente das classes mais abastadas, cujas influências apontam para uma só direção política e que, portanto, vivem num meio político "homogêneo"<sup>111</sup>. Desse modo, segundo Lipset (1967), se por um lado a inferioridade social e econômica predispõe os sujeitos das classes populares contra o *status quo*, por outro, são influenciados por reivindicações tradicionais do sistema vigente.

No caso brasileiro, de acordo com Singer (2000), há ainda mais um elemento relacionado à percepção da ordem das classes populares que, em termos do posicionamento ideológico, os levam a se localizar à direita no espectro. Diferentemente dos países centrais, nos quais a localização à esquerda ou à direita se dá pela posição em relação às mudanças na direção da igualdade social, os grupos sociais mais pobres no Brasil aderem à ideia de mudanças em direção à diminuição da pobreza, entretanto, sem prejuízo da ordem e por meio da ação de um Estado fortalecido. Ou seja, não pela via da mobilização social como os partidos de esquerda defendem, o que envolve a desestabilização da ordem em algum grau. Essa atitude a respeito das eleições encontra semelhança no que se refere às manifestações. Como vimos, havia, em maior ou menor grau, um receio geral entre os jovens a respeito da desordem dos atos. Em que pese o fato das reivindicações sobre a passagem encontrarem-se próximas à experiência de vida dos jovens e do mundo do trabalhador – como o primeiro grupo de opiniões mostrou – a ação política expressada nas mobilizações sociais no centro da cidade eram distantes, quando não eram vistas como "improdutivas" no sentido da impossibilidade de levar a qualquer mudança substantiva. Por outro lado, alguns deles ainda assim sustentavam, apesar das suas críticas, a desordem das "revoltas" ou mesmo o tumulto dos "rolezinhos" – mais próximos da sua realidade – como uma ação orientada à inclusão social de um grupo marginalizado. Acreditamos que esta "abertura" com ressalvas à desordem deve-se, principalmente, por serem consideradas como medidas extremadas, no caso das revoltas, para chamar a atenção dos problemas do seu grupo social.

---

<sup>111</sup> Lipset ilustra o argumento dando o exemplo dos jornais. Explica que enquanto os trabalhadores leem jornais opostos ao sindicato ou partidos trabalhistas, os homens de negócios leem jornais que reforçam suas opiniões políticas básicas.

É importante notar que a experiência dos moradores da periferia envolve interrupções na normalidade por situações que não se encontram em áreas centrais ou onde moram as classes mais ricas – "toques de recolher" por rixas entre traficantes e polícia<sup>112</sup>, escolas que interrompem seu funcionamento e são submetidas à alta instabilidade e mudança do quadro docente, invasões violentas da polícia às casas ou espaços de lazer, tráfico em espaços públicos, a vida no crime, etc. Portanto, a ordem que os jovens das classes populares buscam contrasta com a instabilidade e a desordem que rodeia seu cotidiano.

## 2.2 Comportamento eleitoral

A análise da significação dada pelos jovens ao ato de votar nos permitiu identificar os motivos que os levaram a tomar a decisão de participar ou não das eleições na escolha de um candidato<sup>113</sup>.

Até o período anterior às eleições de 2014, que será foco de análise da próxima seção, oito jovens do total de vinte nunca tinham participado de uma eleição. Este grupo corresponde principalmente àqueles com idade entre 16 e 18 anos, ou seja, os mais novos dentre os entrevistados. Em 2012, quando foi realizada a eleição municipal, esses jovens tinham entre 14 e 16 anos de idade. Portanto, ou não estavam em idade legal para votar ou podiam fazê-lo de forma facultativa, no caso dos maiores de 16 anos. Do grupo, os mais velhos dos "não estreantes" eram Vidal (20), que não tinha votado ainda pois estava preso na última eleição, e Joana (20) que assinalou não ter tido interesse até esse momento em "tirar o título eleitoral". Portanto, para uma parte dos jovens do estudo, as eleições de 2014 colocava pela primeira vez a necessidade de votar e escolher um candidato.

Entre aqueles que já tinham participado de eleições (12 jovens), todos tinham votado em algum candidato do Partido dos Trabalhadores (PT). A

---

<sup>112</sup> Segundo relataram Sara e Gabriela, algumas das "revoltas" da Brasilândia foram feitas no âmbito de brigas entre policiais e traficantes. Instalou-se um "toque de recolher" que restringia a circulação dos moradores, houve cortes de luz e grande desespero em função dos assassinatos que ocorreram nesse período.

<sup>113</sup> Apesar da obrigatoriedade do voto no Brasil para os cidadãos acima de 18 anos de idade, consideramos o ato de votar como a tomada de decisão e escolha de um dos candidatos em disputa. No movimento oposto, encontramos a justificativa do voto, o voto branco e o nulo.

referência da escolha era principalmente o voto no executivo para prefeito e presidente; neste caso nos candidatos Fernando Haddad e Marta Suplicy e Dilma Rouseff, respectivamente<sup>114</sup>. Em dois casos, o voto na eleição municipal tinha sido para candidatos de outro partido. Kelly (23) votou em José Serra (PSDB) no primeiro e segundo turno, e Sara (21) no candidato Gabriel Chalita (então PMDB) no primeiro turno e em Fernando Haddad, no segundo. Dada a recente vida eleitoral dos jovens<sup>115</sup>, o comportamento dos pais era mobilizado pelos jovens como referência de votação. Na quase total maioria, com exceção de um caso, os pais e familiares eram eleitores do PT ou já tinham votado em candidatos desse partido. Este era, como veremos, o partido identificado como preferência dos pobres, da "comunidade", do pessoal do bairro. Desse modo, nos encontrávamos diante de um quadro de forte presença do PT tanto nas referências parentais mais próximas como no ambiente social.

A adesão das classes populares aos candidatos do PT no executivo decorre do que André Singer chamou de "realinhamento eleitoral" do lulismo (SINGER, 2009; SINGER, 2012). Estas classes, que davam seu apoio eleitoral, até então, a partidos conservadores ou à direita do espectro ideológico (SINGER, 2000), entraram em cena como uma "nova força política" nas eleições presidenciais de 2006, com a liderança de Lula (SINGER, 2012). Segundo o autor, esse pleito foi decisivo do ponto de vista das classes sociais, pois houve um afastamento da classe média e uma aproximação de um contingente pobre que se viu beneficiado pelas políticas

---

<sup>114</sup> Na pesquisa, notamos que o voto para governador e para o legislativo eram lembrados com dificuldade. Inclusive, no caso das eleições de 2014, ainda que em menor intensidade. Sugerimos que, além da questão da memória, a confusão sobre o funcionamento do sistema político e eleitoral opera com mais intensidade nestes casos. Há uma grande desinformação a respeito do papel do legislativo e dos distintos níveis da federação (federal, estadual e municipal). Essas informações se mostraram menos confusas a respeito do executivo federal e municipal. Nesse sentido, as tensões e disputas são mais acirradas no caso do executivo, o que dá maior visibilidade aos candidatos e seus partidos a esses cargos. Os "protagonistas" dos pleitos para presidente e prefeito, acabam se destacando por sobre o governador, cuja eleição coincide com as presidenciais.

<sup>115</sup> Em função da faixa etária dos jovens do estudo, de 16 a 24 anos de idade, e dos pleitos eleitorais mencionados em entrevistas, o universo da experiência de votação dos entrevistados corresponde às eleições municipais de 2008, às presidenciais de 2010 e às municipais de 2012. A maioria fez referência principalmente a esta última. Houve apenas dois casos em que foi mencionado o pleito presidencial de 2006. Regina (24), que estava por cumprir os 25 anos de idade no fim de 2014 e teria votado pela primeira vez com 17 anos. Kelly (23) tinha uma lembrança vaga que não chegou a confirmar. Nesse caso, teria votado com 16 anos de idade.

sociais e econômicas, sobretudo, nas regiões mais pobres do Norte e Nordeste do país<sup>116</sup>:

"o pivô" do lulismo foi de uma parte a relação estabelecida por Lula com os mais pobres, os quais, beneficiados por um conjunto de políticas voltadas para melhorar as suas condições de vida, retribuíram na forma de apoio maciço e, em algumas regiões, fervoroso da eleição de 2006 em diante. Paralelamente, o "mensalão" catalisou o afastamento da classe média, invertendo a fórmula de 1989, quando Lula foi derrotado exatamente pelos mais pobres, que tinham votado em Collor (SINGER, 2012, p.17).

Desse modo, no que Singer chamou de "realinhamento", os mais pobres teriam aderido a Lula e ao PT e, por sua vez a classe média ao PSDB. Este movimento dual teria estabelecido uma separação política entre pobres e ricos, incrementando com isso a tensão social no quadro eleitoral. Um aspecto fundamental do ponto de vista ideológico do lulismo era que estas mudanças direcionadas à diminuição da pobreza foram feitas sem confronto com o capital, por um lado, e via Estado, por outro. Diferentemente da valorização do conflito político dado pelo PT para obtenção de mudanças sociais, segundo o autor as classes populares esperam que estas sejam feitas de cima para baixo, por meio do Estado, e sem ameaça de desestabilização da ordem. Esta visão conservadora dos pobres – como foi possível constatar na seção anterior a respeito das mobilizações sociais – teria sido integrada num projeto político baseado num "pacto conservador" que possibilitou governos de "arbitragem de classes sociais" e a realização de mudanças sociais sem alterar a ordem. Com isso, reuniam-se num mesmo projeto político elementos ideológicos de esquerda e direita. Em certo sentido, estes aspectos teriam trazido à tona "a gramática varguista, que opunha o "povo" ao "anti-povo"" (ibid., p.16) além do aspecto projetivo das classes populares na figura de Lula. Entretanto, diferentemente do populismo varguista, segundo Singer, o lulismo beneficiava populações mais excluídas socialmente (fora do emprego formal) e com apoio do PT à liderança de Lula, cuja aproximação ao lulismo de forma paulatina teria evitado a projeção solta dum líder carismático. É importante notar que, no caso da Brasilândia, há também um histórico significativo de enraizamento do PT nos anos 80.

---

<sup>116</sup> Inclui-se também entre as medidas para diminuição da pobreza monetária a ativação do mercado interno e o aumento do poder de consumo das classes baixas, e um processo de integração de um contingente desse subproletariado à condição proletária com a ampliação de postos de trabalhos formais (SINGER, 2012).

Especialmente, nos movimentos sociais ligados à saúde e habitação e às CEBs (ROCHA, 2013). Portanto, havia um "memória" a respeito do partido anterior ao lulismo entre os pais dos nossos entrevistados, como verificamos no caso da mãe de Luis, e que se ligava às lutas por melhorias no bairro.

### ***A escolha do voto e o grupo social***

Nas entrevistas com os jovens do estudo a respeito do comportamento eleitoral, observamos referências constantes ao grupo social à qual pertencem. Eles depositavam uma confiança nas posições do grupo, ainda que não soubessem reproduzir os argumentos, não lembrassem deles, ou ainda o fizessem de forma difusa<sup>117</sup>. Como foi discutido no Capítulo 1, em que analisamos o processo de formação da visão de mundo do trabalhador, observamos que a família era uma referência fundamental na visão de mundo do trabalhador, e organizava seus valores centrais. Para Sader (1988), essa visão fechava-se num círculo que começa e termina com a família. Portanto, esta é uma referência fundamental da identidade do trabalhador.

As menções iam de relações diretas da preferência dos pais às suas escolhas e alusões gerais da presença do PT no seu ambiente social, à citação de elementos mais concretos vinculados à outorga de benefícios e associações entre partidos e classes sociais. Vejamos os seguintes relatos:

[qual é o partido mais presente aqui, qual que você acha que é?] "É o PT". [Por quê?] "Eu não sei te explicar... Eu não sei falar". [E porque que você tem essa impressão] Nossa, agora... [Não, vamos lá, com calma. Você vê as pessoas comentando, é porque as pessoas votam?] "Porque a maioria das pessoas votam

---

<sup>117</sup> De acordo com Gramsci, a filosofia "espontânea" e, portanto, a posição intelectual – opiniões, convicções, critérios de discriminação e normas de conduta – do indivíduo das classes populares é vivida como fé nas referências do grupo social. O fato destes sujeitos não mudarem de convicções constantemente diante de adversários que sabem argumentar as suas razões melhor do que eles, deve-se à fé que os sujeitos depositam no grupo social ao qual pertencem na medida em que este pensa as coisas também difusamente, como ele. Nas palavras de Gramsci: "o homem do povo pensa que tantos não podem se equivocar tão radicalmente, como o adversário argumentador queria fazer crer; que ele próprio, é verdade, não é capaz de sustentar e desenvolver as suas razões como o adversário faz com as dele, mas que, em seu grupo, existe quem poderia fazer isto, certamente ainda melhor do que o referido adversário; e, de fato, ele se recorda de ter ouvido alguém expor, longa e coerentemente, de maneira a convencê-lo, as razões da sua fé" (GRAMSCI, Caderno 11, [III]§12, p.109). Desse modo, o sujeito não traz a tona ou não lembra das razões concretamente apresentadas e não saberia reproduzi-las, mas sabe que existem, já que ele as ouviu expor e ficou convencido delas: "O fato de ter sido convencido uma vez, de maneira fulminante, é a razão da permanente persistência na convicção, ainda que não se saiba mais argumentar" (GRAMSCI, Caderno 11, [III]§12, p.109).

nesse". [E você ouve as pessoas falarem disso?] "Não, eu só vejo, a maioria da minha família vota no PT". [E eles falam por quê?] "Não" (KAIO, agosto de 2014).

[você já votou alguma vez?] "Sim, para as eleições de prefeito". [em quem?] "Não lembro não..." [leitura da listagem dos candidatos] "Votei no Haddad, aqui no Guarani" [porque você votou no Haddad?] "Porque minha mãe falou que ia votar nele, eu também votei" (...) "Minha mãe falou que ia votar no PT, também falei vou votar" [sua mãe vota no PT?] "Acho que sim" (GABRIEL, julho de 2014).

[você vota desde os 17?] "É que a primeira vez que eu votei eu tava grávida da minha filha". [Você votou em quem?] "Acho que foi no Lula que eu tinha votado. Porque eu sempre votava no PT, governador, prefeito na Marta, eu lembro que eu já votei. Era sempre no PT que eu votava". [E por que você votava no PT?] "Acho que é por causa de família, sabe? Minha família sempre votava no PT" [E por que eles votavam no PT?] "Ah, eu lembro do Lula porque minha mãe falava que ele era conterrâneo, que ele era bom, isso e aquilo outro" (REGINA, setembro de 2014).

[Mas por que você votou o Haddad e não em outro?] "Sabe por que eu votei nele? Porque todo mundo estava votando. Aí eu fui e votei também". [Quem é todo mundo?] "Ah, da minha família, a maioria votou nele". [Por que eles votaram no Haddad?] "Não sei. Acho que acharam que ele ia fazer coisas, né? Que nem ele falou que ia fazer". [Tipo o quê?] "Um monte de coisa. Que nem do bilhete único lá, que falou que ia fazer melhor. Adiantou o quê? Nada. É que nem o negócio da Mãe Paulistana lá, da gente. Coisa tudo feia. Nossa, eu acho que... e ainda tem gente que depende disso, né?" [E você ficou na dúvida entre ele e outro candidato?] "Não". [Teve dois turnos. Você lembra?] "Pra mim... por isso que eu estou falando, tanto faz, sabe? Eu votei no mesmo, acho, no segundo turno" [No Haddad também?] "É". [por que sua família votou no PT? "Ah, não sei. Eu acho que é desde a... lembra da Marta? Desde quando é a Marta que eles votam no PT" [Pela Marta? Por quê?] "Por causa das coisas que ela fez, né? Da Renda Mínima, colocou bilhete único, na época. Tinha aquele negócio do Vai e Volta da escola" (GABRIELA, maio de 2014).

[Você lembra em quem você votou?] "A última eleição de presidente foi a Dilma. Eu votei tanto é... Na Dilma mesmo, porque minha família, a maioria é petista. A maioria é petista alguns são PSDB e tal, mas a maioria parte pro lado do PT" (TERESA, agosto de 2014).

A referência ao grupo familiar apontava para a escolha de candidatos do PT como padrão recorrente. Entre aqueles jovens que já tinham participado de eleições, enxergava-se uma relação entre o comportamento do grupo familiar e o seu próprio. Notamos também que a experiência em pleitos anteriores parecia influenciar no grau de dispersão maior ou menor da opinião do jovem na coletividade.

Kaio (16), que ainda não tinha estreado eleitoralmente, identificou o PT como o partido mais presente e em qual a maioria da sua família vota. Entretanto, sem conseguir reproduzir uma explicação ou um argumento mais concreto a respeito desse apoio. No caso de Gustavo (19), a disputa municipal de 2012 foi a ocasião de sua estreia como eleitor e, ainda com dificuldades de lembrar da escolha, mostrou que diante da falta de um padrão anterior de votação, seguiu a preferência da mãe. Regina (24) é, por

oposição, uma das jovens que iniciou sua participação na política há mais tempo e com menos idade. Em 2006 recordava vagamente de ter votado em Lula e assegura que, desde então, o voto no partido do candidato tinha-se tornado um padrão. Cita também o comportamento eleitoral da família que agrega o elemento de identificação destes com a trajetória de Lula, seu "conterrâneo". Teresa (22) faz referência direta entre sua escolha e a preferência partidária da maior parte da sua família que considera "petista". Por fim Gabriela (20) traz a confiança na votação de "todo mundo", referindo-se mais especificamente à família, como explicação do seu voto no candidato do PT. Esta foi, provavelmente, a primeira eleição da qual a jovem participou. Neste caso, os benefícios e os programas sociais mostraram-se motivadores do voto da família e dela. Por isso, a outorga teria gerado uma vinculação do padrão de votação da família ao partido, desde o governo Marta, e por outro, a queda dessa oferta, causado um desapontamento com o prefeito escolhido.

A referência à relação do partido e seus candidatos com seu grupo social estendia-se também para além do grupo familiar, na aproximação do PT aos pobres. Nos relatos, havia uma percepção da melhoria de vida das classes mais baixas do governo Lula:

Eu não tenho nenhuma noção de mudança de Fernando Henrique, esses presidentes anterior, porque eu também não tinha cabeça pra essas coisas. E apesar que eu acho que eles não fez muitos feitos não, porque se tivessem feito alguma coisa grande assim teria repercussão até hoje. [E você acha que o governo Lula fez alguma contribuição grande?] Fez, fez. [No que, por exemplo?] Ah, principalmente nas áreas mais carentes esses negócios você vê, você nota a mudança, em projetos, um monte de negócio que eles fizeram. [Se você pudesse me dar um exemplo assim] Bolsa Família esses negócios, acho que é um deles, não é? (GABRIEL, agosto de 2014).

O Lula foi uma positividade, foi. Porque é aquela coisa, ele veio do fundo, de baixo pra cima. Então ele passou as dificuldades, ele sabe o que o brasileiro tá assim, a gente... somos ricos e tem gente que vive na miséria. É o que eu falo a gente não precisa se ajudar, a gente precisa ajudar quem realmente precisa. Nós não somos ricos, mas também não somos miseráveis. Ele soube ajudar (...) o que ele pode fazer nessa questão de comunidade, popularidade, ele fez. A gente não pode negar, né? Ele ajudou bastante gente, ele, querendo ou não ele pôs os planos dele, fez.. Você pode ver a diferença dele. Assim, é o mesmo partido? Mas o Lula agradou mais do que a Dilma na sua gestão presidencial, assim, no meu ponto de vista. Eu tenho pra mim que o Lula agradou mais do que a presidente atual (TERESA, agosto de 2014).

Gabriel (18) faz uma comparação entre o governo FHC e Lula. A respeito do primeiro não tem lembranças, pois era uma criança, mas destaca que a própria dificuldade de formular alguma opinião deve-se ao fato de não terem ocorrido transformações que afetassem o seu grupo social – positiva

ou negativamente – e tivessem, por isso, formado uma impressão generalizada a respeito do seu governo. De modo diverso, sobre o governo Lula, o jovem identifica uma mudança positiva na implementação de projetos e programas orientados para "áreas mais carentes", dentre esses, cita o Bolsa Família. A trajetória do próprio Lula surge no relato como um aspecto que o teria levado a mostrar uma sensibilidade com a miséria do país e a implementar programas voltados para esse grupo social.

Teresa (22) destaca a diferença entre governantes do mesmo partido e o fato do governo Dilma não ter conseguido manter o ritmo das mudanças sociais. Notamos que entre os entrevistados há uma clara percepção das mudanças entre o governo Lula e Dilma com relação às ações voltadas a melhorar suas condições de vida, que se expressaram no âmbito das eleições de 2014. Entretanto, esta percepção formula-se principalmente em termos de descontentamento, da ausência da presidente em cumprir com seus compromissos, da sensação de enfraquecimento e inclusive de aspectos pessoais negativos. Como veremos, aos jovens escapa o contexto econômico mais amplo, mas retém-se uma sensação mais difusa de que algo "não anda bem"<sup>118</sup>. Nesse sentido, tanto o governo do prefeito Haddad, como o da presidente Dilma apresentavam-se sob o signo do descontentamento em função da perda de intensidade das melhorias sociais e urbanas quando comparados aos governos Marta e Lula, respectivamente. Apesar disso, os jovens viam no PT um interesse em "fazer", "ajudar", ou melhorar a vida dos sujeitos da sua classe socioeconômica. A percepção da preocupação dos governos do PT com os pobres acabava vinculando este partido aos seus interesses, que contrastavam com os grupos sociais associados ao PSDB:

"O nosso partido lá em casa é o PT, porque desde a ajuda pra pessoas carentes até o benefício da cidade, o que mais nós vimos foi o PT fazendo, entendeu? Mas isso daí é opinião de cada um. Mas lá em casa nós somos PT. A gente conversa de vez

---

<sup>118</sup> Em entrevista outorgada ao jornal Folha de S. Paulo, em dezembro de 2013, o economista Luiz Gonzaga Belluzo afirmou em relação aos indicadores sociais que estes teriam "desacelerado" em relação ao governo Lula, tendo o governo dificuldades em levar adiante o projeto lulista. A sensação de piora do quadro social se deveria, principalmente, à mudança no ritmo de melhoria do governo Lula: "Estão melhorando menos, porque a melhora foi muito intensa antes. Dilma está com dificuldade de levar adiante o projeto. Mas eu não creio que ela tenha abandonado esse núcleo central. Ela avançou no Bolsa Família e em outros benefícios. A economia não cresce, não resolvemos o problema da indústria. E, se não o resolvermos, as coisas voltarão para trás" (BELUZZO, 2013). Ainda segundo o autor, em 2013 apontavam-se sinais de encaminhamento para uma recessão e baixo crescimento, que teriam levado ao aumento da inflação num contexto de crise econômica mundial.

em quando sobre isso até. E a gente não tem o que reclamar, porque até então a minha mãe, ela conseguiu se formar por causa disso. Só que tem que ir atrás, não pode... E o nosso bairro lá também é bastante beneficiado, quando tem alguém do partido do PT que tá eleito". [Tem algum político que vocês gostem?] "É. A aliança toda, né. Na época da Marta mesmo, nossa, as escolas lá estavam maravilhosas. Foi ela que reformou a maioria das escolas lá do bairro. o "Vai e Volta". (...) "Então tipo, fez só o nosso partido, porque a gente vê, entendeu? Quando foi o Serra, tipo, eu estava vendo benefício mais pra esse lado de cá" [bairro Pompeia], que não tem tanta necessidade [Você acha que tem diferença entre PT e os outros partidos?] "Ah, cada partido tem o seu diferencial, tem que ter, senão não tem graça, pô" [O partido do Serra, o PSDB?] "os tucanos já tem aquela coisa contra, né. Eu tenho de conhecimento que as pessoas vêm me falando de lá que esse partido aí, eles querem beneficiar quem já não precisa ser beneficiado, entendeu, já não tem a força pro lado, mas tipo, quem mora aqui nesse região [Pompeia], vota mais nos tucanos, né? Porque beneficia eles, entendeu? A gente nunca viu o Serra fazendo nada lá pra nós, um exemplo. Já vi a Marta, já vi etc. e tal" (LUIS, junho de 2013).

[Mas o Partido Verde você tem alguma ideia do que eles defendem?] "Pelo o que eu to vendo agora, eles tão defendendo mais a relação, a sexualidade da pessoa né? Homofobia. [E o PSDB?] PSDB é do Alckmin né? Não me lembro de ter visto nenhum não..." [O pessoal que você conhece, em qual partido vota mais?] "No PT". [E por que você acha isso?] "Por causa disso que aconteceu né? Porque a Marta já foi lá, já reformaram, ela já deu diversos benefícios, acho que é mais por causa disso". [quem você acha que vota no PT?] "Eu acho que é mais classe baixa né? Acho que eles votam mais". (...) [E no PSDB?] "O PSDB eu acho que é mais...outras pessoas na época votavam mais no PSDB, que eles falavam, eu não sei porque, mas assim referente, professores é do estado né? Acho que é mais quem trabalha para o estado, para o governo, para essas coisas, votava mais neles" (SARA, agosto de 2014).

É. E eu nunca fui chegada assim muito no PSDB que é o Geraldo Alckmin, agora mais ainda que eu conheci como é o sistema prisional, aí que eu não voto nele mesmo, porque só coisa pior. [Você associa a quem ao PSDB?] Fernando Henrique, não é o Fernando Henrique? E Geraldo Alckmin que eu lembro do PSDB. [é quem vota no PSDB que você acha?] Ai, sei lá...Olha acho que pobre assim não é muito não, pelo que eu vejo mais os pobres vota mais no PT. Pelo que eu vejo assim mais (REGINA, setembro de 2014).

Havia entre alguns jovens uma ideia mais clara da relação entre o partido e os interesses do seu grupo social, que se expressava inclusive na associação que se fazia do PSDB à classe média ou aos grupos que moram em áreas mais ricas da cidade. Identificavam também este grupo aos funcionários públicos, especificamente, da rede de ensino<sup>119</sup>. Há uma percepção de que o PT e seus políticos que estiveram no governo, preocupavam-se com os sujeitos mais pobres e com os bairros da periferia. Cita-se, além do governo Lula, como vimos, o governo Marta Suplicy – prefeita entre 2001 e 2005 da cidade de São Paulo – como gestões em que a melhoria social se mostrou de forma mais acentuada. É importante voltar a

---

<sup>119</sup> A respeito da relação entre a educação e o PSDB, uma das jovens, Teresa (22) assinalou uma relação entre esse partido e as escolas públicas, como um aspecto de preocupação do Governo Alckmin com a educação, que o aproximava da preocupação com "o público" dos governos do PT, sendo estes preocupados com dimensões mais abrangentes do público.

destacar que, apesar de nessa época ainda estarem na etapa da infância, os jovens lembraram e citaram os programas sociais implementados na gestão Marta. Nesse caso, podem ter sido diretamente beneficiados por programas que envolviam o transporte escolar, por exemplo. Entretanto, o que interessa apontar é que a lembrança remete também ao grupo social e a referências mais difusas que valorizavam as melhorias que esses governos trouxeram e, por isso, estão presentes em suas formas de pensar a respeito das gestões e as eleições.

De toda forma, esses governos do PT aparecem em "aliança", nas palavras de Luis, por intermédio do partido. Por outro lado, há uma opinião entre os jovens de que os governos do PSDB teriam beneficiado áreas mais ricas da cidade – no âmbito do governo municipal –, ou prejudicado os jovens dada as péssimas condições do sistema prisional no qual seus companheiros e familiares se encontravam – no âmbito do governo estadual.

O Partido Verde surge também no mapa cognitivo dos jovens junto ao PT e o PSDB. Quando indagados sobre o conhecimento que tinham dos partidos, mostrando a eles um amplo número de bandeiras, identificavam-se principalmente as do PT, PSDB e do PV. De modo geral, as informações sobre o PV eram mais vagas quando comparadas àquelas sobre PT e o PSDB. Os jovens citavam a TV ou a propaganda na rua como fontes de informação a respeito desse partido. Diferentemente do PSDB e do PT, havia também uma certa indefinição a respeito dos grupos sociais que votavam no PV, pois as pautas desse partido identificadas pelos jovens não estavam diretamente ligadas a questões sociais e redistributivas, ao invés disso, respondiam a temas como meio ambiente e causas LGBT, como vimos no trecho citado de Sara (21). A candidata Marina Silva ainda era associada a esse partido, em alguns casos, apesar da sua mudança para ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Entretanto, com a campanha eleitoral de 2014 e a sua abrupta candidatura à presidência aparece nas entrevistas a mudança de

partido e o fato dela ter sido também do PT<sup>120</sup>. Vejamos os relatos sobre os assuntos que, na visão dos jovens, ocupavam o Partido Verde:

[e o Partido Verde?] "Ah, eu não sei assim, acho que é porque passa bastante na televisão e acho que é por causa de meio ambiente também que eles falam muito" [E quem você acha que vota nesse partido?] Ah, acho que as pessoas... Tem gente assim, que gosta tipo da natureza esses negócios assim. Acho que eles fazem campanha, deve ser assim, se tiver alguma proposta boa também. [Mas você acha que é mais rico, pobre, jovem, velho?] "Pobre... Rico eu acho que não". [Por que o pobre votaria no Partido Verde?] "Acho que mais pelas propostas assim que eles põe. Eu acho que rico vota mais assim no PSDB, porque eu acho que eles fazem muitas coisas assim que possa melhorar pra eles, entendeu? (...) Porque hoje em dia ninguém tá nem aí com a natureza nem com nada, destruindo tudo. É em geral, pessoal não tá nem aí com nada, joga lixo na rua, destrói árvore, a natureza ninguém tá nem aí. Povo hoje só liga pra bens materiais só" (REGINA, setembro de 2014).

[e o Partido Verde?] "Ah, eu acho que bastante ambientalista, bastante ciclista, eu acho que vota bastante gente, vegetariano que tem essas coisas todas, acho que esses pessoal apoiaria". [E de que classe?] "Ah, classe alta, classe média, acho que classe baixo nem tanto. Porque os pessoal da classe alta é o que você mais lê e é as pessoas que leva mais a fundo isso daí, que participa da [Green Peace] e tal, pesquisa, tem coragem de ver alguma coisa errada ali, danificando alguma coisa da natureza. Eu já presenciei bastante, principalmente nesse lugar aqui, eles vão lá, limpa, tenta arrumar alguma coisa. Agora a classe média e a classe baixa não. Por quê? Por que o valor deles é o quê? É carro, é imóvel, é vaidade, entendeu? É somente coisa que supre a nossa necessidade" (LUIS, junho de 2013).

[e a que você associa o Partido Verde?] "Eu acho que é mais aquele pessoal que mexe com comida, planta, agricultura, sei lá". [Tipo coisas naturais?] "É" (...) [o pessoal aqui da periferia vota no Partido Verde?] "Alguns sim. Acho que a maioria vai votar nesse PT também" (ANA, outubro de 2014).

Quando indagados sobre o partido, os aspectos programáticos destacados eram, além do meio ambiente, elementos de um estilo de vida que envolvia a alimentação – ser "vegetariano"– esportes, etc. Para Regina (24), os ricos não votariam nesse partido pois para ela, este grupo vota quase exclusivamente no PSDB. Para Ana (17), alguns moradores da periferia chegam até a votar nesse partido, mas a maioria vota no PT. Já para Luis (21), as classes mais abastadas, por terem mais conhecimento que os pobres, se envolvem nas causas ambientalistas. Estas causas ligavam-se a uma ideia de limpeza e organização, no sentido da "qualidade de vida". Nos relato de ambos os jovens, o "povo", a classe média e a média baixa importava-se apenas com questões materiais. De acordo com Singer (2013), e como vimos na seção anterior, estas ideias estariam vinculadas ao que

---

<sup>120</sup> Em 2014, Marina Silva, ao não ter conseguido inscrever seu partido "Rede" para alavancar sua candidatura à presidência, decide apoiar Eduardo Campos e se filiar ao mesmo partido do candidato, o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Entretanto, o falecimento de Eduardo Campos em agosto desse ano num acidente aéreo, em meio à campanha eleitoral, levou Marina à concorrência da presidência.

chamou de centro "pós materialista" em que se observa uma mudança nos valores daqueles que vão resolvendo seus problemas de segurança econômica e física, passando a se preocupar com aspectos como o da "qualidade de vida". Nesse sentido, as ciclovias apareciam, ao mesmo tempo, como uma demanda do padrão urbano da cidade para a periferia e como algo ainda distante para os pobres: "*[E por que você acha que não tem ciclovia na periferia?] Ah, talvez porque não tem estrutura, talvez porque nós somos esquecidos (risos). Porque isso daí é coisa de gente rica meu, pobre não tá preocupado em andar de bicicleta, pobre quer andar de carro*" (LUIS, junho de 2013). A "qualidade de vida" remetia, também, à profunda desigualdade que existia entre a periferia e as áreas mais consolidadas das cidades. Portanto, eram uma referência à forma de vida de grupos sociais mais ricos. Na comparação de Francis (24) entre áreas "legais e ilegais", as áreas de lazer e os artefatos mais modernos da cidade estavam ausentes da periferia:

"O espaço de lazer que tem mais, é só para o lado das pessoas que têm dinheiro. Tem um benefício de vida melhor. Eles têm uma casa com escritura, documento, uma casa com terreno. Não é área invadida. Bastante opções, shoppings, metrô, bancos. Eles fazem parque de diversão, faz ciclovia, que é raridade fazer [Aqui na Brasilândia não tem nenhuma ciclovia?] Não. Só aqui na Inajar que tem a ciclovia. Lá para frente fora isso, não tem (...) em bairro que tem escritura, eles têm calçada grande. Aqui, como não tem escritura, só tem área invadida, o povo tem, mais ou menos, um metro de calçada, e quando dá um metro. Em outros bairros tem um espaço para você andar. Para você andar na calçada da periferia tem que andar um atrás do outro. E nas calçadas de outros bairros, melhores, dá para você andar um do lado do outro, conversando. E na periferia não, eu ando na frente, você está atrás de mim. Está conversando, mas não está se vendo" (FRANCIS, setembro de 2014).

Além do comércio e transportes como o metrô, as áreas mais ricas têm espaços nas calçadas, ciclovias e parques que se traduzem, nas palavras de Francis, num "benefício de vida melhor". O elemento "verde" e a presença de ciclovias eram aspectos que distinguiam radicalmente uma parte da cidade da outra: "*Quem precisa da bike pra fazer transporte, tem que se arriscar. Um assovia, outro grita, buzina na bike. Já em bairro que tem escritura, os terrenos são mais caros, tem segurança, tem ciclovia, tem tudo. Tem até jardim. Aqui, Você não vê um lugar que chama a atenção, bonito...*" (FRANCIS, setembro de 2014). Desse modo, podemos propor que a presença do PV nas entrevistas dos jovens sugere a formação de um centro ideológico que não se ligava a questões distributivas e materiais, mas que

acabava canalizando um forte interesse entre os jovens de se integrar ao lado "ordenado, moderno e legal" da cidade e ter acesso à forma de vida dos grupos mais ricos, numa perspectiva ascensional .

Desse modo, a ideia de "qualidade de vida" associada à plataforma programática do Partido Verde, e se articulava mas também entrava em conflito com os interesses mais imediatos do grupo social dos jovens em termos da definição de prioridades. A oferta de trabalho e o custo da vida, junto à saúde e à educação eram uma das principais demandas e preocupações dos sujeitos da sua classe socioeconômica, como Gabriel (18) expressa ao se referir ao PV:

[e a questão do meio ambiente, você acha que ajuda ela também?] Ah, ajuda em partes, porque a maioria das pessoas falar a verdade não tão nem aí com isso, que ela pode apresentar milhares de ideias sobre o meio ambiente que são poucas as pessoas que vão dar valor ao que ela [Marina] tá apresentando. [Qual que você acha que o pessoal tá dando valor aqui? Que é uma coisa importante pras pessoas?] Ah, mais trabalho, escola, esses negócios, saúde. Eu acho que se eles falar em abaixar imposto acho que as pessoas dão mais valores do que falar de ambiente. Porque não adianta eu apresentar uma proposta de meio ambiente sendo que a caridade tá na área de trabalho. [Como assim a caridade?] A carência quer dizer [Você acha então qual que seria, você tava falando agora a prioridade?] Saúde. É. [E o trabalho você tá falando o quê? Criar mais postos de trabalho?] Mais oportunidade de trabalho (GABRIEL, agosto de 2014).

Desse modo, dado que o PT era predominantemente a referência partidária do seu grupo social, em especial da família, existia uma "pressão social" que entrecruzava a estes jovens para escolher candidatos deste partido (LIPSET, 1967). Como é nossa intenção demonstrar na análise de votação das eleições de 2014, havia um movimento de aproximação e afastamento a essas referências. Tanto numa chave externa à escolha de candidatos vinculados a outros grupos sociais, como numa chave que individualizava a relação entre o jovem e o candidato Formava-se, assim, uma tensão entre um comportamento que personaliza a figura do candidato – e se afasta duma lógica de votação no partido – e uma relação mais ampla entre o partido e os interesses dos grupos sociais na sociedade. Este primeiro movimento aparece quando trata-se de benefícios e do que o candidato "faz".

### ***Cinismo e personalismo: o voto branco e nulo***

Diferente da narrativa construída em torno do PT e da identificação como "pobres", esta referência a um grupo social comum perdia-se de horizonte quando os jovens expressavam seu descontentamento com a

política. Mobilizavam, por um lado, um voto de negação direta à opção sinalizada pelo grupo social e, por outro, uma denúncia sobre o descaso dos políticos e a ausência de mudanças sociais substantivas, com potencial crítico, mas que vinha coberta de uma desesperança cáustica na maior parte das narrativas. Nessa perspectiva, cogitava-se ou, de fato, votava-se em branco como expressão de apatia e diante da certeza que sua própria ação política em nada mudaria a realidade. Este sentimento também foi observado em relação às mobilizações de junho, como vimos na seção anterior. Inclusive, desautorizavam as referências sociais a respeito das melhorias do governo Lula:

[E você conhece algum outro político tipo Lula, você já ouviu falar?] "Já ouvi falar." [O que você já ouviu falar do Lula?] "Ah, fala que ele fazia coisas pelo Brasil, mas acho que é mentira" [Por quê?] "Ah, quando... Tudo o que ele falou não aconteceu nada". [Tipo o quê?] "Ele falava que ia construir mais área de lazer, mas não construiu nada" (WILSON, setembro de 2014).

Diante do descaso que Wilson (17) notava na ausência de políticas de lazer e cultura no seu bairro, sua opinião era tomada pelo desencanto e pela contestação da opinião sobre os aspectos positivos do governo Lula, mais generalizada no seu ambiente social. A espera pela construção de espaços de lazer era uma forte demanda entre os jovens que não enxergavam perspectivas nesse sentido. Inclusive, eles mostravam que as decisões políticas do governo municipal apontavam, justamente, num sentido contrário:

Ah, tipo áreas de lazer, não tem. Até um negócio que eu tava vendo esses dias que passou na TV, no jornal, que ia liberar espaços para baile *funk*. Você viu isso na TV? Achei interessante isso, mas se for liberar. Tipo, vamos supor, lá no Anhembi, não seria legal [porque?] Ah, não é muito longe, mas muitas pessoas não sai pra outro lugar porque não tem dinheiro, daí vai transferir um negócio que é da comunidade pra longe, vai mudar no quê? Porque vai mudar pra longe, então as pessoas vão ter que ficar aqui mesmo porque muitas pessoas não tem dinheiro (GABRIEL, outubro de 2014).

O anúncio de levar os "pancadões" de *funk* dos jovens para espaços delimitados da cidade como o Anhembi era visto por Gabriel (18) como um afastamento ou uma transferência de algo que lhes era próprio. Os bailes de ruas eram, justamente, uma forma espontânea e gratuita de criar espaços de

lazer nos bairros. Como já apontamos, os bailes de rua eram invadidos com violência pela polícia, gerando grande tumulto e desespero<sup>121</sup>.

O voto em branco, que revelava um movimento de abrir mão da própria escolha e abandoná-la "à sorte" da escolha de outros reunia-se com a personalização dos candidatos:

[para prefeito?] "Sei lá, eu votei no Serra. Não é que eu gostava do Serra. Eu votei por falta de opção, mesmo. Para não votar no Haddad. Porque eu não queria que o Haddad ganhasse". [porque não?] "Sei lá. Não fui com a cara dele". [Seu marido votou em quem?] "Votou no Serra, também. Todo mundo estava falando que ia votar no Serra. Que o Haddad era muito safado. Tinha cara de pilantra, sabe, que... Ai, muita gente votou no Serra. (...) [e nas presidenciais?] Ai, não lembro se eu cheguei a votar. Em quem eu votei [leitura dos candidatos] Estava a Dilma, e o Serra... Acho que eu votei na Dilma. [e para governador? leitura da lista de candidatos] Acho que eu anulei esse voto. [De vereador você lembra?] Não também. Eu voto só para votar, mesmo. Sei lá. Isso daí, para mim, não significa nada. Eles não fazem nada para ninguém. A Marta, sim. A Marta fez. Eu votaria para a Marta. Se a Marta... Cada vez que ela se candidatasse, eu votaria só nela. Que eu acho que ela fez muita coisa. Ela fez aqueles piscinões, também, quando alagava. Ela fez bastante coisa, a Marta. Se a Marta participar, eu vou votar nela, de novo (KELLY, janeiro de 2014).

[você votou nas eleição em que foi eleita a Dilma?] "Sim, votei em branco" [em branco?] "Aham. Por que para mim nenhum deles vale mesmo. Eles prometem e depois não fazem, aí eu votei em branco. O que tiver perdendo vai para ele, ou o que tiver ganhando, sei lá" (VALERIA, fevereiro de 2014).

[Por que você vai votar no Tiririca?] "Por votar mesmo, já pra não votar em branco melhor votar nele". [O pessoal está falando muito dele?] "Não. Só quem fica zoando. Fica falando: Pior que tá não fica". [E o que você acha dessa frase dele?] "Eu acho verdadeira, pior do que tá não fica. Já tá uma merda" [Tá tudo ruim, votar nele, então, não é pra melhorar?] "A única pessoa que eu votaria era a Marta Suplicy se ela voltasse de novo". [Por que na Marta?] "Porque ela fez bastante coisa. Foi ela que eu vi mais fazer as coisas pelo povo. Ela deu o uniforme, o leite, vai e volta de graça. Quem foi, foi ela quem fez o AMA também, não? Ela fez várias coisas boas. Bolsa Família não foi ela?" (VALERIA, outubro de 2014).

[Pra presidente?] "É. Aí eu não lembro em qual eu votei. Eu acho que eu votei em qualquer um" [leitura dos candidatos] "Eu acho que foi na Dilma que eu votei. Acho que foi na Dilma. Tem mais um também, não tem?... Ah, não lembro em qual eu votei não. Não lembro. Se eu pudesse, não votava pra nenhum. [porque?] Porque é tudo um bosta". [Você acha que não tem diferença?] Não. Não mudou nada. [Mas por que você votou no Haddad?] "Porque era obrigação votar" (GABRIELA, maio de 2014).

"Ele é verdadeiro [Quem?] O Tiririca. Ele fala que pior que tá não vai ficar. Porque ele não vai fazer bosta nenhuma mesmo. [Porque você acha que ele é verdadeiro?] O Tiririca? Porque ele é sincero. Ele fala: "Pior que tá não vai ficar". Até a propaganda dele que é mentirosa lá (risos), ele fala as coisas, verdade, mano. Brasília, "vou por fogo lá em Brasília, todo mundo que tá lá não presta". [ele falou?]

---

<sup>121</sup> Em 2014, a prefeitura fez a proposta de levar os "pancadões", diante da proibição desses bailes votada pela câmara municipal de São Paulo em 2013. O projeto foi apresentado pelos vereadores Conte Lopes (PTB) e Coronel Camilo (PSD). Cf. PROIBIÇÃO de baile funk nas ruas é aprovada na Câmara de SP. São Paulo, Folha de S. Paulo, 06/12/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1381741-proibicao-de-baile-funk-nas-ruas-e-aprovado-na-camara-de-sp.shtm>. Acesso em: março de 2014.

Falou, ainda colocou uma Brasília amarela (risos). Ai caramba!" (GABRIELA, maio de 2014).

Diante da possibilidade do voto em branco "por falta de opção" ou da escolha de um candidato que se opõe à preferência do grupo – "para não votar nele" – Marta Suplicy surge nesses trechos como uma figura solta, descontextualizada do seu partido político (PT), por sobre o resto dos políticos que se mostram de forma homogênea: descumpridores das promessas e indiferentes às suas necessidades. O processo de homogeneização dos políticos é sempre acompanhado pela desqualificação e desvalorização dos mesmos, chamados de pilantras, safados, ladrões, etc. Para as jovens, Marta Suplicy "fez" bastante pelo "povo" e, apenas esta figura levaria o votos delas caso voltasse a se candidatar. A dificuldade de lembrança da própria escolha em outros candidatos insere-se nesse contexto de apatia e desvalorização generalizada e contrasta com a rápida referência à gestão de Marta, sobre o qual relacionam e especificam os programas sociais. A figura isolada dela, portanto, contrasta com a homogeneização em que a diferença entre partidos e a referência ao comportamento e à preferência eleitoral do grupo social desaparece. Sob o rótulo de "povo", há um deslocamento da confiança no seu ambiente social para a figura personalizada da política.

O palhaço "tiririca" figura o cinismo em relação à política e, talvez por isso, este candidato descontextualizado de um partido político tenha obtido votações meteóricas<sup>122</sup>. O bordão da sua campanha, muito citado pelos jovens, representava o sentimento da impossibilidade de mudança da sua situação social: "*Pior do que tá não fica, vote Tiririca*". Para os jovens, o palhaço expressava uma verdade a respeito da realidade e ainda entre risos revelava seu desejo de destruir o centro da truculência e do poder: Brasília. Essa afirmação nos lembrou aquela expressão "a alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo" que traz à tona um desejo mais contido de tumulto,

---

<sup>122</sup> Tiririca candidatou-se a Deputado Federal nas eleições de 2010 pelo Partido da República (PR) e foi eleito com 1.348.295 votos pelo Estado de São Paulo. A votação alcançada pelo candidato foi a segunda maior votação da história para deputado no Brasil, após a votação de Enéas Ferreira Carneiro. Em 2014, voltou a se candidatar e foi novamente eleito com altíssima votação: 1.016.796 votos.

confusão e destruição que escapa no riso e no chiste do palhaço<sup>123</sup>. A relação entre a "palhaçada" e a política era comum na referência dos jovens. Em setembro de 2014, participamos de uma conversa sobre as eleições e a política com cerca de 20 jovens que cumpriam medidas socioeducativas numa ONG conveniada com a Prefeitura, na periferia da Zona Norte de São Paulo<sup>124</sup>. Quando iniciamos a conversa, o sentimento predominante era o de desconfiança em relação aos políticos e a desqualificação destes como ladrões. A figura do Tiririca surgiu na conversa de forma semelhante àquela que registramos na conversa com os jovens do nosso estudo:

Já que tá tudo palhaçada vamos deixar o Tiririca dando risada na televisão" (JOVENS, setembro de 2014).

Tiririca, ele não é o engraçado? Ele não faz várias piadas? Então, o governo já tá a maior palhaçada... Os ricos tirando dos pobre, já que tá a palhaçada vamos deixar a palhaçada mesmo, não vai mudar em nada (JOVENS, setembro de 2014).

De modo geral, as afirmações e piadas reforçam a ideia muito presente no senso comum do reinado do interesse pessoal na vida política – generalizam a atividade do político como algo inútil ou inócuo, que não leva a lugar nenhum e, principalmente, que não muda a injustiça da ordem social em que eles, os jovens, se encontram por baixo, em posições inferiores ou marginalizados.

O cinismo humorístico passou a protagonizar o tom de programas como "Pânico na Band", "The Noite" do SBT, e "Politicamente incorreto" no canal FOX da TV a cabo, ambos conduzidos por Danilo Gentili:

[Danilo Gentili é um palhaço?] "É. O programa que eu assisto dele também que é engraçado é aquele que ele tá referindo à política, politicamente correto, que passa na Fox. A senhora já assistiu? Não é um programa, é um seriado, chama 'Politicamente incorreto'. [Do que se trata?] Da política. Ele é um deputado que está tentando se eleger, é engraçado. [Mas o que ele faz?] "Faz um monte de coisa. Fala: Ah! Igual eu tava assistindo ontem, aí ele tava falando que ia tentar fazer uma lei, tipo do final de semana ser sábado, domingo e segunda. Daí ele ia incrementava um

<sup>123</sup> A simbologia do palhaço surgiu recorrentemente nas entrevistas. Retratado em tatuagens, camisetas, adesivos, e inclusive em pipas, o palhaço representava entre os jovens mais próximos ao "mundo do crime" o matador de polícia. Vimos também a recorrência do personagem do "coringa". Tanto o coringa do baralho, que expressava a dimensão do aleatório e do azar, como o do personagem do Filme *Batman* "O Cavaleiro das Trevas". Neste, a figura do coringa se opõe à do justiceiro, causando confusão e destruição na cidade numa dinâmica de revanche e "revidar". A personagem do Coringa e as máscaras de palhaço estavam também presentes nas músicas do *funk*. Nelas, destaca-se que o "palhaço" "toca o terror".

<sup>124</sup> Conversamos com cerca de 20 jovens com idade entre 16 e 18 anos, entre os quais havia apenas duas mulheres. A reunião foi conduzida pela equipe da organização e nossa participação se concentrou na discussão sobre o sistema eleitoral, os partidos políticos e os movimentos sociais. Na segunda parte da conversa, tratamos das eleições.

monte de coisa, falava pra um cara que não gostava do partido dele. Tipo maior palhaçada. Tipo uma lei que não seria cabível, mais um dia pro final de semana?" (...) "Ah, passa ele mostrando, mostra até tipo um senado deles assim, sabe? É engraçado. Eu dei risada, é engraçado. Trata, tipo, como se diz? As coisas que passa no dia-a-dia na política mais ou menos assim, só que de um jeito engraçado, eles dando risada, tipo tirando onda da política" (GABRIEL, outubro de 2014).

Nesses programas, debocha-se dos políticos, geralmente desacreditados. O poder é fortemente tematizado e chama-se frequentemente a atenção para as más intenções, a manipulação, o enriquecimento pessoal, o descompromisso dos políticos com suas atividades, etc. Os condutores, por sua vez, colocam-se no papel de revelar a verdade por meio do escárnio. A esse respeito, Minois (2003) na sua obra "História do Riso e do Escárnio" destaca que esse tipo de humor amplamente divulgado pela mídia perde a função subversiva que identificava-se nos fantoches, reforça o *status quo* desarmando a crítica séria: "expondo, cinicamente e sob a forma de riso, a sombria verdade, ela torna vã a denúncia e produz no público um hábito contestável. Propaga os comportamentos, as práticas, os modelos, as normas que supostamente critica e faz esquecer o debate de ideais" (MINOIS, 2003, p.599).

Conseguimos conversar a respeito da intenção de voto nas eleições de 2014 com dez dos jovens do grupo que cumpriam medida socioeducativa. Desse grupo, cinco manifestaram que votariam em branco, sendo que um estava na dúvida entre votar em branco ou nulo, e os outros pensavam em votar na candidata Marina da Silva, como uma forma de oposição à Dilma que, na visão deles, "não fez nada" para a população mais pobre. Nesse grupo, também ouvimos o desejo de votar na Marta Suplicy, como alternativa ao voto em branco, pois era uma candidata que se distinguia e se distanciava notoriamente em relação aos outros e, sobretudo, "fez":

"A única que eu votei foi a Marta" [ Marta Suplicy?] "Uhum." [Por quê?] "Porque ela foi a melhor. Trouxe transporte gratuito pras crianças. O CEU, CEU também, quem foi que fez o CEU, foi ela, não foi? Então, ela falou e fez, né, porque os outros, olha, tem político aí todo mundo sabe, nunca aparece onde nós mora, entendeu. Aí quando está no tempo aparece várias plaquinhas lá, vota. Nós tira tudo" (JOVENS, setembro de 2014).

Enquanto que o voto em branco representava uma apatia em relação às votações, a intenção de não votar ou anular o voto aparecia como uma ideia coletiva de inviabilizar as eleições e, nesse sentido, era uma proposta

de trazer para a margem o próprio "sistema" e de recusar o processo eleitoral.

Vejamos o seguintes trechos:

[E sobre os políticos, o que o Cascão fala?]. O que ele fala é tudo safadão, tudo pilantra. Porque tipo, os caras ele fala que tem vários meios do cara ajudar tipo o povo da periferia assim, vários braços que têm pra ajudar a periferia e os cara tipo rouba, os caras fazem negócios que não tem nada a ver, gastar dinheiro com coisa à toa e tal, coisa besta. Ele falou que dele... Ele falou que tipo assim: Imagina a vergonha que seria os caras fazer aquela bela daquela palhaçada deles, deixar os policia na porta da escola e tal, as urna lá e ninguém ir votar? Aí falei: "Ah, não votar é foda, que aí vai e corta minha aposentadoria esses bagulho (risos)". Falei pra ele no *whatsapp*. Falei: "E votar nulo?" Ele falou: "mano, você votar nulo e não ir votar dá na mesma, você só vai perder seu tempo" [Mas aí se ninguém votasse, o que você acha que ia acontecer?] "Ah, sei lá mano. A vergonha que essas muié ia passar, essa Dilma, essa Marina aí. Porque pelo que eu entendi que ele [Cascão] falou, ele falou da época lá do PT. PT era, nossa, junto com os trabalhador, os caras queria os direito. Quando o Lula veio pro governo os caras falou: "Mano, você é mais um laranja que caiu pra presidente, aqui em Brasília quem tá é nós". [Quem são os nós?] "Os caras de Brasília" (VIDAL, setembro de 2014).

Eu queria ver se ninguém fosse votar, se todo mundo se juntasse e ninguém votasse em ninguém mesmo não, pra mim isso é "revolução", esses caras aí, mano, tá na merda (JOVENS, setembro de 2014).

As cadeias estão todas lotadas. É um por cima do outro. É perna por cima de pescoço. É tudo lotado! O governo não vê nada disso. O governo só sabe pedir voto na hora de eleição, tempo de eleição. Na minha opinião, nesses negócio de eleição é que o povo brasileiro, eles não pensa, tipo, é obrigatório votar. Mas se todo mundo, a humanidade toda não votasse em ninguém... Ah, vamos, tipo, fazer protesto, sem quebrar nada, só não votar em vereador, em prefeito nenhum. Mas eles só sabem pedir voto, tipo, vem aqui, dá doces para as crianças, acham que tá bom, ajuda a comunidade. Só no tempo de pedir voto. Depois, os quatro anos, somem, ninguém viu a cor. Aí aparece, depois dos quatro anos aparece já outros vereadores, outros prefeitos, que você nunca viu na vida, pedindo voto para você. Você nunca sabe o que ele fez. É, tipo, ah, construiu a área de lazer, construiu hospital, construiu escola. Nada disso (FRANCIS, setembro de 2014).

Vidal (21) cita o cantante Cascão do grupo de *rap* "Trilha Sonora do Gueto", que em algumas músicas e entrevistas aproxima ideias revolucionárias que abalem "o sistema" a facções do crime. A ideia da ausência na votação como uma revolução também aparece na citação dos jovens que cumpriam medida socioeducativa. Observa-se também neste caso um descrédito dos políticos – safados e pilantras – em função da ausência de preocupação com a periferia e os pobres. O dinheiro que deveria ir para melhorias, esvai-se em roubos para enriquecimento pessoal e outras prioridades. O voto nulo e/ou a ausência do processo eleitoral representam nesta visão uma forma de rechaçar o "sistema" e a "palhaçada", que acaba representando a impossibilidade do uso do poder político para melhorar a vida dos jovens. Também se apresenta como uma forma de "dar o troco" e envergonhar os políticos. Segundo Vidal (21), numa conversa com Cascão a

respeito das eleições, ele sugeriu que o PT tinha abandonado os trabalhadores e a luta por direitos por um projeto de poder ou em função dos poderosos: "os caras de Brasília".

Brasília acaba sendo representada como núcleo de um poder distante e indiferente às necessidades e injustiças que vivem os pobres – e especificamente os poderes executivos e legislativos, que ligam-se à escolha popular<sup>125</sup> –, em que se concentra tudo o que há de errado e "podre" na sociedade, nas palavras de alguns entrevistados. Esta indiferença do governo aparece na crítica de Francis (24) ao sistema prisional e à forma desumana em que os jovens são tratados no seu interior. Não votar mostra-se aqui não como uma revolução, mas como uma forma não violenta de se manifestar e retirar o próprio apoio aos políticos. O voto é visto como uma moeda ou um bem que pode ser barganhado, mas também negado diante de políticos oportunistas e interesseiros que não "fazem" o que deveriam – escolas, espaços de lazer, etc.

Na entrevista que fizemos em julho de 2014 com Vidal, ele discutiu o conceito de "sistema". Tinha ficado essas semanas pensando sobre o seu significado e sobre o que apontavam as letras de *rap*. Ao ir para o centro da cidade fazer um tratamento terapêutico com o primo, ele sinalizou ter compreendido:

"Eu tinha falado com meu primo isso daí. Tem a classe alta e a classe baixa, [o sistema] é onde o rico fica mais rico e o pobre fica mais pobre. Quando eu fui lá nas clínicas, meu primo me levou lá e eu passei pela Paulista. Eu falei: "cara, eu nunca tinha passado aqui, nunca tinha visto aqui. Só via pela TV, mas ao vivo não. Ele falou: olha os carrões que passam aí, as motos. Aqui só tem rico, somos nós que movemos o dinheiro todo de São Paulo e até do Brasil. A maior diferença de onde que eu moro" (VIDAL, julho de 2014).

Concluindo, vimos que os jovens do estudo encontram suas referências a respeito do comportamento eleitoral no grupo social ao qual pertencem, fundamentalmente, na família que é o núcleo fundamental da visão de mundo do trabalhador. Depositavam uma confiança nessas posições – ou uma "fé" nas palavras de Gramsci. A escolha dos familiares era mobilizada pelos jovens como referência de votação e esta era majoritariamente pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e seus candidatos.

---

<sup>125</sup> O poder judiciário foi mencionado por Teresa (22) e Vidal (21) na figura de Joaquim Barbosa, quem é descrito nas suas falas como um "justiceiro", alguém que trabalharia em pró de limitar o roubo e a corrupção em Brasília.

Este era o partido identificado como preferência dos pobres e o que mais se aproximava aos seus interesses. A forte presença do PT tanto nas referências parentais, como no ambiente social, foi explicada pelo "realinhamento eleitoral" do lulismo que, segundo André Singer, teria levado a adesão das classes populares a Lula e ao PT desde 2006.

Desse modo, dado que o PT era predominantemente a referência partidária do seu grupo, existia uma "pressão social" que entrecruzava estes jovens para escolher candidatos deste partido. Como vimos, os jovens das classes populares confiavam nas opiniões que se encontravam no seu ambiente social. Neste caso, as opiniões valorizavam as melhorias trazidas para a população mais pobre e os benefícios dos programas sociais das gestões petistas, que se mostravam como motivadores do voto. De acordo com Lipset (1967), os grupos mais afetados pela política do governo tendem a mostrar uma concorrência maior às urnas do que o público de um mudo geral – isto é especialmente importante para pessoas de baixa renda<sup>126</sup>. As gestões do PT citadas pelos jovens apareciam em aliança por intermédio do partido e numa relação mais ampla entre o partido e o interesses dos grupos sociais na sociedade.

De acordo com Lipset (1967), a respeito das pressões do grupo para votar: "mesmo que as pessoas não estejam cômnicas de um risco pessoal na decisão de um pleito eleitoral, poderão ainda ser induzidas a votar por meio de pressões socais e de sentimentos íntimos de obrigação social" (LIPSET, 1967, p.210). No caso dos jovens, esta "pressão social" para o voto representa um fator de decisão fundamental diante de quem ainda não tem um padrão de escolha anterior ou este é muito recente. Se o meio social apresentar uma tendência majoritária ou homogênea, o conflito interno não tenderá a constituir uma pressão cruzada e estarão mais propensos a votar. Entretanto, ao se defrontar com um conflito de escolha pode ser que adie uma decisão. A hipótese do autor é de que "o jovem votará quando a decisão já estiver tomada para ele pelo meio homogêneo onde vive; e adiará o voto quanto estiver exposto a estímulos conflitantes" (ibid., p.223).

---

<sup>126</sup> Ao dar o exemplo do auxílio federal aos trabalhadores do *New Deal* nos anos 30, Lipset (1967) sugere que como contrapartida os mais pobres responderam como um incremento no voto dessa classe, "que presumivelmente tiveram sua primeira participação real e visível na política nacional" (LIPSET, 1967, p.192).

Analisamos também a tendência oposta de não escolha de um candidato. A referência ao grupo social, nesse caso, perdia-se de horizonte quando os jovens expressavam seu descontentamento com a política. Isto levava à "não escolha de um candidato", ou seja, ao voto em branco ou nulo ou ainda ao rechaço pela opção sinalizada pelo grupo social. Nesta decisão, havia um movimento de discordância direta com o grupo social que aumentava "as pressões cruzadas" e o conflito interno dos jovens em relação às eleições. Diante da possibilidade do voto em branco ou da escolha de um candidato que se opõe à preferência do grupo – como notadamente os do PSDB –, surgia uma figura política solta e descontextualizada do seu partido político (PT): Marta Suplicy. Portanto, mostravam um comportamento eleitoral que personaliza a figura do candidato. Neste, os jovens afastavam-se tanto da referência social do seu grupo, como da discriminação entre políticos e partidos que favorecia a escolha de um candidato. Eles projetam numa figura excepcional, e que se destaca por sobre todos os outros, os desejos de mudança e, portanto, depositam confiança ou fé na escolha do voto. Já a intenção de não votar ou anular o voto aparecia como uma ideia coletiva de inviabilizar as eleições e, nesse sentido, era uma proposta de trazer para a margem o próprio "sistema" e de recusar o processo eleitoral.

### **3. Pressões cruzadas: as eleições de 2014**

Ao longo deste capítulo, buscamos demonstrar que a contradição em relação à identidade de trabalhador, inserida na dualidade de visões de mundo dos jovens, se traduziria em posições políticas e eleitorais conflitantes que formam um sistema de pressões cruzadas. Propomos que essa contradição envolve um movimento pendular em relação a polo do trabalhador, em que os jovens se aproximam, por um lado, e afastam, por outro, do mundo do trabalho e das referências do seu grupo social, em especial das familiares, que são centrais na visão do mundo do trabalhador. Naquele, há uma valorização do "caminho do trabalhador" como meio de acesso à segurança e estabilidade material e física. Neste, observam-se significações negativas que envolvem sua marginalização da experiência do trabalho e um mecanismo de valorização individual, que leva à negação e/ou

restrição das referências coletivas. Constatamos na análise das manifestações de junho que este movimento dúplice expressava-se na separação de opiniões a favor e contrárias às reivindicações. Sugerimos que essas diferenças confirmavam que os jovens encontrava-se internamente divididos em relação aos interesses e opiniões ligados aos seu grupo social e que, ao mesmo tempo, viam-se submetidos a pressões sociais conflitantes.

Na análise do comportamento eleitoral, vimos que os jovens encontravam suas referências a respeito do voto no grupo social à qual pertencem. Dado que o PT tinha passado a constituir predominantemente a identificação partidária do seu grupo familiar e social no âmbito do lulismo, existia uma "pressão social" pela escolha de candidatos desse partido. Por outro lado, perdia-se de vista essa referência social quando os jovens expressavam seu descontentamento com a política. Isto levava ao voto em branco ou nulo, ou ainda ao rechaço pela opção sinalizada pelo grupo social num voto que se opunha a esta preferência. Uma terceira opção afastava o jovem da separação social mais ampla, articulada entre partidos políticos e classes sociais na personalização da figura do candidato.

Diante do exposto, testaremos a hipótese das pressões cruzadas que pressupõe o eleitor estar envolto e carregar em si sentimentos e influências profundamente antagônicas e contraditórias, possibilitando seu apoio a qualquer um dos lados da disputa. A conjectura explicativa supõe, neste caso, que a decisão do voto e o processo eleitoral deflagraram pressões internas e sociais opostas que levaram o jovem, por um lado, a se apegar aos padrões eleitorais do seu grupo social e familiar, por outro, a se afastar desse mesmo padrão. No primeiro caso, a proximidade à identidade de trabalhador e o encontro com a referência do seu grupo familiar previa que a escolha do jovem seria pela candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT). No segundo caso, a marginalização e/ou afastamento da identidade de trabalhador e o desvio da referência comum pressupunha a escolha de um candidato que negasse ou se opusesse à candidata do PT – ou ainda, que levasse ao voto em branco ou nulo.

Analisaremos essas proposições à luz dos resultados das votações e intenções de voto dos jovens entrevistados para os candidatos à presidência nas eleições de 2014. Inicialmente, descrevemos a intensificação das

pressões sociais conflitantes nos ambientes nos quais os jovens se viram envolvidos em decorrência da campanha eleitoral, principalmente no segundo turno. Em seguida, apresentamos os resultados das votações para presidente no primeiro e segundo turno para, na sequência, discutirmos nossa hipótese explicativa do comportamento eleitoral dos jovens do estudo.

### **3.1 Pleito acirrado e posições sociais conflitantes**

As eleições de 2014 mostraram-se propícias, dado o caráter acirrado do pleito, para a analisar a hipótese das pressões sociais opostas e as consequências políticas conflitantes postas no ambiente social dos jovens<sup>127</sup>. A candidata Dilma (PT) entrou no pleito eleitoral num contexto de tensões sociais após as manifestações de junho que expressaram uma série de descontentamentos com o governo e num contexto de desaceleração de melhorias dos indicadores sociais que, como vimos, se traduzia num grande incômodo por parte das classes populares com seu governo, quando comparada a Lula. Agregavam-se a isso, as críticas e manifestações contra a Copa do Mundo no Brasil no mesmo ano das eleições, e no decorrer da campanha o apontamento do esquema de corrupção da Petrobrás, que envolvia favorecimentos ilícitos a um grupo de empreiteiras, amplamente coberto pela mídia.

O primeiro turno das eleições, ainda, levou à candidata ao empate técnico com Marina Silva (PSB) no mês de agosto. Após a morte de Eduardo Campos (PSB), Marina tinha saído à frente de Aécio Neves (PSDB) nas pesquisas de preferências e advogava por uma alternância de poder e uma "mudança" que buscava reunir as "melhores ideias" para governar de "forma sustentável" o país, para além de compromissos ideológicos. No fim do primeiro turno, o candidato do PSDB, entretanto, ficou em segundo lugar nas votações e junto à candidata Dilma (PT) passou para o seguinte turno, com 33,5% e 41,61% dos votos respectivamente. A queda de Marina (que obteve uma votação de 21,32%), após o súbito auge entre agosto e início de setembro, poderia ser explicada por eventos de campanha, segundo Singer

---

<sup>127</sup> A votação do primeiro turno foi realizada no domingo 05 de outubro e a do segundo turno, no dia 26 do mesmo mês.

(2014). Especificamente, no último debate antes da votação do primeiro turno, a candidata se mostrou cansada, o que pode ter transmitido desconfiança a respeito da sua fortaleza política. Além disso, a candidata Dilma (PT) buscou mostrar na campanha que Marina (PSB) carecia de propostas concretas para governar o país. No segundo turno, ela prestou seu apoio a Aécio Neves (PSDB) e os candidatos mantiveram suas diferenças – Dilma (PT) centrada no Estado e suas políticas governamentais e Aécio (PSDB) concentrou suas críticas aos gastos do governo e à corrupção – numa disputa muito dividida. O resultado levou à reeleição da candidata Dilma (PT) com 51,65% dos votos, sendo que o candidato do PSDB obteve 48,35% (TSE, 2014)<sup>128</sup>.

No âmbito da pesquisa empírica e ao longo das campanhas do primeiro e – sobretudo – do segundo turno, a disputa acirrada e as tensões sociais manifestaram-se em situações de tensão descritas pelos jovens no âmbito da família e do trabalho. Vejamos os relatos.

No dia 2 de outubro, pouco antes da votação do primeiro turno, nos encontramos com Luis para conversar sobre as eleições. Ele, que estava convencido da sua escolha no candidato do PSC à presidência, o Pastor Everaldo, nos relatou que foi interpelado por um colega de trabalho a votar em Marina, como uma ação para "tirar" a presidente Dilma do poder:

Ó esses dias meu colega ele tava comigo e ele falou: E aí Luis, já decidi em quem você vai votar? Eu falei: "Já decidi, meu partido é o PSC, partido social cristão". Aí ele: "Não". Olha o que ele me falou: "Você é louco, você vai votar nesse partido aí, o cara tem 1% de chance de ganhar, você vai continuar com a Dilma lá não sei o que, você tem que votar na Marina". Aí eu falei: "Por que eu tenho que votar na Marina? Qual que é a proposta dela pra você? Pra sua família, pra nação futura?", [ele respondeu] "Não, mas ela vai tirar a Dilma de lá, ela vai tirar a Dilma de lá, entendeu? Já não basta o prejuízo lá da Petrobrás que elas nos deu". Aí eu falei: "Mas qual que foi o tipo do prejuízo que ela deu? Ele não sabia me responder. Você acha que isso daí tem uma lógica? "Então que lógica que é essa? Aí ele queria que eu votasse na Marina simplesmente pra tirar a Dilma de lá. Eu não vou votar na Marina (...) ah, porque ela deu prejuízo da Petrobrás então quer colocar uma qualquer que vai tirar ela de lá. Sei lá, eu acho que é uma coisa muito estranha (LUIS, outubro de 2014).

O escândalo de corrupção da Petrobrás era o pivô para interromper a continuidade do governo. Entretanto, na visão de Luis, o voto em Marina mostrava-se arriscado, diante da possibilidade de uma candidata "qualquer" ganhar as eleições. Ao indagar o colega a respeito de como ele teria sido

---

<sup>128</sup> Cf. TRIBUNAL Superior Eleitoral. *Eleições 2014*. Disponível em: <http://www.tse.jus.br>. Acesso em março de 2015.

prejudicado pelo governo Dilma, não obteve resposta e também não encontrou algum argumento positivo ou favorável à candidatura de Marina. Sua tentativa de convencimento a votar num candidato para "tirar" Dilma sustentava-se em uma emoção, num sentimento que se expressava num suposto prejuízo e que para Luis parecia não ter lógica.

Estes apelos e "tenteadas" alcançaram uma tensão significativa nos relatos registrados no segundo turno e logo após as eleições em discussões entre pais e filhos, noras e sogras, entre trabalhadores no ônibus, vizinhos e colegas de trabalho, chefes e funcionários, chegando muitas vezes às ofensas, à burla, etc. O conflito dava-se principalmente em relação aos próprios interesses do seu grupo social, a exemplo dos programas sociais do governo, e numa perspectiva que escapava às referências comuns para aderir às de uma classe social superior. Regina (20) nos contou que, no dia seguinte à votação do segundo turno, tinha ido fazer um "bico" num *buffet*. Quando estava trabalhando, os funcionários da pequena empresa – um garçom e uma copeira – junto à dona começaram a discutir sobre os resultados das eleições e, em seguida, a questionar de forma hostil a uma recepcionista que tinha votado no PT:

[O que aconteceu?] foi assim, porque lá todo mundo que tava trabalhando. Todos votaram no Aécio, todos estavam comentando. Aí tinha uma moça que disse que votou no PT, aí eles começaram a zoar ela, sabe? Uma recepcionista. Que chegou a votar no PT, eles começaram a zoar ela, falando pra ela que ela era "Petista", que não era pra ela ter feito isso, que o PT só tinha ganhado por causa do Nordeste, por causa desse Bolsa Família que eles trabalhava e eles que pagava esse bolsa família pro pessoal do Nordeste, por causa dos impostos, isso e aquilo outro, falando que a Dilma vai acabar com o Brasil. Estavam criticando lá, fazendo várias críticas a respeito. É. Eu fiquei na minha porque esses negócios assim não tem como discutir, eu sozinha não ia dar em nada, se eu desse minha opinião (REGINA, novembro de 2014).

Num clima já de derrota do candidato do PSDB, funcionários e patroa juntaram-se para agredir à empregada – tratada de "petista", num sentido depreciativo – que foi identificada pela sua escolha eleitoral com as classes baixas, contra quem expressavam seu preconceito. Referiam-se aos que se beneficiam das políticas do governo de redução da pobreza, principalmente,

no Nordeste do país<sup>129</sup>. O voto no PT da recepcionista teria lhes causado um prejuízo. O sentimento de raiva concentrava-se no fato deles acreditarem que sustentavam, por meio dos seus impostos, os beneficiários do programa Bolsa Família e sugeria-se uma visão apocalíptica a respeito do governo Dilma, que acabaria na destruição do país. Ao ouvir o relato, perguntamos a respeito das classes sociais dos funcionários:

Eles são assim, eles são assim, eles são do povo assim, humilde, pobre, só que como eles convivem no meio muito de classe média alta, então a mente deles assim sabe, vai muito além, tem muita crítica. [Como que é?] Tipo assim, como eles trabalham assim com gente de classe média alta, com rico assim, eles têm outra visão como se fosse dos rico mesmo, sabe? Então eles criticam muita coisa, muita coisa assim eles critica. Aí por isso que eu achei melhor não debater, entendeu? [Entendi. Eles adotam a visão dos ricos?] É, até de roupa, de perfume, essas coisas assim, sabe? Eles pegam esses costumes pra eles também, eu já percebi isso. [Você percebeu em quem isso?] Em geral assim dos funcionário. Assim, eles comentando uma vez quê... assim, teve um rapaz que falou assim, um garçom que falou assim: "Ai Regina, tipo assim olha, eu comprei esse cinto da Louis Vuitton, eu paguei R\$200 e pouco, só que pra mim comprar um falso eu não compro, por que como eu trabalho com eles então eu não tenho coragem de colocar uma coisa do Paraguai, sabe? Um perfume barato, uma bolsa barata". Então eles acaba tipo convivendo em um mundo com eles e acaba como se fosse eles mesmo, sabe? Só que não são. Acaba se crescendo assim, vendo eles. Tipo se eles tão com corrente de ouro eles não têm coragem de usar umas correntes de prata, uma corrente baratinha, eles vão usar uma de ouro também, original. Aí a visão deles é como se fosse de rico também, você conversando assim com eles (REGINA, novembro de 2014).

A proximidade criada entre patrões e funcionários em função da escolha política em Aécio Neves (PSDB) era mobilizada pelo sentimento de rechaço à própria classe social, em especial contra os que se encontravam em piores condições materiais. Este rechaço ou afastamento respondia a um forte desejo de valorização social e de alcançar *status*, que levava os funcionários à imitação ou "mimeses" dos mais ricos ou dos sujeitos de classes sociais mais elevadas. Na imitação do consumo e da forma de se vestir, na explicação de Regina, os "pobres, humildes" buscavam aceitação aderindo à visão de mundo e às opiniões dos ricos.

Além do desejo de superioridade e *status*, destaca-se a convivência próxima que os funcionários têm com os donos do comércio ou empresa onde trabalham. Nesse sentido, Lipset (1967) aponta que se, por um lado, a

---

<sup>129</sup> O preconceito e a tematização da inferioridade para definir a posição dos nordestinos na cidade de São Paulo foi analisada por Flávio Pierucci (1999) nos seus estudos sobre o conservadorismo popular. O autor analisou, por exemplo, a visão compartilhada entre seus entrevistados de que a qualidade de vida em São Paulo tinha se deteriorado, pelo fato de estar sendo "tomada" por pessoas de "qualidade inferior", referindo-se aos nordestinos.

facilidade de contato com outras pessoas que têm problemas mais ou menos idênticos constitui um meio em que a posição social pode contribuir para a conscientização política, por outro, os sujeitos das classes populares que trabalhavam espalhados em pequenas terras ou negócios não podiam desenvolver uma consciência política de classe dada a natureza do trabalho. Citando Marx, o autor lembra que os operários concentrados em grandes fábricas podiam mais facilmente se tornar conscientes dos seus interesses em comum (LISPET, 1967). Como já foi apontado, os jovens do estudo trabalhavam no setor de serviços e, em geral, tinham proximidade com seus chefes, com os quais discutiam política e, inclusive, religião. Luis (21) e Teresa (22) foram indagados por seus chefes a respeito das votações, mais de uma vez:

[As pessoas já te perguntaram no trabalho?] "Meu patrão me perguntou, o Douglas. Mas eu achei excelente a atitude dele, ele é bem discreto, entendeu? Ele falou pra mim: e aí, você já decidiu em quem você vai votar? Aí eu falei: já decidi em quem eu vou votar. Aí ele esperou pra ver se eu citar nome e partido, eu não citei. Pronto, acabou ali, ele foi bem discreto, porque ele sabe". [Você sabe em quem ele vai votar?] Não. [Ele não falou?] "Eu não falei ele também não falou" Eu acho que isso daí é uma coisa bem particular, entendeu? Esses dias nós tava conversando sobre casamento, daí eu falei pra ele o que eu achava, na minha opinião o que eu achava, da lei de Deus, ele me veio com a lei de Maomé (risos), aí começou uma discussão, entendeu? Eu não concordava com ele e ele não concordava comigo (LUIS, 02 de outubro de 2014).

[Ah, seu patrão vai votar em quem?] "Ah! Vai votar no Aécio, vai votar em quem? (risos) Ah, eu não posso ficar, cada um tem a sua opinião, né, mas eu na minha opinião, o Aécio é um desperdício, eu tirei, foi à única coisa que eu vi e que eu não concordei, né" (...) [E o que o teu patrão falou do Aécio?] "Ele... Pior é que é assim olha, ninguém fala nada do Aécio, todo mundo fala que vai votar no Aécio por causa que a Dilma deu desfalque na Petrobrás" (LUIS, 25 de outubro de 2014).

[em quem você pensa votar?] "De coração assim eu não tenho ideia nenhuma, nenhuma mesmo porque eu não parei pra ver os jornais, fiquei querendo fazer discussão perante a isso, estando hoje no serviço, meu chefe odeia extremamente a Dilma. Se ele pudesse ele jogava uma bomba na casa da Dilma" [Qual é o partido dele?] "Eu não sei qual é o partidário dele. Até então ele só fala negatividade perante a presidente atual. É uma coisa assim, que você decide "é isso que eu vou votar", e eu não sei literalmente... eu não sei qual foi os planos de um presidente de outro..." [Por que ele odeia?] "Não sei, ele discute bastante, na hora do almoço às vezes uma discussão ali é uma hora de debate, assim né? De conversa e tal, ele conversando com outros funcionários da empresa e tal, a gente conversa bastante, mas eu acabo comendo e saindo fora. Isso é claro, que ele não suporta o reinado, eu digo da presidente Dilma, mas é como eu falo, cada um com sua opinião. [Mas porque ele odeia?] Não sei se ele pega como um todo, se ele pega o lado burocrático, o lado financeiro, não sei literalmente qual a tese dele, o fundamento de tudo pra ele chegar a isso, a esse ponto. Literalmente eu não sei, durante a semana ele dá uma pincelada, uma discutida nisso e eu falei: "Chefe, eu não sei" [ele respondeu] "Você tá certa, você precisa sentar, analisar a proposta, o que você quer". Porque eu sou uma só, tenho que pensar por mim. Eu não sei se eu voto em um ou em outro, mas o meu voto tem que ser consciente. Independente de quem vai ser eleito ou não" (TERESA, agosto de 2014).

Os trechos mostram distintas formas de abordagens dos chefes ou "patrões" aos seus funcionários para tratar do tema das eleições. Em ambos os relatos nota-se que eles "conversam bastante". Luis, diferentemente como o fez com o colega, preferiu não discutir e discordar com o chefe no tema das eleições e escolheu levar o embate para a arena religiosa. Uma vez aberta a brecha para o chefe, como no caso de Teresa, as perguntas e discussões com os funcionários, inclusive no horário do almoço, tratavam da defesa do candidato dos patrões, Aécio Neves (PSDB) e da crítica a Dilma (PT). Por isso, a necessidade que Teresa expressou de buscar informação nos jornais para poder discutir com o chefe. Chamava sua atenção o sentimento de ódio e o desejo destrutivo expressado pelo chefe em relação à candidata. Assim como no caso do colega de Luis, ela também não encontrava a "tese" ou o "fundamento" que explicasse esse sentimento que o patrão alimentava. E diante das pressões em relação a sua escolha, mostrava que precisava pensar em quem votaria, pois já logo no início da campanha do primeiro turno, a jovem encontrava-se internamente dividida entre Dilma (PT) e Aécio (PSDB).

O sentimento expressado pelos sujeitos da classe média, ou "os patrões", envolveram também os ambientes parentais e sociais próximos dos jovens, na vizinhança e no ônibus, gerando conflitos no interior do grupo social dos mais pobres, que foram intensificando-se à medida em que se aproximava a decisão do segundo turno.

Na quinta-feira, 23 de outubro, três dias antes das votações, entrevistamos Kelly (23) sobre as eleições no seu bairro, no Jardim Tereza na Brasília. Quando nos reunimos, ela estava numa lojinha do bairro, onde fazia um "bico". Após um tempo de conversa chegou sua amiga e vizinha Carmen (23) – a jovem prounista cuja participação nas manifestações de junho foi analisada na seção anterior – para lhe fazer companhia. Na primeira parte da entrevista, antes da chegada da amiga, Kelly nos contou que estava dividida entre o voto em Dilma (PT) e Aécio (PSDB):

[E agora no domingo você vai?] Eu tô indecisa se eu vou votar na Dilma ou no Aécio. [O que seu pai falou?] Falou que a Dilma era do povão. Que ela fazia as coisas toda pro povão certinho, que ia votar nela. [E o Aécio?] O Aécio não falou nada não. [Então porque seu pai...] Falou que o Aécio ele é de família que tem dinheiro. Falou isso. [Mas qual que é a sua dúvida?] Porque a Dilma não fez nada em quatro anos, vai fazer em mais quatro? [Ah, por isso que você tá indecisa?] É. Por isso que eu tô indecisa (KELLY, outubro de 2014).

Numa conversa prévia com o pai, este tinha manifestado sua intenção de voto em Dilma pois ela preocupava-se com os pobres ou com o "povão". Em oposição, o candidato do PSDB vinha de uma família rica. Desse modo, a oposição se dava na chave da realidade social família. A mobilização da oposição entre pobres e ricos a favor do voto na candidata do PT no âmbito das referências familiares, por um lado, e o seu descontentamento com o governo, por outro, causavam-lhe incertezas sobre a escolha que faria no domingo. Ainda nessa conversa, Kelly voltou a sinalizar que se Marta Suplicy se candidatasse, não teria dúvidas, e votaria nela. Quando conversávamos sobre esses assuntos, chegou Carmen que anunciou logo em seguida que votaria em Aécio:

"pra ver se melhora, por causa que pelo amor de Deus, a Dilma ninguém merece". [Por quê?] "PT, todo o PT é tudo uma roubalheira" [E o Prouni, você acha que vai continuar?] "Com certeza, não foi criação do PT" [O Prouni?] "Uhum". [De quem que foi criação?] "Do PSDB" [Ah, é?] "Tanto o Bolsa Família como o... Pelo menos o que eu ouvi". [Mas o Aécio falou alguma coisa do Prouni?] "Não sei. Nem vi se ele falou, só sei que vai continuar" [E no primeiro turno você votou em quem?] "Na Marina". [O que você achava da Marina?] "Ah, melhor dos que tava aí".

Pesquisadora: É?

– K: Melhor do que a Dilma e o Aécio. (risos)

– C: Só por isso.

[E tem alguma proposta dele que você acha interessante, que você tá curtindo?]

– C: Não. Eu só vou votar nele só porque eu não vou votar em outra coisa.

– K: Não tem opção.

– C: Qualquer coisa menos o PT.

[Por que você tá achando tão ruim?]

– C: Porque é ruim.

[Mas por quê?]

– C: Porque o PT, ele veio com essa fantasia assim: Ai dos trabalhadores, dos pobres. Não que os outros não roubem, todos os partidos roubam, mas o PT, ele por si só é uma roubalheira só. Antes eu não tinha esse pensamento dele, mas agora eu tenho.

[Quando você mudou esse pensamento?]

– C: Depois do mensalão. Principalmente depois do mensalão. Odeio o PT, não gosto (CARMEN e KELLY, outubro de 2014).

A oposição à candidata Dilma e o rechaço ao PT irrompeu com força na conversa por meio de uma jovem inscrita num programa social do governo. A acusação de roubalheira era o traço totalizante do partido e seus candidatos e, por meio do sentimento de prejuízo, negava-se inclusive a autoria política do benefício que ela recebia para realizar seus estudos superiores. O Prouni e o Bolsa família teriam sido invenção do PSDB e não do PT. Na conversa, o voto em Marina no primeiro turno surge novamente como uma forma de "tirar" o PT do governo. A candidata do PSB parecia

mais aceitável inclusive que o próprio Aécio, que para Kelly e Carmen restava como alternativa diante da falta de uma opção melhor para poder vencer a candidatura do PT. Carmen costumava votar no PT, mas após o "mensalão" teria mudado de opinião a respeito do partido, pelo qual passou a sentir ódio. O argumento do mensalão – que se deflagrou entre 2005 e 2006 – parecia ressignificar parte da sua própria trajetória eleitoral, ao relacionar esse evento ao ódio por um partido que, até a última eleição, apresentava algum aspecto positivo e que contrabalançava com suas críticas.

Na primeira entrevista feita com Carmen, em janeiro desse ano, ela nos contou que seu voto nas eleições municipais tinha sido no candidato do PT, Fernando Haddad, mas que estava mudando sua percepção sobre o partido em função da corrupção. Entretanto, considerava que o PT ajudava bastante: "que nem o Bolsa Família, esses meios que eles deixam para os pobres, para ajudar, acho que isso incentiva muito" (CARMEN, janeiro de 2014). Em termos do apoio social ao candidato do PSDB nas eleições de outubro, relatou que no trabalho e na faculdade, chefes e colegas de sala votariam em Aécio, assim como ela: "*Todo mundo no Aécio. Não tem uma pessoa da minha sala que vai votar na Dilma, nem do meu trabalho, nenhum dos advogados, ninguém vai votar*" (CARMEN, outubro de 2014). Para ela, os pobres inclusive dividiam-se entre os que não prestariam seu apoio a Dilma e os nordestinos que votariam na candidata do PT. Caso Dilma ganhasse, entrevia uma catástrofe e por meio desse anúncio interpelava seu marido a não votar em Dilma: "*[Na sua casa como que tá?] Eu vou votar no Aécio, meu marido vai votar no Aécio e só. Eu não sei. Meu marido não é nem doido de votar na Dilma. Se ele votar... Eu já falei pra ele, se ele votar na Dilma. Se a Dilma ganhar gente, eu daqui uns dois anos eu tô viajando pra fora (risos). Você vai ver. Espere e verás*" (CARMEN, outubro de 2014).

No dia da votação em segundo turno, 26 de outubro, a tensão chegou, inclusive no âmago da visão de mundo do trabalhador, no interior dos núcleos familiares em brigas que opunham gerações – pais x filhos e noras x sogros – e os próprios conjugues:

[E o pessoal falava que ia votar na Dilma por quê?]

– L: Não sei, o pessoal tinha gente que gritava aqui na casa de cima aqui, "ó" [apontando para cima]

– V: É

– L: Da casa de cima do Vidal, da rua de cima, no dia da eleição mesmo, gritava: "Vota na Dilma!", aí "Que Dilma!". Aí começava xingar, o próprio pessoal da família xingando.

[Então, dividiu]

–V: Dividiu o Brasil inteiro.

[e essa família, pode me contar melhor?]

– L: Ah, o pessoal ficou falando "não sei o que, vou votar no Aécio" aparecia o filho falando, aí o pai falou: "Vota na Dilma, não sei o que", aí começaram a xingar, falar palavrão.

[eles se xingavam?]

– V: É, de Filho da p..., mandava se f.... A própria família mesmo! (VIDAL e LEANDRO, novembro de 2014).

"Até na minha casa também minha mãe brigou lá, ela discutiu. Minha mãe chegou a discutir lá com a minha cunhada também, que a minha cunhada ela tem essa visão também, sabe? De votar no Aécio e não sei o quê. E a minha mãe, minha família toda é Petista, sempre votou no PT. Aí acabaram discutindo lá. [E a sua cunhada falava o quê?] Ela ficava xingando os nordestinos de burro, sendo que ela também é nordestina, ela não nasceu em São Paulo [Ela também é nordestina?] É. Chamando os nordestinos de burro, falando que tudo votando por causa de Bolsa Família. Porque acho que essas eleição o povo só falava de Bolsa família só. [Nessa eleição?] É. foi o que eu mais ouvi. Que o fato da Dilma ter ganhado foi que eu mais ouvi falar foi por causa do Bolsa Família [A briga aconteceu antes ou depois da eleição?] Na hora que saiu a votação que a Dilma foi reeleita. Tava todo mundo em casa e comentando, aí começaram a discutir. Eu não tava na hora, minha mãe me contando (...) Até teve uma hora que até minha mãe tava falando que ela chegou a criticar por causa... Falando assim que tinha que ser o Aécio mesmo pra ele tirar o auxílio reclusão, que era tudo vagabundo. Diz minha mãe que eles [cunhada e marido] discutiram lá, ela ficou brava, meu irmão foi embora, porque ela tava criticando demais. E meu irmão votou no PT, na Dilma e ela mulher dele, nem chegou a votar, porque ela vota na cidade dela, então ela só... É, ela só justificou só, sei lá, mas ela queria que todo mundo votasse no Aécio" (REGINA, novembro de 2014).

As rixas familiares registradas no relato do dia das eleições refletem a divisão do pleito e transmitem como as posições sociais conflitantes foram vividas no interior do grupo, por exemplo em relação aos benefícios do governo que era um dos principais validadores da preferência dos pobres em candidatos do PT. A oposição descrita nos relatos não parecia apenas uma discordância, mas um afastamento ou mesmo uma negação dos interesses em comum que ia além da troca de ideias, pois envolviam paixões que se expressavam em xingamentos e sentimento de ódio nas "famílias petistas". Os filhos, diferentemente dos pais, dividiam-se entre o apoio a Aécio e a Dilma, e, no caso da cunhada de Regina, essa discordância levou à briga do próprio casal. Na oposição aos programas sociais e a crítica aos seus beneficiários e nordestinos, perdia-se de vista o fato de seus familiares serem beneficiários – pelo auxílio reclusão, por exemplo – e, inclusive, a própria identidade. No dia seguinte, na retomada da rotina do trabalhador às segundas, Regiane (24) trouxe o relato de outros moradores a respeito de

brigas no ônibus: *"Dentro do ônibus também ouvi muita gente falar que o povo tava brigando dentro do ônibus discutindo [O quê?] Dentro do ônibus eu escutei o pessoal falando, que eles tavam discutindo mesmo, sobre as eleição, falando porque que a Dilma tinha ganhado isso e aquilo outro (REGIANE, novembro de 2014).*

Paralelamente às pressões sociais que dirigiam-se contra o voto na candidata Dilma (PT), havia a sinalização contrária entre parentes, familiares e no grupo social em geral. Regina destacou, por exemplo, a posição adotada pelo grupo de mulheres da comunidade no *facebook* "Amor atrás das grades" da qual ela participa. A descrição na rede social explica que a comunidade está às "pessoas que possuem alguém preso" (marido, namorado, pai, irmão, amigo, conhecido e etc.). Regiane contava com o apoio desse grupo para organizar suas viagens ao presídio onde o marido estava preso, a mais de dez horas de São Paulo, e compartilhava com elas informações, preocupações, etc., a respeito da situação que lhes é comum. No período das eleições, as mulheres da comunidade posicionaram-se contrárias ao voto em Aécio Neves: *"elas pediam pra não votarem no Aécio, devido que não ia tá favorável assim o sistema carcerário, devido assim ia prejudicar muito os presos, saída temporária que não ia ter mais, auxílio reclusão que eles queriam tirar, essas coisas assim. Aí que as mulheres começou e ver também e falou que não ia votar, porque a gente quer que melhore o sistema"* (REGINA, novembro de 2014). O próprio marido de Regina, inicialmente dividida entre o voto em Dilma ou Aécio, tinha lhe pedido para votar na candidata do PT por motivos semelhantes aos mobilizados pelas mulheres do grupo – o receio de que as condições no sistema prisional piorassem ainda mais e se dessem cortes dos benefícios sociais.

Como os benefícios do governo foram altamente polemizados nas discussões, é importante destacar que até o período anterior à votação do primeiro turno, nenhum jovem do estudo tinha se mostrado contrário ao Bolsa Família ou ao Auxílio Reclusão. Inclusive, estes eram vistos de forma positiva. Três dos jovens do grupo de entrevistados eram beneficiários indiretos do Bolsa Família, que suas mães recebiam do governo, e uma jovem recebia o auxílio reclusão. A percepção sobre o programa Bolsa Família registrava uma variação a respeito do papel desse programa na vida das pessoas. Para

alguns, era "um dinheirinho a mais" e, para outros, uma ajuda importante para aqueles que apresentavam condições materiais piores entre os pobres. Esta era a situação de uma parte das mulheres do estudo que não se encontrava inserida no mundo do trabalho, mas que, entretanto, ainda não tinham recebido o benefício.

Os relatos, assim, mostram um processo incremental da polarização vivida ao longo do pleito eleitoral de 2014. Com isso, as pressões grupais conflitantes que vivem as classes populares teriam aumentado e levado a uma tensão que ia do ambiente do trabalho ao interior das famílias. Estas forças sociais em sentidos opostos teriam cruzado internamente aos jovens que dividiam-se principalmente no segundo turno entre o voto em Dilma (PT) e Aécio (PSDB). Destacamos que a influência externa à classe social dos jovens mostrava-se numa paixão, mais especificamente no sentimento de ódio, e em decorrência disso não eram apresentadas razões ou justificativas racionais para "tirar" o PT do governo. Como recurso de convencimento apelava-se aos sentimentos, passando diretamente da exterioridade social ao mundo subjetivo. Vimos três elementos coincidentes entre esses discursos: o sentimento de prejuízo causado pelo PT, o preconceito contra os nordestinos e beneficiários dos programas sociais e as visões apocalípticas e destrutivas sobre o futuro, caso Dilma ganhasse as eleições novamente. Como vimos na seção anterior, ao tratar da mídia e as igrejas evangélicas, esta vertente moral da "nova direita", como coloca Pierucci (1999), produz discursos de insegurança, decadência e intolerância.

### **3.2 Resultados da votação**

A votação no distrito da Brasilândia nos pleitos eleitorais considerados referência dos sujeitos pesquisados (Tabela 18) mostrou uma vitória dos candidatos do PT até 2012, com a eleição de Fernando Haddad tendo mais de 60% dos votos válidos para a prefeitura de São Paulo:

TABELA 18  
 VOTAÇÃO PARA PRESIDENTE E PREFEITO, PERCENTUAL DE VOTOS VÁLIDOS (%), 2º  
 TURNO DISTRITO DA BRASILÂNDIA, SÃO PAULO, SP - 2008, 2010, 2012 E 2014

Pleito	Ano	PT	Não PT
Municipais	2008	53,18	46,82
Presidenciais	2010	56	45
Municipais	2012	68,39	31,61
Presidenciais	2014	45,31	54,69

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo - TRE SP

OBS: Os candidatos do segundo foram:

Marta Suplicy (PT) e Gilberto Kassab (DEM) em 2008

Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), em 2010

Fernando Haddad (PT) e José Serra (PSDB), em 2012

Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), em 2014

De acordo com os dados, desde 2012 os candidatos do PT vinham aumentando o percentual de votação e, ao mesmo tempo, observou-se uma queda progressiva no caso dos candidatos dos partidos opositores nos pleitos eleitorais (DEM e PSDB). A eleição de 2014, contudo, mostrou um resultado que inverteu essa tendência; o candidato Aécio Neves teria ficado quase nove pontos percentuais na frente da candidata Dilma, com 54,69% e 45,31% dos votos respectivamente. No primeiro turno, os resultados foram praticamente proporcionais entre os três candidatos mais votados: Dilma obteve 33,08%, seguida por Aécio com 31,32% e Marina com 29,38%. Desse modo, a candidata do PT foi para o segundo turno nesse distrito com uma vantagem de apenas dois pontos percentuais a mais do que seu adversário. Além disso, o resultado de 2014 mostrou uma queda de onze pontos percentuais na votação de Dilma na comparação com 2010<sup>130</sup>.

<sup>130</sup> O caso de controle interno da pesquisa é a região periférica de Guaianazes. Comparativamente com o distrito da Brasilândia, nessa região Dilma obteve 55,53% dos votos, ficando à frente do candidato Aécio Neves, que obteve 44,47%. Entretanto, a candidata do PT também perdeu em outros distritos da periferia, a exemplo de Capão Redondo, Campo Limpo e São Miguel Paulista, nos quais em 2010 tinha saído à frente do candidato do PSDB.

Dos dezenove jovens do estudo<sup>131</sup>, treze foram às urnas e cinco não participaram, sendo que não conseguimos o contato com um dos casos após a entrevista para nos informar a respeito da sua participação<sup>132</sup>. Do grupo "votante", seis eram homens e sete mulheres, e entre o grupo "não votante", havia uma mulher e quatro homens. Portanto, o comparecimento foi equilibrado em termos de gênero. Nota-se que os homens que não votaram tinham entre 16 e 18 anos de idade, ou seja, não estavam na idade obrigatória e, no caso de Leandro (18 anos), ele tinha se mudado de cidade recentemente. Regina não participou do pleito eleitoral nem do primeiro, nem do segundo turno.

A votação nas eleições do grupo que compareceu às urnas (Tabela 19) mostrou duas concentrações de preferências em torno de Marina (PSB) e Dilma (PT):

TABELA 19  
ESCOLHA POR CANDIDATO PRESIDENCIAL, 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO, SEGUNDO IDADE, SEXO E OCUPAÇÃO

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?*	Dilma (PT)	Marina (PSB)	Aécio (PSDB)	P. Everaldo (PSC)	Branco/Nulo
Ana	F	17	Nao		X			
Francis	M	21	Sim, sc	X				
Gabriel	M	18	Sim, sc	X				
Gabriela	F	20	Nao		X			
Gerson	M	24	Sim, sc	X				
Gustavo	M	19	Nao	X				
Kelly	F	23	Nao		X			
Luis	M	21	Sim, cc				X	
Maria	F	21	Sim, cc		X			
Sara	F	21	Sim, cc		X			
Teresa	F	22	Sim, cc			X		
Valéria	F	20	Nao		X			
Vidal	M	21	Nao					X
<b>TOTAL</b>				<b>4</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

(\*) Adotamos a nomenclatura " Sim, sc" para empregados sem carteira

<sup>131</sup> Os três casos de controle – Luzio, Elísio e Carmen – serão incorporados na análise para validar as hipóteses do estudo. Desse modo, a análise das votações contempla o grupo do estudo (19 casos) e o grupo de controle (03 casos). Como já foi mencionado, Luzio apresenta os mesmos critérios de inclusão do grupo de jovens delimitados para esta pesquisa, mas mora em outro bairro periférico. Carmen mora na Brasilândia, mas não tem proximidade com o crime e o seu salário do trabalho está acima de 2SM. Elísio é o caso mais externo, mora numa região de classe média – classe média baixa na Zona Leste, ganha um salário de 2SM ou mais e não apresenta envolvimento com o crime. Tanto Carmen como Elísio são beneficiários do Prouni e estão no ensino superior.

<sup>132</sup> Joana (20) após da entrevista que fizemos em julho de 2014 tinha mudado de endereço e os familiares não nos passaram seu novo contato.

Seguiram-se às candidatas apenas Aécio Neves (PSDB) e o Pastor Everaldo (PSC), ambos com apenas um voto, sendo que um jovem anulou seu voto. Dado que a formulação da nossa hipótese supõe um movimento pendular de adesão à candidata do PT, por um lado, e um desvio dessa escolha por meio do voto em um candidato que se opusesse à candidatura de Dilma ou ainda levasse ao voto nulo ou branco, por outro, organizamos os votos segundo o apoio ou não à candidata (Tabela 20):

TABELA 20

ESCOLHA CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO, SEGUNDO IDADE , SEXO E OCUPAÇÃO

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?(*)	Dilma	N Dilma
Ana	F	17	Nao		X
Francis	M	21	Sim, sc	X	
Gabriel	M	18	Sim, sc	X	
Gabriela	F	20	Nao		X
Gerson	M	24	Sim, sc	X	
Gustavo	M	19	Nao	X	
Kelly	F	23	Nao		X
Luis	M	21	Sim, cc		X
Maria	F	21	Sim, cc		X
Sara	F	21	Sim, cc		X
Teresa	F	22	Sim, cc		X
Valéria	F	20	Nao		X
Vidal	M	21	Nao		X
<b>TOTAL</b>				<b>4</b>	<b>9</b>

(\*) Adotamos a nomenclatura " Sim, sc" para empregados sem carteira  
"Sim, cc" corresponde a empregos com carteira

Os dados mostram que quatro jovens votaram na candidata, e nove (escolheram outro candidato que não o do PT ou anularam o voto. Portanto, esta segunda opção de desvio da votação em Dilma foi majoritária no primeiro turno. Se compararmos a votação de apoio ou rechaço a Dilma com os resultados do segundo turno (Tabela 21), veremos que esta relação se inverte:

TABELA 21

ESCOLHA CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO, SEGUNDO IDADE , SEXO E OCUPAÇÃO

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma (PT)	Aécio (PSDB)
Ana	F	17	Nao	X	
Francis	M	21	Sim, sc	X	
Gabriel	M	18	Sim, sc	X	
Gabriela	F	20	Nao		X
Gerson	M	24	Sim, sc	X	
Gustavo	M	19	Nao	X	
Kelly	F	23	Nao		X
Luis	M	21	Sim, cc	X	
Maria	F	21	Sim, cc		X
Sara	F	21	Sim, cc	X	
Teresa	F	22	Sim, cc		X
Valéria	F	20	Nao		X
Vidal	M	21	Nao	X	
<b>TOTAL</b>				<b>8</b>	<b>5</b>

(\*) Adotamos a nomenclatura " Sim, sc" para empregados sem carteira

O intercâmbio de proporções de um turno para outro revela dois aspectos importantes a respeito das escolhas. Em primeiro lugar, que havia um grupo que mudou radicalmente de lado em meio a uma disputa acirrada – desde uma opção de voto que se explicava em razão da possibilidade de vencer a candidata do PT à uma posição de apoio à esta mesma candidata. Em segundo lugar, os jovens que fizeram escolhas em candidatos com uma baixíssima intenção de votos no primeiro turno – como notadamente o Pastor Everaldo – ou tinham anulado o sufrágio, e nesse sentido, viam-se mais distantes da disputa ou do próprio processo eleitoral, e que no segundo mostraram-se dispostos a se reunir à indicação do seu grupo social, declarando o voto à Dilma.

Como nosso interesse é buscar possíveis relações do comportamento eleitoral dos jovens com suas visões e mundo, e, portanto, com as formas de pensar entranhada nesta ação, reunimos as informações do grupo que compareceu às eleições com os dados de intenção de voto daqueles que não participaram, a fim de ampliar o número de observações para o total do coletivo de entrevistados. Incluímos também os casos de controle de modo a contrapor os resultados da análise. Assim, passamos para um conjunto de

vinte e dois casos, sendo dezenove do grupo delimitado para esta pesquisa e três de controle.

Na distribuição do voto segundo distintas características do perfil dos jovens votantes identificamos uma forte associação entre gênero e os resultados das votações que parecia organizar em primeira instância as preferências entre o apoio ou desvio do voto em Dilma (PT). Essa relação se expressava numa adesão que separava claramente ambas as escolhas e, ao mesmo tempo, num alinhamento interno<sup>133</sup>:

**TABELA 22**  
**INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO,**  
**ORDENADOS SEGUNDO SEXO**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma (PT)	Marina (PSB)	Aécio (PSDB)	P. Everaldo(PSC)	Eduardo Jorge(PV)	Branco/Nulo
Ana	F	17	Não		X				
Gabriela	F	20	Não		X				
Joana	F	21	Não						X
Kelly	F	23	Não		X				
Maria	F	21	Sim,cc		X				
Regina	F	24	Não			X			
Sara	F	21	Sim,cc		X				
Teresa	F	22	Sim,cc			X			
Valéria	F	20	Não		X				
Francis	M	21	Sim,sc	X					
Gabriel	M	18	Não	X					
Gerson	M	24	Sim,sc	X					
Gustavo	M	19	Não	X					
Kaio	M	16	Não	X					
Leandro	M	18	Não			X			
Luis	M	21	Sim,cc				X		
Vicente	M	17	Não	X					
Vidal	M	21	Não						X
Wilson	M	17	Não	X					
<b>TOTAL</b>									

A tabela 22 – com os dados da votação e as intenções de voto no primeiro turno ordenados segundo gênero – mostra que cada maioria (Dilma e Marina) alinhava-se segundo as distintas categorias. A opção na candidata Marina Silva (PSB) representava, entre as mulheres, a possibilidade de vencer à candidata do PT, a quem se seguia o candidato Aécio Neves (PSDB). A ideia de "tirar" Dilma expressava-se em sentimentos que iam de um descontentamento difuso, posto no ambiente social mais geral, até a manifestação explícita de rechaço, em função do que ela teria deixado no seu governo. Isto se traduzia na aposta em candidatos que estavam à frente na disputa, sobre os quais não tinham referências, ou não conheciam, e dos quais auferiam em última instância apenas aspectos ou impressões a respeito de suas personalidades:

<sup>133</sup> Ver no Apêndice D o resultado da distribuição segundo idade e condição no trabalho.

"Esse Aécio Neves, eu não... não sei. Nunca ouvi falar. Mas eu acho que a Dilma não tem outra chance [Você acha que não vai ganhar?] Não [Por quê?] Porque as pessoas estão muito revoltada com ela". [Por quê?] "Ah, por tudo. Sei lá, Copa... tudo" (MARIA, 18 de agosto de 2014, voto em Aécio no 1º Turno).

"Da Dilma eu acho a mesma coisa que a minha mãe, acho que ela não é uma boa presidenta" [em comparação a Lula]. [Você não votaria nela?] "Só se fosse em último caso. Mas não pretendo votar nela não. [Você vai votar como?] Provavelmente em branco" (...) "A Marina é uma candidata boa, eu acredito [Por quê?] Só pela forma como ela fala, eu gosto dela assim, pelo jeito dela. Eu nunca vi nada do que ela tenha feito..." (SARA, 10 de agosto de 2014, voto em Marina no 1º Turno).

A Dilma não fez nada, não quero que ela ganhe não. Não sei nada da Marina, vou votar nela para não votar na Dilma (KELLY, 03 outubro de 2014, voto em Marina no 1º Turno).

[Quem que você vai votar?] "Ah, não sei. Acho que na Marina... Marina o nome dela?" [Porque?] "Ah, porque ó, todo mundo fala: A Marina tá no auge. Que nem a minha amiga..." [A Marina tá o quê?] "No auge, em cima. Aí que nem a minha amiga, esses dias eu fui na casa dela e aí eu perguntei pra ela em quem ela ia votar, ela falou assim: "Ah, na Marina". Eu falei: "Por que na Marina?" Ela falou... Aí ela explicou lá que a Marina mostra ser verdadeira entendeu? Com as palavras dela, que não sei o que. Falei: "Ah, então eu vou votar na Marina também" (risos) [E na Dilma, por que não?] "Ah, não gosto da Dilma não. Porque ela tem muita cara de ser pilantra". [Pilantra?] "É. Tipo de ela prometer que vai fazer as coisas e não faz" (ANA, 03 de outubro de 2014, voto em Marina no 1º Turno).

O voto em branco foi a expressão de intenção de voto de Joana, para quem nenhum candidato cumpre suas promessas, portanto, nenhuma das opções seria "melhor que outra". A sensação de abandono da presidente Dilma em relação aos pobres veio à tona na conversa sobre os resultados do país na copa do mundo. Para Joana, a derrota histórica do Brasil frente à Alemanha de 7X1 teria sido uma sorte de escárnio contra a presidente<sup>134</sup>: *"Fiquei feliz pelo Brasil ter perdido. A Dilma é chata, fica atrás sem fazer nada. Tanta gente passando sufoco... não presta atenção nos pobres. Devia ajudar, melhorar o transporte, hospital, escola"* (JOANA, 22 de julho de 2014). Desse modo, é plausível supor que os votos em Marina e os votos brancos compunham um preferência contrária à presidenta, o que valida nosso argumento dos dados do primeiro turno entre a opção "Dilma" e "Não Dilma". Por outro lado, os homens votaram e/ou tinham intenção de votar predominantemente em Dilma no primeiro turno. Os votos mais dispersos em relação à sinalização dessa preferência eram o voto nulo e o voto em

---

<sup>134</sup> No dia 8 de julho de 2014, a seleção Brasileira enfrentou a Alemanha na disputa pelas quartas de finais. A dimensão da derrota viu-se nos primeiros cinco gols que o país levou nos primeiros 29 minutos, feito inédito até então na história das copas do mundo. No dia seguinte, a sensação generalizada era de luto.

candidatos com baixa expressão eleitoral, diferentemente das mulheres. Vidal nos relatou ter anulado o voto justamente como uma forma de se opor às preferências majoritárias e ao próprio processo eleitoral, como num protesto que se anunciava, na seção anterior, na adesão à ideia de ir "contra o sistema":

[Então você acha que votar nulo, qual que seria o efeito?] "O efeito de votar nulo? Pra mim nem pra um nem pra outro. Porque tipo assim, os que tão ganhando não vai levar meu mérito não.: Os que tão na frente que é a Dilma, a Marina, não vai ganhar meu mérito que é duas sem vergonha. Vou votar nulo" (VIDAL, 26 de setembro de 2014, voto nulo).

A ideia de ir contra "o sistema" estava ligada a uma profunda sensação de injustiça e ao descontentamento com o funcionamento da sociedade em geral, que se encarnava na figura do político como um ladrão. Esta oposição era associada pelo jovem às letras do *rap* e às "ideias" e ações feitas em relação ao sistema prisional e ao próprio bairro pelo PCC<sup>135</sup>. Em oposição à presidente Dilma – para ele, totalmente inserida na institucionalidade ou no "sistema" – apareciam então facções e inclusive a figura personalizada da justiça do ex-ministro do STF, Joaquim Barbosa, visto como alguém autor de feitos extraordinários: "*Da Dilma ela, no meu ponto de vista assim, ela tipo, aquele negócio da Petrobrás lá, que eu fiquei sabendo lá ela é ladrona de mão cheia. Até que o... Aquele cara do Supremo Tribunal Federal rasgou o livro da lei lá. Joaquim Barbosa, aquilo lá foi f..*" (VIDAL, 26 de setembro de 2014). Por outro lado, Luis tinha escolhido o Partido Social Cristão (PSC) para direcionar seus votos numa expectativa de fazer deste o "seu partido". Para ele, o "social" da sigla e as informações da *internet* mostravam que o PSC tinha interesse na questão social e apresentava a vantagem do elemento religioso que, na sua perspectiva de recém converso

---

<sup>135</sup> Na crítica ao candidato à reeleição para governador Geraldo Alckmin, Vidal expunha o péssimo funcionamento do sistema prisional e as mudanças trazidas pelo PCC: "*O Alckmin no governo dele, acompanho o governo dos quatro anos dele, passei pelo sistema [prisional] também e ele não... Aqui só... Bem dizer aqui em São Paulo ele fala que esses negócios aí que é por causa do governo dele dar segurança pública, que diminuiu a taxa de morte. Aí até às vezes na TV o Datena, os cara fala que preso come bem, que não sei o que, no governo dele. Eu passei lá eu vi que é tudo mentira. O negócio lá é só sofrimento. Segurança na rua fica falando que foi pelo governo dele e tal, eu não vi nada disso. Que essa taxa de mortalidade que abaixou, pelo que eu conheço, foi de conscientização do comando do PCC*" (VIDAL, 6 de novembro de 2014).

à igreja evangélica, estava sobreposto à política<sup>136</sup>. Esta alternativa do PSC como "seu partido" se opunha ao "partido de casa", o PT, como tinha expressado em outras entrevistas. Ou seja, Luis buscava um afastamento da referencia familiar que envolvia também uma identidade política e ideológica. O motivo desse afastamento era, além da mudança de perspectiva sobre a relação política e religião, a informação que tinha recebido de uma aliança do partido com o PCC<sup>137</sup>.

Os casos de controle mostraram comportamento semelhante aos do nosso grupo de entrevistados ao serem observado sob o ponto de vista de gênero. Carmen votou em Marina na chave de "tirar" Dilma do poder e num sentimento de forte oposição ao PT, como vimos na seção passada e Luzio votou em Dilma. Ambos os jovens são moradores da periferia da cidade (Brasilândia e Guaianazes, respectivamente), sendo que a primeira é beneficiária do Prouni e tem no horizonte a ascensão social, e Luzio interrompeu os estudos e trabalhava como monitor numa ONG do bairro.

Podemos considerar, assim, a coincidência da votação dos casos de controle com os outros um sinalizador da generalidade da relação de classe social e sua ocupação no espaço urbano com esse comportamento eleitoral que surgiu dos dados organizados por gênero. Elísio, não morador da periferia, é também prounista, votou no candidato Eduardo Jorge (PV) por apresentar propostas com as quais se identificava ideologicamente, a exemplo da liberalização da maconha e do aborto. Este jovem parecia estar mais próximo do centro "pós materialista" e no perfil social do "novo proletariado" – com níveis mais elevados de educação – vistos na seção anterior sobre as manifestações de junho.

Ao assumir, então, que o voto das mulheres no primeiro turno representava, como formulado na hipótese, um maior rechaço à candidatura

---

<sup>136</sup> É importante destacar que o Pastor Everaldo foi entre os candidatos o que mais se mostrou a favor do "Estado mínimo" nos debates como uma forma de reduzir os impostos da população.

<sup>137</sup> Em julho de 2014, foi noticiada a relação de um deputado estadual do PT e empresas de ônibus que operam em São Paulo numa investigação sobre lavagem dinheiro para o Primeiro Comando da Capital (PCC). Ver: DEPUTADO Luiz Moura (PT) é suspeito de lavar dinheiro do PCC. São Paulo, *Estadão*, 30/07/2014. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2014/07/30/deputado-luiz-moura-e-suspeito-de-lavar-dinheiro-do-pcc.htm>. Acesso em março de 2014.

de Dilma, observemos a expressão dessa polaridade no primeiro e no segundo turno (Tabelas 23 e 24):

**TABELA 23**

**INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 1º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASOS DE CONTROLE, ORDENADOS SEGUNDO SEXO**

<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Trabalha?</b>	<b>Dilma</b>	<b>N Dilma</b>
Ana	F	17	Não		X
Gabriela	F	20	Não		X
Joana	F	21	Não		X
Kelly	F	23	Não		X
Maria	F	21	Sim,cc		X
Regina	F	24	Não		X
Sara	F	21	Sim,cc		X
Teresa	F	22	Sim,cc		X
Valéria	F	20	Não		X
Carmen (*)	F	24	Sim,cc		X
Francis	M	21	Sim,sc	X	
Gabriel	M	18	Não	X	
Gerson	M	24	Sim,sc	X	
Gustavo	M	19	Não	X	
Kaio	M	16	Não	X	
Leandro	M	18	Não		X
Luis	M	21	Sim,cc		X
Vicente	M	17	Não	X	
Vidal	M	21	Não		X
Wilson	M	17	Não	X	
Elder (*)	M	24	Sim,cc		X
Luzio (*)	M	19	Sim,cc	X	
<b>TOTAL</b>				<b>8</b>	<b>14</b>

TABELA 24

INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASOS DE CONTROLE, ORDENADOS SEGUNDO SEXO

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma (PT)	Aécio (PSDB)
Ana	F	17	Não	X	
Gabriela	F	20	Não		X
Joana	F	21	Não		X
Kelly	F	23	Não		X
Maria	F	21	Sim,cc		X
Regina	F	24	Não	X	
Sara	F	21	Sim,cc	X	
Teresa	F	22	Sim,cc		X
Valéria	F	20	Não		X
Carmen (*)	F	24	Sim,cc		X
Francis	M	21	Sim,sc	X	
Gabriel	M	18	Não	X	
Gerson	M	24	Sim,sc	X	
Gustavo	M	19	Não	X	
Kaio	M	16	Não	X	
Leandro	M	18	Não		X
Luis	M	21	Sim,cc	X	
Vicente	M	17	Não	X	
Vidal	M	21	Não	X	
Wilson	M	17	Não	X	
Elder (*)	M	24	Sim,cc	X	
Luzio (*)	M	19	Sim,cc	X	
<b>TOTAL</b>				<b>14</b>	<b>8</b>

Em primeiro lugar, as tabelas mostram uma "massa de apoio ou rechaço" majoritária que se deslocou do voto contrário à Dilma no primeiro turno para o seu apoio no segundo, e corresponde a 63% do total de jovens entrevistados (14 de 22 votos). No primeiro turno, os votos contrários a Dilma alinham-se na categoria das mulheres mostrando uma forte associação com esse lado do pleito (bloco de concentração destacado em cinza na tabela superior). Todas as mulheres entrevistadas votaram e/ou tinham preferência pela opção "Não Dilma". Já a votação e a intenção de voto dos homens se concentrou predominantemente a favor da candidata. Nessa categoria, observaram-se pontos de dispersão que revelavam um comportamento de distanciamento do pleito eleitoral e das preferências majoritárias. Já, no segundo turno, temos a situação exatamente oposta (Tabela 24). Observa-se na categoria dos homens um alinhamento de quase a totalidade deles a favor da candidata do PT, com exceção de um voto em Aécio (bloco de concentração destacado em cinza na tabela inferior). Já no caso das mulheres notamos que a preferência na oposição a Dilma continuou a se mostrar como a opção com mais força de aderência, porém, neste caso com

alguns pontos que se dispersaram para o voto a favor da candidata Dilma. Confirmando que a divisão no caso das mulheres se mostrou entre preferências polares e majoritárias em que um resultado anulava o outro.

Passamos agora a avaliar esses resultados à luz da hipótese da nossa pesquisa sobre o comportamento eleitoral dos jovens.

### **3.3 Hipótese sobre os resultados**

Os resultados das eleições de 2014 mostraram que as posições políticas conflitantes organizaram-se numa polarização entre o apoio e o rechaço à candidata do PT e que se verificava na votação e intenção de voto dos jovens do estudo segundo gênero, mostrando uma clara discriminação dos lados em disputa e uma coerência interna das escolhas. No caso das mulheres, teria havido um forte envolvimento com as eleições, tendo em vista que se colocava a escolha entre lados que se excluíam mutuamente da disputa. Já os homens apresentaram uma relação de afastamento do próprio pleito eleitoral no primeiro turno, por um lado, e de adesão à escolha sinalizada pelo seu grupo social no segundo turno, por outro. Assim, de modos distintos, homens e mulheres teriam se movimentado de forma pendular entre as opções de adesão e desvio do padrão eleitoral do seu grupo social. Além disso, as mulheres teriam se concentrado predominantemente na escolha de oposição a Dilma, e os homens a favor.

Nossa hipótese de trabalho propunha que os jovens carregariam internamente e sofreriam pressões profundamente opostas possibilitando a opção por qualquer lado da disputa. Ou seja, teriam sido levados a aderir o padrão eleitoral do seu grupo social de preferência em candidatos do PT para eleições presidenciais, por um lado, ou a se desviar desse padrão ao escolher um candidato de oposição, para vencer o candidato do PT, ou ainda votado em branco ou nulo. Esta conjectura a respeito do comportamento eleitoral estava ancorada na hipótese mais geral desta tese, qual seja, a relação entre a dualidade de visão de mundo dos jovens e as ações práticas que, como propomos, traduzia-se para suas opiniões e atitudes para com a política. A dualidade de visão de mundo – que passamos a chamar de *ladrão* e *trabalhador* – levava os jovens a viver uma contradição a respeito da identidade como trabalhador, o que dinamizava uma sorte da gangorra de

aproximação e afastamento em relação ao "polo do trabalhador". Na aproximação, valorizava-se o emprego e o salário para melhorar de vida e ter estabilidade material e física assim como a ajuda ao núcleo familiar. No afastamento, encontrávamos significações negativas que envolvem sua marginalização da experiência de trabalho e um mecanismo de valorização individual que leva à negação e/ou restrição das referências coletivas e familiares.

Destacamos também que o grupo de mulheres apresentava situações muito contrastantes. Por um lado, havia um grupo que não trabalhava, nem estudava, cujo rendimento familiar era baixo. Estas mulheres dedicavam-se ao cuidado da casa e da família e dependiam financeiramente dos seus cônjuges. Por outro, no caso das jovens inseridas no mercado de trabalho, havia a valorização da independência material e afetiva. No entanto, apesar destas situações distintas, todas mostravam um movimento de distanciamento da identidade de trabalhador, tanto na dimensão da marginalização da experiência do trabalho, como de restrição às referências coletivas entre aquelas cujo horizonte era ascensão social. Caso nossa hipótese da dualidade de visão de mundo dos jovens, vista na relação contraditória com o trabalho, estivesse correta esta deveria se refletir nos resultados do comportamento eleitoral. Portanto, afastamento deste polo deveria se refletir no apoio ao lado opositor à candidata do PT, e a aproximação, num apoio. Primeiramente, vejamos as seguintes tabelas que trazem informações a respeito da condição material e de escolaridade dos jovens segundo sexo:

TABELA 25

JOVENS DO ESTUDO, MULHERES, SEGUNDO IDADE, ESTADO CIVIL, CONDIÇÃO NO TRABALHO E DE ESTUDO

Nome	Idade	Trabalha?	Filhos?	Estado Civil	Salário (SM)/Auxílio	Trajatória escolar	Anos escolaridade
Ana	17	Não	Sim	solteira, parceiro	0,00	cursando ensino médio	10
Gabriela	20	Não	Sim	casada	0,00	finalizou médio	11
Joana	21	Não	Sim	solteira, parceiro	0,00	interrompeu	8
Kelly	23	Não	Sim	casada	0,00	finalizou médio	11
Valéria	20	Não	Sim	solteira, parceiro	0,00	interrompeu	8
Regina (*)	24	Não	Sim	casada	1,79	finalizou médio	11
Maria	21	Sim,cc	Não	solteira	1,00	finalizou médio	11
Teresa	22	Sim,cc	Não	solteira	1,65	finalizou médio	11
Sara	21	Sim,cc	Sim	solteira, parceiro	1,79	finalizou médio	11

(\*) beneficiário do auxílio reclusão

TABELA 26

JOVENS DO ESTUDO, HOMENS, SEGUNDO IDADE, ESTADO CIVIL, CONDIÇÃO NO TRABALHO E DE ESTUDO

Nome	Idade	Trabalha?	Filhos?	Estado Civil	Salário (SM)/Auxílio	Trajetória escolar	Anos escolaridade
Kaio	16	Não	Não	Solteiro	0,00	cursando ensino médio	10
Leandro	18	Não	Não	Solteiro	0,00	interrompeu	8
Gustavo	19	Não	Não	Solteiro	0,00	interrompeu	8
Vicente	17	Não	Não	Solteiro	0,00	cursando ensino médio	8
Francis	24	Sim,sc	Não	Solteiro	1,38	interrompeu	8
Wilson	17	Sim, sc	Não	Solteiro	1,38	cursando ensino médio	9
Gabriel	18	Sim, sc	Não	Solteiro	2,76	cursando ensino médio	10
Luis	21	Sim,cc	Não	Solteiro	1,50	cursando ensino médio	9
Gerson	24	Autônomo	Sim	Solteiro	5,00	medio completo	11
Vidal	21	Aposentado	Não	Solteiro	1,10	interrompeu	10

A tabela 25 mostra uma situação, como esperado, contrastante ao interior do grupo de mulheres. Por um lado, observa-se um conjunto de jovens que não trabalha e mantêm uma relação de dependência financeira com o parceiro afetivo (na parte superior da tabela). Ainda entre as que não moram com os parceiros, todas têm filhos com eles. Dentre essas apenas uma recebe um auxílio do governo, concedido aos dependentes do trabalhador preso. Em relação à escolaridade, há uma certa heterogeneidade que vai de jovens que abandonaram o ensino ainda no ciclo fundamental e outros que completaram os estudos. Já, no segundo grupo, todas as jovens encontram-se no mercado formal de trabalho, finalizaram o ensino médio e duas das três mulheres não tem filhos, nem parceiros estáveis. Por outro lado, o grupo de homens não apresentou uma hierarquização interna das condições sociais ou de estudo como no caso das mulheres. Apenas os mais jovens e que não trabalham ainda dependem do dinheiro dos pais com os quais moram. Os outros trabalham no mercado informal, como autônomos, com carteira, e inclusive há entre eles um aposentado por invalidez. Eles não tem filhos, são solteiros e também moram com os pais, sendo que um divide-se entre a casa que construiu num terreno invadido e a da sua família. Há uma diferença em relação às mulheres, no entanto, a respeito da escolaridade – os homens apresentam maior incidência de abandono escolar e interrupção dos estudos, muito devido ao fato de terem que trabalhar para ajudar as famílias ou também em razão do envolvimento no crime. Assim, tínhamos entre as mulheres uma divisão interna entre dois grupos – um grupo com condições de vida muito precárias, por um lado, e outro de mulheres com condições de vida melhores, inclusive em relação aos homens,

no que diz respeito à formalidade no emprego e à escolaridade – e entre os homens uma situação que poderíamos denominar intermediária entre esses grupos de mulheres e que não mostrava uma variação significativa das condições de vida.

Vejamos agora como comportaram-se estas diferenças em relação à votação e às intenções de voto no segundo turno na disputa entre Dilma (PT) e Aécio (PSDB):

TABELA 27

INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASO CONTROLE, MULHERES, SEGUNDO RENDIMENTOS FAMILIARES

Nome	RFM	RFM (SM)	RFM pc	RFM pc (SM)	Dilma (PT)	Aécio (PSDB)
Ana	800	1,1	200	0,27	X	
Valéria	800	1,1	200	0,27		X
Joana	1.200	1,65	200	0,27		X
Gabriela	1.200	1,65	300	0,41		X
Kelly	1.200	1,65	300	0,41		X
Regina (A)	1.300	1,79	400	0,55	X	
Sara	2.000	2,76	500	0,60	X	
Maria	2.200	3,03	550	0,75		X
Teresa	2.500	3,45	625	0,86		X

(A) Recebe auxílio do governo

TABELA 28

INTENÇÃO DE VOTO NO CANDIDATO PRESIDENCIAL , 2º TURNO JOVENS DO ESTUDO E CASO CONTROLE, HOMENS, SEGUNDO RENDIMENTOS FAMILIARES

Nome	RFM	RFM (SM)	RFM pc	RFM pc (SM)	Dilma (PT)	Aécio (PSDB)
Kaio	0,00	0,00	0	s/i	X	
Leandro	0,00	0,00	0	s/i		X
Gustavo (A)	0,00	1,00	262	0,33	X	
Wilson (A)	1500	2,07	300	0,41	X	
Gerson	2900	4,00	725	1,33	X	
Vidal	2900	4,00	725	1,33	X	
Vicente	3000	4,14	1.000	1,38	X	
Luis	4000	5,52	1.000	1,38	X	
Francis	3200	4,41	1.066	1,47	X	
Gabriel	3500	4,83	1.750	2,44	X	

(A) Recebe auxílio do governo

Mantivemos as informações sobre as condições materiais de vida dos jovens por meio da variável do Rendimento Mensal Familiar per capita (RFM pc). Os dados da votação e/ou intenção de voto das mulheres no segundo turno mostram que tanto aquelas com as condições materiais mais baixas, como as que apresentavam as melhores condições de trabalho e rendimento do conjunto familiar, votaram no candidato de oposição a Dilma (PT), sendo que do grupo mais pobre apenas uma votou na candidata. Entretanto, chama

a atenção um pequeno grupo, localizado numa posição intermediária na ordenação do RFM per capita, e entre os dois grupos assimétricos, que votou em Dilma. Regina, diferentemente do grupo mais pobre, recebia o auxílio reclusão e Sara trabalhava e diferenciava-se das mulheres com melhores condições pois tinha uma filha e uma relação afetiva estável. Entre os homens, notamos em primeiro lugar que não havia uma assimetria tão acentuada como nos caso das mulheres, em termos de condição material de vida, e todos tinham votado em Dilma, apenas com a exceção de um caso. No caso de ambos os dois jovens que apresentavam rendimentos familiares mais baixos, suas mães recebiam o Bolsa Família. Além disso, de modo geral, a condição familiar dos homens era melhor do que no caso das mulheres.

As informações mostram, portanto, que em termos das condições sociais e individuais de vida e gênero encontrávamos quatro grupos; as mulheres dividiam-se entre A) aquelas com condições sociais muito precárias e B) as jovens com condições de trabalho e de estudo superiores inclusive às dos homens, o que lhes permitia aspirar à ascensão social. As jovens do grupo A e B votaram em Aécio Neves. Por outro lado, C) havia um grupo de mulheres que apresentava uma situação material familiar e de trabalho ou em termos de outorga de benefícios que as colocava numa situação intermediária entre esses grupos mais desiguais. Estas votaram em Dilma. Por fim, D) os homens apresentaram condições materiais familiares mais elevadas que as mulheres, porém, uma escolaridade inferior e condições de inserção heterogêneas de trabalho. Eles também votaram em Dilma.

No primeiro grupo, aquele das mulheres mais pobres, observou-se uma mudança no discurso a respeito de Marina, que já no segundo turno aparecia com alguém mais fragilizada.

- G: Fiquei com dó da Marina. Você viu que colocaram até ela de pobre.
- V: Coitada gente!
- G: Que ela não tem naípe pra ser presidente. Falaram que ela não se arruma direito.  
[Quem falou isso?]
- V: O Povo vai pela aparência.
- G: Oxe! Várias coisas filha, preconceito.
- Entrevistado: Falaram que ela era muito fraca.  
[Quem falou isso?]
- V: Isso todo mundo que ficou falando.
- G: Não tem como uma pessoa que passa fome tomando conta de uma cidade.  
Falando assim.  
[E por que você queria votar nela?]

- G: Pra ajudar ela, coitada.
  - V: É. Eu fiquei com dó dela.
- (GABRIELA e VALERIA, 23 de outubro, voto em Marina no 1º Aécio no 2º turno).

As jovens tinham transformado a candidata numa mulher pobre, fraca e merecedora do voto delas por pena. Resolvido o problema da mudança de preferência, apostavam em Aécio para "tirar" Dilma do governo. Nesse segundo momento do pleito eleitoral, surgiram nas opiniões das jovens dois aspectos que mostravam um personalismo em relação aos políticos. Por um lado, como já foi analisado, ainda esperavam a volta de Marta Suplicy como uma candidata a quem dariam seu voto porque ela fez pelo "povo" e, nesse sentido, estava a frente de todos os outros políticos. Por outro lado, apesar da alta expectativa em relação ao recebimento de benefícios do governo, o fato de ainda não serem contempladas era visto como uma questão de merecimento. Ao invés de solicitar uma ampliação do programa Bolsa Família, por exemplo, exigia-se mais rigor nas contrapartidas e criticava-se aquelas mulheres que, em suas visões, não deveriam receber o benefício. Esta perspectiva, na contramão de uma ideia do programa como um direito, levava às jovens a aderir ao candidato Aécio Neves:

[Por que no Aécio?] "Porque aí a gente tem que ver o que ele vai fazer, já cansamos de ver a Dilma já". [E você conhece as propostas dele?] "Ah, algumas que eu vejo passando na televisão". [Quais, por exemplo, que te chamou atenção?] "A que ele falou esse negócio de jovens trabalhar. Que vai trabalhar e no final do curso vai ganhar um dinheiro. Tipo assim, que nem Bolsa Família. Não vai ganhar mais Bolsa Família mulher que fica tipo deitada, esperando o dinheiro. Agora vai ser jovens que vão trabalhar e no final do curso vai ganhar um dinheiro. E aí eles vão pegar o dinheiro, não é pegar e gastar não, eles vão pegar o dinheiro, vão gastar e ainda tem que mostrar nota fiscal do que que gastou". [Mas você acha que isso é bom?] "Ah, não sei. Eu acho que é". [Mas o que você acha do Bolsa Família?] "Bolsa Família uma pilantragem. Sabe por quê? Porque tipo assim, olha, que nem minha prima, ela tem um filho, ela pega R\$100,00. E minha outra tia tem cinco filho pega R\$70,00. Então uma sacanagem, já que vai dar, dá pra todo mundo e um valor só (GABRIELA, 23 de outubro de 2014).

A essa altura do processo eleitoral, observamos que o sentimento de raiva e desqualificação da candidata Dilma se mostrava de forma intensa nesse grupo, a quem xingavam e chamavam de "ladrona" e "pilantra". Registramos também que por meio de informações no "*whatsapp*"<sup>138</sup> transmitiam-se informações a respeito do governo que incluíam teorias conspiratórias, como por exemplo em relação à morte de Eduardo Campos, entre outras, cuja conclusão levava à necessidade de "tirar" o PT. Por outro

---

<sup>138</sup> Mais popular aplicativo de conversa no celular.

lado, no grupo das jovens que apresentavam melhores condições materiais e de estudo, a preferência em Aécio se dava na expectativa de que houvesse alguma mudança. Na justificativa, surgiu também o tema do Bolsa Família. Para Teresa, o programa devia ser mais restringido e priorizar as opções de emprego, numa chave de avaliação moral. É importante notar, nesse sentido, que na análise das manifestações de junho tanto Teresa, como Maria, mostraram-se na posição contrária às reivindicações e partilhavam de uma visão conservadora que dividia os participantes entre cidadãos e "baderneiros".

Desse modo, em ambos os grupos havia uma ideia de optar por Aécio como uma forma de interromper a continuidade do governo Dilma. Entretanto, as mulheres mais pobres tinham a expectativa de serem incluídas entre as beneficiárias dos programas sociais do governo, em especial do Bolsa Família. Já aquelas com uma condição melhor distanciavam-se desse grupo ao caracterizá-lo como o mais pobre entre eles, de "miseráveis". Diferentemente, a jovem que votou em Dilma e recebia o auxílio reclusão, apresentou uma visão positiva sobre os programas e, apesar de ter mostrado intenção de votar em Aécio no primeiro turno, o receio de perder os benefícios e que as condições no sistema carcerário piorassem a levou a votar na candidata. A questão do emprego (na chave material) e o salário foi incluído como um dos aspectos que, apesar do descontentamento, levaram Sara a votar em Dilma. Não gostava do PSDB e temia que a mudança "fosse para pior", destacando o receio do aumento do custo da vida. A respeito das manifestações de junho, tanto Sara como Regina se mostraram divididas entre a compreensão das reivindicações e a crítica ao "vandalismo".

A referência ao partido, aos benefícios sociais, à oposição pobres e ricos e ao trabalho na chave material se mostraram presentes com mais força na explicação do voto dos homens. Entretanto, essas referências vinham com uma expectativa não de melhoria, mas de evitar que a situação piorasse:

"Vou votar na Dilma. Só tem ela (risos)" [Por quê?] "Ah, porque ela é do partido dos pobres, Thaís, eu não posso votar no Aécio, se o Pastor tivesse ganhado o Pastor teria o meu voto, mas eu não vou votar em Aécio. Vou votar em Aécio pra quê? Pra ele fazer o meu patrão enricar e eu continuar ganhando R\$720,00 por mês? Sai fora! Tem que votar na Dilma (risos). A Dilma rouba, mas pelo menos ela dá uma atenção pra nós aqui que é pobre (...) O PT tem... O PT dá tanta oportunidade de faculdade, dá tanta oportunidade de curso, moleque jovem, jovem e pobre, vai votar no Aécio pra quê? Pra ele fazer o que pra nós? Esses caras não... Ah, amanhã quem tem que

ganhar é a Dilma, né, vai fazer o quê? Ah, só tem duas opções, eu pra mim que ela desfalque o país aí, mas pelo menos ela dá um jeito aí nesse negócio da... Da água, do salário mínimo, de tudo" (LUIS, 25 de outubro de 2014, voto no Pastor Everaldo no 1º turno e em Dilma no 2º).

"Vou votar na Dilma "sapatão", o Aécio não está com nada. Vou votar para não piorar" [E esses seus amigos que iam votar na Dilma, eles queriam votar na Dilma por quê?] "Eles ia votar na Dilma por causa que... Eles são tipo de renda baixa também, alguns dependem do Bolsa Família, trabalhador, que o PT puxa um pouco mais pro lado do trabalhador e tal, por esse motivo". [E como que puxa pro lado do trabalhador?] "Do salário, dos benefícios que tem da aposentadoria, coisa do INSS tudo, aí os caras falou tipo, ladrão por ladrão, vota na Dilma que ajuda o povão (risos)" (VIDAL, 06 de novembro de 2014, voto nulo no 1º Turno e voto em Dilma no 2º Turno).

Wilson que não tinha ido votar relatou que teria votado em Dilma no primeiro e segundo turno porque ela "prometia mais" e no caso da disputa com Aécio, valorizava o fato dela querer continuar com o Programa Bolsa Família e temia que o candidato o "tirasse". A mãe do jovem era beneficiária do programa, como já foi apontado. Gerson também votou em Dilma e ao se referir à contenda tratou da diferença entre os dois na chave da polaridade pobres e ricos, segundo ele *"a proposta dele vai para um pessoal de mais alta renda, totalmente diferente da Dilma"*. Desse modo, os jovens nesse grupo acabaram no segundo turno afirmando a indicação da preferência eleitoral do seu grupo social. No entanto, sem expectativas a respeito de melhorias, mas como uma forma de evitar que a situação que eles vivem piorasse.

Em síntese, os resultados mostraram uma posição em relação às votações e às opiniões e atitudes políticas ligadas à própria condição de existência e de gênero vividas pelos jovens da "geração do desmanche". Por um lado, os homens mostraram um movimento de afastamento e aproximação das referências familiares que constitui, junto ao trabalho, um dos elementos fundamentais da visão de mundo do trabalhador. A própria experiência no crime e os dilemas entre os caminhos a seguir na vida deflagravam um movimento em relação à identidade trabalhador que se traduzia num apoio dos jovens à candidata do PT indicada pela família, por um lado, ou no voto nulo como forma de se opor ao próprio "sistema" ou em candidatos que permitiam ao jovem formular um identidade distinta à familiar. Por outro lado, as mulheres coincidiram na votação contra a candidata do PT nos dois turnos, com exceção daquelas beneficiadas por programas sociais

do Estado. No caso das mulheres que apresentavam condições mais precárias de existência e de dependência material, notamos que a referência ao grupo social lhes escapava ao valorizar figuras políticas, como notadamente Marta Suplicy, numa relação personalista, e ao enfatizar a importância da outorga de benefícios do Estado segundo uma "escala moral" que se distanciava da ideia dos direitos sociais. Entretanto, esta opção também predominou no caso das mulheres que se encontravam na trilha da ascensão social. Neste caso, o processo de modernização das condições de existência no período lulista havia levado a uma identificação com as referências da classe média. Assim, os homens pareciam estar mais próximos de uma identidade de trabalhador do que as mulheres, que apresentavam condições de existência muito distintas.

## **Conclusões**

Neste capítulo buscamos mostrar que os jovens mostravam atitudes para com a política que *não* divergem do padrão mais geral do conjunto de representações, crenças e valores que orientam sua ação prática, inscrita nas tipologias de visões de mundo – do *trabalhador* e do *ladrão*. Mostramos que o momento de aproximação, por um lado, e afastamento, por outro, da identidade de trabalhador, dividia internamente os jovens a respeito da adesão ou não aos interesses do seu grupo social, especialmente, familiar. Na análise sobre as manifestações, apesar de não terem participado e acompanhado os eventos principalmente pela mídia, as opiniões dividiram-se entre um grupo que concordava e achava legítima as reivindicações a respeito do preço das passagens – trazendo elementos do mundo do trabalho, como o custo de vida, o salário e a rotina no transporte para justificar sua posição favorável, mas criticando a destruição de bens coletivos, e aqueles cujas opiniões desvalorizavam a reivindicação do preço da passagem face ao "vandalismo" dos manifestantes. Nesse grupo, observamos mais amplamente elementos do discurso da mídia, especificamente na atenção à violência, ao julgamento moral e na ênfase do prejuízo generalizado à propriedade privada.

A respeito das eleições, vimos que os jovens viam-se cruzados por pressões sociais opostas, sendo que a do seu grupo familiar e social mais

amplo indicava a preferências em candidatos do PT. A outra pressão de dava de forma mais difusa socialmente no sentido anti-PT, através das conversas com colegas de trabalho, chefes, amigos, vizinhos, etc.

Os resultados mostraram uma clivagem de preferências segundo gênero. O grupo dos homens se apresenta de forma mais homogênea, o que nos possibilita defender a visão de que estes estão mais próximos de algo como uma nova classe trabalhadora – o que se explicita em suas intenções de voto. Já o grupo das mulheres se apresenta de forma mais complexa, num afastamento do polo do “trabalhador” tanto por estarem numa posição de exterioridade à dinâmica social, como por tenderem a se identificar com uma posição de classe média por aspiração ou “mimeses”.

Nossa hipótese da dualidade de visão de mundo dos jovens, vista na relação contraditória com a identidade de trabalhador, que tem na família e no próprio trabalho seus eixos centrais, se mostra correta quando refletimos os resultados do comportamento eleitoral. Em termos gerais, o afastamento do “polo do trabalhador” se reflete no apoio ao lado opositor à candidata do PT, enquanto a aproximação de traduz num apoio. Vimos que a mulheres dividiam-se internamente entre um grupo marginalizado da experiência de trabalho e outro que apresentava condições para empreender a trilha da identificação com a classe média, dada sua relação com o mercado formal de trabalho e a escolaridade. Os dois grupos afastavam-se de formas distintas do “polo do trabalhador” seja na exclusão do trabalho, seja na expectativa de melhorar de vida por meio do esforço individual. Ambos os grupos de mulheres votaram em candidatos de oposição à candidatura do PT nos dois turnos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica. É indubitável que, na atividade histórica desses grupos, existe tendência à unificação, ainda que em termos provisórios, mas esta tendência é continuamente rompida pela iniciativa dos grupos dominantes e, portanto, só pode ser demonstrada com o ciclo histórico encerrado, se este se encerra com sucesso. Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se revelam e insurgem: só a vitória "permanente" rompe, e não imediatamente, a subordinação" (GRAMSCI, Caderno 25, §2, p.135).*

Para finalizar o trabalho, elaboramos uma reflexão a partir do caminho percorrido ao longo da tese entre a tipologia de visões de mundo do *trabalhador* e o *ladrão* entranhadas na forma de pensar e agir dos jovens da periferia, para chegar às atitudes, opiniões e posições políticas e ao modo como decidiram o voto na eleição presidencial de 2014. Tratamos tanto da sistematização dos resultados da pesquisa como dos seus significados.

A geração que foi objeto do nosso estudo nasceu nos anos 1990 e viveu sua juventude na primeira década dos anos 2000. Esta é a "geração do desmanche" marcada pelas condições sócio-históricas do "Fim de Século" (SCHWARZ, 1999), de desintegração, nos anos 1980, do projeto nacional-desenvolvimentista, que modernizou, industrializou e urbanizou o país, mais acentuadamente, entre os anos de 1950 a 1979. Esse período teria sido suficientemente longo para sedimentar uma visão de mundo do trabalhador ancorado materialmente no emprego industrial. Esta visão apresentava uma ideia de progresso traduzida na frase "melhorar de vida", à qual a ordem servia na organização de um projeto de vida. Neste, a família e o trabalho eram seus eixos fundamentais, em torno dos quais se reuniam seus valores centrais. O projeto se dava numa forma sequencial, num *caminho* a seguir, na contramão da experiência histórica dos pobres, de interrupções e instabilidades que os rodeiam.

Diante do desemprego em massa dos anos 1980-90, a base material do projeto de vida operário se desintegra, trazendo o aumento do crime na periferia pela estruturação do mercado do tráfico. A violência e a instabilidade tomaram conta inclusive do arranjo familiar, irrompendo a "melhoria de vida" e a ordem que o projeto buscava estabelecer. Desse modo, o início do "fim

de século" é marcado pelo desemprego, pela desvitalização dos movimentos sociais e dos trabalhadores, que tinham surgido como novos sujeitos políticos, pela ampliação dos negócios do tráfico de drogas e pela expansão das igrejas evangélicas neopentecostais nas periferias das cidades.

A partir de então, houve dois movimentos significativos em relação à história dos mais pobres. Por um lado, de exclusão do moderno mercado de consumo no âmbito da retomada da instabilidade material e social que caracterizam historicamente o processo de "desmanche" neoliberal. Por outro, de integração à condição proletária no contexto do projeto lulista marcado pela contradição entre progresso e conservação.

Nos anos 1990, no processo de estabelecimento de uma nova ordem global, essas novas condições históricas tornaram obrigatória a passagem da vida pelo dinheiro. Sem emprego e salário, porém, os pobres foram transformados em consumidores sem condições de consumir. Operava-se naquela época uma mudança fundamental nas expectativas das classes populares, que retirava a centralidade da ideia de progresso, antes presente no projeto de vida operário. Para a geração anterior, a migração do campo para as cidades em busca do emprego industrial e o acesso aos serviços urbanos e à infraestrutura constituíam em si uma melhoria em relação ao passado. Para as gerações seguintes, entretanto, a comparação com o passado deixou de ser uma métrica de progresso, para colocar no lugar um parâmetro de barreira: a participação ou exclusão do mundo urbano do consumo – que em termos de representação da “qualidade de vida”, tinha no *shopping* seu espaço mais acabado –, acirrando um sentimento crescente de privação e desvalorização diante do que não se podia "ter".

Com a proliferação do negócio do tráfico e frente a essas novas expectativas de integração, o envolvimento em atividades ilícitas acaba sendo uma via plausível para ter, ainda que por "um breve momento", dinheiro suficiente para realizar alguns dos seus sonhos de consumo, ainda que isso envolvesse um altíssimo risco de chegar, quase que inevitavelmente, nos chamados 3 "C's": Cadeia de Rodas, Cadeia ou Cemitério.

Este quadro de desagregação e instabilidade social e material dos pobres e de exclusão do consumo encontra no lulismo um contrapeso. Vimos que este projeto mostra-se marcado por contradições. Em termos de

mudança social, uma parcela significativa da força de trabalho teria conseguido superar a condição de pobreza e se integrado ao mercado de trabalho e de consumo. Entretanto, a contradição desse projeto se faz sentir nas más condições de trabalhos desses novos empregos, sobretudo em contextos metropolitanos.

Estas mudanças, no entanto, teriam sido suficientes para acender o dilema desses jovens entre seguir a vida do crime ou a do assalariamento. Em termos gerais, o primeiro caminho traz um acesso amplo e rápido ao mercado de consumo – à vida "de rei" – que lhes permite exercer a "supremacia imaginária" da "ostentação", mas aumenta dramaticamente o risco de vida, de ser preso ou ficar inválido. O segundo leva o jovem a assumir empregos com baixa remuneração, ganhando aquém do que deseja para consumir, como um "Zé" – e, portanto, reforça um sentimento de inferioridade –, mas o protege de riscos maiores e traz estabilidade à própria vida.

Ao nos concentrarmos nesta encruzilhada, descobrimos duas visões de mundo que se opõem internamente nos jovens estudados. Mostramos que cada uma dessas visões estava organizada internamente por campos de significação que se cruzam na forma de pensar, possibilitando uma escolha por qualquer um dos lados que o dilema coloca. Em consequência, ocorria um sistema de pressões cruzadas que criava uma tensão interna nos sujeitos. Estes tipos ideológicos são construções teóricas que surgiram do trabalho empírico e dizem respeito ao pensamento e às tensões internas provocadas pelas contradições da experiência vivida, colocadas para os jovens da "geração do desmanche" pelas condições sócio-históricas. Na vida social e no cotidiano, esta dualidade se traduzia num amplo espectro de ações e decisões particulares adotadas pelos jovens também à luz da sua própria história de vida.

Entre as mulheres observa-se que o problema da encruzilhada entre o caminho do trabalhador e o crime põe-se de forma diferente. A vinculação das mulheres com o crime se dava indiretamente por meio das relações afetivas ou familiares. A relação mediada com o dinheiro e com o mundo do trabalho se coloca como um aspecto fundamental que atravessa a experiência histórica de vida das mulheres subalternas e que encontra plena

vigência em condições presentes da nossa sociedade, ainda que suas condições de existência tenham passado um processo de modernização, visto no aumento da escolaridade e da sua inserção no mercado de trabalho. Para elas a escolha dava-se entre a dependência do homem, seja este do crime ou um trabalhador, e a independência, isto é, se afastar da relação afetiva para conseguir um emprego e iniciar a trilha da ascensão social, num contexto de aumento da escolaridade das mulheres, inclusive em relação aos homens, de modo geral e também nas regiões periféricas da cidade, e de "feminização do mundo do trabalho" nos segmentos de prestação de serviços, entre eles o setor de teleatendimento, conhecidos como *telemarketings* ou *call centers*. Estes caminhos levavam a situações muito contrastantes, que encontramos no nosso grupo de entrevistadas. Por um lado, havia um grupo de mulheres que não trabalhavam, nem estudavam, cujo rendimento familiar era baixo, dedicavam-se ao cuidado da casa e da família e dependiam financeiramente dos seus cônjuges. Por outro, um grupo de jovens inseridas no mercado de trabalho que valorizavam a independência material e afetiva.

Desse modo, as escolhas mobilizam forças que se opõem no aspecto da mediação relacional com o dinheiro. Por um lado, a vinculação com um homem inscrito no mundo do crime permite às jovens ter acesso material a bens e objetos de consumo sem passar pela experiência do emprego. É importante destacar que no mercado de trabalho as condições salariais e laborais são piores no caso das mulheres. Por outro, a relação mediada com o dinheiro do crime – quem vem em quantias maiores em relação ao salário do trabalhador – pode levar à violência, ao confinamento e até à morte. O outro caminho envolve um distanciamento da relação afetiva, que significa independência e tentar um caminho de estudos e trabalho que ressalta a dimensão individual da ascensão social. Uma relação afetiva nos moldes da dependência pode atrapalhar ou criar um impedimento, num tipo de concepção de liberdade negativa.

O conflito que se organizava entre as visões de mundo respondia a um desejo tanto de melhorar de vida e de *status* e também de estabilidade e segurança, como de alcançar uma valorização social tanto pela via do assalariamento, como do crime direta ou indiretamente, ainda que exercendo uma supremacia ou se distinguindo material ou moralmente dos seus iguais.

Suas ações iam no sentido de seguir os valores e ideias atrelados à cada perspectiva que, numa síntese ideológica, se expressavam na “Vida Loka”, no “caminho do trabalhador”, na “qualidade de vida”, na “ostentação” e no “bom cidadão” ou religioso conservador, e orientam a ação prática em relação ao trabalho, ao dinheiro, aos gastos e à forma de relacionamento com outros jovens, etc. Desse modo, essas ideologias correspondem à síntese das experiências vividas e a forma de pensar dos jovens da “geração do desmanche” e moradores da periferia de São Paulo. Tendo isso em mente, vimos que estas ideologias se vinculavam de formas distintas e muito contrastantes à identidade de trabalhador.

Identificamos dois campos de significação que se entrecruzam na forma de pensar do jovem a respeito do mundo do trabalho entranhadas nesse movimento pendular. Tendo como nóculo central a identidade do trabalhador – que nomeamos como “polo do trabalhador” a fim de ressaltar a ação conflituosa deflagrada por essa identificação –, a aproximação vem da outorga de valorizações positivas que leva os jovens a se integrarem no mundo do trabalho e também afirmarem as referências coletivas e comuns à sua classe socioeconômica. Por sua vez, no movimento oposto de afastamento, observavam-se significações negativas que envolvem a marginalização da experiência do trabalho, pelo crime e a domesticidade, e um mecanismo de sobreposição à desvalorização social por meio da valorização individual, que leva à negação e/ou restrição das referências coletivas.

Por um lado, colocava-se a referência do seu ambiente social, especialmente dos pais, que os orientavam a seguir o “caminho do trabalhador” e cuidar da ordem e dos gastos e, por outro, havia uma forte pressão socialmente exercida para o consumo e para a valorização social material que os levava internamente ao desespero de serem descartados socialmente. Esta é a força motriz que leva os jovens a buscar uma saída rápida pelo crime, ou pela ascensão social.

Em relação às opiniões e atitudes para com a política, analisamos a participação dos jovens nas manifestações de junho de 2013 contra o aumento da tarifa de transporte e as eleições de 2014. A hipótese do trabalho era que a contradição em relação à identidade de trabalhador se manifestava

em posições políticas e eleitorais conflitantes num sistema de pressões cruzadas.

A pesquisa mostrou, em termos gerais, uma ausência dos jovens do estudo nas manifestações de junho. Como vimos, as informações que receberam sobre os atos eram escassas e vinham predominantemente da mídia. Encontramos, contudo, opiniões conflitantes a respeito destes atos e de outras manifestações sociais. Por um lado, um grupo concordava e achava legítimas as reivindicações a respeito do preço das passagens, trazendo elementos do mundo do trabalho como o custo de vida, o salário e a rotina no transporte. Discordavam, entretanto, da destruição de bens de uso coletivo. É importante notar que alguns desses jovens ainda assim sustentavam, apesar das suas próprias críticas, a desordem das "revoltas" ou mesmo o tumulto dos "rolezinhos" – mais próximos da sua realidade – como uma ação orientada à inclusão social de um grupo marginalizado. Acreditamos que esta "abertura" à desordem com ressalvas deve-se, principalmente, por serem consideradas medidas extremadas, no caso das revoltas, para chamar a atenção aos problemas do seu grupo social, neste caso, a ação violenta da polícia na periferia.

Por outro lado, identificamos opiniões que desvalorizavam a reivindicação do preço da passagem face ao "vandalismo" dos manifestantes. Nesse grupo, observamos mais amplamente elementos do discurso da mídia, especificamente a cisão entre manifestantes – vistos como "bons cidadãos" – e os "baderneiros", na atenção à violência, ao julgamento moral e ao prejuízo generalizado à propriedade privada. Os resultados sobre o primeiro grupo que se mostrou a favor das manifestações, mas fez ressalvas a respeito da "desordem" das ações sociais, como do segundo que rechaçava o "vandalismo" dos manifestantes e valorizava o comportamento do "bom-cidadão", marcado pelo conservadorismo, tinham em comum a valorização da ordem, mas divergiam na modulação no interior do próprio pensamento. Os jovens do segundo grupo não rechaçavam qualquer desordem, ao contrário, a ordem devia sempre imperar por meio da cisão dessas esferas da realidade.

Do ângulo da visão de mundo e do senso comum das classes populares, a concepção da ordem está ligada não só às condições

necessárias para "melhorar a vida", que encontrava afinidade com uma concepção do "caminho do trabalhador", mas também a uma chave moral, que resgata a dignidade e moral pessoal e afasta o sujeito popular das referências mais coletivas da sua própria classe. Nesse sentido, a própria noção de cidadania estava ligada à ideia de outorga mediada pelo cumprimento da ordem. Ou seja, os direitos não seriam universais, ao contrário, seriam apenas disponíveis para quem "é direito". A ideia de uma formação "cívica" e da necessidade de educação mostrava-se como requisito de inclusão e, ao mesmo tempo, de distinção, para poder inclusive participar de atos políticos ou se envolver com a política. Desse modo, criava-se uma divisão entre os iguais, cuja medida é moral e cívica, entre honestos e desonestos, que se traduz nessa chave no par trabalhador e bandido.

Desse modo, havia uma forte relação entre ordem e cidadania na visão de mundo desses jovens e que se expressava nas suas opiniões e atitudes políticas, e estava sintetizada na noção de "bom-cidadão", sujeito que mantém e reproduz a ordem. Esta noção vincula-se também ao consumo em espaços como o *shopping*, que reproduz uma ordem ou uma "nova cidade", mais bonita, mais limpa e mais segura que a "cidade real", que pertence ao "mundo de fora", espaço esvaziado de contradições e de qualquer referência coletiva e que tronou-se a referência ideológica da "qualidade de vida".

A respeito do voto e as eleições, vimos que os jovens do estudo encontraram suas referências a respeito do comportamento eleitoral no grupo social ao qual pertencem, fundamentalmente na família, que é um dos núcleos fundamentais da visão de mundo do trabalhador. A escolha dos familiares era mobilizada pelos jovens como referência de votação, e esta era majoritariamente pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e seus candidatos. Este era o partido identificado como preferência dos pobres e o que mais se aproximava aos seus interesses. A forte presença do PT tanto nas referências parentais como no ambiente social foi explicada pelo "realinhamento eleitoral" do lulismo que, segundo André Singer, teria levado a adesão das classes populares a Lula e ao PT desde 2006.

Analizamos também a tendência oposta de não escolha de um candidato. A referência ao grupo social, nesse caso, perdia-se de horizonte

quando os jovens expressavam seu descontentamento com a política. Isto levava à "não escolha de um candidato", ou seja, ao voto em branco ou nulo ou ainda ao rechaço pela opção sinalizada pelo grupo social. Nesta decisão, havia um movimento de discordância direta com o grupo social, que aumentava "as pressões cruzadas" e o conflito interno dos jovens em relação às eleições. Diante da possibilidade do voto em branco ou da escolha de um candidato que se opõe à preferência do grupo – como notadamente os do PSDB –, surgia uma figura política solta e descontextualizada do seu partido político (PT): Marta Suplicy. Portanto, mostravam um comportamento eleitoral que personaliza a figura do candidato. Neste, os jovens afastavam-se tanto da referência social do seu grupo, como da discriminação entre políticos e partidos que favorecia a escolha de um candidato. Eles projetam numa figura excepcional, e que se destaca sobre todos os outros, os desejos de mudança e, portanto, depositam confiança ou fé na escolha do voto. A personalização da candidata a elevava a um patamar moral superior ao resto dos políticos, que se mostram de forma homogênea: descumpridores das promessas e indiferentes às suas necessidades. O processo de homogeneização dos políticos é sempre acompanhado pela desqualificação e desvalorização dos mesmos, chamados de pilantras, safados, ladrões, etc. Assim, sob o rótulo de "povo", há um deslocamento da confiança no seu ambiente social para a figura personalizada da política. A falta de expectativas em relação às mudanças e à indignação pelas contradições da própria realidade da condição de existência desses jovens davam força a um cinismo que se expressava, muito notadamente, na figura do palhaço "Tiririca".

Já a intenção de não votar ou anular o voto aparecia como uma ideia coletiva de inviabilizar as eleições e, nesse sentido, era uma proposta de trazer para a margem o próprio "sistema" e de recusar o processo eleitoral. O voto em branco cogitava-se, ou de fato realizado, como expressão de apatia e diante da certeza que sua própria ação política em nada mudaria a realidade. Este sentimento também foi observado em relação às mobilizações de junho de 2013.

A nossa hipótese previa, neste caso, que a decisão do voto e o processo eleitoral deflagraram pressões internas e sociais opostas que levaram o jovem, por um lado, a se apegar aos padrões eleitorais do seu

grupo social e familiar, e por outro, a se afastar desse mesmo padrão. No primeiro caso, a proximidade à identidade de trabalhador e o encontro com a referência do seu grupo familiar previa que a escolha do jovem seria pela candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT). No segundo caso, a marginalização e/ou afastamento da identidade de trabalhador e o desvio da referência comum pressupunha a escolha de um candidato que negasse ou se opusesse à candidata do PT – ou ainda, que levasse ao voto em branco ou nulo.

Os relatos, assim, mostram um processo incremental da polarização vivida ao longo do pleito eleitoral de 2014. Com isso, as pressões grupais conflitantes que vivem as classes populares teriam aumentado e levado a uma tensão que ia do ambiente do trabalho ao interior das famílias. Estas forças sociais em sentidos opostos teriam cruzado internamente os jovens que dividiam-se principalmente no segundo turno entre o voto em Dilma (PT) e Aécio (PSDB). Destacamos que a influência externa à classe social dos jovens mostrava-se numa paixão, mais especificamente no sentimento de ódio, e em decorrência disso não eram apresentadas razões ou justificativas racionais para "tirar" o PT do governo. Estes sentimentos fortaleceram os discursos de insegurança, decadência e intolerância, veiculados pela mídia e pelas igrejas evangélicas, nesta vertente moral do conservadorismo, como colocado por Pierucci (1999).

Os resultados das votações mostraram uma posição em relação às votações e às opiniões e atitudes políticas ligadas à própria condição de existência e de gênero vividas pelos jovens da "geração do desmanche". Por um lado, os homens mostraram um movimento de afastamento e aproximação das referências familiares que constitui, junto ao trabalho, um dos elementos fundamentais da visão de mundo do trabalhador. A própria experiência no crime e os dilemas entre os caminhos a seguir na vida deflagravam um movimento em relação à identidade do trabalhador que se traduzia num apoio dos jovens à candidata do PT indicada pela família, por um lado, ou no voto nulo como forma de se opor ao próprio "sistema", ou ainda em candidatos que permitiam ao jovem formular uma identidade distinta à familiar. Por outro lado, as mulheres coincidiram na votação contra a candidata do PT nos dois turnos, com exceção daquelas beneficiadas por

programas sociais do Estado. No caso das mulheres que apresentavam condições mais precárias de existência e de dependência material, notamos que a referência ao grupo social lhes escapava ao valorizar figuras políticas, como notadamente Marta Suplicy, numa relação personalista, e ao enfatizar a importância da outorga de benefícios do Estado segundo uma "escala moral", que se distanciava da ideia dos direitos sociais. Entretanto, esta opção também predominou no caso das mulheres que se encontravam na trilha da ascensão social. Neste caso, o processo de modernização das condições de existência no período lulista havia levado a uma identificação com as referências da classe média. Assim, os homens pareciam estar mais próximos de uma identidade de trabalhador do que as mulheres, que apresentavam condições de existência muito distintas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOTT, A. *Methods of Discovery: Heuristics for the Social Sciences*. In: ALEXANDER, J. C. (ed.). *Contemporary Societies Series*. New York, London: W.W Norton & Company, 2004.
- ADORNO, T. *Estudios sobre la personalidad autoritaria. Escritos Sociológicos II*, vol. 1., Obra completa, 9/1. Madrid: Akal, 2009.
- ALMEIDA, R. *A igreja universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, 2009.
- BARBOSA, A. *Funk Ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. Dossiê sobre cultura popular urbana. Revista de Estudos Culturais*, nº1, 2014.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1949.
- BAUDRILLARD, J. (1981) *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- BELLUZO, L. G. *Governo perdeu a batalha contra o mercado financeiro. Folha de São Paulo, Seção mercado, 20 Dez. 2013.*
- BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BICHIR, R.; PAVEZ, T.; MOLLER, T. *Padrões de segregação em perspectiva comparada: os casos de São Paulo e Santiago do Chile*. In: SABATINI, F.; SALCEDO, R.; WORMALD, G. (org.). *Tendencias de la segregación en las principales ciudades Chilenas, análisis censal 1982-2002*. Santiago: PUC e Instituto Nacional de Estadística de Chile (INE), 2008.
- BIONDI, K. *Junto e Misturado: Imanência e Transcendência no PCC. [Dissertação de Mestrado]* São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Pós-Graduação em Antropologia Social, 2009.
- BRAGA, R. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BRUSCHINI, M. C. A. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n.132, 2007.
- CANDIDO, A. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CALDEIRA, T. P.do R. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CARDOSO, F. H. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1977.

- CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_; FALETTO, E. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COGGIOLA, O. O tráfico internacional de drogas e influência do capitalismo. *Revista ADUSP*, 1996.
- CORTES, M. Mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento na periferia. *Texto apresentado no 37º Encontro Anual da ANPOCS*, 2013.
- DAGNINO, E. Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa. *Política & Sociedade*, n.5, 2004.
- DEDECCA C., S.; CUNHA, J., M., P. Migração, trabalho e renda nos anos 90: o caso da Região Metropolitana de São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais Campinas*, v.21, n.1, 2004.
- DUNKER, C. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes. *Revista Leitura Flutuante*, v.1, 2009.
- FELTRAN, G. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, n.23, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011.
- \_\_\_\_\_. "Trabalhadores" e "bandidos" na mesma família. In: CABANES, R.; GEORGES, I.; TELLES, V. (org.). *Saídas de Emergência*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- FERNANDES, M. A. *A falta que faz a mística: Elementos para a retomada do trabalho de base nos movimentos populares*. [Tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2010.
- FERREIRA, M. I. A ronda da pobreza: violência e morte na solidariedade. *Novos Estudos Cebrap*, n. 63, 2002.
- FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2008.
- FONTENELLE, I. *O nome da marca: Mc Donald's, fetichismo e cultura descartável*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FRANCO, M. S. de C. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- GÓES, C. *Existe um pensamento político subalterno? Um estudo sobre os Subaltern Studies: 1982-2000*. [Dissertação de mestrado]. São Paulo: USP, Ciência Política, 2015.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- HOLANDA, S. B. *As raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano IN: *Historia da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. A. Novais (Coord) e L. Moritz Schwarcz (Org). Volume 4. São Paulo: Companhia das letras, 2000 p. 439 - 488.
- KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LAGO, N. *Mulheres na prisão: entre família, batalhas e a vida normal*. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Pós-Graduação em Antropologia Social, 2013.
- LIMEIRA, T. Comportamento de compra de jovens de baixa renda no varejo de vestuário. *GV pesquisa FGV-EAESP Relatório*, n.30, 2009.
- LIPSET, S. M. *O Homem Político*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MACHADO DA SILVA, L. A. Violência urbana: representação de uma ordem social. In: NASCIMENTO, E. P.; BARREIRA, I. (orgs.). *Brasil urbano: cenários da ordem e da desordem*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.
- MALVASI, P. *Interfaces da Vida Loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo*. [Tese de Doutorado] São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.
- MANNHEIM, K. El problema de las generaciones" *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Reis, nº 62 ([1928]1993), pp. 193-242.
- MANO BROWN. Vida Loka parte II. In: RACIONAIS MC's. Nada como um dia após o outro dia. Unimar music, 2002. 2º CD. Rom. Faixa 07.
- \_\_\_\_\_. Mano brown: DEPOIMENTO [Set. 2007]. Entrevistador: José Nêumanne. São Paulo. Entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV CULTURA.
- MARIANO, R. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n.8, 2008.
- MARQUES, E. Estrutura Social e Segregação em São Paulo: Transformações na Década de 2000. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, vol. 57, no 3, 2014.
- MELLO, J.M.C. e NOVAIS, F. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. IN: *Historia da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. A. Novais (Coord) e L. Moritz Schwarcz (Org). Volume 4. São Paulo: Companhia das letras, 2000 p. 559 -658
- MINISTÉRIO DAS CIDADES. *Guia para o Mapeamento e Caracterização de Assentamentos Precários*. Brasília-DF, 2010.
- MINOIS, J. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- MISSE, M. *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro [tese de doutorado]*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

- NOGEIRA, C. As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho? In: ANTUNES, R.; BRAGA, R. (orgs.). *Infoproletários, degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- OLIVEIRA, F. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C (orgs.). *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- OTSUKA, E. Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias. *Revista do IEB*, n.44, 2007.
- PADILHA, V. *Shopping Center: a catedral das mercadorias*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- PIERUCCI, A. F. (1989)  
\_\_\_\_\_. *Cidades da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- POCHMANN, M. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2012.  
\_\_\_\_\_. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- REGO, W. L.; PINZANI, A. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadã*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- RIBEIRO, J. R. Sobre o voto obrigatório. In: BENEVIDES, M. V.; VANNUCHI, P.; KERCHE, F. (org.). *Reforma Política e Cidadania*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ROCHA, C. Encontros e desencontros entre petismo e lulismo: classe, ideologia e voto na periferia de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Pós-Graduação em Ciência Política, 2013.
- ROMÃO, D. *Jornalismo Policial: indústria cultural e violência* [Dissertação de Mestrado] São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Pós-Graduã o em Psicologia, 2013.
- SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SCHWARZ, R. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.  
\_\_\_\_\_. *Sequências Brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.  
\_\_\_\_\_. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.  
\_\_\_\_\_. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevista*. São Paulo: Companhia das letras, 2012a.  
\_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- SENNETT, R. *La cultura del nuevo capitalismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

- SIMMEL, G. *Filosofia del dinero*. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- SINGER, A. *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro: a identificação ideológica nas Disputas Presidenciais de 1989 e 1994*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos*, n.85, 2009.
- \_\_\_\_\_. A segunda alma do Partido dos Trabalhadores. *Novos Estudos*, n.88, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. Junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 97, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Equilíbrio instável*. São Paulo, Folha de S. Paulo, 11 Out. 2014.
- SORJ, B. *A nova sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SOUZA, A.; LAMOUNIER, B. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- TEIXEIRA, C. P. *A construção social do "ex-bandido": um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo*. [Dissertação de mestrado] Rio de Janeiro: da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2009.
- TELLES, V. Mutações no trabalho e experiência urbana. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.18, n.1, 2006.
- \_\_\_\_\_. HIRATA, D. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *Estudos avançados*, v.21, n. 61, 2007.
- TORRES, H. São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade sociais. In: MARQUES, E.; TORRES, H. (org.). São Paulo: Editora Senac, 2005.
- \_\_\_\_\_.; BICHIR, R.; PAVEZ, T. Uma pobreza diferente? Mudanças no padrão de consumo da população de baixa renda. *Novos Estudos*, n.74, 2006.
- VIANA, S. Será que formulamos mal a pergunta? In: *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WEFFORT, F. C. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- WELLER, V. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010, pp.205-224

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

**Nome:**

**Data:**

**Local de realização da entrevista:**

**Contato:**

### 1. Dados Gerais e Ocupação

1.1) Qual a sua idade? \_\_\_\_\_ anos

(Obs: inserir caso o entrevistado tenha de 16 a 24 anos de idade)

1.2) Estuda?

(grau de instrução)

1.3) Mora com os pais?

1.4) Quantas pessoas moram na sua casa \_\_\_\_\_

1.5) Tem alguma religião? se sim, vai ao culto ou à missa? com quem? onde fica?

1.6) Passou por processo de conversão? (caso seja evangélico, perguntar quando se converteu e porque, e se já ouviu falar das "revelações" e se foi feita alguma pra ele ou ela)

1.7) Qual a sua situação de trabalho? (refere-se ao trabalho principal)

- a. Empregado com carteira assinada
- b. Empregado sem carteira assinada
- c. Dona de casa
- d. Autônomo / trabalho por conta própria ocupado
- e. Funcionário Público ocupado
- f. Profissional liberal
- g. Estudante
- i. Desempregado/Não tem rendimentos

1.8) Se estiver empregado: Há quanto tempo está nesse trabalho?

1.9) Quanto você ganha por mês?

1.10) Para os que não estão empregados: recebe algum rendimento? benefício social, aposentadoria, alguém ajuda?

1.11) Tem outro trabalho? (explorar bicos: exemplo de segurança privada) Se sim, qual?

1.12) Qual foi seu primeiro trabalho ou ocupação e quando entrou nele?

1.13) Que outros trabalhos já teve?

1.14) Já teve emprego com carteira assinada? (caso esteja ocupado atualmente no mercado informal)

1.15) Já fez medida socioeducativa?

1.16) qual é o trabalho dos seus pais?

## **2. Orçamento e Consumo**

2.1) Somando o ganho de todo mundo que mora com você, qual o rendimento mensal?

2.2) Quais são teus principais gastos?

2.3) Quais foram tuas últimas compras? (roupa, moto, explorar a questão das marcas) como pagou (dinheiro, salário ou ganhou de alguém?)

2.4) Paga alguma conta em casa? (ou ajuda na compra de algo para a família)

2.5) usa cartão de crédito? parcela?

2.6) Está planejando comprar algo? como pensa pagar?

## **3. Lazer e Ostentação**

3.1) O que faz para se divertir? (dentro e fora do bairro)

3.2) Vai ou já foi algum baile funk? (explorar a experiência) - drogas, violência, diversão, briga entre meninas, rixa.

3.3) Ouve funk ostentação? (explorar as letras, e a questão da **ostentação**, recalcque etc) - Você pode falar sobre uso de marcas?

3.4) Já foi num camarote? conhece alguém? (verificar a experiência, o que achou, com quem foi, quanto gastou etc) - verificar como pagou (dinheiro ou salário, ou convidado/a por alguém)

3.5) Você usa o Facebook? posta fotos? quais? recebeu "likes"? (pouco, bastante, porque?) quais fotos o pessoal costuma postar?

3.6) Máscara do Coringa, palhaço, Vida Loka

3.7) Torce para algum time de futebol? já foi ao estádio?

## **4) Violência (filtro para a amostra)**

4.1) Já foi parado(a) pela polícia?

4.2) Você ou alguém que você conhece já foi preso?

4.3) Alguém que você conhece já foi vítima de crime violento com resultado em morte, ou ferimento grave?

4.4) Já presenciou violência? (briga, rixa)?

4.5) Já foi agredido/a?

4.6) Mudou a violência geral do bairro? (disciplina PCC)

## 5. Política:

5.1) Você já votou alguma vez? Se sim, em quais eleições?

5.2) Votou na eleição de 2012 para prefeito, e 2010 para presidente? (estimular memória, com foto de candidatos) - nome candidato e partido

5.3) Seus pais , irmãos ou namorado votaram? em quem eles votaram, você lembra?

5.4) Você sabe que vão ter eleições esse ano? já pensou nos candidatos? (se não, mostrar fotos dos candidatos) - nome candidato e partido como vai votar? (candidato, branco, nulo)

Eleições 2014

Presidente - Governador

Senador

Deputado Federal

Deputado Estadual

5.5 ) Conhece os candidatos à presidência?

Dilma (PT)

Aécio (PSDB)

*Eduardo Campos (PSB) e Marina da Silva(PSB) [\* morte de Eduardo Campos em 13/08/14]*

5.6) Tem acompanhado os debates? e a propaganda? alguma entrevista na TV?

5.7) Está filiado a algum partido político? e seus pais? alguém dos seus amigos ou familiares?

5.8) Conhece quais partidos? PT, PSDB, PV, PSC?(mostrar bandeiras partidos)

- O PT: o que sabe do partido? Com que relaciona? Quem vota? Mudou? Conhece a bandeira? (cores?) diferença com outros partidos?

5.9) Você participou/acompanhou as mobilizações de junho do ano passado? conhece alguém?

5.10) Você participou/acompanhou os "rolezinhos" de janeiro desse ano? Conhece alguém?

5.11) Você ouviu falar da queima de ônibus? Participou, sabe porque aconteceram? Já ouviu falar de outras revoltas no bairro?

5.12) Você participou/acompanhou das manifestações relacionada à copa? o que acha da copa no Brasil? conhece alguém que foi aos estádios? que achou da derrota do 7 a 1 contra a Alemanha?

## **6. Lulismo**

6.1) Figura do Lula: conhece? seus pais?

6.2) Relação do programa com os governos lulistas

- Bolsa Família
- Melhora do salário mínimo (relaciona com lutas sindicais? já foi do sindicato?)
- Programa Mais médicos

## **7. Mídia**

7.1) Verificar se acompanhar os programas policiais (Datena, Marcelo Rezende, etc)

7.2) jornal da tarde (jovens e cultura)

## APÊNDICE B - CRITÉRIOS DE DEFINIÇÃO DO GRUPO DE ESTUDO

**Quadro 1**  
**Parâmetros de definição do grupo de estudo**  
**Jovens da Brasilândia**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?(1)	Relação com o Crime
Ana	F	17	Não	Indireta
Gabriela	F	20	Não	Indireta
Joana	F	21	Não	Indireta
Kelly	F	23	Não	Indireta
Maria	F	21	Sim,cc	Indireta
Regina	F	24	Não	Indireta
Sara	F	21	Sim,cc	Indireta
Teresa	F	22	Sim,cc	Indireta
Valéria	F	20	Não	Indireta
Francis	M	21	Sim,sc	Indireta
Gabriel	M	18	Não	Direta
Gerson	M	24	Sim,sc	Direta
Gustavo	M	19	Não	Direta
Kaio	M	16	Não	Indireta
Leandro	M	18	Não	Direta
Luis	M	21	Sim,cc	Direta
Vicente	M	17	Não	Direta
Vidal	M	21	Não	Direta
Wilson	M	17	Não	Indireta

(1) A categoria "Sim, cc" corresponde aos trabalhos com carteira assinada e "Sim,sc" aos com sem carteira e "não" aos que não estavam trabalhando e os que realizavam "bicos"

**Quadro 2**  
**Parâmetros de definição do grupo de controle**  
**Jovens da Brasilândia**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Relação com o Crime	Mora em área da periferia
Luzio	F	19	Sim, cc	Indireta	Sim, Guaianazes
Carmen	F	24	Sim, cc	Não tem	Sim, Brasilândia
Elísio	F	24	Sim, cc	Não tem	Não

## APÊNDICE C - DADOS DA POPULAÇÃO DE ESTUDO

Tabela 1

Taxa média geométrica de crescimento anual da população (%), segundo faixa etária  
Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2000-2010

Localidade	Total	Até 15 anos	De 16 a 24 anos	25 anos e mais
<b>Brasil</b>	<b>1,17</b>	<b>-0,84</b>	<b>0,03</b>	<b>2,61</b>
Estado de São Paulo	1,09	-0,88	-0,36	2,38
Município de São Paulo	0,76	-1,01	-0,97	1,97
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>0,59</u>	<u>-1,15</u>	<u>-0,78</u>	<u>1,98</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>0,69</i>	<i>-0,90</i>	<i>-0,57</i>	<i>2,03</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

Tabela 2

Distribuição dos jovens de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade  
Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2000

Localidade	Total	Condição de atividade (%)		
		Economicamente ativos		Inativos
		Ocupados	Desocupados	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>48,5</b>	<b>16,3</b>	<b>35,3</b>
Estado de São Paulo	100,0	51,9	20,2	27,9
Município de São Paulo	100,0	51,1	21,8	27,1
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>49,0</u>	<u>24,8</u>	<u>26,2</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>50,1</i>	<i>23,8</i>	<i>26,2</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

Tabela 3

Distribuição dos homens de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade  
Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2000

Localidade	Total	Condição de atividade (%)		
		Economicamente ativos		Inativos
		Ocupados	Desocupados	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>60,3</b>	<b>15,7</b>	<b>24,0</b>
Estado de São Paulo	100,0	61,9	19,0	19,1
Município de São Paulo	100,0	58,4	21,1	20,5
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>58,5</u>	<u>23,6</u>	<u>18,0</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>60,4</i>	<i>23,0</i>	<i>16,6</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

**Tabela 4**  
**Distribuição das mulheres de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2000**

Localidade	Condição de atividade (%)			
	Total	Economicamente ativos		Inativos
		Ocupados	Desocupados	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>36,6</b>	<b>16,8</b>	<b>46,6</b>
Estado de São Paulo	100,0	41,9	21,4	36,7
Município de São Paulo	100,0	44,2	22,6	33,2
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>40,0</u>	<u>26,0</u>	<u>34,0</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>40,5</i>	<i>24,5</i>	<i>35,1</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

**Tabela 5**  
**Distribuição dos jovens de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2010**

Localidade	Condição de atividade (%)			
	Total	Economicamente ativos		Inativos
		Ocupados	Desocupados	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>50,9</b>	<b>9,5</b>	<b>39,6</b>
Estado de São Paulo	100,0	56,4	10,6	33,0
Município de São Paulo	100,0	54,7	10,4	34,9
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>54,3</u>	<u>11,6</u>	<u>34,0</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>56,4</i>	<i>10,0</i>	<i>33,6</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

**Tabela 6**  
**Distribuição dos homens de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2010**

Localidade	Condição de atividade (%)			
	Total	Economicamente ativos		Inativos
		Ocupados	Desocupados	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>59,4</b>	<b>8,2</b>	<b>32,4</b>
Estado de São Paulo	100,0	62,9	9,0	28,0
Município de São Paulo	100,0	59,0	9,5	31,5
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>59,6</u>	<u>10,6</u>	<u>29,8</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>60,7</i>	<i>9,5</i>	<i>29,8</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

**Tabela 7**  
**Distribuição das mulheres de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2010**

Localidade	Condição de atividade (%)			
	Total	Economicamente ativos		Inativos
		Ocupados	Desocupados	
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	<b>42,4</b>	<b>10,8</b>	<b>46,9</b>
Estado de São Paulo	100,0	49,8	12,2	38,0
Município de São Paulo	100,0	50,4	11,3	38,3
<u>Periferia de São Paulo</u>	<u>100,0</u>	<u>49,2</u>	<u>12,6</u>	<u>38,2</u>
<i>Distrito da Brasilândia</i>	<i>100,0</i>	<i>52,4</i>	<i>10,4</i>	<i>37,2</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

**Tabela 8**  
**Distribuição dos homens ocupados de 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2000**

Posição na ocupação	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Trabalhador doméstico	0,9	0,7	0,4	<u>0,3</u>	(1)
Com carteira de trabalho assinada	0,3	0,3	0,2	<u>(1)</u>	(1)
Sem carteira de trabalho assinada	0,6	0,4	0,2	<u>(1)</u>	(1)
Empregado	73,2	84,7	85,2	<u>86,4</u>	85,5
Com carteira de trabalho assinada	37,1	54,2	55,3	<u>55,3</u>	55,2
Sem carteira de trabalho assinada	36,1	30,5	29,9	<u>31,1</u>	30,3
Empregador	0,6	0,7	0,9	<u>0,4</u>	(1)
Conta-própria	14,9	11,3	11,6	<u>11,6</u>	13,2
Aprendiz ou estagiário sem remuneração	0,9	1,0	1,2	<u>0,6</u>	(1)
Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	6,5	1,4	0,7	<u>0,6</u>	(1)
Trabalhador na produção para o próprio consumo	2,9	0,1	(1)	<u>(1)</u>	(1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.  
 (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

**Tabela 9**  
**Distribuição das mulheres ocupadas de 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2000**

Posição na ocupação	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Trabalhadora doméstica	22,7	15,7	12,6	<u>13,9</u>	14,5
Com carteira de trabalho assinada	4,6	4,9	4,8	<u>4,2</u>	(1)
Sem carteira de trabalho assinada	18,1	10,7	7,8	<u>9,7</u>	10,0
Empregada	61,5	75,3	78,9	<u>78,8</u>	77,8
Com carteira de trabalho assinada	35,6	50,4	53,5	<u>52,5</u>	52,0
Sem carteira de trabalho assinada	25,9	24,9	25,4	<u>26,3</u>	25,9
Empregadora	0,5	0,5	0,5	<u>(1)</u>	(1)
Conta-própria	7,5	6,0	6,1	<u>5,9</u>	6,2
Aprendiz ou estagiária sem remuneração	1,3	1,4	1,4	<u>0,7</u>	(1)
Não remunerada em ajuda a membro do domicílio	4,9	1,1	0,6	<u>0,5</u>	(1)
Trabalhadora na produção para o próprio consumo	1,6	0,1	(1)	<u>(1)</u>	(1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.  
 (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

**Tabela 10**  
**Distribuição dos homens ocupados de 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2010**

Posição na ocupação	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Trabalhador doméstico	0,7	0,5	0,5	<u>0,5</u>	(1)
Com carteira de trabalho assinada	0,2	0,2	0,3	<u>(1)</u>	(1)
Sem carteira de trabalho assinada	0,5	0,3	(1)	<u>(1)</u>	(1)
Militar do exército, marinha, aeronáutica, polícia militar ou corpo de bombeiros	1,3	0,6	0,5	<u>(1)</u>	(1)
Empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos	1,1	0,6	0,5	<u>(1)</u>	(1)
Demais empregados	77,0	87,0	87,0	<u>88,3</u>	87,7
Com carteira de trabalho assinada	50,8	68,3	67,9	<u>69,9</u>	70,8
Sem carteira de trabalho assinada	26,2	18,7	19,1	<u>18,4</u>	16,9
Conta própria	14,0	9,7	9,9	<u>9,1</u>	(1)
Empregador	0,5	0,5	0,5	<u>(1)</u>	(1)
Não remunerado	2,0	0,9	1,0	<u>0,9</u>	(1)
Trabalhador na produção para o próprio consumo	3,5	0,2	(1)	<u>(1)</u>	(1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.  
 (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

**Tabela 11**  
**Distribuição das mulheres ocupadas de 16 a 24 anos, segundo posição na ocupação**  
**Brasil, Estado de São Paulo, Município de São Paulo, Periferia de São Paulo, Distrito da Brasilândia - 2010**

Posição na ocupação	Localidade (%)				
	Brasil	Estado de São Paulo	Município de São Paulo	Periferia de São Paulo	Distrito da Brasilândia
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	<u>100,0</u>	100,0
Trabalhadora doméstica	<b>11,4</b>	6,5	5,6	<u>6,2</u>	(1)
Com carteira de trabalho assinada	<b>2,1</b>	2,1	2,6	<u>2,4</u>	(1)
Sem carteira de trabalho assinada	<b>9,3</b>	4,4	2,9	<u>3,8</u>	(1)
Militar do exército, marinha, aeronáutica, polícia militar ou corpo de bombeiros	<b>0,1</b>	0,1	(1)	<u>(1)</u>	(1)
Empregada pelo regime jurídico dos funcionários públicos	<b>2,1</b>	1,0	0,6	<u>0,5</u>	(1)
Demais empregadas	<b>70,5</b>	83,6	84,9	<u>84,9</u>	84,4
Com carteira de trabalho assinada	<b>49,1</b>	65,9	67,2	<u>68,0</u>	68,4
Sem carteira de trabalho assinada	<b>21,4</b>	17,7	17,7	<u>16,9</u>	16,0
Conta própria	<b>9,4</b>	6,6	7,0	<u>6,5</u>	(1)
Empregadora	<b>0,4</b>	0,4	0,4	<u>(1)</u>	(1)
Não remunerada	<b>3,0</b>	1,5	1,5	<u>1,5</u>	(1)
Trabalhadora na produção para o próprio consumo	<b>3,2</b>	0,3	(1)	<u>(1)</u>	(1)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - Dados da Amostra.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

APÊNDICE D - DADOS ELEITORAIS DA PESQUISA

**Tabela 1**  
**Intenção de voto no candidato presidencial , 1º Turno**  
**Jovens do estudo e casos de controle, ordenados segundo idade**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma	N Dilma
Kaio	M	16	Não	X	
Ana	F	17	Não		X
Vicente	M	17	Não	X	
Wilson	M	17	Não	X	
Gabriel	M	18	Sim, sc	X	
Leandro	M	18	Não		X
Gustavo	M	19	Não	X	
Luzio (*)	M	19	Sim,cc	X	
Gabriela	F	20	Não		X
Valéria	F	20	Não		X
Joana	F	21	Não		X
Maria	F	21	Sim,cc		X
Sara	F	21	Sim,cc		X
Francis	M	21	Sim,sc	X	
Luis	M	21	Sim,cc		X
Vidal	M	21	Não		X
Teresa	F	22	Sim,cc		X
Kelly	F	23	Não		X
Regina	F	24	Não		X
Carmen (*)	F	24	Sim,cc		X
Gerson	M	24	Sim,sc	X	
Elisio (*)	M	24	Sim,cc		X
<b>TOTAL</b>				<b>8</b>	<b>14</b>

(\*) Casos controle

**Tabela 2**  
**Intenção de voto no candidato presidencial , 2º Turno**  
**Jovens do estudo e casos de controle, ordenados segundo idade**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma (PT)	Aécio (PSDB)
Kaio	M	16	Não	X	
Ana	F	17	Não	X	
Vicente	M	17	Não	X	
Wilson	M	17	Não	X	
Gabriel	M	18	Sim, sc	X	
Leandro	M	18	Não		X
Gustavo	M	19	Não	X	
Luzio (*)	M	19	Sim,cc	X	
Gabriela	F	20	Não		X
Valéria	F	20	Não		X
Joana	F	21	Não		X
Maria	F	21	Sim,cc		X
Sara	F	21	Sim,cc	X	
Francis	M	21	Sim,sc	X	
Luis	M	21	Sim,cc	X	
Vidal	M	21	Não	X	
Teresa	F	22	Sim,cc		X
Kelly	F	23	Não		X
Regina	F	24	Não	X	
Carmen (*)	F	24	Sim,cc		X
Gerson	M	24	Sim,sc	X	
Elisio (*)	M	24	Sim,cc	X	
<b>TOTAL</b>				<b>14</b>	<b>8</b>

(\*) Casos controle

**Tabela 3**  
**Intenção de voto no candidato presidencial , 1º Turno**  
**Jovens do estudo e casos de controle, ordenados segundo idade**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma	N Dilma
Luzio (*)	M	19	Sim, cc	X	
Maria	F	21	Sim, cc		X
Sara	F	21	Sim, cc		X
Luis	M	21	Sim, cc		X
Teresa	F	22	Sim, cc		X
Carmen (*)	F	24	Sim, cc		X
Elisio (*)	M	24	Sim, cc		X
Gabriel	M	18	Sim, sc	X	
Wilson	M	17	Sim, sc	X	
Francis	M	21	Sim, sc	X	
Gerson	M	24	Sim, sc	X	
Kaio	M	16	Não	X	
Ana	F	17	Não		X
Vicente	M	17	Não	X	
Leandro	M	18	Não		X
Gustavo	M	19	Não	X	
Gabriela	F	20	Não		X
Valéria	F	20	Não		X
Joana	F	21	Não		X
Vidal	M	21	Não		X
Kelly	F	23	Não		X
Regina	F	24	Não		X
<b>TOTAL</b>				<b>8</b>	<b>14</b>

(\*) Casos controle

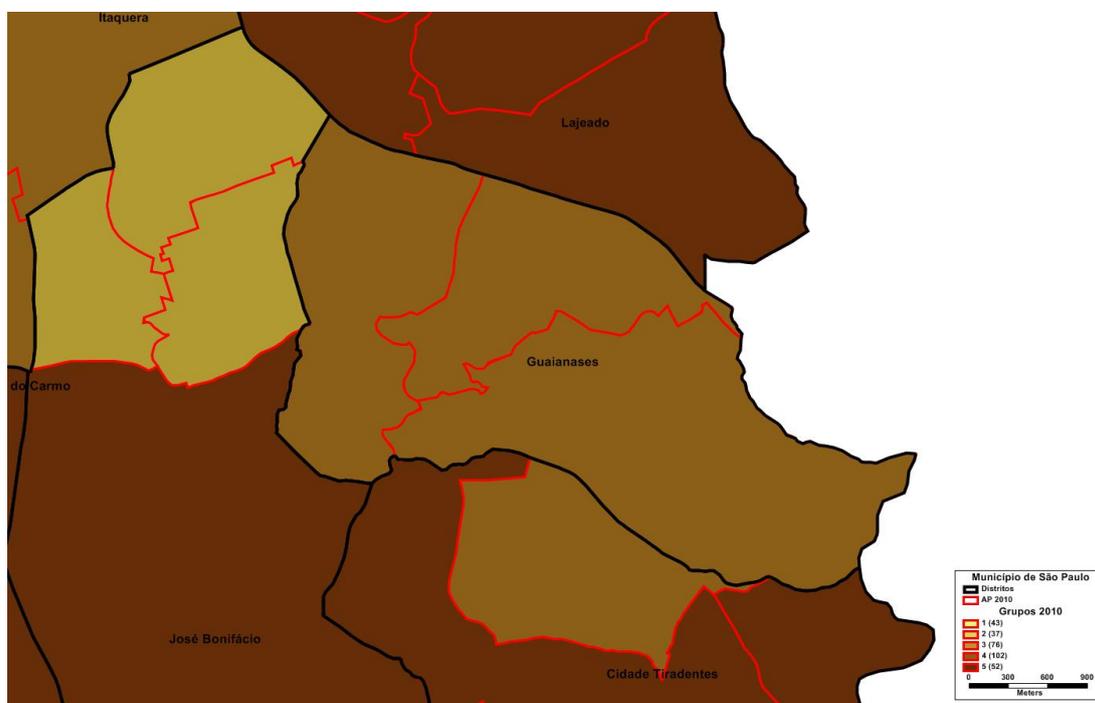
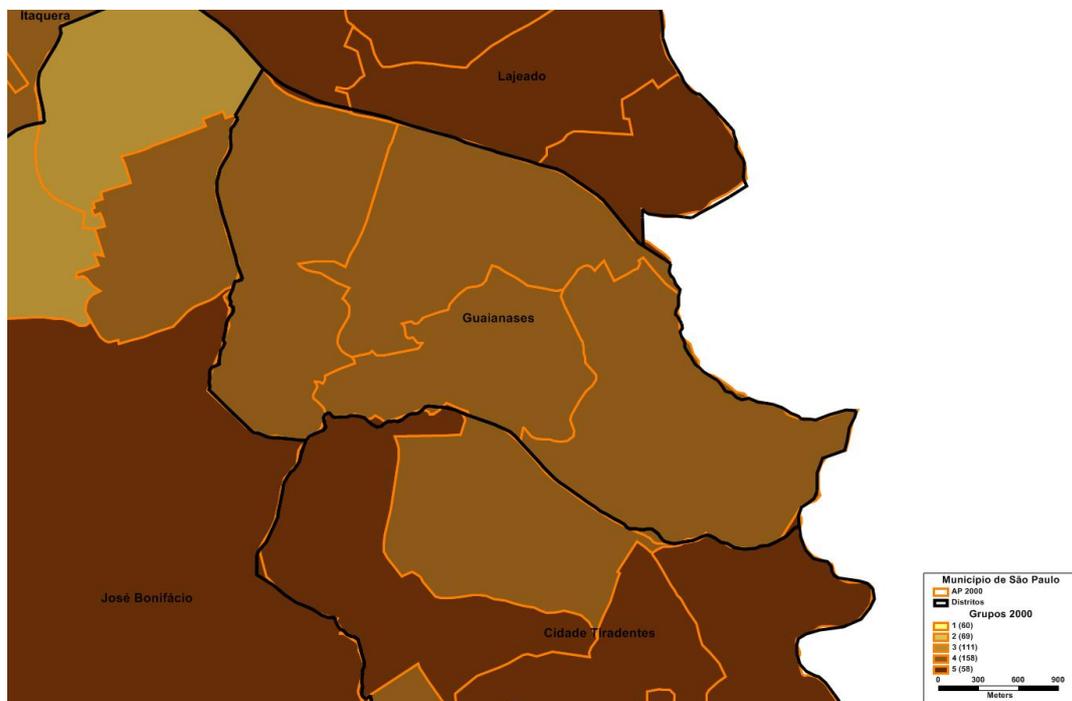
**Tabela 4**  
**Intenção de voto no candidato presidencial , 2º Turno**  
**Jovens do estudo e casos de controle, ordenados segundo condição de ocupação**

Nome	Sexo	Idade	Trabalha?	Dilma (PT)	Aécio (PSDB)
Luzio (*)	M	19	Sim, cc	X	
Maria	F	21	Sim, cc		X
Sara	F	21	Sim, cc	X	
Luis	M	21	Sim, cc	X	
Teresa	F	22	Sim, cc		X
Carmen (*)	F	24	Sim, cc	X	
Elder (*)	M	24	Sim, cc	X	
Wilson	M	17	Sim,sc	X	
Gabriel	M	18	Sim,sc	X	
Francis	M	21	Sim,sc	X	
Gerson	M	24	Sim,sc	X	
Kaio	M	16	Não	X	
Ana	F	17	Não	X	
Vicente	M	17	Não	X	
Leandro	M	18	Não		X
Gustavo	M	19	Não	X	
Gabriela	F	20	Não		X
Valéria	F	20	Não		X
Joana	F	21	Não		X
Vidal	M	21	Não	X	
Kelly	F	23	Não		X
Regina	F	24	Não	X	
<b>TOTAL</b>				<b>14</b>	<b>8</b>

(\*) Casos controle

APÊNDICE E - MAPAS PRESENÇA DOS GRUPOS SOCIAIS

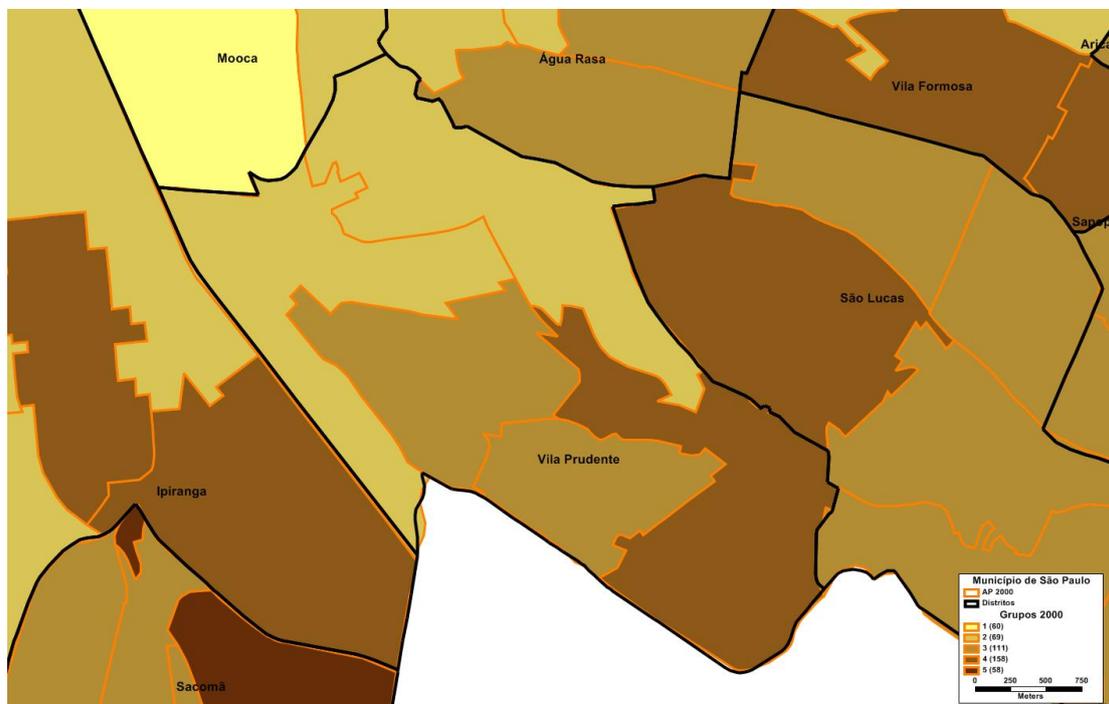
**Mapa 1**  
**Presença dos grupos sociais, distrito da Guaianazes**  
**(Município de São Paulo, 2000 e 2010)\***



Fonte: Dados do Censo 2000 e 2010, IBGE

(\*) metodologia de classificação espacial de Marques (2014)

**Mapa 2**  
**Presença dos grupos sociais, distrito da Vila Prudente**  
**(Município de São Paulo, 2000 e 2010)\***



Fonte: Dados do Censo 2000 e 2010, IBGE  
 (\*) metodologia de classificação espacial de Marques (2014)

APÊNDICE F - DIFERENÇAS ENTRE OS DADOS DE MERCADO DE TRABALHO  
(CENSOS DEMOGRÁFICOS DE 2000 E 2010)

**- Censo 2000**

*Pessoa ocupada*

Considera-se como ocupada na semana de referência:

- a pessoa que tinha trabalho remunerado; ou
- a pessoa que tinha trabalho remunerado do qual estava temporariamente afastado; ou
- a pessoa que tinha trabalho não remunerado em ajuda a conta-própria ou empregador (morador) ou como aprendiz ou estagiário. Ou
- a pessoa que tinha trabalho não remunerado em ajuda a empregado (morador) em atividades de cultivo, extração vegetal, criação de animais, caça, pesca ou garimpo; ou
- a pessoa que tinha trabalho para o próprio consumo.

*Pessoa desocupada*

Considerou-se como desocupada na semana de referência a pessoa sem trabalho na semana de referência, mas que tomou alguma providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias.

**- Censo 2010**

*Pessoa ocupada*

Considera-se como ocupada na semana de referência:

- A pessoa que exerceu algum trabalho durante pelo menos uma hora completa na semana de referência; ou
- A pessoa que tinha trabalho remunerado do qual estava temporariamente afastada nessa semana.

Considerou-se como ocupada temporariamente afastada de trabalho remunerado a pessoa que não trabalhou durante pelo menos uma hora completa na semana de referência por motivo de férias, licença remunerada pelo empregador ou por instituto de previdência, falta voluntária ao trabalho, greve, suspensão temporária do contrato de trabalho, doença, más condições do tempo, quebra de máquina, limitação de produção ou qualquer outro impedimento independente da sua vontade.

*Pessoa desocupada*

Considerou-se como desocupada na semana de referência a pessoa sem trabalho na semana de referência, mas que estava disponível para assumir um trabalho nessa semana e que tomou alguma providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias, sem ter tido qualquer trabalho ou após terem saído do último trabalho que teve nesse período.